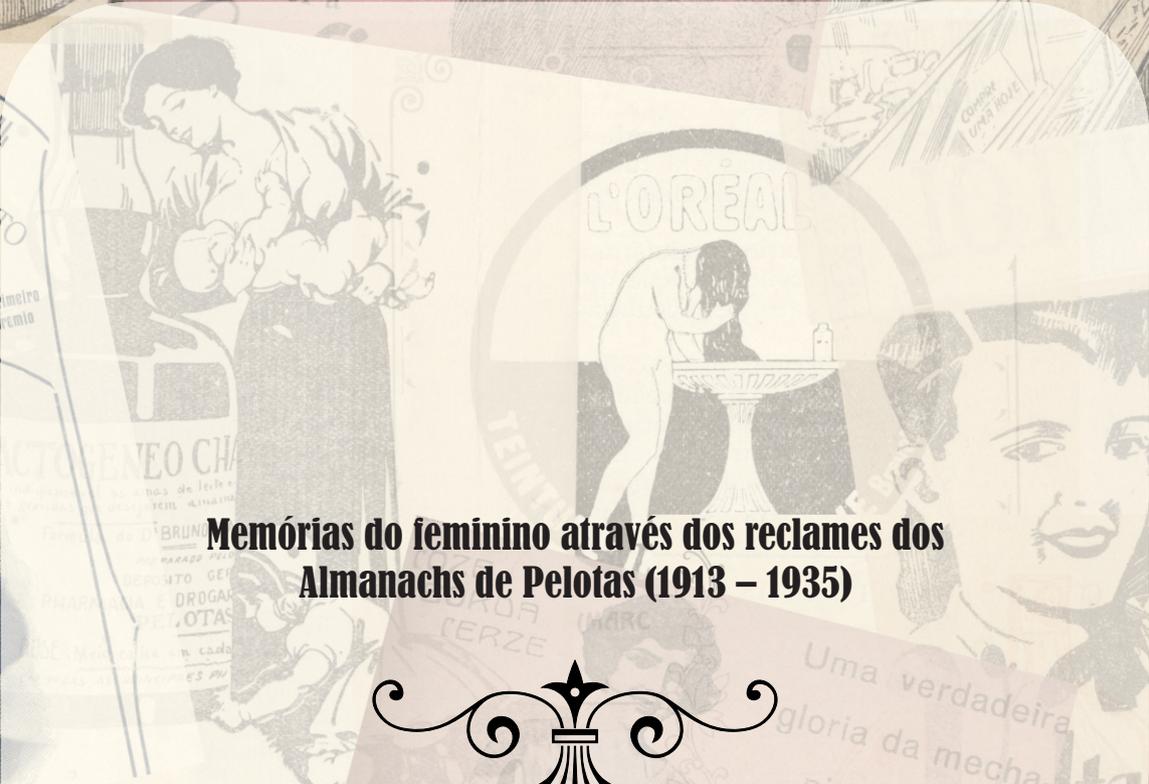


recomendadores da saúde publica

recomendam
para
toda e qualquer
dôr a

DE DA BELLEZA UNIVERSAL
THERAPEUTICAS DO
ADO COMPOSTO
DE
COELHO
E PUB. DO RIO DE JANEIRO SOB
23-10-1923
e um primeiro
premio



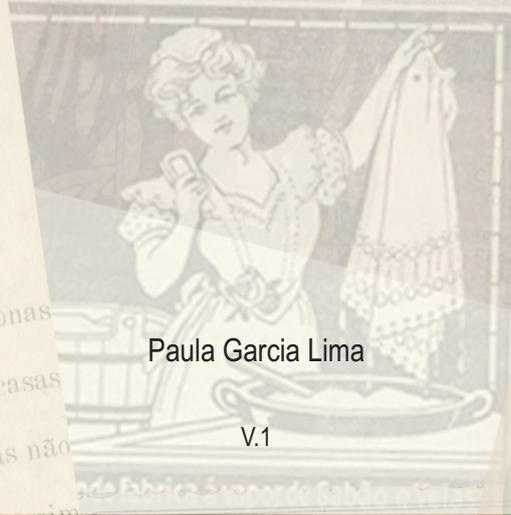
Memórias do feminino através dos reclames dos Almanachs de Pelotas (1913 – 1935)



Já chegaram

As vassouras electricas

que vão reduzir o serviço das donas
de casa, tornando as suas casas
mais higienicas. Estas vassouras não
levantam pó, absorvem-n'o, assim
como a todos os detricetos.



Paula Garcia Lima

v.1

Uma verdadeira
gloria da mecha-
nica inglesa

Stando

DA ESCOLA NADA
MAIS LHE APETECE
DO QUE UMA FATIA
DE PÃO COM



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal de Pelotas
Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural



Tese

Memórias do feminino através dos reclames dos
Almanachs de Pelotas (1913 – 1935)

Paula Garcia Lima

V.1

Pelotas, 2015

Paula Garcia Lima

**Memórias do feminino através dos reclames dos
Almanachs de Pelotas (1913 – 1935)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Memória Social e Patrimônio Cultural.

Orientadora: Profa. Dra. Francisca Ferreira Michelon

V.1

Pelotas, 2015

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

L732m Lima, Paula Garcia

Memórias do feminino através dos reclames dos
Almanachs de Pelotas (1913 - 1935) / Paula Garcia Lima ;
Francisca Ferreira Michelin, orientadora. — Pelotas, 2015.

512 f. : il.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em
Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências
Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2015.

1. Memória. 2. Gênero feminino. 3. Design gráfico. 4.
Reclames. 5. Almanachs de Pelotas. I. Michelin, Francisca
Ferreira, orient. II. Título.

CDD : 306.4

Elaborada por Kênia Moreira Bernini CRB: 10/920

Paula Garcia Lima

**Memórias do feminino através dos reclames dos
*Almanachs de Pelotas (1913 – 1935)***

Tese aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Doutor em Memória Social e Patrimônio Cultural, Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas

Data da Defesa: 10 de dezembro de 2015

Banca examinadora:

.....
Profª. Dra. Francisca Ferreira Michelin (Orientadora)
Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

.....
Profª. Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin
Doutora em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos

.....
Profª. Dra. Nádia da Cruz Senna
Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo

.....
Profª. Dra. Isabel Porto Nogueira
Doutora em História e Ciências Musicais pela Universidad Autónoma de Madrid

.....
Prof. Dr. Lucio Menezes Ferreira
Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas

Ao Vicente, meu *beautiful boy*, quem foi crescendo junto com esta tese.

*"Yes it's a long way to go
But in the meantime
Before you cross the street
Take my hand"*
(John Lennon)

Talvez ainda não saibas, mas são as tuas ricas mãozinhas que me fazem atravessar as "ruas da vida".

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, a minha orientadora, professora Francisca Ferreira Michelin, por ter aceitado mais uma vez guiar minha investigação e pela sensibilidade, compreensão e amizade que ultrapassam estas páginas. Tu me ensinaste a ter gosto pela pesquisa, área na qual me introduziste ainda na graduação e que vens me acompanhando ao longo desses anos.

Aos professores Cleusa Maria Gomes Graebin, Nádia da Cruz Senna, Isabel Porto Nogueira e Lúcio Menezes Ferreira, por gentilmente terem aceitado participar da banca examinadora do trabalho. Agradeço, ainda, a professora Paula Viviane Ramos, que integrou a banca do exame de qualificação tendo feito importantes contribuições.

Ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural por ter me acolhido tanto no mestrado quanto no doutorado. Representando o programa, nomeio as professoras Letícia Mazzucchi Ferreira, Francisca Ferreira Michelin, Úrsula Rosa da Silva e o professor Lúcio Menezes Ferreira, responsáveis por grande parte do repertório que pude construir durante esta trajetória.

Às professoras Flávia Rieth, Loredana Ribeiro e Lori Altmann do Programa de Pós – Graduação em Antropologia/UFPel cuja disciplina por vocês ministrada ofereceu aporte teórico para as discussão de gênero proposta neste trabalho.

Ao grupo de pesquisa Memória Gráfica de Pelotas: um século de design, grupo do qual faço parte e com cujos colegas pesquisadores tenho a oportunidade de discutir aspectos concernentes a esta temática e, juntos, somarmos esforços no levantamento da memória gráfica da cidade.

À *Bibliotheca Pública Pelotense*, pela consulta ao acervo, em especial, pelo acesso aos exemplares dos *Almanachs de Pelotas*, sem os quais essa pesquisa não seria viável.

À Universidade Federal de Pelotas, pelo Programa de Bolsas de Iniciação à Pesquisa – Doutorado em Andamento (PBIP-DA), programa no qual fui contemplada em três editais. Através dele pude me introduzir como orientadora de iniciação científica em um projeto que me ajudou a conciliar o trabalho como docente e a construção desta tese.

À Caroline Farias Ferreira, bolsista do referido programa, no projeto de pesquisa Memórias do gênero feminino através do design gráfico dos reclames do *Almanach de Pelotas* (1913 –1935), coordenado por mim. Carol, tu foste uma bolsista exemplar e foi um grande prazer compartilhar contigo o objeto de investigação.

À Saarah Londero Maschendorf Gottinari, integrante do grupo PET-Artes, que também empregou esforços em etapas deste estudo.

Ao Fábio Garcia Lima, pelo auxílio na sistematização do banco de dados e pelo aporte na área estatística.

Aos meus colegas de trabalho do Centro de Artes da UFPel, pela amizade, pelo convívio, pela compreensão e apoio nos momentos em que o doutorado exigiu meu tempo e dedicação. Este agradecimento é extensivo aos meus alunos, igualmente compreensivos e com os quais tenho muitas experiências de aprendizado.

Aos amigos, pelas conversas e pelos muitos e necessários momentos de descontração.

À minha família, um agradecimento especial pelo *sempre-estar-junto*. Cada um do seu modo, vocês me amparam em todos setores da vida; me incentivam, me alegram e me deram a tranquilidade que foi fundamental para a realização deste trabalho.

Enfim, a todos que de alguma maneira contribuíram e compartilharam das angústias e delícias desta tese, muito obrigada!

Resumo

LIMA, Paula Garcia. **Memórias do feminino através dos reclames dos *Almanachs de Pelotas* (1913 – 1935)**. 2015. 512f. Tese (Doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

Os *Almanachs de Pelotas* foram editados anualmente nessa cidade do Rio Grande do Sul, entre os anos de 1913 e 1935. Os almanaques são publicações de conteúdo variado, constituídas de informações de utilidade pública e de entretenimento. O periódico deste estudo incluía, também, temas de cunho moralizante, próprios do pensamento positivista. Nessa tradicional tipologia de publicação do período, inúmeros são os temas que podem ser investigados, por constituírem-se nela indicativos dos hábitos, costumes e comportamentos dos sujeitos daquela sociedade. Em tal âmbito, motivou a presente pesquisa, a observação de que havia peculiaridade nas representações do gênero feminino dos reclames desse periódico. Os reclames foram recursos publicitários importantes naquele contexto. Partiu-se da proposição de que eram expressões de valores e necessidades, reais ou criadas, pelo mercado dos produtos industrializados, ou não, e influenciavam grande número de pessoas. Considerou-se como premissa a compreensão do gênero enquanto uma categoria relacional e que se constrói social e culturalmente. Estudou-se a relação entre representação e contexto, social e histórico, para elucidar o potencial desses reclames como transmissores de conceitos, ideias e memórias do feminino naquela cidade do passado. Para tanto, Assmann (1995) e Candau (2014, 2002 e 2001) foram determinantes com seus conceitos de memória cultural e de *sociotransmissores*. O desenvolvimento dessa análise considerou inerente apresentar o panorama de produção dos impressos e as formas do seu consumo no cotidiano das pessoas. Enfatizou-se os editoriais e desenvolveu-se análise do conteúdo gráfico dos exemplares da referida publicação, com vistas a elucidar as fronteiras entre o recurso técnico disponível então e as escolhas simbólicas. O cenário de circulação dos *Almanachs* foi explorado com ênfase no conteúdo veiculado em suas próprias páginas. Constatou-se de que modo, em tal cenário, operava a representação das mulheres inseridas nas tramas e sociabilidades daquele contexto, dentro desses anúncios. Por fim, logrou-se examinar os reclames que continham representações do feminino nos *Almanachs*, quantificando os elementos representativos dos conteúdos de gênero, de modo que foi possível asseverá-los como suportes de memória – entendimento que pode ser ampliado para o periódico como um todo – e como estruturas subliminares influentes nas construções de um ser e comportar-se feminino, que transcendeu as diligências do seu tempo, tangenciando conflitos do presente.

Palavras-chave: Memória; Gênero feminino; Design Gráfico; reclames; *Almanachs de Pelotas*

Abstract

LIMA, Paula Garcia. **Reflecting upon female memories through the advertisements in the *Almanachs de Pelotas* (1913 – 1935)**. 2015. 512f. Tese (Doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

The *Almanachs de Pelotas* were annually distributed in this city of Rio Grande do Sul between 1913 and 1935. Almanacs in general were publications of varied content, which brought useful information and entertainment to the public and were quite popular at the time. The publication focused on in this study also included themes of moral content, deriving from the positivist thought. In this traditional kind of publication at the time, there were several themes that could be investigated, since they represented indications of the individuals' habits, costumes and behavior in the society of those times. In such scenery, this study was motivated by the observation that there were peculiarities in the representations of the female gender in the advertisements presented in the almanacs. That kind of advertising was an important publicity resource in that context. This study considered that the ads were the expression of values and needs, either existing or created by the market of processed products, or not, but that influenced a large number of people. Gender was understood here as a relational category which is constructed socially and culturally. The relation between representation and social and historical contexts, was studied to clarify the potential of the advertisements as a way of transmitting female concepts, ideas and memories in that city at that time. Therefore, Assmann's (1995) and Candau's (2014, 2002 and 2001) concepts of cultural memory and *sociotransmitters* were fundamental. The development of this analysis considered relevant to present the broader context of production of such publication and the form of consumption in people's everyday life. Emphasis was given to the editorials and the graphic content analysis was carried out aiming at revealing the frontiers between the technical resource available at the time and the choices of symbols made for the publications. The environment in which these *Almanachs* circulated was explored with emphasis to the content included in their pages. The way the representation of women inserted in the plots and sociability of that context operated through the advertisements was analyzed. Finally, it was possible to observe the ads that held female representations in the *Almanachs*, quantifying the elements which were representative of genre content, so that it was also possible to assess them as memory supporters – understanding which can be broadened to the whole context of the publication – and how underlying structures influenced the construction of a female way of being and behaving, which transcended life in society at those times and approached conflicts of the present.

Key-words: Memory; female gender; graphic design; advertisement; *Almanachs de Pelotas*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Exemplo conteúdo atemporal nos <i>Almanachs de Pelotas</i>	55
Figura 2 – Ilustração exaltando a fundação da Pátria Brasileira	60
Figura 3 – Fotografia de estátua de D. Pedro I no Rio de Janeiro	60
Figura 4 – Reclame do <i>Almanach de Pelotas</i> contendo seu valor	71
Figura 5 – Reclame Revista <i>Ilustração Pelotense</i> com o valor do <i>Almanach</i> ..	71
Figura 6 – Fotografia Dr. Cypriano Barcellos	73
Figura 7 – Fotografia Dr. Nunes Vieira	73
Figura 8 – Exemplo de página com calendário	74
Figura 9 - Exemplo <i>Memorandum</i>	74
Figura 10 – Conteúdo seção Variedades	75
Figura 11 – Outros exemplos de conteúdo da seção Variedades	75
Figura 12 – Exemplo de página do Indicador	76
Figura 13 – Página com tarifas de telégrafos	77
Figura 14 – Página com serviços	77
Figura 15 – Página com impostos a serem recolhidos	77
Figura 16 – Texto Progresso de Pelotas	78
Figura 17 – Texto Vida da cidade	78
Figura 18 – Matéria sobre a <i>Fabrica Haertel</i>	79
Figura 19 – Fotografia da matéria sobre <i>Fabrica Haertel</i>	79
Figura 20 - Matéria sobre o hospital Santa Casa de Misericórdia	79
Figura 21 - Fotografia da matéria sobre o hospital Santa Casa de Misericórdia	79
Figura 22 – Exemplo de Índice	81
Figura 23 – Detalhe de página com horário da linha férrea no Rio Grande do Sul	86
Figura 24 – Exemplo de fotografia no reclame Quinta do Bom Retiro	88
Figura 25 – Exemplo de fotografia no reclame <i>Hotel Aliança</i>	88
Figura 26 – Exemplos de textos com Napoleão como tema	91
Figura 27 – Calendário Agrícola	92
Figura 28 – <i>Memorandum</i> do Criador	93
Figura 29 – Desenho novo prédio do grupo escolar Dr. Joaquim Assumpção (em construção)	95

Figura 30 – Desenho da reforma da Catedral	96
Figura 31 – Fotografias de fachada em reclames (V. Torres & C.; <i>Fabrica Confiança</i>)	97
Figura 32 – Texto Dúvidas na linguagem.....	98
Figura 33 – Oração para Getúlio Vargas.....	98
Figura 34 – Imagem de Getúlio Vargas a cavalo	99
Figura 35 – Texto sobre a Aliança Liberal.....	99
Figura 36 – Tipografias do título dos <i>Almanachs de Pelotas</i> e assinaturas de direção nas capas	110
Figura 37 – Capas 1913, 1914 e 1915.....	111
Figura 38 – Capas 1916 e 1917.....	113
Figura 39 – Capas 1918, 1919 e 1920.....	114
Figura 40 – Capas 1921 e 1922.....	116
Figura 41 – Capas 1923 e 1924.....	117
Figura 42 – Capas 1925 e 1926.....	118
Figura 43 – Capas 1927, 1928, 1929, 1930 e 1931.....	121
Figura 44 – Capa 1932 e fotografia que lhe deu origem.....	122
Figura 45 – Capas 1933, 1934 e 1935.....	123
Figura 46 – Impressão em duas cores no miolo.....	125
Figura 47 – Mancha gráfica e margens.....	126
Figura 48 – Cabeçalho	127
Figura 49 – Rodapés com reclames.....	127
Figura 50 – Diagramação em uma coluna	128
Figura 51 – Título rebaixados e ornamentados em diagramação em uma coluna	129
Figura 52 – Diagramação em uma coluna nas páginas de calendário.....	130
Figura 53 – Diagramação em duas colunas e uso de blocos de texto desencontrados.....	131
Figura 54 – Uso de página interna de tamanho diferente e com dobra (Detalhe com página dobrada e aberta)	132
Figura 55 – Gama variada de tipos encontrados.....	133
Figura 56 – Exemplo de uso de capitular	134
Figura 57 – Títulos das seções	135

Figura 58 - Detalhes dos clichês com ilustrações de mulheres que ornamentavam os calendários de 1918	136
Figura 59 - Detalhes dos clichês com ilustrações de mulheres que ornamentavam os calendários de 1935	137
Figura 60 - Exemplo de inserção dos clichês com ilustrações de mulheres em vinhetas nas páginas.....	138
Figura 61 - Detalhes dos clichês com ilustrações de mulheres usados em vinhetas.....	139
Figura 62 – Reclame Casa Krentel - aplicação de clichê com ilustração de mulher	140
Figura 63 - Detalhes dos clichês com ilustrações de homem e animal usados em vinhetas.....	141
Figura 64 – Poemas/poesias com ilustrações florais	142
Figura 65 – Ilustração pensada para o conteúdo	143
Figura 66 – Diferentes tipos de ilustrações em reclames (Cafiaspirina/Bayer; Peitoral de Angico Pelotense; Hudson/Buxton Guilaun Cº - detalhe).....	144
Figura 67 – Ilustrações com fachada ou produtos em reclames (<i>Grande manufactura de fumos Garibaldi Gentilini</i> ; Casa Krentel; Elixir de Nogueira)	145
Figura 68 – Ilustrações com narrativas e associação simbólica em reclames (Buxton Guilayn Cº; Araujo Freitas & Cia./Maratan e Elixir Indigena; <i>Farinha Lactea Nestlé</i>)	146
Figura 69 – Ilustrações formadas por palavras em reclames (Clark; Cervejaria Leopoldo Haertel).....	147
Figura 70 – Fotografias de conteúdo editorial em diferentes papéis e tamanho de folha	148
Figura 71 – Fotografias junto a ornamentos.....	149
Figura 72 – Fotografias associadas a textos.....	150
Figura 73 – Fotografias recortadas associadas a textos.....	151
Figura 74 – Fotografias de pessoas e fachada em reclames (Elixir de Nogueira; Elixir de Nogueira; <i>Grande Fabrica de Mosaicos do Estado</i>).....	152
Figura 75 – Ornamentos em molduras nos estilos <i>Art Nouveau</i> e <i>Art Déco</i> em reclames (José Duval J ^{or} .; Mascarenhas Filho; Calçados Russomano).....	153

Figura 76 – Ornamentos em molduras nos estilos <i>Art Nouveau</i> e <i>Art Déco</i> em reclames (<i>Grande Fabrica de Roupas</i> ; Julio Alberto de Lima / cigarros; José Teixeira dos Reis / caixas de madeira).	154
Figura 77 – Ornamentos nos estilos <i>Art Nouveau</i> e <i>Art Déco</i> em páginas de rosto	155
Figura 78 – Ornamentos em molduras com superposição dos estilos <i>Art Nouveau</i> e <i>Art Déco</i> em reclames (Gastão Fernandes Duval / couros Curtidos; Funerária Moreira Lopes).	156
Figura 79 – Ornamentos em molduras no estilo <i>Art Déco</i> em reclames (<i>Photographia Artistica de Clemente Sintich</i> ; <i>A Perola</i>).	157
Figura 80 – Ornamentos no estilo <i>Art Nouveau</i> em páginas de conteúdo editorial.....	158
Figura 81 – Ornamentos no estilo <i>Art Déco</i> em páginas de conteúdo editorial	158
Figura 82 – Ornamentos nos estilos <i>Art Nouveau</i> e <i>Art Déco</i> em páginas de conteúdo editorial.....	159
Figura 83 - Fiação e Tecidos Pelotense.....	169
Figura 84 - <i>Fabrica Lang</i>	169
Figura 85 - <i>Fabrica Elixir de Nogueira</i>	169
Figura 86 - <i>Fabrica de Chapéos Pelotense</i>	169
Figura 87 - Desfile pelo regresso do Batalhão da Brigada Militar na rua XV de Novembro.....	173
Figura 88 - “Palacete do capitalista Sr. Adriano da Rocha”.....	176
Figura 89 - “Palacete Martin Bidart á rua 15 de Novembro”.....	176
Figura 90 - “O palacete Faustino Trapaga, depois de reconstruido”	177
Figura 91 - “Fachada do palacete de propriedade do distinto cavalheiro sr. José Tavares Condeixa”	177
Figura 92 - “Palacete do sr. José Luiz Pinto da Silva (Constructores: Duarte, Souza e Cia.)”	177
Figura 93 - “Residencia do sr. José Mascarenhas de Souza (Constructores: Duarte, Souza e Cia.)”.....	177
Figura 94 - Um dos projetos do Grande hotel de Pelotas	179
Figura 95 - Projeto do “Grande hotel de Pelotas” que se encontrava em construção.....	179

Figura 96 - Reclame Grande Hotel.....	179
Figura 97 - Charretes junto ao Mercado Público.....	181
Figura 98 - Charretes e bonde na Praça da República	182
Figura 99 - Funerária Moreira Lopes – “moderna” e “primitiva”.....	184
Figura 100 - Prédio do Banco Pelotense.....	185
Figura 101 - Prédios de vila operária	189
Figura 102 - Fachada <i>Club Commercial</i>	192
Figura 103 - Um dos salões do <i>Club Commercial</i>	192
Figura 104 - Exposição no Clube Diamantinos	193
Figura 105 - Exposição no Clube Diamantinos	193
Figura 106 - Clube Centro Portuguez 1º de Dezembro	194
Figura 107 - Escadaria Clube Centro Portuguez 1º de Dezembro	194
Figura 108 - Antiga fachada do <i>Theatro Sete de Abril</i>	197
Figura 109 - Fachada remodelada do <i>Theatro Sete de Abril</i> , feita pelo arquiteto José Torrieri	197
Figura 110 - Fachada do <i>Theatro Sete de Abril</i> após reforma	197
Figura 111 - Vista interna do <i>Theatro Sete de Abril</i>	197
Figura 112 - Fachada do <i>Theatro Guarany</i>	198
Figura 113 - Vista interna do <i>Theatro Guarany</i>	198
Figura 114 - Fachadas da <i>Bibliotheca Pública Pelotense</i> , à direita e Intendência, à esquerda.....	199
Figura 115 - Vista interna da <i>Bibliotheca Pública Pelotense</i>	199
Figura 116 – Reclame <i>Grande Fabrica a Vapor de Conservas Antonio Didier & Irmão</i>	202
Figura 117 – Reclame <i>Hotel Alliança</i> - exaltação de progresso.....	203
Figura 118 – Exemplos de reclames que exaltam as máquinas movidas a vapor (<i>Fabrica a vapor de velas e sabão Luiz Beltão Barbosa; Armazem Central – Fabrica a vapor de café moído; Fabrica a vapor de velas e sabão F. C. Lang & Cia.; Casa Bandarra – Grande Tinturaria a vapor</i>).....	204
Figura 119 - Iluminação na Praça da República.....	207
Figura 120 - Inauguração da nova iluminação na Avenida Bento Gonçalves pelo Prefeito Coronel Joaquim Assunção	207
Figura 121 - Reclame da empresa <i>Light and Power</i>	208
Figura 122 – Reclames com automóveis (automóveis Ford; pneus Dunlop) .	209

Figura 123 - Presença de carro na rua Marechal Floriano	210
Figura 124 - Presença de carro em frente a palacete	211
Figura 125 - Reclame anunciando venda de bicicletas	212
Figura 126 - Bonde do tipo Imperial	213
Figura 127 - Linhas de bonde na rua Marechal Floriano	214
Figura 128 - Linhas de bonde na entrada do Parque Souza Soares.....	214
Figura 129 - Trecho da Rua Barroso que recebeu calçamento.....	215
Figura 130 - Nova pavimentação da Rua Barroso	215
Figura 131 - Faixa de cimento na rua Andrade Neves	215
Figura 132 - Faixa de cimento na estrada Três Vendas.....	215
Figura 133 - Vista geral do <i>Asylo de Orphãs</i>	218
Figura 134 - Grupo de recolhidos do <i>Asylo de Mendigos</i>	218
Figura 135 - Fachada <i>Asylo de Mendigos</i> – em construção	218
Figura 136 - Vista externa da Santa Casa de Misericórdia	219
Figura 137 - Vista externa da <i>Sociedade Portuguesa de Beneficencia</i>	220
Figura 138 - Fachada do Pavilhão Baronesa do Arroio Grande da Santa Casa de Misericórdia	222
Figura 139 - Pavilhão Baronesa do Arroio Grande da Santa Casa de Misericórdia	222
Figura 140 - <i>Instituto de Hygiene Borges de Medeiros</i>	223
Figura 141 - Vista da <i>Usina Elevatória dos Exgottos</i>	227
Figura 142 - Coletores de concreto para saneamento	227
Figura 143 - Escoramento para rede de esgoto	228
Figura 144 - Praça ajardinada	230
Figura 145 - Vista dos jardins da Praça da República.....	230
Figura 146 - Praça no bairro Dr. Augusto Simões Lopes	230
Figura 147 - Praça Marechal Floriano	230
Figura 148 - Detalhe lago Praça da República.....	231
Figura 149 - Projeto de parque na Tablada.....	231
Figura 150 - Exemplo da aparição de negros no <i>Almanach de Pelotas</i>	233
Figura 151 - Dr. Borges de Medeiros, no Palácio do Governo do Estado em Porto Alegre, em 1923, assinando protocolo de pacificação ultimado no Castelo de Pedras Altas	242

Figura 152 - Posse de Getúlio Vargas em 1930, no Palácio do Catete Rio de Janeiro	243
Figura 153 - Prefeito Dr. Augusto Simões Lopes, saudando Batalhão da Brigada Militar, após retornar de São Paulo.....	243
Figura 154 - <i>Asylo de Orphãs N. S. da Conceição</i>	246
Figura 155 - Escola G. E. Joaquim de Assumpção – entrega de copo de leite	246
Figura 156 - Escola G. E. Joaquim de Assumpção – aula de trabalhos manuais	247
Figura 157 - Aula do Patronato Agrícola “Visconde da Graça”	247
Figura 158 - Enfermaria da Santa Casa de Misericórdia.....	249
Figura 159 - Reclame Alfaiataria Sollazzo	250
Figura 160 - Reclame A Torre Eiffel.....	250
Figura 161 - Escola G. E. Joaquim Assumpção – Gabinete dentário.....	252
Figura 162 - Cozinha da Santa Casa de Misericórdia	253
Figura 163 - Lavanderia da Santa Casa de Misericórdia	253
Figura 164 - Rouparia do <i>Asylo de Mendigos</i>	254
Figura 165 - Cozinha do <i>Asylo de Mendigos</i>	254
Figura 166 - Seção de expedição e propaganda da <i>Fabrica do Elixir de Nogueira</i>	255
Figura 167 - <i>Bachareis em Sciencias Commerciaes</i>	257
Figura 168 - Diretoria do Centro Portuguez 1º de Dezembro.....	266
Figura 169 - Reclame <i>Palace Club</i> 1920.....	270
Figura 170 - Reclame <i>Palace Club</i> 1925.....	270
Figura 171 - Reclame Centro dos Caçadores de Porto Alegre	271
Figura 172 - Reclame Bataclan	272
Figura 173 - Reclame Casa Clark	274
Figura 174 - Novo Pavilhão do <i>Sport Club Pelotas</i>	275
Figura 175 - Alunas da Escola Complementar fazendo exercícios no <i>Sport Club Pelotas</i>	275
Figura 176 - Alunas do curso de ginástica e dança da professora Baby Nunes de Souza	277
Figura 177 - Praça Julio de Castilhos.....	278
Figura 178 - <i>Exposição de crysanthemos</i>	278

Figura 179 - Inauguração da coluna comemorativa do roseiral Yolanda Pereira	279
Figura 180 – Fotografia/retrato - D. Anna Joaquina Luisa Osorio (Mãe do General Osorio).....	286
Figura 181 – Fotografia em aparição individual de mulher “acidental”	287
Figura 182 – Fotografia/retrato em reclame do Xarope Creosotado Composto de Carlos Coelho (detalhe) - Yolanda Pereira.....	287
Figura 183 – Fotografia/retrato de menina em reclame Elixir de Inhame (detalhe)	287
Figura 184 - Fotografia/retrato em reclame do Capivarol (detalhe).....	287
Figura 185 - Exemplos das aparições de homens em fotografias.....	290
Figura 186 - Juri internacional que elegeu Yolanda Pereira como Miss Universo	293
Figura 187 - Exemplo de reclame com atestado (Pó Pelotense)	297
Figura 188 - Exemplo de reclame com atestado (Peitoral de Angico Pelotense)	298
Figura 189 – Reclame Pó Pelotense.....	315
Figura 190 – Exemplo de propaganda disfarçada de conteúdo editorial (Casa Moreira Lopes / Funerária)	333
Figura 191 – Reclame <i>Empreza de Propaganda Commercial</i>	334
Figura 192 – Exemplo de blocos de reclames em páginas sequenciais	338
Figura 193 – Detalhe de reclames de rodapé do Eurythmine Dethan e dos <i>Grandes Armazens Herminios</i>	339
Figura 194 – Destaque em reclames nas capas (<i>Companhia Previdencia do Sul e Automoveis Ford</i> ; Elixir de Nogueira; Leal, Santos & C.; Café Regente)	339
Figura 195 – Exemplos de contracapas com reclames (Nestlé; Zambrano & LA Porta; Luesol / Souza Soares; Nutrion)	341
Figura 196 – Exemplos de verso de capas com reclames (Casa Americana; <i>Club Parisiense</i> ; Galenogal; Souza Soares medicamentos)	342
Figura 197 – Destaque em reclames mesclados ao conteúdo (Casa Henrique Krentel; <i>Officina de Calçado de Achylles Nery</i>).....	343
Figura 198 – Destaque em diagramação com 4, 3 e 2 reclames por página .	344
Figura 199 – Exemplo de reclame em 2 páginas (Gualtiero Kent / L’Oreal) ..	345

Figura 200 – Exemplo de reclame em 6 páginas (Livro “O Espírito das Armas Brasileiras”)	346
Figura 201 – Exemplo de reclame em folha maior, com 2 dobras (Diário Popular).....	347
Figura 202 – Exemplo de reclame em folha maior, com 1 dobra (Leite Pasteurizado)	348
Figura 203 – Destaque para exemplo de reclame em folha menor (Água Serrana)	349
Figura 204 – Exemplos de reclames impressos em 1 cor – vermelho e azul (<i>Pharmacia Rolim</i> ; Confeitaria Nogueira; Ferragem de E. Behrensdorf & C.).	350
Figura 205 – Exemplos de reclames diagramados em 2 cores (Hotel Grindler; Leiloeiro Pedro Espindola; Peitoral de Angico)	350
Figura 206 – Exemplos de reclames textuais / atestados (Vinho das Mães; Galenogal; Galenogal)	351
Figura 207 – Exemplos de reclames com ilustração do produto (Pneus Dunlop; <i>Locomovel Wolf</i>).....	352
Figura 208 – Exemplos de reclames com narrativa da ação do produto (Bule Monstro; Refrigerador <i>General Electric / Light & Power</i> ; Mitigal)	353
Figura 209 – Exemplos de reclames ilustração desvinculada do que está sendo anunciado (Chá Buxton / Buxton Guilayn C ^o ; A Melindrosa).....	354
Figura 210 – Exemplos de reclames com fotografias de homens (Contra Enjôo; Galenogal).....	355
Figura 211 – Exemplos de reclames com fotografias de dependências e fachadas de estabelecimentos (<i>Hotel Aliança</i> ; Confeitaria Nogueira; <i>Fabrica a vapor de Velas e Sabão</i>).....	355
Figura 212 – Exemplos de reclames com fotografias do produto (FIAT/Fontoura & Santos; Quinta do Bom Retiro)	356
Figura 213 – Exemplos de reclame com fotografia semelhante à fotografia jornalística (Formicida Mineira / André Cañete F ^o).....	357
Figura 214 – Exemplos de reclames inusitados (<i>Laboratorio Goulart</i> ; <i>Agua Serrana</i>)	358
Figura 215 – Exemplos de reclames inusitados (Bromberg & Cia.; Loja de Ferragens de Vianna e Cia.; Calcehina)	359

Figura 216 – Exemplos de reclames de eletrodomésticos (Fogão / Ferragem Maciel; Refrigerador <i>General Electric / Light and Power</i> ; Refrigerador <i>General Electric / Light and Power</i>).....	362
Figura 217 – Exemplos de reclames de eletrodomésticos (Vitrola / <i>A Miscellanea</i> ; Válvula para rádio Philips / Barros Coelho & C.; artigos variados, como vitrolas, rádios eletrolas e discos / Orlandi Farcia & Cia.).....	362
Figura 218 – Exemplos de reclames de máquinas (Máquina de escrever Woodstock / Carlos Gotuzzo Giacoboni; Máquina de costura Mundlos / Bromberg & Cia.).....	363
Figura 219 – Exemplos de reclames de carros (Ford / Raul Zambrano; FIAT / J. Costa & Abreu; Hudson / Buxton Guilayn & Cº Lda)	364
Figura 220 – Reclame Escarradeira Hygéa	365
Figura 221 – Exemplos de reclames de moda (Anjo Barateiro; Casa Procopio; Bazar da Moda).....	366
Figura 222 – Exemplos de reclames Alimentos (<i>Productos de boa fama</i> ; Padaria Fonseca; <i>Armazem de Seccos e Molhados / Armando Sica</i>)	367
Figura 223 – Exemplos de reclames cinemas e casas de espetáculo (<i>Ponto Chic; Colyseu Pelotense; Polytheama Pelotense</i>)	368
Figura 224 - Exemplo de reclame e seu respectivo formulário de identificação	375
Figura 225 – Reclame Gualtiero Kent / L’Oreal.....	398
Figura 226 – Reclame Galactogenio	400
Figura 227 – Reclame Galactogeneo.....	400
Figura 228 – Reclame Peitoral de Angico Pelotense	402
Figura 229 – Reclame Refrigeradores <i>General Electric</i>	404
Figura 230 – Reclame Refrigeradores <i>General Electric</i>	404
Figura 231 – Reclame Refrigeradores <i>General Electric</i>	406
Figura 232 – Reclame <i>Incommodos de Senhoras e a saude da mulher</i>	409
Figura 233 – Reclame F.C. Lang & Cº.	409
Figura 234 – Reclame <i>Vassouras electricas / Buxton Guilayn Cº</i>	410
Figura 235 – Reclame Máquina de costura Jones / Ferragem Vianna.....	413
Figura 236 – Reclame <i>Fabrica Santa Barbara/Fumo</i>	415
Figura 237 – Reclame Hepatina N.S. da Penha/Específico.....	415
Figura 238 – Reclame Guaraná Espumante / Antonio Silveira.	417

Figura 239 – Reclame <i>Caixa Paulista Previdencia de Pensões / João Baptista de Oliveira</i>	419
Figura 240 – Reclame <i>Companhia Previdencia do Sul</i>	419
Figura 241 – Reclame <i>A Dalila/Confeitaria, Bar e Merceria</i>	421
Figura 242 – Reclame <i>A Dalila/ Confeitaria, Bar e Merceria</i>	421
Figura 243 – Reclame <i>A Dalila/ Confeitaria, Bar e Especialidades</i>	421
Figura 244 – Reclame <i>Casa Krentel/Perfumes</i>	423
Figura 245 – Reclame <i>Galleries de Bruxelles</i>	425
Figura 246 – Reclame <i>Victrola Victor/Loja A miscellanea</i>	427
Figura 247 – Reclame <i>Radio Receptor/Casa Dayton</i>	427
Figura 248 – Reclame <i>Chá Buxton</i>	430
Figura 249 – Reclame <i>Chá Buxton</i>	430
Figura 250 – Reclame <i>lâmpada Philips Arga/Buxton Guilayn Cº</i>	432
Figura 251 – Reclame <i>Bromil</i>	434
Figura 252 – Reclame <i>Xarope Creosotado Composto de Carlos Coelho</i>	434
Figura 253 – Reclame <i>Elixir de Inhame</i>	436
Figura 254 – Reclame <i>Xarope Creosotado Composto de Carlos Coelho / Iolanda Pereira</i>	436
Figura 255 – Reclame <i>Capivarol</i>	438
Figura 256 – Reclame <i>Elixir de Nogueira</i>	440
Figura 257 – Reclame <i>Chandler – Dodge Brothers/D.G. Moreira & Comp.</i> ...	442
Figura 258 – Reclame <i>Dodge Brothers/D.G. Moreira & Comp</i>	442
Figura 259 – Reclame <i>Ford/Orlandi, Villela & Cia. Ltda</i>	444
Figura 260 – Reclame <i>Hudson/Buxton Guilaun Cº</i>	444
Figura 261 – Reclame <i>Leite Condensado Moça</i>	447
Figura 262 – Reclame <i>Herva Mate para Chá ‘A Geisha’</i>	447
Figura 263 – Reclame <i>Leite Condensado Moça</i>	449
Figura 264 – Reclame <i>Leite Condensado Moça</i>	449
Figura 265 – Reclame <i>Cafiaspirina/casa Bayer</i>	451
Figura 266 – Reclame <i>Elisa Camorali/professora de datilografia</i>	451
Figura 267 – Reclame <i>Casa Americana</i>	454

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Número de páginas das edições dos <i>Almanachs de Pelotas</i> no acervo da <i>Bibliotheca Pública Pelotense</i>	68
Tabela 2 - Quadro comparativo de fábricas existentes em Pelotas de 1890 a 1925	165
Tabela 3 - Populações urbanas e rurais em Pelotas entre 1846 e 1920.....	172
Tabela 4 - Populações femininas e masculinas no período entre 1846 e 1911	236
Tabela 5 - Matriculados por sexo em escolas de Pelotas no ano de 1911	261
Tabela 6 - Contagem e categorização das fotografias	283
Tabela 7 - Aparições de mulheres em fotografias e classificação.....	285
Tabela 8 - Aparições de homens em fotografias e classificação.....	288
Tabela 9 – Tipologias de produtos/serviços de reclames e quantificação.....	361
Tabela 10 - Exemplo de tabela para classificação dos reclames do <i>Almanach de Pelotas</i> 1913 com as categorias definidas e direcionamentos (Detalhe) ..	377
Tabela 11 - Exemplo de tabela visual para classificação dos reclames do <i>Almanach de Pelotas</i> 1914 com as categorias definidas e direcionamentos (Detalhe).....	378
Tabela 12 - Exemplo de tabela para classificação dos reclames do <i>Almanach de Pelotas</i> 1913 com as categorias definidas e direcionamentos e os totais de anúncios em cada uma delas.....	379
Tabela 13 - Números de reclames Iconográficos e Não Iconográficos	380
Tabela 14 - Tabela com os totais dos reclames, independentemente das categorias Iconográfico e Não Iconográfico e seus direcionamentos.....	383
Tabela 15 - Tabela para cruzamento de dados e estatística (detalhe).....	387
Tabela 16 - Distribuição dos anúncios quanto ao seu direcionamento (Iconográficos e Não Iconográficos somados)	388
Tabela 17 - Reclames Iconográficos - figuras contidas nos anúncios e seus direcionamentos (%linha)(%coluna).....	388
Tabela 18 - Figuras combinadas e individualizadas nos anúncios e seus direcionamentos	389
Tabela 19 - Direcionamento dos anúncios (%linha) (%coluna)	390

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Contagem e categorização das fotografias	284
Gráfico 2 - Exemplos de gráficos obtidos a partir da tabela com números totais dos reclames em cada categoria. Dados do <i>Almanach de Pelotas</i> 1913.....	379
Gráfico 3 - Percentuais entre reclames Iconográficos e Não Iconográficos...	381
Gráfico 4 - percentual de Iconográficos X Não Iconográficos em cada edição do <i>Almanach de Pelotas</i>	382
Gráfico 5 - Direcionamentos relativos ao número total de reclames	383
Gráfico 6 - Direcionamentos Iconográficos X Não Iconográficos	385
Gráfico 7 - Percentual das figuras dentre os reclames Iconográficos	385

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	24
CAPÍTULO 1	
1. OS ALMANAQUES E OS <i>ALMANACHS DE PELOTAS</i>	39
1.1 Origem dos impressos e dos almanaques.....	39
1.2 Os <i>Almanachs de Pelotas</i>	66
1.3 Análise gráfica dos <i>Almanachs de Pelotas</i>	101
1.3.1 Capas	108
1.3.2 Miolos.....	124
1.3.3 Ilustrações	135
1.3.4 Fotografias.....	147
1.3.5 Ornamentos	152
CAPÍTULO 2	
2. DESENHANDO CONTEXTOS.....	161
2.1 A cidade dos <i>Almanachs</i> e a cidade real	161
2.2 As mulheres pelotenses no século XX.....	235
2.3 Considerações sobre gênero e as mulheres dos <i>Almanachs</i> ..	280
CAPÍTULO 3	
3. OS RECLAMES DOS <i>ALMANACHS DE PELOTAS</i>	330
3.1 Reclames: origens e objetos de análise.....	330
3.2 Sistematização dos reclames.....	374
CAPÍTULO 4	
4. REPRESENTAÇÃO DO FEMININO E A MEMÓRIA NOS RECLAMES.....	393
4.1 Estudo analítico dos reclames.....	393

4.2 Reclames e <i>Almanachs de Pelotas</i> como suportes de memória do gênero feminino.....	456
CONCLUSÃO	474
REFERÊNCIAS	501
APÊNDICES	
APÊNDICE A Tabela assinaturas de mulheres e de homens em atestados de reclames - (Recurso Eletrônico - DVD)	
APÊNDICE B Tabela textos com assinaturas de mulheres, homens ou sem assinatura - (Recurso Eletrônico - DVD)	
APÊNDICE C Tabela tipologia reclames - produtos/serviços - (Recurso Eletrônico - DVD)	
APÊNDICE D Tabela classificação reclames em categorias e direcionamentos - (Recurso Eletrônico - DVD)	
APÊNDICE E Tabela visual classificação reclames em categorias e direcionamentos - (Recurso Eletrônico - DVD)	
APÊNDICE F Tabelas e gráficos percentuais de reclames em categorias e direcionamentos - (Recurso Eletrônico - DVD)	
APÊNDICE G Tabela para cruzamento de dados e estatística - (Recurso Eletrônico - DVD)	

INTRODUÇÃO

Inicia-se este trabalho apontando o tema que motivou o seu desdobramento, as diferenças de gênero, compreendidas como resultado de construções que são históricas, continuamente repetidas e reforçadas, e que encontram em diferentes suportes, formas de se manter. Apresentam-se como imposições arbitrárias, cujas reproduções – conscientes ou inconscientes – sustentam as amarras sociais e culturais que as fazem existir. Nascer mulher ou nascer homem, ainda hoje, significa crescer com normas de conduta e padrões daquilo que é aceitável, ou não, para cada um dos casos. É estabelecido mesmo antes do nascimento, mesmo antes do contato do sujeito com o mundo que o irá rodear e, de algum modo, contaminá-lo. A relação com o exterior se dá previamente, intermediada por outros sujeitos já formatados e conformados (tanto no sentido da forma, de serem moldados, quanto, inclusive, no sentido de postura sobre o tema, de aceitação) pelo cenário social que polariza mulheres em relação aos homens.

A admissão de serem os gêneros, bem como as diferenças e desigualdades que as caracterizam, frutos de construções sociais, explicita o caráter edificador que motiva e instiga que se reflita sobre os seus reflexos. Pensa-se que esclarecer como se deram (e ainda se dão) tais processos, fornece subsídios para compreender as relações no mundo em que se movem os sujeitos. Assim, é contribuir neste sentido, que o presente trabalho se propõe, bem como acrescentar elementos ao estudo das subjetividades e à memória como um veículo dessas.

A postura de tomar-se a construção de gênero como um processo cultural, histórico e relacional neste trabalho, agrega-se de maior pertinência, ao encontrar em Scott (1995, p.74) – importante teórica acerca de gênero – justificativa nesse sentido. A autora diz que para que se compreenda que as

mulheres tiveram história, e que esta história não foi uma história isolada, resulta em um desafio teórico que,

[...] exige uma análise não apenas da relação entre a experiência masculina e a experiência feminina no passado, mas também da conexão entre a história passada e a prática histórica presentes. Como o gênero funciona nas relações sociais humanas? Como o gênero dá sentido à organização e à percepção do conhecimento histórico? As respostas a essas questões dependem de uma discussão do gênero como categoria analítica.

Assim sendo, a investigação aqui apresentada, tem como objetos de estudo elementos que congregam duas questões já mencionadas acima e que se relacionam com as construções de gênero: primeiro, tratam-se de objetos midiáticos, os quais, compreende-se terem função importante no processo de continuamente produzir e/ou continuamente lembrar as visões de mundo a serem trilhadas; e, segundo, o fato de serem estes objetos de análise artefatos de um tempo pretérito, do início do século XX; justificando-se, nesta égide, a sua utilização pelo entendimento de gênero enquanto uma categoria que se constrói historicamente, ao longo dos tempos e que carrega, assim, sua memória, ativada e observável em diferentes suportes. Logo, reportar a ferramentas de comunicação, reportar ao passado e escrutinar os suportes destes elementos memoriais das subjetividades, pode permitir uma melhor compreensão de como as relações se estabeleciam lá, naquele tempo, e como ainda reverberam no presente.

As inquietações colocadas acima se somam a área de formação da autora (Graduada em Design Gráfico e mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural), na medida em que, na corrente proposta de pesquisa, tais aspectos foram observadas nas composições e narrativas de peças gráficas, inicialmente e, em específico, dos reclames¹ dos *Almanachs*² de Pelotas. Os *Almanachs* foram editados na sulina cidade do Rio Grande do Sul, que compõe

¹ Esclarece-se que se elegeu a utilização predominante da terminologia reclame, pois mesmo que a palavra anúncio fosse também aplicada, considera-se que a escolha feita induz ao passado, de onde advêm os objetos desta investigação. Além disso, alguns autores, como Habermas (2003, p.222) e Trusz (2006, p.70), consideram que a publicidade comercial inicialmente foi assim designada (por volta de 1820, na França) e, por isso, ainda assim conhecidos no período estudado.

² Explica-se, ainda, que optou-se pelo uso da palavra *Almanach*, com “ch”, quando tratando-se do objeto desta investigação, por ser esta a grafia antiga utilizada na maioria de suas edições. Somente em 1932 esta é modificada e passa a ser escrita com “que”, Almanaque.

o nome da publicação, entre os anos de 1913 e 1935 e é a fonte que delimita espacialmente e temporalmente o campo de observação. Adentra-se, a seguir a um percurso anterior que levou a pesquisadora até o encontro destes objetos.

Inicialmente, o que aqui se delineia tem como hipótese norteadora a ideia de que o produto do design deve ser compreendido de forma inserida em algo maior, a cultura; e é uma continuidade e uma evolução da dissertação de mestrado desenvolvida pela autora e do projeto de pesquisa, do qual é integrante desde 2009, *Memória Gráfica de Pelotas: um século de design*. Da dissertação de mestrado foi mantido o interesse por peças gráficas antigas e a relação do design gráfico nelas contido com a memória; já do referido projeto de pesquisa manteve-se o objeto de estudo, os reclames do *Almanach de Pelotas*, os quais, por sua vez, são pensados a partir das conclusões da dissertação.

Por ocasião da realização da dissertação (LIMA, 2010) considerou-se o design como uma atividade intimamente relacionada com o dia a dia das pessoas, como uma importante manifestação da cultura que reflete o seu contexto. São produções, artefatos culturais com significados simbólicos, que permitem relacioná-los ao quadro histórico e social no qual se enquadram. Parte-se do pressuposto que compreender o design de forma inserida em uma cultura, permite o entendimento do consumo de determinado produto e porque o mesmo é direcionado a determinado público com determinada linguagem. Ressalta-se, ainda, que se pretende trabalhar com as manifestações gráficas do design, e defende-se que estas, assim como os objetos utilizados no dia a dia, são responsáveis por permear as experiências e refletir as subjetividades dos grupos. Assim como uma fotografia, as representações gráficas podem trazer informações de um dado tempo e espaço, além de suscitarem memórias que vão além daquilo que está representado. Percebe-se este tipo de manifestação como molas propulsoras que levam para o extra-quadro, partindo de um micro-universo para alcançar um contexto mais geral. Foi com base no ponto de vista de que o produto do design está imbricado de forma indissociável da cultura é que se buscou relacionar estes produtos com a memória, observando como o produto desta atividade profissional, gerado no

passado e reencontrado no presente, pode ser considerado um suporte da memória social de um tempo já findo.

Outro aspecto referente à dissertação de mestrado que se quer ressaltar, é que naquela ocasião, uma preocupação do trabalho era averiguar se as peças gráficas do início do século XX (um período anterior a existência de formação acadêmica de designers e inclusive da palavra design), enquadrar-se-iam na definição que hoje se tem deste campo profissional. Para tanto, peças gráficas foram analisadas com base em um conceito de design gráfico que as define como oriundas de sua atividade, peças que contemplem aspectos formais, funcionais, metodológicos e simbólicos, dando-se ênfase na apreciação dos aspectos simbólicos. Através de apreciações tendo estes aspectos norteadores, concluiu-se que as peças agregavam os aspectos funcionais e metodológicos (os quais foram considerados mais evidentes), e os aspectos simbólicos, expressados através de recursos formais, levando à consideração de que as peças gráficas trabalhadas funcionavam como legítimas peças de design gráfico, mesmo que o conceito, na época, fosse desconhecido. Manteve-se tal aspecto e partiu-se das conclusões daquela pesquisa para a presente investigação.

Já Memória Gráfica de Pelotas: um século de design, é um projeto Inter-Institucional e está lotado no Departamento de Artes Visuais - CA/UFPel. Desenvolve-se em parceria institucional com a *Bibliotheca Pública Pelotense*, em cuja coleção dos fundos se encontra um acervo de publicações impressas de perfil histórico, através das quais se propõe investigar o desenvolvimento das artes gráficas na cidade de Pelotas durante o período de 1890 a 1990. O trabalho está sendo realizado com base em critérios definidos como eixos temáticos de produção além de promover ações de conservação e preservação, inventariando e digitalizando o acervo selecionado com vistas a formar uma base de dados a ser disponibilizada a outros pesquisadores em meio virtual. Dentro deste grupo, há um subgrupo no qual a autora atua, que objetiva fazer análises sobre elementos gráficos e demais características estéticas dos anúncios presentes nos periódicos que constituem este acervo, sendo que no momento está sendo realizada a pesquisa somente sobre o *Almanach de Pelotas*.

O enfoque inicial e propulsor desta pesquisa foi os anúncios de produtos e serviços ofertados na cidade, sendo que tal escolha se justifica pela compreensão de que estes são elementos que trazem informações profícuas sobre os hábitos, costumes, formas de vida e organização da sociedade, funcionando como suportes de memórias. Além disto, justifica-se que a linguagem publicitária, onde se inserem os reclames, tem grande influência na formação de processos culturais e poucos estudos foram feitos no que tange a relação entre propaganda e vida social, apresentando-se “como um campo aberto à indagação e à pesquisa” (CRUZ, 1996, p.81). Somado a este aspecto, é considerado que esta discussão é ainda mais incipiente em se tratando da mídia impressa, que ficou relegada desde a inserção da televisão no cotidiano dos sujeitos dada a estreita relação entre propaganda e a mídia televisiva. Por fim, compreendem-se os reclames como importantes objetos, cuja análise, permite observar o impacto da cultura de massa nas relações culturais.

Enfatiza-se aqui, conforme colocado acima, que os reclames foram um ponto inicial de análise, pois no decorrer da pesquisa percebeu-se a necessidade de os *Almanachs* como um todo serem tomados como objetos de apreciação atenta, não só para subsidiar a compreensão contextual/editorial de veiculação dos reclames, como também pelo fato de a publicação ser uma fonte primária que traz dados importantes a serem utilizados para a construção do cenário espacial e temporal da Pelotas do início dos 1900. Assim, os reclames, de forma específica, e a publicação, de forma geral, são objetos de análise (por serem eles observados a partir de critérios gráficos e estéticos, dada a formação e os interesses da autora), ao mesmo passo em que compõem, também, fontes da investigação.

Foi a partir do percurso nestas duas pesquisas apresentadas – tomando os seus pressupostos teóricos como ponto de partida e com vistas a aprofundar essas discussões –, que surgiu, conforme supracitado, uma dissidência destes trabalhos, cuja proposta está desenvolvida aqui. A presente tese intentou trabalhar o produto do design gráfico, mais especificamente, os anúncios do *Almanach de Pelotas*, como suportes de memória que re-apresentam o período no qual circularam.

Já sobre a tipologia de publicação “almanaques”, ressalta-se que os mesmos enfatizam o aspecto já apresentado de o design gráfico ser um produto que faz parte do cotidiano dos sujeitos e que, por isso, muito têm a dizer sobre eles, sobretudo porque estas publicações eram produtos muito apreciados por aquelas sociedades, considerados parceiros dos leitores e acompanhantes do dia a dia no decorrer do ano.

Além do que foi mencionado acima, a escolha de almanaques como fonte veiculadora de anúncios que foram analisados, deve-se ao fato de estes serem publicações voltadas ao coletivo, cujo conteúdo, então, tem a capacidade de expressar a vida naquela sociedade. A isto ainda acresce-se que os almanaques eram de periodicidade anual, ou seja, menos efêmeros que outras publicações, como revistas e, por isso, considerados como fontes de informações mais permanentes e consistentes.

No entanto, visou-se realizar a presente proposta de pesquisa com foco em um aspecto que chamou a atenção durante as análises do trabalho no grupo Memória gráfica de Pelotas: investigar a questão do gênero feminino presente nestes anúncios, tendo em vista que se observou a construção de um discurso propagador do papel que era atribuído a mulher daquela época. Durante a pesquisa, percebeu-se pregnância nos reclames, através de linguagem tanto gráfica quanto textual, que visavam reforçar este discurso. Dos 4107 anúncios contabilizados, a partir de uma classificação estabelecida e posterior sistematização, notou-se que vários destes foram direcionados ao público feminino, seja pelo tipo de produto anunciado ou pela linguagem gráfica apresentada.

Assim posto, com base no delineamento dos objetos de investigação e com vistas ao esclarecimento das questões colocadas, este trabalho teve como objetivo principal analisar, através dos textos da publicação, fotografias e, principalmente, através dos reclames (tanto por meio do tipo de produto anunciado a elas quanto através das manifestações gráficas direcionadas a este público), aspectos relativos à construção do gênero feminino naquele período. Intentou-se entender como os *Almanachs de Pelotas*, através do seu conteúdo atuavam na constituição da mulher pelotense do início do século XX, mulher esta que aparece representada em discursos plenos de binarismos, tão

em voga naquele cenário. Pretendeu-se, então, analisar os processos de construção daquela mulher que era convidada a se apresentar e a se insinuar em uma publicação cujo alvo inicial era, prioritariamente, o público masculino.

Além deste objetivo principal, mas a partir dele, outros objetivos ramificaram-se, tais como: fazer a revisão bibliográfica de autores – para ampliar o repertório que se possuía – que abordassem os temas: design como cultura, memória, identidade, gênero e bibliografias que tratassem do contexto de Pelotas no período da análise; analisar todos os anúncios do *Almanach de Pelotas* com representações gráficas de mulheres; desenvolver um método de pesquisa para sistematização dos reclames que relacione as manifestações gráficas com gênero; analisar estes produtos gráficos, através de seus elementos visuais, de forma a identificar os papéis impostos e os subsídios fornecidos para a construção das identidades femininas; identificar a relação entre os recursos visuais, a metodologia e a tecnologia utilizada na produção dos produtos gráficos.

Alcançar os objetivos propostos só foi possível graças a tomadas de decisão no que se refere aos procedimentos metodológicos que orientaram a confecção de todo o trabalho. A presente proposta de pesquisa consistiu em uma pesquisa bibliográfica, responsável pela aplicação de conceitos e fundamentação teórica ao objeto de estudo; e pesquisa de caráter documental, através do levantamento de materiais a partir dos quais foram feitas as análises. No presente caso os materiais de apreciação são os *Almanachs de Pelotas* e os seus reclames, os quais compõem o acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*. O acesso a estas fontes deu-se por duas vias, a material, através do contato físico com as publicações na referida instituição, e digital, pois todo o acervo encontra-se digitalizado, todas as páginas de todas as edições constituem arquivos que se encontram em pastas em extensões do formato TIFF e JPG e, ainda, na nuvem, em versões virtuais de arquivos executáveis que reproduzem cada uma das edições, inclusive com o recurso de folhear as páginas. Ressalta-se que o contato com as fontes foi integral, tanto através dos documentos digitais, quanto nos exemplares físicos, pois o acesso aos mesmos, em função da parceria institucional estabelecida entre o grupo Memória Gráfica de Pelotas e a *Bibliotheca*, acabou promovendo as consultas.

As duas vias de acesso aos objetos de estudo permitiram, além de ampliar enormemente as possibilidades de consulta (já que as mesmas poderiam ser feitas de qualquer local e em qualquer horário), a preservação e conservação do material, haja vista que nem sempre foi necessário analisar os exemplares físicos e, sabe-se, que a manipulação humana é um dos principais agentes de deterioração.

Outro aspecto metodológico importante de se enfatizar, e que já foi aqui comentado, é que os objetos de estudo foram tomados tanto como objetos, quanto como fontes e seus dados foram utilizados para a contextualização do cenário daquele período. Neste sentido, um procedimento inicial e que foi primordial para a investigação foi uma análise de todos os *Almanachs* na sua completude, dotada de certa empiria, na qual foram feitas anotações sobre tudo aquilo que se considerasse importante em cada uma das edições; desde ponderações referentes aos reclames quanto aquelas concernentes aos conteúdos e informações dos textos que os mesmos congregavam. Tal ação permitiu uma maior compreensão do espaço de veiculação dos anúncios (que se constituem como foco principal neste estudo), da linha editorial da publicação e acabaram por compor um caderno de campo que foi consultado durante todo o trabalho, principalmente na escrita dos capítulos 1 e 2. Como as anotações foram digitadas em um editor de textos, bastava-se lançar alguma palavra como busca para encontrar dados importantes que auxiliaram a compor a observação. Este caderno totalizou 186 páginas de anotações, nas quais foi empregado o recurso de utilização de cores diferentes para quando as mesmas se referiam a aspectos sobre textos que falavam de mulheres, ou quando era sobre os reclames e etc.. Então, tornou-se possível circunstanciar os dados, colocando-os dentro do contexto da pesquisa. Atribuiu-se a esta ferramenta a principal amarração entre os capítulos, que trazem, sempre, como fio condutor não só de análise, mas de embasamento, os próprios *Almanachs de Pelotas*.

Além dos processos metodológicos já citados, esta pesquisa contou com o trabalho de inventário e sistematização dos reclames, processo que perpassou por todas as demais etapas de confecção desta investigação. Foi feito, revisto e refeito, algumas vezes. Para cada anúncio e suas análises,

foram criados e aplicados formulários de identificação; foram estabelecidas categorias de classificação, através das quais se geraram tabelas diversas e gráficos, referentes a cada ano da publicação e, também, contendo o somatório dos resultados de todas edições. O processo de análise e sistematização dos reclames ganhou, nesta tese, um capítulo próprio e específico – o capítulo 3 – quando, então, tais ferramentas foram apresentadas e esmiuçadas. Compete frisar que nas 23 edições dos *Almanachs de Pelotas* (de 1913 a 1935), foram contabilizados 4107 reclames, o que confere uma média de 179 reclames por ano.

Embora os processos de sistematização acima sejam pautados em contagens e números, a espinha dorsal do trabalho tem como pilares a pesquisa qualitativa, nos quais os dados foram descritos, decodificados, interpretados com vistas à compreensão do complexo processo de construção do gênero feminino. Intentou-se observar o sujeito que emerge numa dada realidade, num dado contexto onde tramas de relações são estabelecidas. Subjetividades e particularidades estão presentes. No entanto, conforme mencionado, o trabalho também emprega um método quantitativo, pelo qual se observaram valores numéricos e percentuais das recorrências dos reclames nas categorias e subcategorias criadas. Porém, estes dados quantitativos não foram mais que substrato para a análise qualitativa. Os números forneceram dados e índices que permitiram melhor conhecer o objeto de estudo.

Deste modo o trabalho escrito resultou em quatro capítulos. O primeiro fala do contexto específico, ou seja, da própria publicação. Inicialmente, fez-se ponderações sobre o contexto propiciador à veiculação dos impressos para que se conseguisse explicar o alcance que os *Almanachs* (almanaques como um todo, demais artigos de leitura e peças comunicativas) tiveram. Cenário e origem dos impressos, se entrelaçam, sendo que sobre o contexto social teve-se como base os textos de Denis (2000), Ferreira, (2001), Wolf (2001), Queiroz (1978) e Habermas (2003) e, sobre a origem e disseminação dos impressos Meggs (2009), Cardoso (2005), Andrade (2009), Rezende (2003, 2005),

Marroni (2008), entre outros. Esclarece-se que Denis e Cardoso tratam-se da mesma pessoa³.

Esclarecidos o contexto e alcance dos impressos no período, adentra-se nas características dos almanaques, enquanto gênero de publicação para, então, abordar em específico os *Almanachs de Pelotas*. Com auxílio de autores como Le Goff (2003), Park (1999), Dutra (2005), Segalin (2010 e 2013) e Anastácio (2014), tratou-se do tema almanaques enquanto tipologia de publicação, trilhando-se a história dos mesmos e as suas características, para compreender a linha editorial do objeto de estudo da presente investigação. Após a introdução na tipologia de impresso onde se inserem os *Almanachs*, direcionou-se a atenção, especificamente, para eles enquanto objetos de análise. Averiguou-se a sua trajetória editorial, por meio da apreciação do seu conteúdo, momento no qual o caderno de campo foi bastante utilizado e foram úteis as anotações sobre as impressões obtidas na análise das edições. Entendeu-se pertinente inserir as observações empíricas da pesquisadora colocadas no referido instrumento, como forma de descrever e qualificar o objeto, convergindo para o ideal da pesquisa qualitativa.

Ainda dentro do capítulo 1, o último tópico trouxe questões relativas aquilo que configura a materialidade dos *Almanachs* de Pelotas, como formato, suporte, tipo de impressão de texto e imagens foram os aspectos inicialmente apreciados. Neste momento, alguns autores do tópico 1.1 são retomados, como Meggs (2009), Cardoso (2005, 2009), Rezende (2003, 2005) afim de embasar historicamente as colocações acerca de alguns dos pontos observados. Tendo o *Art Nouveau* e o *Art Déco* como pano de fundo, posteriormente partiu-se para um análise gráfica mais sistemática inspirada na metodologia empregada por Fonseca (2012) – na análise de revistas, no caso, das revistas *A cigarra* e *A Bruxa*, revistas brasileiras do final dos 1800 – adaptando-a ao objeto da presente investigação. Desta forma os mesmos foram observados a partir dos seguintes quesitos: capas, miolos, ilustrações, fotografias e ornamentos.

³ Utilizamos algumas obras deste autor, nas quais ele assina como Rafael Cardoso Denis e como Rafael Cardoso. No decorrer do texto refere-se a ele a partir do último sobrenome usado em cada uma das obras referidas.

O segundo capítulo da tese manteve-se no objetivo de contextualização, porém trazendo um contexto mais geral, a cidade onde foram produzidos e editados os *Almanachs*. Entendeu-se pertinente inserir o leitor no cenário onde viviam aqueles que produziam e liam (em maior número) a publicação que se analisou. Que cidade era aquela onde aquelas mulheres se construíram como mulheres? Que tipo de interesses, motivações e ideários pairavam no ar? A ideia foi tentar fazer que a leitura desta parte fizesse um inventário dos hábitos, dos costumes e permitisse, pela imaginação, caminhar naquela Pelotas que tanto desejava ser moderna. Uma Pelotas com um pé na urbanização, mas com o outro fixado na vida rural. Embora o contexto temporal específico de circulação dos *Almanachs* tenha sido o início do século XX, este marco foi dilatado de forma a remontar, por diversas vezes, a fins do século XIX, por acreditar-se tornar mais palatável o entendimento do que ocorreu naquela virada de século. As “escapadas” para o século anterior justificam-se pela compreensão de que o tempo é fluido, e vai deixando marcas que perpassam os limites do calendário (motivo que também se usa para justificar esta pesquisa que com vistas à melhor compreender questões relativas ao gênero feminino hoje, se debruça, também, no pretérito). Para a construção desta parte contou-se principalmente com autores locais contemporâneos que em seus trabalhos também precisaram fornecer tais subsídios para as suas pesquisas, como Loner (1999), Michelin (2001), Peres (2002) e Cunha (2009). Relacionando a cidade ao momento que estava sendo vivenciado no que concerne a reflexões sobre sociedade rural e urbana, no âmbito nacional, têm-se o clássico texto de Queiroz (1978). Além destes autores, esta parte teve fundamentação baseada em textos e demais informações dos *Almanachs de Pelotas* e outras fontes primárias, como relatórios da Intendência e dados demográficos.

Nas outras duas partes do capítulo 2, o foco contextual convergiu para questões relativas às mulheres naquele cenário, primeiramente na tentativa de contemplar as mulheres de uma forma geral e, depois, pela observação do espaço que era destinado a elas nos *Almanachs* bem como a forma com que este veículo as promovia. Assim, este foi o espaço reservado para as discussões teóricas de gênero, no qual, novamente, as anotações do caderno

de campo foram aplicadas para conduzir à localização de textos e fotografias dos *Almanachs* utilizados para embasar essas questões, principalmente no que concernia à mulher propagada pela publicação.

No tópico 2.2, então, apresentaram-se quais eram as mulheres possíveis daquela Pelotas, investigando o que faziam, onde atuavam. Notou-se que a mulher trazida pelos *Almanachs* era uma mulher muito específica, muito delimitada, que não representava todas as mulheres daquela sociedade. Para tanto, coletaram-se dados da classe operária, através do trabalho de Loner (1999), além das ponderações de Peres (2002) e de Maciel (2007). Embora não representassem o ideal de gênero feminino divulgado pelos *Almanachs*, a atuação em diferentes segmentos por parte das mulheres aparece em alguns momentos na publicação e, assim sendo, as questões levantadas neste subcapítulo são ilustradas com imagens (fotografias e ilustrações de reclames) extraídas do objeto de estudo, sempre na intenção de utilizá-lo como fonte e guia na maior parte possível do trabalho.

A finalização do capítulo 2 encerra-se com a apresentação dessa mulher idealizada, fortemente disseminada pelos *Almanachs de Pelotas*. Potencializou-se, neste tópico, a utilização de textos e a ilustração das questões com as imagens veiculadas pela publicação, novamente fazendo uso do caderno de campo. Mais uma vez dados quantitativos aparecem através da contagem de fotografias e da classificação das mesmas em categorias criadas, com vistas a avaliar o espaço dedicado às mulheres, comparativamente aquele dedicado aos homens. Este mesmo tipo de checagem foi feita no que tange à assinatura de textos e de atestados publicados em reclames. Já as discussões teóricas sobre gênero e identidade foram, então, trazidas para apontar-se o incitamento da construção feminina proposta pelos *Almanachs*. Muitas autoras que são referência no campo do gênero como Butler (1999), Nicholson (2000), Rubin (1993), Scott (1995), Rosaldo e Lamphere (1979), Del Priore (2013) embasaram as discussões, além de autores que abordam esse tema e/ou o tema identidade como Bourdieu (2014), Elias (1994) e Hall (1999).

No capítulo 3 o enfoque voltou-se para os reclames dos *Almanachs de Pelotas*, discorrendo-se sobre a gênese dos reclames, as formas de aparições destes nos *Almanachs* e a sua importância enquanto objetos de análise. Sobre

a origem dos anúncios os principais autores empregados foram Cruz (1996), Trusz (2002, 2006), Martins e Luca (2011) e Habermas (2003). Foi neste momento, com vistas a preparar e guiar as análises que foram feitas no capítulo 4, que se apresentou o conceito de gênero enquanto categoria de análise – a partir do que é postulado por Scott (1995) e Funck (1994 e 2007). Atenta-se que, conforme já mencionado ao início deste texto, somente uma discussão de gênero como categoria analítica permite uma compreensão histórica e relacional deste fenômeno. Desta maneira, a origem dos reclames foi apresentada, explicitando estes objetos como profícuas fontes de informação, através dos quais as questões de gênero são fortemente disseminadas, aspecto sobre o qual Funck (1994 e 2007), novamente, e Witzel (2014) trazem importantes ponderações.

Na segunda parte do capítulo 3 a análise afunilou o recorte da investigação nos reclames dos *Almanachs de Pelotas*, utilizando os dados quantitativos, os gráficos e as tabelas criados para a sistematização destas peças gráficas. No trabalho de sistematização foi utilizado o *software* estatístico SPSS, com vistas a aprimorar o tratamento dos dados obtidos.

Após esta sistematização, no quarto capítulo, fez-se a análise gráfica dos reclames, tanto formal quanto simbólica, com vistas a uma melhor compreensão das imagens e, conseqüentemente, dos aspectos envolvidos na construção do gênero feminino, da identidade sugerida (ou induzida) às mulheres e, enfim, das memórias que podem ser desencadeadas a partir da sedimentação de ideias que se evocam por estes suportes. Para a análise dos reclames utilizou-se o mesmo método empregado em Lima (2010), o qual se pautou em uma estrutura de análise para leitura das imagens apresentada pela autora Joly (1999) e aplicou-se uma ficha de dados básicos, para cada peça gráfica, com inspiração na ficha aplicada no trabalho de Rezende (2003). Foram analisados 42 reclames que contém a representação de figuras femininas, sem contabilizar aqueles considerados repetidos, ou seja, aqueles que façam uso da mesma ilustração (que são muitos casos) em reclames de diferentes edições. Mesmo que possam ter alguma pequena alteração de ornamento ou de configuração, os que utilizaram o mesmo clichê de ilustração não foram contabilizados e, nestes casos, foi escolhido o reclame veiculado no

seu primeiro ano de aparição. Além destes, será observado 01 reclame que, embora não contenha figura feminina em sua composição, oferta um serviço prestado por uma integrante deste gênero, congregando aspectos simbólicos interessantes de serem observados.

Tendo em vista o aporte memorial que se considera estar presente nos reclames, estas apreciações vieram permeadas de teoria acerca de cultura material e de conceitos de memória. Nestas considerações teóricas a dissertação de mestrado da autora (LIMA, 2010), fundamenta as relações que sustentam a tese de que as peças gráficas analisadas, mesmo que anteriores a existência e aplicação do termo design gráfico, configuram-se como elementos adequados a definição que hoje se tem deste campo profissional. Tomadas então como genuínas peças de design gráfico, as mesmas são aproximadas do conceito de cultura material que, por sua vez, permitem a aplicação dos conceitos de memória. São artefatos que, pela sua materialidade, pelas informações e significados que carregam, foram estudadas, justamente, na possibilidade de serem reveladoras sobre aspectos específicos de uma dada sociedade (sendo que no presente caso, o que interessa, sobretudo, são as questões de construção de gênero) e que hoje, através do contato com elas, podem ser trabalhadas, exercitadas, compreendidas. Veículos de memórias ou suportes de memória; onde os reclames são tratados como resquícios que, no que tange o ser mulher, ainda são sentidos. Sobre design e cultura material os autores base são Villas-Boas (2002), Santos (2005), Radley (1992), Prown (1993), Maquet (1993) e Csikszentmihalyi (1993); já sobre os conceitos de memória os autores utilizados são Bergson (s.d.), Halbwachs (1976, 1990), Candau (2001, 2002, 2014), Assman (1995), Pollak (1992) e Nora (1993). Tais aportes facilitaram relacionar memória com elementos comunicativos.

Através desta estrutura que engloba tanto aspectos teóricos quanto empíricos, que congrega diferentes métodos de pesquisa, reflete-se sobre a construção do gênero feminino. Acredita-se que esta investigação pode auxiliar a pensar a área do design como inseparável da cultura, do cotidiano dos sujeitos, como uma prática social que deixa vestígios visuais, materializações que permeiam imaginários e memórias ou que instigam o exercício memorial. No caso da proposta apresentada o foco deu-se na observação dos processos

influentes na construção do gênero feminino, como o caso dos *Almanachs de Pelotas*, os quais se acredita terem atuado como ferramentas pedagógicas, nada ingênuas, que expressavam formas de ver, pensar e sentir o mundo.

Foi então, a partir desta proposta de abordagem, por meio dos objetos, metodologias e estrutura apresentados que se vislumbra contribuir no âmbito da história do design no Brasil, ainda pouco estudada nos espaços acadêmicos. Além disso, busca-se fomentar a postura de ver, nesta área, relações culturais imbricadas e sobre as quais estes produtos muito têm a dizer, dentre as quais se sugere observar, no presente trabalho, as questões concernentes à construção do gênero feminino. Ligar estes artefatos à cultura e entendê-los a partir de suas possibilidades memoriais, enquanto vestígios de um passado, é o que se propõe nas páginas a seguir.

CAPÍTULO 1

1. OS ALMANAQUES E OS *ALMANACHS DE PELOTAS*

1.1 ORIGEM DOS IMPRESSOS E DOS ALMANAQUES

Pelotas, contexto espacial de edição e principal local de circulação dos *Almanachs de Pelotas*, desenvolveu-se a partir de um lastro rural, o qual através da riqueza da indústria saladeril permitiu o desenvolvimento em outros setores da economia e a urbanização – ou do desenvolvimento de um modo de vida burguês citadino, conforme abordagem no primeiro tópico do capítulo 2, quando da delimitação do contexto. O meio urbano e industrial, na Pelotas de fins do século XIX até meados do século XX, desenvolveu-se de forma dependente do meio rural.

Também as sociedades, incluindo a brasileira e a pelotense (a que em específico interessa a este estudo), passavam por intensas modificações, sendo que estas não ocorreram de forma homogênea e se diferenciaram de acordo com o período e a localidade. No entanto, de forma geral, as sociedades ocidentais industrializadas refletiam os efeitos das mudanças ocorridas nas cidades no decorrer do século anterior. O cenário urbano dos anos 1800 é multifacetado e multivocal, tanto pelo advento das grandes aglomerações humanas decorrentes quanto pelo afluxo de trabalhadores pela demanda de mão de obra industrial, impondo a noção de anonimato a essas massas de pessoas compactadas sob formas de vivência até então desconhecidas. A então “modernidade” experimentada, segundo Ferreira (2001, p. 101), foi um conceito fomentado a partir da percepção das diferenças

entre aquela sociedade e a antecedente que, de modo geral, em um tempo estendido, costumou ser caracterizada por uma organização comunitária.

Neste sentido, Le Goff (2003, p. 178-179) usa o termo “moderno” para refletir uma tomada de consciência de ruptura com o passado, opondo-se ao “antigo”, associado a palavras como novo e progresso, que, por sua vez, engendram-se nos tempos da revolução industrial. Segundo o autor (p. 180 e p. 194-195), a “modernidade” é um passo adiante do “moderno” e foi um termo lançado por Baudelaire por volta de 1860, ligado à moda, a um gosto considerado ideal, ao dandismo e ao esnobismo. No entanto, para Le Goff (2003, p. 200-201) modernidade definiu-se por seu caráter de massa, por uma cultura da vida cotidiana, distante da visão elitista de Baudelaire e, ainda, por um período de tempo – o século XX, focado no presente trabalho – que “projetou a modernidade no passado, em épocas ou sociedades que não tinham consciência de modernidade, ou tinham definido a sua modernidade de outro modo”. Neste caso, modernidade teria sido um projeto de algo a ocorrer de fato mais a frente.

Tendo sido um sistema vivido de fato ou apenas projetado, foi nesta égide que emergiram os *Almanachs de Pelotas*, num momento quando, de acordo com Ferreira (2001, p. 101), a sociedade moderna é vista como a sociedade na qual as massas populacionais se deslocam do meio rural para as cidades, incrementando a concentração populacional nos espaços que passam a ser urbanizados e industrializados. Segundo Denis (2000, p. 40):

[...] ocorreu no século 19 um crescimento urbano até então inédito na história da humanidade, com números cada vez maiores de pessoas fazendo uso de novos meios de transporte para ir às cidades em busca de empregos: nas fábricas que então surgiam ou no setor de serviços que se expandia para atender às grandes concentrações de população. [...] Esse aumento de indivíduos vivendo em um pequeno espaço ocasionou transformações profundas na natureza das relações entre eles. As pessoas começavam a se deslocar de casa para o trabalho, viajando na companhia de estranhos em transportes como o ônibus e o bonde, característicos da nova experiência urbana.

Neste contexto de ambientes populosos e de novos convívios, prenunciava-se a massificação, originando, por sua vez, as chamadas organizações coletivas, como partidos, associações e sindicatos, situações nas quais Pelotas destacou-se, conforme abordagem do capítulo 2. O panorama das cidades passa a favorecer o anonimato, que se torna evidente como contraposição ao fenômeno da multidão (Idem, p. 40-41).

Essas dualidades conviventes geram formas de sociabilidade que incluem o lazer em circunstâncias coletivas que atualizam, ampliam ou inventam opções de entretenimento como circos, teatros, festas populares, exposições, etc. (Idem, p. 81). O comportamento do cidadão muda, igualmente, em relação ao consumo e, coadunando com tal informação, basta observar, por exemplo, os inúmeros reclames veiculados pelos *Almanachs de Pelotas*, através dos quais, inclusive, foram estabelecidas categorias de tipologias de produtos consumidos, conforme apresentado no tópico 2.1 e, também, no 3.1. O consumo cresce na medida em que o trabalho assalariado emerge, pois ele permitiu o aumento do número de pessoas com condições de consumir, inclusive um consumo que passou a incluir gêneros supérfluos, dentre os quais se elenca os impressos (Idem, p. 40), como os objetos deste estudo.

O consumo, naquela sociedade (assim como na de hoje), também estava ligado ao status, numa necessidade de assimilar hábitos e modos de viver convergentes com o ser moderno e o ser burguês. Somado à vontade de enriquecimento rápido, própria de como a vida econômica brasileira pautou-se, estava o imperativo de demonstrar através dos gastos imponentes e suntuosos a riqueza acumulada. Era um consumo ligado ao desejo de ostentar, no qual a vaidade estava extremamente presente (QUEIROZ, 1978, p. 76, p. 80 e p. 82).

No século XIX, dentre as opções de consumo, ampliaram-se mais os materiais impressos em função do seu barateamento, ponderando-se que esse abatimento deveu-se a maior produção, por sua vez justificada pelo aumento do público leitor, devido à alfabetização no espaço urbano, em conjunto com as melhorias na tecnologia gráfica. Dentre estas está a produção de papel a partir da polpa de madeira, os tipos usados na impressão bem como os processos

empregados, através da inserção de máquinas de composição, como a linotipo. Ao invés da organização de tipo por tipo, ela consiste na fundição de linhas inteiras, possibilitando maior rapidez no processo de impressão. Desta forma, em consequência, há um aumento na circulação de informações, na forma escrita e visual (DENIS, 2000, p. 40-42) (OLIVEIRA, 2002, p. 64).

Outras melhorias na tecnologia gráfica contribuíram para a sua surpreendente evolução tais como a prensa cilíndrica, a rotativa, a estereotipia (confeção de páginas inteiras para impressão), a fotografia e os avanços na área da comunicação através das agências telegráficas de notícias (FONSECA, 2012, p. 37). A fotografia, inclusive, é considerada a forma de linguagem que mais influenciou e transformou o olhar humano ao longo da história (DENIS, 2000, p. 52). Desde o seu surgimento oficial, em 1839, com os daguerreótipos de Daguerre, ainda percorreu um longo caminho até a sua reprodução por meios mecânicos, possibilitando a sua efetiva propagação. Assim que possível, ela tornou-se elemento imprescindível de registros nos periódicos, como é o caso dos *Almanachs de Pelotas* que colocavam nos seus clichês fotográficos grande ênfase e motivo de distinção e valorização da publicação, questão a ser abordada a seguir.

Retomando a questão do consumo e de acordo com Denis (2000, p. 79-83), vários fatores levaram ao ideário do consumo como espetáculo. Dentre estes, ele ressalta o surgimento das lojas de departamento – inspiradas nas grandes exposições do século anterior – transformando o ato de comprar em uma atividade de lazer, num palco de espetáculo no qual os desejos dos consumidores eram materializados nas mercadorias, refletindo a característica moderna de consumir também com os olhos. A possibilidade de consumir com os olhos ajuda a justificar o comentado no parágrafo anterior acerca da profusão de fotografias em materiais impressos, uma vez que elas potencializam tal aspecto na fruição de artigos de consumo como os periódicos.

É nesta conjuntura que, segundo Habermas (2003, p.196), pela possibilidade de uma comunicação atingindo as massas, se migra de um

estado anterior no qual o público era tido como pensador de cultura, para um estágio em que torna-se consumidor de cultura. Em suas palavras:

[...] é preciso distinguir rigorosamente as funções do mercado: conforme permita a um público o acesso a bens culturais e, daí, à medida que os produtos barateiem, ele facilita economicamente o acesso a um público cada vez maior; ou, se ele adapta de algum modo o conteúdo dos bens culturais às próprias necessidades, ele também facilita psicologicamente o acesso às camadas mais amplas. [...] À medida que a cultura se torna mercadoria, e isso não só por sua forma, mas também por seu conteúdo, ela se aliena àqueles momentos cuja recepção exigem uma certa escolarização – no que o “conhecimento” assimilado por sua vez eleva a própria capacidade de conhecer. (Idem)

Tal contexto, no Brasil, ocorreu tardiamente se comparado ao continente europeu e, inclusive, a alguns países da América Latina. Os primórdios da indústria gráfica, no país, foram abordados em pesquisa anterior da autora (LIMA, 2010, p.47-52), considerando-se pertinente trazer alguns dados lá trabalhados, acrescidos de outros, para o presente trabalho.

No cenário brasileiro, segundo Cruz (1996, p.81), a cultura impressa foi tida como uma novidade somente no século XIX. Em São Paulo, por exemplo, somente nas últimas décadas deste século, quando passava-se por intensas mudanças sociais, é que os artigos de leitura difundiram-se para além das elites masculinas tradicionais. Para a autora, tal atraso é advindo da introdução tardia da invenção de Gutenberg no país (três séculos e meio mais tarde), sendo as interdições da metrópole portuguesa os motivos para esse fato. Essas interferências fizeram com que até o início do século XIX, a maior parte dos impressos circulando aqui viessem do exterior, majoritariamente de Portugal, país o qual coibia a liberdade de expressão por meio da proibição de qualquer tipo de produção escrita e de reprodução de imagens.

No entanto, mesmo com todos os empecilhos colocados, na clandestinidade, algumas tentativas de transgressão foram empreendidas, sem, no entanto, agregar progresso local nos processos de impressão. Somente com a chegada da Corte portuguesa, em 1808, quando da

transferência da sua sede para o Rio de Janeiro, teve-se a primeira impressão tipográfica oficial no Brasil, referente à Relação dos Despachos, um folheto de cunho administrativo com um total de 27 páginas. A formalização desta liberação deu-se por meio da assinatura do decreto de abertura da Imprensa Régia, por D. João VI, após chegar às terras brasileiras. A permissão conferida levou à publicação do primeiro jornal no país, a Gazeta do Rio de Janeiro, no mesmo ano (REZENDE, 2003, p. 36-39) (ANDRADE, 2009, p. 45). No Rio Grande do Sul o primeiro jornal data de 1828, editado em Porto Alegre, de nome O Constitucional Rio Grandense (*ALMANACH DE PELOTAS*, 1923, p.173).

Sobre a oficialização da imprensa no Brasil encontraram-se dados, também, no mesmo *Almanach* referenciado (Idem, p.169), coincidindo com as informações acima e inserindo a cidade neste fato histórico por meio da exaltação de um personagem do mesmo:

[...] a imprensa do Brasil foi creada pelo decreto de 13 de maio de 1808, assignado pelo príncipe regente D. João VI, de Portugal, que instituiu a Imprensa régia. Referendou esse decreto o Conde de Linhares (D. Rodrigo Domingos Antonio de Souza Coutinho). Fallecido nesta cidade aos 57 annos, a 26 de janeiro de 1812, tendo sido sepultado na igreja de Santo Antonio.[...] O primeiro jornal que surgiu no Brasil foi a “Gazeta do Rio de Janeiro”, que sahi a 10 de setembro de 1808. [...] Não era orgam official, apesar de composto na Imprensa Régia. Durou até 1822.

Assim, no país, as diferentes tecnologias acabaram por ser comprimidas num espaço de tempo mais curto, uma vez que, enquanto recém se experimentava o processo tipográfico, no mesmo século, emerge um novo e revolucionário método, baseado no funcionamento de máquinas a vapor. O emprego destas, nos mecanismos de impressão, transformou a produção gráfica em uma efetiva produção fabril de alta velocidade, substituindo, gradativamente, o trabalho manual e, assim, permitindo a elevação dos níveis de produção em torno de dez vezes (REZENDE, 2003, p. 73) (MEGGS, 2009, p. 181).

O impacto da inserção deste processo automatizado foi imenso, tanto que, era comum, como símbolo de modernidade e de progresso, destacar-se nas peças gráficas a mensagem “impressão feita a vapor”. Este recurso de ênfase no processo foi encontrado nas análises feitas por Lima (2010) em produtos impressos do mesmo período dos objetos do presente estudo. Nos atuais artefatos observados, os *Almanachs de Pelotas* e seus reclames, não foi encontrado este destaque relacionado aos processos de impressão, mas, sim, em anúncios de empresas que utilizavam máquinas a vapor em seus processos produtivos, com o mesmo intuito comentado: denotar consonância com o mais moderno existente. Exemplos como este são apresentados no item 2.1.

Pela análise das peças gráficas nas duas pesquisas da autora (anterior e atual), somado as afirmações da literatura (REZENDE, 2003, p. 73, 2005, p. 40-41), têm-se que, embora a indústria gráfica tenha-se introduzido tardiamente no Brasil, nesta conjuntura, ela já havia alcançado o mesmo patamar de desenvolvimento que o restante do mundo. Por este motivo comentado é que o país experimentou diferentes níveis de inovações tecnológicas num tempo reduzido, ao contrário de outras localidades que as vivenciaram em diferentes e distantes momentos, em um tempo alargado.

Impulso dado à imprensa e aos demais produtos gráficos foi a necessidade de divulgar os produtos, uma vez que, naquele contexto, no limiar entre os séculos XIX e XX, o cenário era outro, migrando-se das pequenas comunidades, rurais, para o espaço urbano e mais populoso. Nesta situação, os sujeitos afastaram-se dos meios produtivos, logo, deviam ser informados sobre o que existia e, além disso, sobre tudo aquilo que precisavam para viver naquela nova situação. Firma-se a linguagem publicitária não só como divulgadora de produtos e serviços, mas, além disso, como promotora de necessidades, desejos e sonhos.

Neste momento, de acordo com Denis (2000, p.83-85), a publicidade vai superando a ideia de anúncio e adquirindo, progressivamente, postura de ser um meio de expressão de sonhos comuns, dirigindo-se a uma multidão de

pessoas consideradas indiferenciáveis, com uma alma coletiva, como uma massa homogênea (FERREIRA, 2001, p. 106) (WOLF, 2001, p. 25). Em compasso, também, não mais era suficiente propagandear mercadorias apenas por meios convencionais, surgindo, então, o interesse por novos espaços e formatos para as mensagens comerciais, destacando-se o uso de cartazes e grandes painéis em locais movimentados como linhas de bonde e de trem, o surgimento do outdoor e, nesta mesma época, a circulação de painéis pintados, de panfletos, de revistas ilustradas e de almanaques (DENIS, 2000, p. 40-41 e p. 84-85). Os anúncios ilustrados tornaram-se recorrentes em jornais e em revistas, afirmação atestável a partir da apreciação dos objetos desta investigação.

Ao se observarem os veículos elencados acima por Denis, somando-se as ponderações feitas por Rezende (2003, p. 64), indica-se que os produtos gráficos emergentes no século XIX se mantiveram no século seguinte: cartazes, livros, revistas, almanaques, rótulos, folhetos e etc. A avalanche de novidades no século XIX, em específico relativas às tecnologias de impressão, como dito, experimentadas em um tempo comprimido, trouxeram em seu bojo a disseminação de informações visuais, cujo impacto provavelmente só começou a ser sentido no século seguinte. A imagem, antes novidade, insere-se definitivamente e torna-se necessária, influenciando imensamente na formação de repertórios, assimilando-se a irreversibilidade do processo.

De acordo com Ramos (2007, p. 47-48), as revistas vinham conquistando crescente espaço no cotidiano da burguesia brasileira desde fins do século XIX. Englobando assuntos concernentes à vida mundana como hábitos da vida social, cultural e política, a burguesia se enxergava nestas publicações, onde a empatia estabelecida entre assuntos e classe social, foi a fórmula do sucesso editorial das mesmas. Neste período destacam-se as seguintes revistas: Revista da Semana (1900), O Malho (1902), Kosmos (1904), O Tico-Tico (1905), Fon-Fon! (Rio 1907), Careta (1908), *Ilustração Brasileira* (1909), Revista do Brasil (1916), Para Todos (1918), A Maçã (1922),

Cinearte (1926), O Cruzeiro (1928) e da Revista do Globo (1929) (CARDOSO, 2005, p. 168) (RAMOS, 2007, p.48).

Embora constituindo um meio convencional e já tradicional, o livro, no Brasil, nas décadas iniciais do século XX, também auxilia na difusão de materiais impressos. Mesmo num formato já conhecido, nos anos 1910 houve busca por inovações na tentativa de baratear e tornar mais atrativos estes artigos de leitura. Deve-se pensar que, embora tradicionais, os livros, naquele momento, passaram a concorrer com outras formas de leitura, necessitando adequar-se as novas demandas sociais. Responsáveis por essa renovação foram as livrarias-editoras como Quaresma, Jacintho (Ribeiro dos Santos), Castilho e Teixeira as quais competiam com editoras estrangeiras tradicionais como Laemmert, Garnier, Garraux e Francisco Alves. A década seguinte deu prosseguimento à abertura de novas editoras, destacando-se a Monteiro Lobato & Cia. Nos anos 1930 avolumaram-se as tentativas iniciadas duas décadas antes na busca de tornar os livros mais atraentes através de ações pautadas na modificação de projetos editoriais (CARDOSO, 2005, p. 169-173).

Neste contexto de extrema difusão de produtos gráficos, os impressos periódicos (como as revistas ilustradas e os almanaques), dotados de informações verbais e visuais, atuantes uma em prol da outra, igualmente, agem na constituição de repertórios. Por meio de suas páginas, discursos e concepções de mundo concretizam-se nas palavras e nas imagens.

Pelotas, neste marco temporal, apresentava um cenário propício para o desenvolvimento das artes gráficas e da imprensa periódica. Ainda, dentro do século XIX, era bastante grande o número de jornais aqui produzidos, os quais – de acordo com dados do *Almanach de Pelotas* (1918, p. 135-139) e de Leschko (2011, p. 20) – totalizavam noventa e quatro, entre 1851 (data do surgimento do primeiro deles, O Pelotense, de propriedade de Candido Augusto de Mello) e 1896. Os referidos dados do *Almanach de Pelotas* elencam os jornais editados no trecho temporal indicado, dentre os quais estava o Diário Popular, jornal em circulação em Pelotas até os dias de hoje, fundado em 1890 por Theodosio Menezes. A partir de meados de 1800 são

editados na cidade, também, títulos de almanaques, tema para o qual se dá maior destaque quando se começa a afunilar a observação especificamente na trajetória desta tipologia de impresso no mundo, no Brasil e em Pelotas. Adentrando-se no século XX, por sua vez, surgiram as primeiras revistas ilustradas pelotenses, segundo Marroni (2008, p. 142), a *Ilustração Pelotense*, no ano de 1919, e a *Actualidades*, no ano de 1926.

A autora (Idem, p. 64-65) observa que, neste contexto, durante a República Velha existiam inúmeros jornais citadinos, levando-a a constatação de uma imprensa em Pelotas com o seu auge entre o final do século XIX e início do século XX, quando havia um grande número de tipografias em funcionamento. A intensa atividade tipográfica da cidade, no período, também é destacada por Peres (2002, p. 42).

A imprensa na cidade de Pelotas, no ano de 1927, continha as seguintes publicações: eram três jornais diários, Diário Popular, Libertador e *Opinião Pública* (os dois primeiros de cunho político e o último de teor geral); o Arauto; A Palavra; *O Templario*; *Estandarte Christão*; *Ilustração Pelotense*; Alvorada; Zé; O Almofadinha; A luz; *Mercurio* e A Razão (*ALMANACH DE PELOTAS*, 1928, p.72). Além destes, a citada referência destaca, é claro, o *Almanach de Pelotas*, descrito como “Anualmente e devotado á propaganda de Pelotas e exaltação dos dedicados obreiros do seu progresso, aparece o ‘*Almanach de Pelotas*’[...]”.

Os almanaques, para Park (1999, p. 108), foram as primeiras peças de publicidade para comunicação de massa. Segundo ela, a ideia inicial deles continha intenção publicitária (Idem, p. 133), característica facilmente observável nos *Almanachs de Pelotas*, dado a enorme quantia de reclames, num total de 4107. A característica publicitária é exacerbada, principalmente nos famosos almanaques de farmácia, os quais tinham o propósito específico de propagandear um dado laboratório (Idem, p.19).

Assim, tanto num cenário ampliado (Brasil), quanto num cenário mais particularizado (Pelotas), percebe-se, por meio do exposto, que a trajetória das peças gráficas de design deu-se vinculada aos processos evolutivos dos meios

técnicos, surgidos da busca pela solução de problemas que não mais contemplavam os anseios da sua sociedade.

Estas formas de comunicação e opções de consumo, então, começaram a circular, justamente, num cenário, industrial e urbanizado – ou de desenvolvimento de um modo de vida burguês citadino, pelo termo alcunhado por Queiroz (1978). Tal contexto trouxe consigo profundas modificações em relação às formas de socialização dos sujeitos, já que os laços tradicionais como família e relação com vizinhos (típicos daquela sociedade de organização comunitária, denominada tribal pela autora) se enfraqueceram e, nesta situação, os meios de comunicação passaram a ter a finalidade de refazer as ligações entre os indivíduos e a sociedade complexa a qual os cercava, reinserindo-os no grupo social de forma a preencher a lacuna deixada pela dissolução destes laços tradicionais (FERREIRA, 2001, p. 104-108) (WOLF, 2001, p. 24-25).

Neste referido contexto, em que a produção capitalista é o mote e no qual se instaura um modo de vida burguês, torna-se pertinente trazer o pensamento de Habermas (2003, p. 40-42, p. 93-94), para quem a referida classe surge trazendo consigo a formação da opinião pública, uma massa com capacidade pensante e de reflexão que, então, se mune de instrumentos para pressionar o Estado. Constitui-se, assim, a esfera pública burguesa, sendo estes dados importantes, porque segundo o autor, a imprensa, incluindo-se os materiais aqui estudados, teve papel preponderante na formação dos referidos aspectos. Neste cenário, ainda, a imprensa se alia ao comércio, num momento no qual este se expande e torna-se cada vez mais público, necessitando mostrar-se e, também, permanecer (Idem, p. 28-30). A imprensa e a propaganda, pelo espectro do autor (Idem, p. 158-159), acarretaram profundas mudanças na esfera pública pelo aumento de público que possibilitou.

Os novos modos de viver fizeram com que a cultura impressa ganhasse, em compasso, novos contornos, inserindo-se, efetivamente, na vida cotidiana da cidade, a partir de uma linguagem articulada à modernidade (CRUZ, 1996, p.82-83). Prosseguindo-se com as palavras da autora:

[...] a imprensa periódica vira moda e transforma-se no principal produto da cultura impressa, e o periodismo emerge como um importante espaço de renovação da cultura letrada. Mais ainda, no ambiente da metrópole em formação, a imprensa periódica apresenta-se como foco fundamental de formulação, discussão e articulação de concepções, processos e práticas culturais e de difusão de seus projetos e produtos. (Idem, p.83)

Com este fenômeno em destaque, Cruz (Idem) ainda pondera que a imprensa periódica acompanhou o ritmo de desenvolvimento da cidade, falando do caso de São Paulo, contexto por ela estudado. Assim, a cidade se intromete na imprensa, sendo os processos sociais transformadores da cidade influenciadores, também, desses periódicos e, eles, da cidade. Por entender que o mesmo ocorreu no espaço geográfico da presente investigação, além de querer contextualizar o cenário de veiculação dos *Almanachs de Pelotas*, foi, por essa imbricada relação entre publicação e cidade que se viu pertinente traçar o contexto pelotense, em muito, ilustrado pelo que era divulgado nos conteúdos deste objeto de estudo, conforme análise feita no subcapítulo 2.1.

Tais turbulências, no Brasil, foram sentidas muito intensamente ao longo do século XIX, pois passava-se por muitas transformações em vários setores, econômicos, políticos e sociais – como a abolição da escravatura, a proclamação da República, processos de industrialização, ampliação acelerada do mercado interno e volumosa imigração – levando a uma veloz urbanização. Segundo Cruz (Idem, p.82), a arrebatadora experiência condensou o tempo na medida em que as experiências multiplicaram-se.

Conforme mencionado alguns parágrafos acima, dentre as formas de comunicação que surgiram e se disseminaram – sendo também uma opção de consumo ligada ao lazer, ao prazer da leitura que se inflava – estava a tipologia de publicação almanaques, como os *Almanachs de Pelotas*.

Recorrendo-se a etimologia do termo que alcunha estes impressos periódicos, tem-se o mesmo esbarrando em várias origens. De acordo com Park (1999, p. 46),

[...] a palavra *Almanach* pode ter e aparecer com várias origens. Do árabe *al*, e *manach*, computar, contar. Ela pode ser a junção do árabe *ocl-o* e do grego *mnu*, mês. Nas línguas orientais *almanha* significa estréia, alvissaras (boas novas). Em saxão, *al-monght* ou *al-monac* seria uma contração para *al-mooned* que significa contendo todas as luas. Originalmente, nossos ancestrais traçaram o curso da lua sobre uma tábua de maneira à qual chamaram *al-monagth* (para *al-mooneld*).

Para Bollème (apud Park, 1999, p. 46), por sua vez, a palavra almanaque é oriunda da “junção do árabe *al* e do grego *men* = mês ou ainda *menás* (grego) = lua, latim *meusis* e do antigo indiano *mas*, medir”. O que se percebe, pelos dois autores citados, é o fato de, etimologicamente, o nome poder remontar a idiomas variados, logo, culturas variadas, em que os significados estão atrelados a mensuração e a um tempo transcorrido, tendo a lua significados possíveis em várias situações, afinal, a observação das diferentes fases da lua constitui um recurso bastante antigo para atingir a necessidade de se medir o tempo.

Entende-se que este imperativo de mensurar o tempo é inerente aos humanos por fornecer a sensação de controle destes sobre aquele. É uma forma de dar segurança a algo incerto e que flui independentemente de se desejar que isto ocorra ou não. Por vezes pode passar mais lentamente ou mais rapidamente, mas o fato é que o tempo transcorre, logo, buscar formas de medi-lo seriam possibilidades de atenuar ou domar essa força autônoma. Não é a toa que, conforme se observa mais adiante, a origem dos almanaques seria uma espécie de prolongamento dos calendários. Segundo Le Goff (2003, p. 477 - 478), os calendários e almanaques constituem objetos culturais e sociais capazes de permitir ao homem compreender os sistemas de medida de tempo.

Tais objetivos caracterizaram e, ainda mais, definiram os almanaques, como verdadeiros artigos de cômputo, de ordenação do tempo, a partir dos quais organizam, também o seu espaço, entremeando-se profundamente no cotidiano humano, numa busca do homem de controlar o universo (LE GOFF, 2003, p. 478) (PARK, 1999, p. 35 e p. 41). Segundo a autora (Idem, p. 19 e p. 44), seria o almanaque “a escrita do tempo ordenado”, especialmente

representativo da relação mítica do homem com o tempo. Sobre isto, importa mencionar que os almanaques, de periodicidade anual, normalmente eram vendidos ou distribuídos nos últimos meses do ano anterior ao qual o mesmo se debruçava, junto às festividades de final de ano, permitindo uma forte associação simbólica a esta tentativa de controle do tempo, de uma nova era que se aproxima e que pode ser demarcada, justamente, pelo calendário.

Atinente a ligação destes artefatos de leitura com calendários insere-se, ainda, outra associação importante: destes com as agendas, aliás, até os dias de hoje, um típico artigo adquirido aos finais de ano, como se fazia com os almanaques. Para Park (Idem, p. 98 e p. 100), esta tipologia de publicação é considerada, inclusive, como precursora das agendas, pois em muitos títulos é possível encontrar, junto aos calendários, a inserção de página ou espaços em branco, para possíveis anotações dos leitores, agregando personalidade ao artigo e, de fato, auxiliando na organização do tempo e da vida do respectivo usuário. Esta característica, segundo a autora, exacerba a relação dos mesmos com o cotidiano dos sujeitos, à medida que estimula o manuseio e a consulta diários. Configura um material/documento memorial, um importante suporte *mnemônico* de coisas possíveis de serem lembradas a partir da consulta do seu registro. Comenta-se que, por meio destes artigos, pode-se falar de diferentes memórias, pois contêm informações de uma época, de um local, de uma parcela de uma dada sociedade, logo, de uma memória que seria coletiva, ao mesmo passo que teria a possibilidade de inserções de memórias individuais, através dos espaços destinados as anotações dos leitores. Mais sobre essa discussão acerca de memória individual e memória coletiva pode ser encontrada na dissertação da autora da presente tese (LIMA, 2010, p. 99-113) e no item 4.2 do presente trabalho.

Por se ligar, então, de maneira tão íntima com esta necessidade humana de medir o tempo, os almanaques, desde a sua emersão, foram considerados publicações bastante tradicionais e de grande apreço dentro das sociedades, o que ajudaria a justificar o fato de ser um artigo, de fato, lido e presente na vida dos cidadãos. Melo e Ramos (2011, p. 76) e Cardoso (2009, p. 121), afirmam

que estes se tratavam de publicações muito populares desde o século XIX até o século XX, mantendo-se com ampla aceitação no período entre 1900 e 1920. Com tais afirmativas, pondera-se que eles tinham grande influência junto aos leitores, refletindo e reforçando a promoção de discursos, incluindo os de gênero, foco deste estudo.

Confirmando a intensa relação estabelecida entre o público e este tipo de publicação observa-se o seguinte trecho retirado do Almanaque Enciclopédico para 1896, escrito por Eça de Queirós:

[...] mas não é certamente por esta ciência fácil que o almanaque me encanta: – e se ainda o desejo louvar, é pelo incomparável benefício de nos tornar o tempo visível e como palpável. Consideremos que um dia esquecido, não registrado no almanaque, seria absolutamente, como um negro pedaço de não – ser por onde um pedaço de nossa vida se afundaria, se iria em nada. Só o almanaque verdadeiramente nos penetra da realidade de nossa existência, porque a circunscreve, a divide em talhões regulares, curtos, compreensíveis, fáceis de desejar e depois fáceis de recordar por terem nome e quase terem forma, e onde se vão depondo, e onde vão ficando, os factos da nossa feliz ou desgraçada história. As datas, e só elas, dão verdadeira consistência à vida e à sorte. (Eça de Queirós, citado por Vera Casanova, p. 57, apud MEYER, 2001, p. 140)

O tipo de almanaque ao qual Eça de Queirós se refere é o mesmo tipo que se proliferou ao longo dos séculos XIX e XX, no entanto a sua origem é remota (confunde-se, inclusive, com as origens dos calendários, como dito anteriormente) se consideradas as suas versões manuscritas; já na versão impressa é coincidente com a invenção da imprensa e dos tipos móveis por Gutenberg no século XV, permitindo a sua impressão em larga escala. (ANASTÁCIO, 2014, p. 7-8) (DUTRA, 2005, p. 16). Ligado a estes dois marcos – calendários e tipos móveis – inclusive foi com o advento da tipografia que a mensuração do tempo pode ser ofertada a todos, sem distinção de classe, justamente, por meio dos almanaques (PARK, 1999, p. 43).

A origem, então, nos calendários, também é sustentada por Park (Idem, p. 26, p. 41 e p. 47), para quem os almanaques teriam surgido de uma extensão de um calendário que não congregaria mais tudo aquilo que se queria

dizer, numa busca de ordenação do mundo. Para a referida autora e para Le Goff (2003, p. 518-519), os almanaques tiveram outra procedência importante: o *Le Grand Calendrier Compost des Bergers*, o almanaque de maior destaque de Paris, datado de 1491, o qual serviu de inspiração para muitos outros periódicos deste tipo no continente Europeu. Embora o autor valore em termos de importância o título do periódico citado, ele diz que o primeiro almanaque não se refere a ele, localizando o mesmo também na Europa, porém, no ano de 1455. Já em 1464 teve-se o aparecimento dos Almanques da Corporação dos Barbeiros e em 1471 o surgimento do Almanaque Anual. Segalin (2013, p. 18) cita outra referência, também francesa, de grande influência, o Almanaque Nostradamus, de 1550, principal representante dos almanaques de profecias.

A valoração dada ao *Le Grand Calendrier Compost des Bergers* deve-se, possivelmente, por ter sido o primeiro daqueles que particularizou esta tipologia de publicação devido ao conteúdo, abordando notícias astrológicas, trabalho na terra, moralidade e doenças (PARK, 1999, p. 47). Assim, a leitura feita pela autora, é que trata-se de um tipo de publicação que mantém semelhanças na temática abordada, no entanto, adaptando-se ao tempo e ao local de produção, de forma a explorar o contexto oferecido e assim tornando-se característico da região representada. Com os *Almanachs de Pelotas* ocorreu exatamente isto, pois foi o seu ambiente, a cidade, o principal conteúdo de divulgação em suas páginas.

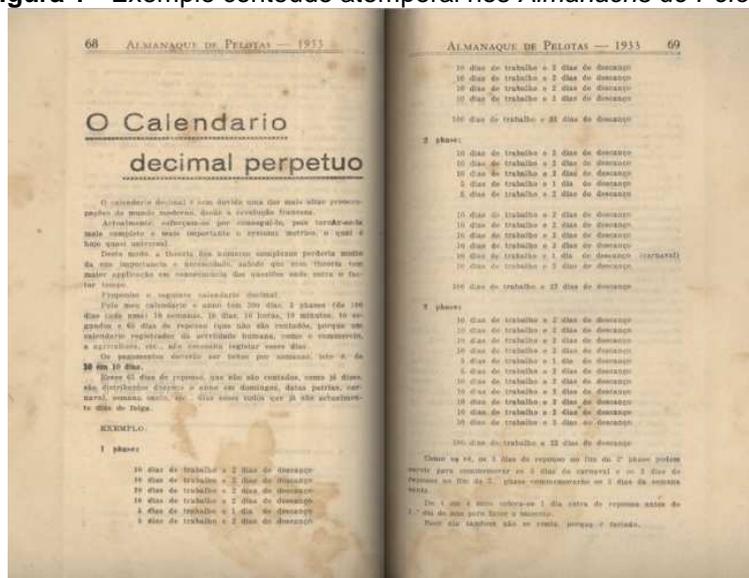
Embora fossem publicações de periodicidade anual, segundo Anastácio (2014, p. 8), os almanaques não deveriam ser considerados nem periódicos e nem anuais, pois objetivavam ser perpétuos e perduráveis, por conterem tabelas que permitiam calcular o tempo e posição dos astros e marés em qualquer época futura. Os almanaques, ao longo do século XVI, foram, inclusive, denominados *Reportórios dos tempos*, dadas as suas pretensões. Nesta mesma linha, Park (1999, p. 16 e p. 18) diz que os almanaques perpetuam textos (e permite-se aqui incluir também imagens, as quais, inclusive, têm uma pregnância maior), concluindo que eles, pelos conteúdos

diversos contemplados, são atemporais. Segundo ela, repetem-se nas suas páginas, velhas preocupações, ligadas à saúde, receitas e conselhos.

Desta ambição dos primórdios – e primordial – dos almanaques pode-se compreender a tradição criada em torno do fato de serem consideradas publicações de grande apego junto aos seus leitores, um companheiro consultivo e fiel ao longo do ano corrente e, inclusive, dos anos seguintes.

Este caráter perdurável pode ser ilustrado com um exemplo dos objetos deste estudo, através do Calendário decimal perpétuo, veiculado no Almanaque de Pelotas de 1933.

Figura 1 - Exemplo conteúdo atemporal nos *Almanachs de Pelotas*



Fonte: Almanaque de Pelotas 1933, p.68-69. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Entre os séculos XVIII e XIX os almanaques se tornaram importantes formas de instrução e de propaganda, assumindo, também, vieses temáticos e agregando conteúdos mais variados como aqueles com cunho moralizante, as curiosidades, as poesias, as charadas, os jogos e a medicina doméstica, com objetivo de informar e entreter (DUTRA, 2005, p.16-18). Segundo Park (1999, p.64), o século XVIII é um marco no qual “os almanaques mudam para permanecer”, contemplando conteúdos vagos e gerais possíveis de ser válidos por um tempo maior e aproveitável por pessoas diversas. Além do tipo de

conteúdo, alteram-se, ainda, termos, vocabulários e questões relativas à sua forma, entende-se que material e estética.

Após a Revolução Industrial iniciada no século XVIII, mais fortemente sentida no século XIX, e tendo como resultado, no século XX, grande parte da população habitando as cidades, disseminaram-se inúmeros almanaques e novos leitores interessados na atividade de leitura como lazer (DUTRA, 2005, p. 16-18). Além destas questões, levando-se em consideração o já comentado de que os almanaques eram verdadeiros ordenadores do tempo e do espaço, não é de se surpreender que se alastraram no século XX, momento de fortes modificações nas sociedades que se modernizavam e estipulavam novas formas de sociabilidade entre os indivíduos e, em consequência, muitas incertezas e inseguranças.

A longínqua data de origem deste tipo de publicação – que remonta ao século XV se consideradas a suas versões impressas e até mesmo anteriormente a isto se consideradas as suas versões manuscritas – aparece referida no prefácio da primeira edição dos *Almanachs de Pelotas*, no ano de 1913:

[...] perde-se na noite dos tempos a criação do *Almanach* e não seremos nós que, com paciência beneditina de rebuscadores de velharias, nos iremos dar ao trabalho de assignalar a data precisa do seu apparecimento na terra. (Paradedá, Florentino. Prefácio *ALMANACH DE PELOTAS*, 1913, p. 3)

Estes impressos eram editados anualmente e considerados de leitura fácil e rápida, características que talvez possam justificar a famigerada visão estereotipada dos almanaques como artigos “populares”, lhes desvalorizando e lhes desqualificando, erroneamente, segundo Park (1999, p. 197-199). Seu conteúdo enfocava informações de calendários como medidas do tempo, informações sobre os astros, datas de festas religiosas, previsões climáticas e manifestações da natureza.

Segundo as palavras de Le Goff (2003, p. 518), os almanaques, analisando-se seu conteúdo e forma, podem ser assim definidos:

[...] ilustrado com signos, figuras, imagens, o almanaque dirige-se aos analfabetos e a quem lê pouco. Reúne e oferece um saber para todos: astronômico, com os eclipses e a fase da Lua; religioso e social, com as festas e especialmente as festas dos santos, que dão lugar aos aniversários no seio das famílias; científico e técnico, com conselhos sobre os trabalhos agrícolas, a medicina, a higiene; histórico com as cronologias, os grandes personagens, os acontecimentos históricos ou anedóticos; utilitário, com a indicação das feiras, das chegadas e partidas dos correios; literário, com anedotas, fábulas, contos; e, finalmente, astrológico.

Acima foram mencionados elementos constitutivos importantes dos almanaques: questões relacionadas à mensuração do tempo, clima e manifestações da natureza. Os almanaques eram publicações de conteúdo variado, contendo desde informações de utilidade pública quanto de entretenimento. Mesclavam-se saberes astronômicos, religiosos, técnicos, sociais e históricos, os quais eram contados de forma atraente e divertida, em que o tom jocoso contrabalanceava-se com temas mais científicos, assumindo os almanaques, então, a função tanto de instruir quanto de divertir (PARK, 1999, p. 46, p. 55 e p. 62).

Segundo Ferreira (2001, p. 20), os almanaques, de forma geral, eram considerados grandes conselheiros, guias das mais diversas áreas, fornecendo receitas e contendo informações que perpassavam desde a magia até conhecimentos calcados na medicina, com vistas a auxiliar na superação de dificuldades. Park (1999, p. 38) fala que os almanaques congregavam estes diferentes tipos de conhecimento, pois a magia ou milagre eram fugas possíveis em um mundo cuja ordem se acreditava ser autônoma e determinista, devendo o homem observar as relações existentes, as quais, se rompidas, gerariam caos.

No Brasil é possível encontrar, já a partir do século XVIII, mas mais intensamente ao longo do século XIX, os almanaques para as cidades. Estes continham informações úteis para os cidadãos do município, como tarifas de correio, horários de trens e tabelas de preços. No século XIX, também são

encontrados os almanaques religiosos (os quais contemplavam preces, a vida e os dias de santos) e os almanaques literários (PARK, 1999, p. 68).

Segundo a autora (Idem, p. 112-113, p. 121 e p. 202), os almanaques, no país, tiveram grande importância na veiculação e sedimentação do projeto civilizatório, funcionando como manuais de prescrições das ideias de progresso e desenvolvimento, necessárias para o abarcamento do referido projeto, pensamentos estes extremamente presentes nas primeiras décadas do século XX no Brasil. A imprensa, por volta de 1920, dedicou-se intensamente à cobertura das ideias progressistas e euforia nacionalista, onde os pilares educação, saúde e força eram o mote.

A busca por instruir, ou seja, o cunho educativo, através de conteúdos diversos, como possível caminho para o progresso e para o alcance da alcunha de país civilizado, são fatores contextualmente importantes, pois no século XIX e XX, o Brasil estava sob a influência do pensamento positivista de Auguste Comte, cuja ênfase era o progresso e a ciência, sendo apenas o conhecimento científico considerado como conhecimento verdadeiro. Esta corrente ideológica, no Rio Grande do Sul, ganhou nova interpretação quando somada as ideias de Júlio de Castilhos (primeiro presidente eleito do Estado no período republicano⁴) e a realidade local. O Rio Grande do Sul, tradicionalmente de base econômica agropecuária, num momento em que o restante do Brasil se introduz no cenário capitalista, justaposto a sua condição geograficamente periférica, torna-se pouco competitivo e com pouca autonomia na resolução

⁴ Júlio de Castilhos foi eleito duas vezes representando o Partido Republicano Rio-Grandense (PRR): no ano de 1892 e depois no ano de 1893, permanecendo no cargo até o ano de 1898. Seu sucessor, também do mesmo partido, foi Antônio Augusto Borges de Medeiros, que teve um primeiro mandato de 1898 até 1908 e um segundo mandato de 1913 a 1928, sendo que este configura a maior parte do período de circulação dos *Almanachs de Pelotas* (1913-1935). De 1928 a 1930, também representante do PRR e, igualmente eleito, esteve no poder Getúlio Vargas. Após ele, entre 1930 e 1937, sucederam-se no cargo Osvaldo Aranha, Sinval Saldanha e José Antônio Flores da Cunha, os dois primeiros como governadores nomeados e o último como interventor federal.

dos seus problemas. Neste cenário emergiu, liderado por Castilhos, o Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), partido que se manteve no poder durante toda a Primeira República, constituído por um caráter antiliberal e que por ter de buscar a modernização da economia presente nas margens, a incorporação das novas camadas urbanas e a renovação político-administrativa, modelou-se a partir de uma ideologia autoritária, ditadora, progressista e conservadora. Este partido diferenciou-se por se orientar a partir de preocupações ideológicas, disciplinares e morais. Daí surge o conhecido como Castilhismo, que tentou efetivar o projeto de modernização com cunho conservador (SEGALIN, 2013, p. 36-37). O positivismo e a sua versão sulista tinham, então, um caráter conservador e, para tanto, buscavam exemplos para organização da sociedade através da exploração da imagem de cultos e heróis do passado, pautados em um de seus lemas que era “Conservar Melhorando” (ISMÉRIO, 2007, p. 2). Exemplos disso podem ser observados nos objetos específicos desta investigação – nos *Almanachs de Pelotas* – conforme se pode apreciar abaixo, nos quais se encontram reproduções de heróis ligados a fatos históricos importantes do país.

Figura 2 – Ilustração exaltando a fundação da Pátria Brasileira



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1922, s.p., entre p.68 e p.69. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 3 – Fotografia de estátua de D. Pedro I no Rio de Janeiro



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1923, s.p., entre p.192 e p.193. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Tanto com relação ao Positivismo, no Brasil como um todo, e sua vertente específica no Rio Grande do Sul, com o Castilhismo, com intuito de promulgar tais mentalidades, os almanaques foram transformados em espécies de enciclopédias, cheios de informações e veiculadores dos valores da modernidade, influenciando significativamente na construção da moral e do comportamento das pessoas (DUTRA, 2005, p.18-19). Sobre essa caracterização enciclopédica, nos objetos deste estudo encontrou-se referência neste sentido, no prefácio de sua primeira edição, em 1913. É dito o seguinte:

[...] o mais insignificante almanach, caro leitor, encerra uma somma maior de coisas dignas de serem lidas e de serem sabidas do que a grande Encyclopedie de Larrousse; tal como elle se faz actualmente, o almanach é uma arca de Noé em ponto pequeno, onde ha de tudo

e para todos – o livro do futuro, por excellencia – simples, portatil, economico e acessivel a toda a gente. (*ALMANACH DE PELOTAS*, 1913, p.4)

Dentre os valores pregados pelo Positivismo e especialmente pelo Castilhismo, está a manutenção da família, sendo que as revistas e os almanaques promulgavam as regras de uma família burguesa, branca, nuclear, hierárquica e com papéis extremamente definidos. Idealizavam-se as esposas como administradoras e rainhas do lar, as quais deviam cuidar da imagem dos homens públicos (PARK, 1999, p. 92-95). Esta conjuntura familiar, por sua vez, liga-se à formação da família burguesa em suas origens, quando, segundo Habermas (2003, p. 60-62), a esfera íntima se pauta no lar, local em que se encontra a pequena-família patriarcal, opondo-se à grande família das organizações mais antigas de comunidade. Assim, delimitar funções, no interior deste seio, parece condição necessária, surgindo a ideia de privacidade, num processo de diferenciação, antes praticamente inexistente, entre público e privado. Assim, as casas transformam-se de maneira a privilegiar a privacidade, com espaços propícios para o isolamento do ente familiar, mesmo no interior da casa. Os espaços de sociabilidade da família são minimizados, ao passo que espaços destinados a recepcionar um público maior, como salões, são valorizados. Assim, o público entra no recinto privado, numa movimentação que mescla necessidade de privacidade e necessidade de interação.

Maiores considerações acerca da família, com ênfase nas funções femininas, são tecidas no capítulo 2 – quando se apresenta literatura acerca do processo de construção mulher e de exemplos extraídos dos objetos deste estudo – e no capítulo 4, quando da análise de reclames dos *Almanachs de Pelotas* com imagens de mulheres. Para Park (Idem, p. 60-61) os almanaques são recheados de preceitos morais e normas de conduta, nos quais podem ser observados conceitos e conselhos sobre como se alimentar, sobre formas de dormir, hábitos de comprar e etc. Por conter hábitos de consumo da população, informações sobre estabelecimentos comerciais e eventos importantes no

calendário, de acordo com Cardoso (2009, p. 121), os almanaques constituem valiosas fontes de pesquisa, justamente, pela variedade de informações que congregam.

Dentro das normas de conduta, estão hábitos e maneiras de relacionar-se socialmente e culturalmente, incluindo-se as estipulações dos papéis de gênero, questões, como dito acima, observadas através das apreciações das edições dos *Almanachs de Pelotas*. As ideias do Positivismo e de civilização, também foram percebidas na versão pelotense, dado que a mesma era permeada por conteúdo deste cunho, conforme visto no tópico 2.1.

Além dos almanaques tradicionais, os valores positivistas e o serviço à ciência se evidenciam através dos inúmeros almanaques de farmácia circulando nas sociedades, ligados ao ideário de que saúde e educação deveriam ser o mote para atingir o progresso e a civilização auspiciada, num contexto onde pobreza, sujeira e falta de instrução não poderiam ter espaço (PARK, 1999, p. 77). Os almanaques de farmácia foram uma grande “febre” no final do século XIX e início do século XX e, de acordo com Meyer (2001, p. 127-128), este tipo de almanaque era, normalmente, de distribuição gratuita, diminuto, tanto no número de páginas – tinha no máximo 35 – quanto nas dimensões – 18,3 X 13,4 cm. Os maiores interessados nestas publicações eram os cidadãos do campo e do interior, em sua maioria detentores de pouca informação, que procuravam nas páginas deste periódico, conteúdo para se informar e se entreter. Esta tipologia de almanaque, assim, desempenhou um grande papel político e pedagógico no Brasil, onde, segundo Park (1999, p. 72), este gênero propagou-se com grande popularidade, principalmente através dos títulos Saúde da Mulher, Bromil, Capivarol e Biotônico Fontoura.

Exemplos de almanaques de farmácia, na cidade de Pelotas, já foram estudados pela presente autora em investigação anterior (LIMA, 2010, p.169-170). Nesta, teve-se contato com as publicações editoriais do Laboratório e Parque Souza Soares, como o *Almanach da Família* (ao qual se teve acesso a algumas edições compreendidas entre 1900 e 1924) e o *Almanach Souza Soares* (cujas edições consultadas remontam ao período de 1912 a 1921).

Observou-se que estas publicações, embora obviamente tivessem a intenção de propagandar e divulgar o Parque, o seu Laboratório e os seus medicamentos, o conteúdo assemelhava-se aos dos demais almanaques e das revistas de variedades. Mesclados as propagandas dos medicamentos Souza Soares e esclarecimentos sobre doenças e seus sintomas, encontraram-se calendários e feriados do ano, fases da lua, poesias, contos, variedades, assuntos úteis, preços correntes, configurando uma publicação de assuntos variados e, assim, contemplando os objetivos de atuar em prol da saúde e educação, conforme comentado no parágrafo acima. Eram de periodicidade anual e nos *Almanachs Souza Soares* encontrou-se a referência de distribuição gratuita, característica deste gênero de almanaques.

Em Pelotas, além dos exemplos acima e dos próprios *Almanachs de Pelotas*, foram editados outros títulos desta tipologia de publicação. O mais longínquo deles é considerado um dos mais antigos almanaques de que se tem notícia, o *Almanak Pelotense*, que começou a circular no ano de 1862 e foi editado por Domingos José da Silveira Netto (MARRONI, 2008, p. 65). Outro título existente foi o que manteve o maior período de circulação – o Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul – data de 1889 a 1917 (totalizando 29 anos), com organização de Alfredo Ferreira Rodrigues e impresso na Tipografia da Livraria Americana (estabelecida em 1875), de propriedade de Carlos Pinto & Cia. Tem-se conhecimento, ainda, do Almanaque Popular Brasileiro, o qual circulou entre os anos de 1894 e 1908 (num total de 15 edições), editado por Echenique & Irmão, proprietários da Livraria Universal (fundada em 1887), uma das mais importantes livrarias da cidade e onde os periódicos eram impressos. A Livraria Universal surgiu como forte concorrente da Livraria Americana, sendo um demonstrativo da força de ambas o fato de tanto uma quanto a outra possuírem filiais em Rio Grande e Pelotas (Idem, p. 132) (SEGALIN, 2013, p. 49).

Os *Almanachs de Pelotas*, por sua vez, totalizaram 23 edições, entre os anos de 1913 e 1935, especificamente sobre os quais serão feitas observações no tópico seguinte deste texto. Pelas datas, nota-se que de 1913 a 1917,

circularam, concomitantemente os *Almanachs de Pelotas* e o Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul, quando este cessa e cede lugar exclusivo para os objetos que aqui se propõe estudar. Marroni (2008, p. 214) comenta que no final do século XIX na cidade houve uma grande disseminação de almanaques, sendo o mais famoso, em função de sua tiragem, justamente, o *Almanach de Pelotas*. Somado a isto a autora justifica tal fato porque ele teria sustentado-se por mais tempo em circulação, no entanto, de acordo com as datas obtidas, esta informação não procede, pois o Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul teria superado, em seis anos, o tempo de vida dos *Almanachs de Pelotas*.

Englobando todos estes almanaques editados em Pelotas, Michelin (2001, p. 36) observa que, neles, embora coincidam calendário e *memorandum* (espaço para anotações diárias, como uma agenda), os demais assuntos são bastante diversificados, atestando a flexibilidade desta tipologia de impressos, característica que possivelmente justifica a ampla aceitação e interesse do público.

Além dos quatro exemplos citados acima de almanaques editados na própria cidade, há dados de outros títulos, de outras localidades, aos quais os pelotenses tiveram acesso: *Almanach Bertrand*, *Almanach do Criador e Agricultor Rio-Grandense*, *Almanach das Senhoras*; *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*, *Apontamentos Diários* e *Memorial Fluminense*, alguns editados em Portugal e outros no Rio de Janeiro (*ILLUSTRAÇÃO PELOTENSE*, n.7, 1920, p.3).

Os almanaques eram considerados como documentos culturais associados ao projeto civilizatório do ocidente, já que eram vistos como potenciais disseminadores do conhecimento, chegando aos mais diferentes espaços geográficos, alcançando, além das cidades, povoados distantes e rurais e, assim, promovendo democratização das informações e uma aproximação de repertório entre as diferentes classes sociais e culturais (FERREIRA, 2001, p. 20). O alcance diversificado dos almanaques também é

considerado por Bollème (apud PARK, 1999, p. 52), pois segundo ela, eles tocam, atingem todos os sujeitos.

Sobre a tipologia de publicação almanaque, a literatura a caracteriza como diversificada, pelo fato de existirem diferentes tipos de almanaques, os quais congregam conteúdo distinto e que, assim, atingem um público igualmente diverso. Diversidade, então, talvez seja uma importante distinção desses artigos impressos de leitura, instrução e entretenimento, nos quais, segundo Le Goff (2003, p. 517) há, inclusive, o encontro entre cultura popular e cultura erudita. A popularidade alcançada por este tipo de periódico, talvez, justamente, pela especificidade de congregar conteúdos tão díspares, é o que se crê levar o autor a falar na existência de uma cultura dos almanaques.

Além de diversidade, algumas incoerências também são inerentes a esta tipologia de publicação. Sendo de frequência anual, configura-se como um periódico, mas que, no entanto, tem auspícios de ser perene; esta contradição permite que seus exemplares sejam compreendidos como tipos de impressos entre uma revista e um livro. Vêem-se, então, os almanaques como artefatos os quais perpassam características destes dois artefatos de leitura mencionados: revistas, pelo conteúdo diversificado e em alguns casos de leitura rápida; e livro, pelo desejo de ser perpétuo e também pelo conteúdo, por vezes dotados de caráter científico e de informações históricas. Este é um ponto de vista adotado nesta investigação, pois a literatura estudada aproxima o almanaque mais do segundo tipo de artigo, dizendo que o almanaque não deixa de ser um livro (PARK, 1999, p. 44), definido, ainda, como “o livro dos livros” (CHARTIER apud PARK, 1999, p. 13). No caso dos *Almanachs de Pelotas*, no prefácio do ano de 1928, o editor o caracteriza como “o livro da cidade” (*ALMANACH DE PELOTAS*, 1928, p. 3), também assim nominado por outra fonte, pelo jornal da cidade, *Diário Popular*, no ano de 1924 (MICHELON, 2001, p.33).

Independente desta classificação, o fundamental, é seu caráter de ordenar, organizar e controlar o tempo, figurando espécies de calendários e agendas que os colocam no cotidiano dos seus leitores, construindo com estes

um vínculo de empatia e consulta. Veículos que pela inserção diária na vida das pessoas e pela sua disseminação em grande escala (possibilitada pelas tecnologias de impressão) lhes tornam expressões palpáveis da modernidade – ou de um projeto de modernidade – o qual, segundo Le Goff, embasa-se no caráter de massa e na cultura da vida cotidiana. Os *Almanachs de Pelotas*, objetos desta pesquisa e apresentados a seguir, configuraram-se como os recorrentes almanaques para as cidades (PARK, 1999, p. 68), comuns nos séculos XIX e XX. A Pelotas apresentada pelos *Almanachs*, repleta de características consideradas daquilo que viria a ser o moderno, por sua vez, é tema do tópico 2.1.

1.2 OS ALMANACHS DE PELOTAS

Os *Almanachs de Pelotas*, veículos da presente análise, configuraram-se como almanaques da cidade (os quais, também, congregavam temas dos religiosos e literários, recorrentes no Brasil do século XIX, como abordado no tópico anterior), que tinham por objetivo promulgar os feitos de seus cidadãos e o desenvolvimento da cidade comungando com os auspícios do que era considerado por modernidade. Inclusive, como dito algumas páginas antes, o editor lhe outorgou o título de “o livro da cidade”, demonstrando o tipo de conteúdo ao qual davam foco, bem como, ao se aproximar da referida tipologia de leitura, lhe confere a ideia de caráter perpétuo.

Eles foram editados anualmente na cidade entre os anos de 1913 e 1935, totalizando 23 edições. A publicação foi fundada por Dr. Antonio Gomes da Silva, Ignácio Alves Ferreira e Capitão Florentino Paradedda, grupo que se fazia assinar por Ferreira & Cia. No ano de 1919, ocorreu mudança na direção, a partir daí creditada como de cargo exclusivo do Capitão Florentino Paradedda. No prefácio do ano de 1919, há o seguinte trecho confirmando tal alteração: “Com a retirada de seu sócio gerente Ignacio Alves Ferreira, esta empreza

entrou em liquidação, sendo actualmente unico proprietario do Almanach de Pelotas seu fundador e director Florentino Paradedá” (*ALMANACH DE PELOTAS*, 1919, p.3).

Nota-se que somente homens compunham a direção da publicação, com maior permanência e evidência, inclusive, de Paradedá, um Capitão – título que permite supor tratar-se de uma figura extremamente conservadora. Ele foi jornalista e anteriormente ao trabalho nos *Almanachs* ele foi editor do jornal *Arauto*, de frequência diária, veiculado na cidade no ano de 1887, quando se atribui que ele adquiriu o seu aprendizado (MARRONI, 2008, p. 86). Ele atuou, ainda, no *Diário Popular*, jornal também de frequência diária e em circulação na cidade até os dias atuais. Tem-se referência, inclusive, do seu trabalho no referido jornal em concomitância ao período no qual organizou as edições dos *Almanachs*, pois, em matéria sobre ele, veiculada na revista *Ilustração Pelotense*, no ano de 1921 (ano em que ele já detinha exclusividade na direção do *Almanach*), estava-se a comemorar os 25 anos de atividade de Paradedá no *Diário Popular* (*ILLUSTRAÇÃO PELOTENSE*, n.9, 1921, p.24).

Os *Almanachs* mediam entre 13x19 cm e 13x21 cm no formato fechado, variando de acordo com a edição. Com relação ao número de páginas, fez-se a contabilização para cada ano, de acordo com os exemplares consultados na *Bibliotheca Pública Pelotense*, conforme Tabela 1. No entanto, faz-se a ressalva de que este número não corresponde ao número efetivo de páginas, tendo em vista o fato de ser prática corrente haver muitas páginas não numeradas (como as que continham fotografias, alguns reclames e etc.) e em alguns casos não se tem certeza se estão faltando páginas ao final nos exemplares consultados. Assim, o número de páginas diz respeito à última página numerada que os exemplares analisados contêm.

Tabela 1 - Número de páginas das edições dos *Almanachs de Pelotas* no acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Ano	Nº de páginas
1913	144
1914	238
1915	256
1916	250
1917	268
1918	264
1919	298
1920	333
1921	315
1922	313
1923	363
1924	304
1925	300
1926	269
1927	226
1928	230
1929	212
1930	218
1931	188
1932	184
1933	166
1934	180
1935	168

Fonte: pesquisas da autora

Pelo número de páginas nota-se que os anos de maior desenvolvimento da publicação, em termos de quantidade de conteúdo, concentram-se entre os anos de 1919 e 1926. Tal período parece coincidir com o momento de maior pujança da cidade, pois o maior número de páginas, muitas vezes, se deu pelo maior número de reclames, logo, de anunciantes com recurso para investir.

Da mesma forma que os demais almanaques, o *Almanach de Pelotas* tinha grande apelo popular, contendo assuntos e seções variadas, circulando

naturalmente entre os pelotenses como item partícipe do seu cotidiano (LIMA e MICHELON, 2010, p.634). Foi um produto criado para ser companheiro dos leitores, uma espécie de calendário-agenda, sendo que esta intenção aparece claramente no prefácio da primeira edição do *Almanach*, através do seguinte texto:

[...] o certo é que, debaixo de aspectos diversos, o *Almanach* implantou-se nos costumes, faz hoje parte de todas as *Bibliothecas* e raro é aquelle que o não leia ou por curiosidade ou desfastio. Em regra, sem grandes pretensões, elle busca apenas, com uma modestia tocante e symphatica, tornar-se util, e quase sempre o consegue. É elle, leitor amigo, quem te indica o santo do dia, se ainda conservas intactas as tuas velhas crenças cathólicas, é elle quem te annuncia as phases da lua e as revoluções do tempo, indo até o excesso de amabilidade de dizer-te quando deves plantar os feijões e podar as vinhas; é elle ainda quem te lembra o cumprimento dos teus deveres de cidadão e dos teus encargos de contribuinte, e, para amenisar-te os ócios de **chefe de família** e de **homem de trabalho**, entremeia tudo isso de pilherias e facecias, de receitas culinarias e de charadas e logogriphos, de maximas e reflexões moraes – sempre proveitosas – de aneddotas e dictos celebres. (Paradeda, Florentino. Prefácio *ALMANACH DE PELOTAS*, 1913, p. 3, grifo nosso)

Além da informação de que somente homens compunham a direção da publicação, a transcrição acima permite vislumbrar um possível público prioritário para esta publicação: o masculino. Este trecho do prefácio de sua primeira edição (primeiro contato do leitor com o produto que surgia e então se lançava ao público pretendido), em 1913, no qual o articulista apresenta o periódico, se faz insuspeito o direcionamento valorativo ao masculino: “o chefe”, “o homem”, além de conter inúmeros aspectos concernentes aos papéis de gênero, que indicam a linha editorial da publicação. O homem é posto na liderança da família e explicita-se que é ele quem “trabalha”, subentendendo uma referência ao trabalho remunerado e fora do lar. O explícito “tom masculino” da publicação, que permite desenhar este público principal, também está evidente em outros dados analisados ao longo desta pesquisa e tema de capítulos seguintes, como a observação do espaço dado às mulheres em representações de ilustrações, fotografias e assinatura de textos.

A dita popularidade dos *Almanachs de Pelotas* poderia ser atestada pelos números de tiragem, e embora durante a investigação desta tese não se tenha encontrado dados relativos a isto, Marroni (2008, p. 214), em sua pesquisa, garante que o referido título foi o mais famoso da cidade, dentro da tipologia de publicação almanaque, justamente por ter sido o de maior volume de produção. Mesmo que não embasada em termos numéricos, informação neste sentido ainda pode ser induzida pelo prefácio do *Almanach* de 1919 (p. 4), o qual, já em seu sétimo ano, confirma a intensa procura pelo mesmo. O texto diz o seguinte:

[...] consignamos, com particular satisfação, o facto de, ainda que augmentadas de anno para anno, as edições do *Almanach de Pelotas* terem sido exgottadas umas e quase outras, o que significa a acceitação obtida pelo *Almanach de Pelotas*, traduzida ainda no augmento crescente daquelles que annunciam em suas paginas. É com esta acceitação e com auxilio dos honrados industrialistas e commerciantes locaes que contamos para proseguir e vencer.

Com relação ao valor de venda dos exemplares, foram encontrados alguns indícios. No próprio periódico, em 1916, foi veiculado um anúncio (Figura 4) ofertando tanto os *Almanachs* quanto os valores para se anunciar em suas páginas. Nele consta que o valor do exemplar, em Pelotas, era de mil e quinhentos réis e enviado pelo correio o mesmo seria acrescido de trezentos réis. Já para anunciar em uma página inteira mais o recebimento de dez exemplares, sairia por trinta mil réis, ou seja, comprar um exemplar era vinte vezes mais barato do que a opção de anunciar e ganhar alguns fascículos, situação que permite crer tratar-se de um artigo barato e, assim, acessível à grande parcela da população. No prefácio da edição de 1917, há a informação de que, devido às consequências da guerra (que triplicou o valor do papel, bem como da mão de obra), o preço do volume do *Almanch* teve de ser aumentado para dois mil réis (*ALMANACH DE PELOTAS*, 1917, p. 3). Este valor, no entanto, ainda é acrescido, pois para o ano de 1921 o mesmo foi anunciado pela Livraria Universal (Figura 5), na revista *Ilustração Pelotense*, pelo valor de três mil réis.

Figura 4 – Reclame do Almanach de Pelotas contendo seu valor

Almanach de Pelotas

→ Variedades — Informações — Propaganda ←

Direção : FERREIRA & C.

Corresp. Gerencia Diario - Pelotas

Até 31 de julho de 1916, recebem-se originaes de anuncios para a edição de

1917 - 5º ANNO

nas condições seguintes :

Anuncio de 1 pagina, com 10 exemplares	30\$000
» » 1/2 » » 5 »	18\$000
» » 1/4 » » 2 »	10\$000
Annuncios de 1 ou 2 linhas nos pés de paginas, cada grupo de 10 anuncios, com 2 exemplares	30\$000
Annuncios em tinta ou papel de côr, 1 pag. com 10 exemplares	40\$000

Preço do exemplar em Pelotas . . . 1\$500

Pelo Correio 1\$800

Preços para revendedores pelo que se ajustar

Fonte: *Almanach de Pelotas*, 1916, p.163. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Figura 5 – Reclame Revista Illustração Pelotense com o valor do Almanach

ALMANACHS PARA 1921

Almanach Bertrand — Coordenado por Fernandes Costa, contendo grande copia de materia literaria e recreativa, muito atrahente, como os annos anteriores	3\$000
Almanach de Pelotas — variedades, informações e propaganda. Organizado por Florentino Parodiola, capa em trichromia com mais de 30 clichês de pagina	3\$000
Almanach do Criador e Agricultor Rio-Grandense , que inicia pela primeira vez a sua publicação, sendo annualmente uma fonte de inegotaveis assumptos que não só vira a interessar aos agricultores e criadores como a todo aquelle que queira conhecer o desenvolvimento das industrias Agro-Pecuarias do Rio Grande do Sul. Um volume com perto de 300 paginas	3\$000
Almanach das Senhoras — Collaborado pelos principaes escriptores de Portugal, Brasil, França, etc. Ampliado com differentes tabelas, receitas, aneddotas humoristicas, charadas, enigmas e logogriphos etc, etc.	3\$000
Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro — adornado de gravuras, enriquecido com muitas materias de utilidade publica	3\$000
Apontamentos Diarios — util e indispensavel para uso dos negociantes, banqueiros, capitalistas, medicos, advogados, industrias, proprietarios, etc.	9\$000
Memorial Fluminense — tambem de utilissima e indispensavel publicação	5\$000

Livraria Universal
Echenique & Comp.
PELOTAS

Fonte: *Illustração Pelotense*, 1º de abril de 1920, ano II, n.7, p.3. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Para o preço do exemplar do ano de 1916 buscou-se fazer uma equivalência de réis, moeda da época, para reais. Embora não se possa chegar a um resultado exato, para se ter uma base, percebe-se o periódico como equivalente ao preço de um quilo de café o qual, hoje, varia entre vinte a cinquenta reais, sendo trinta e cinco reais a média, valor atual de um livro simples, sem muitas páginas e sem muitas imagens. Tomando-se o caso do valor para o ano de 1921, vê-se que ele custava o mesmo em relação aos demais almanaques anunciados no mesmo reclame (advindos de outras cidades do país e, inclusive do exterior, com evidência para Portugal). Já em outro anúncio encontrado na *Illustração Pelotense* (1920, n.7, p.1 e p.16), o seu preço equiparava-se aos dos livros mais baratos de literatura francesa e situava-se num valor médio dentro das opções de revistas de moda, todos ofertados pela Livraria Universal.

O reclame de 1916 do *Almanach de Pelotas*, por conter o preço para os casos em que o exemplar fosse enviado pelo correio, permite supor uma abrangência da publicação extrapolando os limites do município. Tal hipótese ganha força ao se observar, por exemplo, que o *Almanach* de 1919, após o conteúdo Indicador (uma lista de profissionais e estabelecimentos da cidade), destina um espaço específico para outra localidade através do “Indicador da cidade de Jaguarão”. Pelos fatos expostos vislumbra-se que os *Almanachs de Pelotas* atingiam toda a zona sul do Estado.

Este periódico, após o nome *Almanach de Pelotas*, assinava “Propaganda, Informações úteis, Variedades”, de 1913 a 1915 e, a partir de 1916 até 1935, a ordem dessas palavras mudou para “Variedades, Informações, Propaganda”, funcionando como um complemento do título da publicação e fornecendo indícios do seu conteúdo. Embora haja muitas variações, no geral, os *Almanachs* iniciavam com o que se compreendeu denominar páginas introdutórias, seguidas das seções Variedades, Propaganda e Informações.

As páginas introdutórias – ao início ou ao fim das mesmas – costumavam ter a fotografia de alguma figura ilustre (Figura 6 e Figura 7), seguida do prefácio (que apresentava a publicação e aquela edição específica, vangloriando o empenho dos editores na confecção do periódico bem como o desenvolvimento e feitos de seus cidadãos) e algumas várias páginas contendo, em todas as edições, o calendário de cada mês, com indicações das fases da lua, dias santos e feriados (Figura 8). Em muitas edições, junto ao calendário de cada mês, seguia-se uma página com linhas em branco, para anotações dos usuários – configurando uma espécie de agenda – comuns neste tipo de impresso, como visto no subcapítulo 1.1, agregando-lhe o caráter de consulta diária. Estas páginas com espaços para notas dos leitores, eram denominadas *Memorandum*. Este recurso foi inserido na edição de 1914 (sendo, no entanto, escolhida uma imagem de 1926 com notas feitas a mão pelo leitor – Figura 9), permanecendo até 1930, sendo que o mesmo, no seu primeiro ano de aparição, inclusive foi apresentado no prefácio como inserção

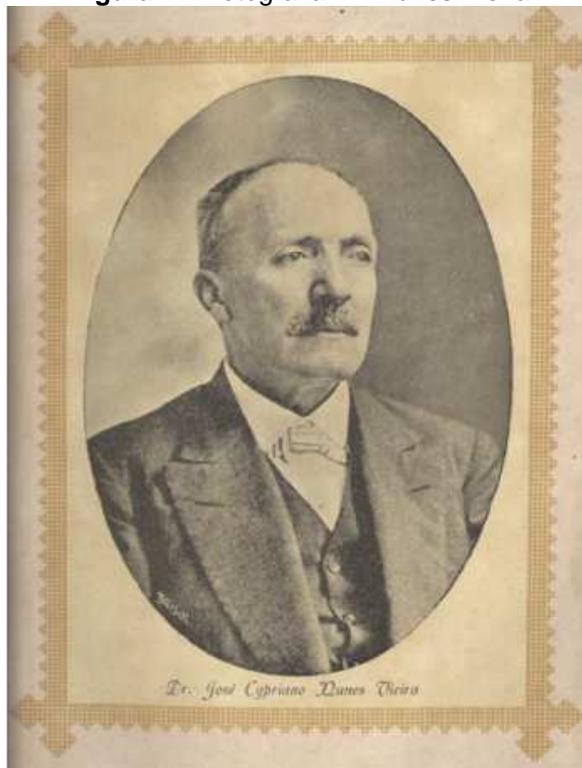
de folhas em branco para notas. Nas páginas introdutórias também havia a inclusão de textos e de outras fotografias.

Figura 6 – Fotografia Dr. Cypriano Barcellos



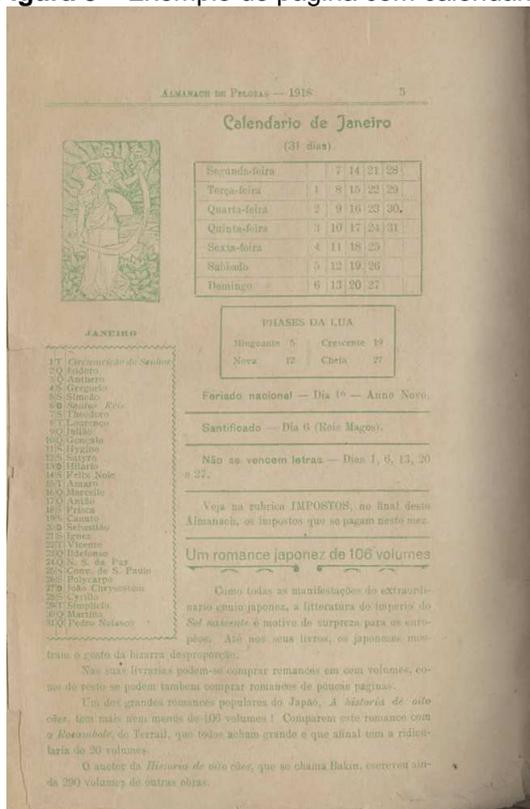
Fonte: *Almanach de Pelotas* 1913, p.37. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Figura 7 – Fotografia Dr. Nunes Vieira



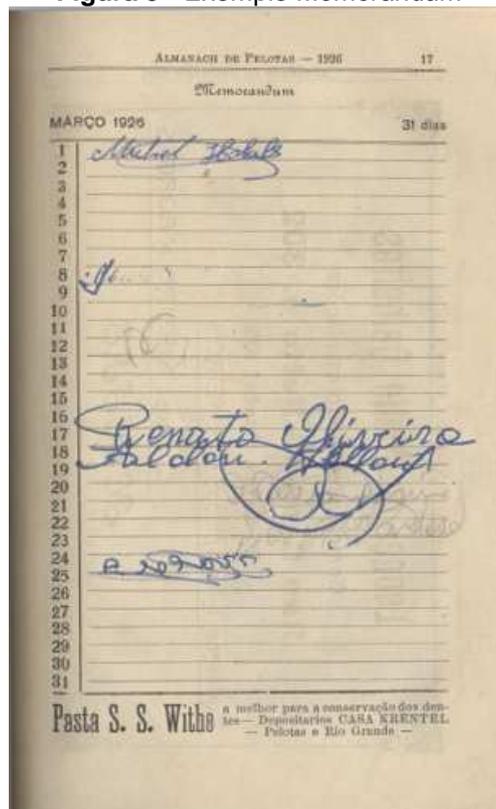
Fonte: *Almanach de Pelotas* 1919, s.p., antes da p.1. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Figura 8 – Exemplo de página com calendário



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1918, p.5. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Figura 9 - Exemplo Memorandum



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1926, p.17. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Na seção Variedades, a mais extensa, incluíam-se textos e informações diversas, textos literários, de curiosidades, de guerra, charadas, poesias, receitas e etc. Era neste espaço que se encontravam os temas com cunho de entreter e/ou instruir, exemplificados a partir das figuras abaixo.

Figura 10 – Conteúdo seção Variedades



Fonte: Almanach de Pelotas 1916, p.102 e p.103. Acervo da Bibliotheca Pública Pelotense.

Figura 11 – Outros exemplos de conteúdo da seção Variedades



Fonte: Almanach de Pelotas 1920, p.82 e s.p.. Acervo da Bibliotheca Pública Pelotense.

A seção Informações, por sua vez, continha o Indicador (uma listagem de estabelecimentos, profissionais e serviços em ordem alfabética em uma configuração semelhante às páginas amarelas de listas telefônicas de hoje). A subdivisão Indicador aparece pela primeira vez no ano de 1915 (Figura 12) e esteve presente até a edição de 1926. Além deste espaço, a seção Informações continha dados relativos à orientação e organização da vida prática dos seus leitores, contendo taxas de correios e telégrafos, horários de trem, impostos a serem pagos em cada mês do ano corrente, impostos de selo, serviços municipais (como de limpeza, de água e de esgoto), câmbio e valores de moedas, informações para pecuaristas e agricultores (como taxas pluviométricas, tabelas para épocas de plantio, de colheita e fases da lua) e etc. Exemplos de páginas com este tipo de informação encontram-se abaixo.

Figura 12 – Exemplo de página do Indicador

ALMANACH DE PELOTAS — 1915 — 183

Impostos, excluindo o vinho de uva, cujo grau alcoholico é elevado pela
qualidade do uvaçuca:

Por litro.....	18200
Por garrafa.....	8500
Por meia garrafa.....	4100

§ 3º

Fabricantes de vinhos artificiaes, pagaria, em qualquer localidade, a
taxa fixa de Rs. 50.000.000.

Indicador de Pelotas

Organizamos para esta edição do *Almanach de Pelotas* um indica-
dor, que se destina a prestar bom auxilio ao publico, embora incompleto.
Na subsequente edição do *Almanach de Pelotas*, elle abrangera ou-
tras indicações, não menos indispensaveis.

Médicos

NOMES	RUAS	N.º
Dr. Pedro Franz.....	Payanadô	791
Dr. Ariano Curvalho.....	Marochal Deodora	402
Dr. Francisco José Reis de Araújo.....	"	620
Dr. Catão dos Santos Silva.....	"	704
Dr. José Cypriano Nunes Vieira.....	General Osorio	816
Dr. Alvaro de Faria Estor.....	"	467
Dr. Joaquim Esquivel.....	"	753
Dr. José Bragança.....	"	697
Dr. Arnaldo Meneses.....	"	721
Dr. Francisco Simões Lopes.....	Andrade Neves	702
Dr. Francisco Ferreira Velloso.....	"	712
Dr. Francisco de Paula Gonçalves Moreira.....	"	759
Dr. José Botelho.....	Felix da Cunha	717
Dr. Cassio Braga.....	Andrade Neves	824
Dr. João da Silva Silveira.....	"	471
Dr. Pompeu Mascarenhas de Sousa.....	15 de Novembro	563
Dr. Pedro Turi.....	Traço de Republica	54
Dr. Balduino Balreira.....	15 de Novembro	755
Dr. José Maria Moreira.....	General Victorino	501
Dr. Luis Pereira Lima.....	Felix da Cunha	252
Dr. Domingos Alves Requinô.....	"	244
Dr. Aulero Victoriano Letras.....	15 de Novembro	464
Dr. Eduardo Eneolino Gomes.....	Felix da Cunha	656
Dr. Vicente Cypriano da Maia.....	"	653
Dr. Ricardo H. Bravinski.....	"	795
Dr. Edmund Berchon des Essarts.....	Guayves Chaves	719

Fonte: *Almanach de Pelotas* 1915, p.183. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Figura 13 – Página com tarifas de telégrafos

OS TELEGRAPHOS DO BRAZIL
Tarifa por palavra para o serviço interior da União

ESTADOS	Rio Grande do Sul	Santa Catharina	Paraná	São Paulo	Rio de Janeiro	Mineiro Góias	Ceará	Maranhão	Pernambuco	Alagoas	Sergipe	Bahia	Piauí	Pernambuco	Piauí	Rio Grande do Norte	Ceará	Pernambuco	Maranhão	Pernambuco			
Rio Grande do Sul	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100		
Santa Catharina	200	100	200	200	200	200	200	200	200	200	200	200	200	200	200	200	200	200	200	200	200	200	
Paraná	300	300	100	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300
São Paulo	400	400	400	100	400	400	400	400	400	400	400	400	400	400	400	400	400	400	400	400	400	400	400
Rio de Janeiro	500	500	500	500	100	500	500	500	500	500	500	500	500	500	500	500	500	500	500	500	500	500	500
Mineiro Góias	600	600	600	600	600	100	600	600	600	600	600	600	600	600	600	600	600	600	600	600	600	600	600
Ceará	700	700	700	700	700	700	100	700	700	700	700	700	700	700	700	700	700	700	700	700	700	700	700
Maranhão	800	800	800	800	800	800	800	100	800	800	800	800	800	800	800	800	800	800	800	800	800	800	800
Pernambuco	900	900	900	900	900	900	900	900	100	900	900	900	900	900	900	900	900	900	900	900	900	900	900
Alagoas	1000	1000	1000	1000	1000	1000	1000	1000	1000	100	1000	1000	1000	1000	1000	1000	1000	1000	1000	1000	1000	1000	1000
Sergipe	1100	1100	1100	1100	1100	1100	1100	1100	1100	1100	100	1100	1100	1100	1100	1100	1100	1100	1100	1100	1100	1100	1100
Bahia	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	100	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200
Piauí	1300	1300	1300	1300	1300	1300	1300	1300	1300	1300	1300	1300	100	1300	1300	1300	1300	1300	1300	1300	1300	1300	1300
Pernambuco	1400	1400	1400	1400	1400	1400	1400	1400	1400	1400	1400	1400	1400	100	1400	1400	1400	1400	1400	1400	1400	1400	1400
Piauí	1500	1500	1500	1500	1500	1500	1500	1500	1500	1500	1500	1500	1500	1500	100	1500	1500	1500	1500	1500	1500	1500	1500
Rio Grande do Norte	1600	1600	1600	1600	1600	1600	1600	1600	1600	1600	1600	1600	1600	1600	1600	100	1600	1600	1600	1600	1600	1600	1600
Ceará	1700	1700	1700	1700	1700	1700	1700	1700	1700	1700	1700	1700	1700	1700	1700	1700	100	1700	1700	1700	1700	1700	1700
Pernambuco	1800	1800	1800	1800	1800	1800	1800	1800	1800	1800	1800	1800	1800	1800	1800	1800	1800	100	1800	1800	1800	1800	1800
Maranhão	1900	1900	1900	1900	1900	1900	1900	1900	1900	1900	1900	1900	1900	1900	1900	1900	1900	1900	100	1900	1900	1900	1900
Pernambuco	2000	2000	2000	2000	2000	2000	2000	2000	2000	2000	2000	2000	2000	2000	2000	2000	2000	2000	2000	100	2000	2000	2000

SERVIÇO INTERIOR TER ANO A TER DE 100 ANOS POR TELEGRAMA

Fonte: Almanach de Pelotas 1914, p.127. Acervo da Bibliotheca Pública Pelotense.

Figura 14 – Página com serviços municipais

ALMANACH DE PELOTAS — 1915 163

Serviços Municipaes

A seguir damos as condições e os preços dos serviços de :

== ASSEIO ==

Serviço obrigatorio, mediante as seguintes taxas, COBRADAS por trimestres, adeantadamente, DOS RESPECTIVOS PROPRIETARIOS :

1ª CLASSE
Retirando-se o cubo duas vezes por semana, 78500 por trimestre.

2ª CLASSE
Retirando-se o cubo tres vezes por semana, 128000 por trimestre.

3ª CLASSE
Retirando-se o cubo diariamente, 158000 por semestre.
Para mais de um cubo na terceira classe será feito o abatimento de 20 % no total.

== AGUAS SERVIDAS ==

Retirando-se um cubo diariamente, 48000 por trimestre.
Para mais de um cubo será feito o abatimento de 20 %.

Nos domicilios denominados cortiços e nos portões, os respectivos proprietarios serão responsaveis pelo pagamento das taxas desses serviços.

A cobrança é effectuada por trimestre adeantadamente. A zona do serviço obrigatorio é limitada pelo rio S. Dionacio e arroio Santa Barbara, por esse arroio até a Moimboa Cezar e por esta até os trilhos da Companhia Franzeza, por estes até a avenida 20 de Setembro, por esta até o arroio Santa Barbara, por este até a rua Marcellio Dias, por esta até a dr. Cassiano, por esta até a Manduca

EURETHMINE DETHAN tem effeito prodigioso contra qualquer dôr 86

Fonte: Almanach de Pelotas 1915, p.163. Acervo da Bibliotheca Pública Pelotense.

Figura 15 – Página com impostos a serem recolhidos

168 ALMANACH DE PELOTAS — 1916

IMPOSTOS

Durante o anno de 1916 pagam-se os seguintes impostos :

Na Intendencia Municipal

JANEIRO

Do dia 15 a 31, paga-se o imposto de commercio localisado (agencias, armazens, alfaiatarias, açougues, barracas, barbeiros, bancos, companhias, casas de vendas a varejo, importadoras e exportadoras, cafes, cigarrarias, cortumes, confeitarias, cocheiras, depósitos, escriptorios, estabulos, engraxatarias, estaleiros, hotéis, kiosques, lojas de qualquer especie, livrarias, modistas, moinhos, pharmacias, padarias, typographias, restaurantes, serrarias, siqueiros, tavernas de qualquer especificação, trapiches, tinturarias e xarqueadas, hem como todas as fabricas e officinas).

Profissões (guarda-livros, despachantes, agentes, correctores, commissarios, advogados, medicos, parteiros, engenheiros, notarios, gerentes, directores, etc.); Industria pastoril (por cabeça de gado vacuno, cavallo ou mular).

Transporte terrestre (automoveis, carros, carroças, carrretas, carrocinhas, etc.)

Aferição de pesos e medidas (balaças, medidas de cereas, de liquidos e lineares).

FEVEREIRO

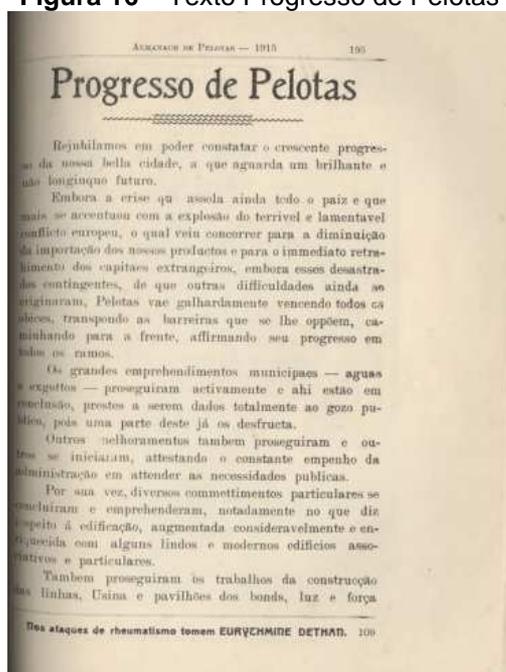
Pagam-se os impostos de : Fabricas de linguas, mangueiras de aluguel para encerrar tropas e xarqueadas ; Profissões (as mesmas indicadas no mez de janeiro). Industria pastoril (o mesmo indicado no mez de janeiro). Transporte terrestre (o mesmo indicado no mez de janeiro).

(85) **Contra a gripe, a influenza, as febres, tomem**
Eurethmine Dethan

Fonte: Almanach de Pelotas 1916, p.188. Acervo da Bibliotheca Pública Pelotense.

Na repartição Propaganda, as páginas dedicavam-se não à propaganda publicitária, mas à propaganda da cidade e de seus sujeitos que empreendiam grandes benesses para a mesma. Nesta parte, eram recorrentes textos com título Progresso de Pelotas, Pelotas na *actualidade*, Vida da cidade e Pelotas *resurge*, por exemplo, compreendendo assuntos relativos ao desenvolvimento do município, muitas vezes ilustrados com fotografias. Outros temas de artigos nesta seção eram figuras ilustres e estabelecimentos pios ou de grande vulto comercial ou industrial, conforme ilustrado a seguir.

Figura 16 – Texto Progresso de Pelotas



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1915, p.195.
Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 17 – Texto Vida da cidade



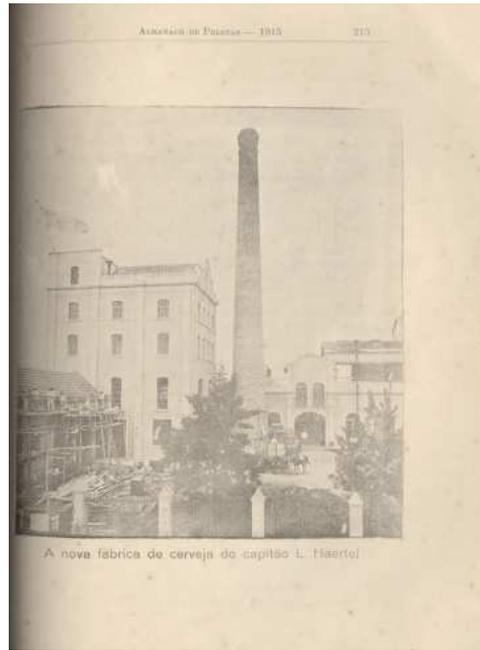
Fonte: *Almanach de Pelotas* 1926, p.232.
Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 18 – Matéria sobre a *Fabrica Haertel*



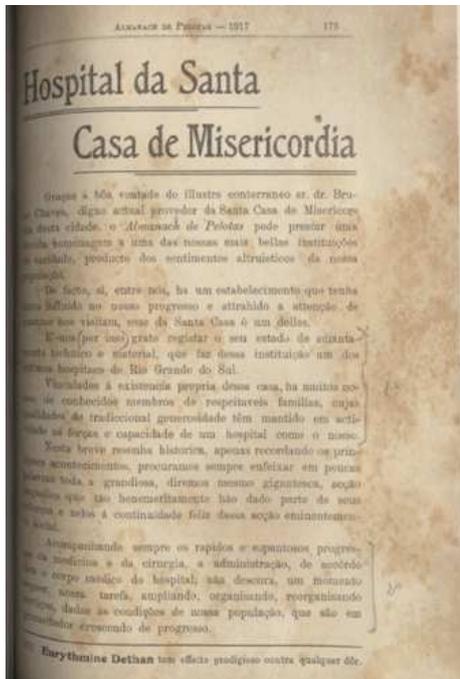
Fonte: *Almanach de Pelotas* 1915, s.p., entre p.211 e p.215. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 19 – Fotografia da matéria sobre *Fabrica Haertel*



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1915, p.215. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 20 - Matéria sobre o hospital Santa Casa de Misericórdia



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1917, p.175. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 21 - Fotografia da matéria sobre o hospital Santa Casa de Misericórdia



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1917, s.p., entre p.178 e p.179. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Estas três seções começam a aparecer de forma mais definida no ano de 1915 – quando passam a ser setorizadas e organizadas por uma espécie de capa contendo título da seção – permanecendo até o ano de 1926, pois no ano seguinte as seções Variedades e Propagandas formam uma única grande repartição dentro do periódico, sendo extinta a seção Informações, bem como o seu conteúdo (taxas, impostos, horários). Tal supressão de conteúdo pode indicar uma mudança de perfil da publicação para algo mais relacionado a entretenimento, instrução e ainda mais ênfase na propaganda dos progressos de Pelotas, não mais tendo demanda para as informações que lhe transformavam em espécies de guias consultivos orientando a vida prática dos leitores. Quando as três seções aparecem bem delimitadas a sequência de apresentação, no interior de cada edição, respeita sempre Variedades em primeiro, porém, entre Propaganda e Informações não há padrão.

Outro elemento percebido nas análises foi o Índice (Figura 22), o qual não se pode atestar se ele está presente em todas as edições, sendo por vezes apresentado nas primeiras páginas e por outras nas páginas finais, ressaltando-se que os exemplares analisados, por possuírem uma encadernação feita apenas para acondicionamento, não permite que se avalie se eles possuem todas as folhas. No entanto, a primeira e a última edição, e várias dentro deste intervalo, possuem tal recurso de identificação de conteúdo.

Figura 22 – Exemplo de Índice



Índice	
Prefácio	3 a 4
Calendários	5 a 27
Impostos	29 a 35
Dr. Cyrillano Bardeles	37 a 39
Correios	41 a 43
Pelotas na actualidade	45 a 49
Falão do anno	51 a 55
Cheques bancarios	55 a 59
Preconeito	59
Télographos	61 a 65
A Virgem Maria da Conceição	69
Bandeira do Brasil	71
O dr. Dumilo	73 a 85
Das ideias e sensações de Ed- mond e Jules Goncourt	85
Alma da Luz	87
Quando eu morrer	89
O ensaio em Pelotas	91 a 99
As industrias de Pelotas	101 a 113
Preceitos de Moysés	113
O Orphão	115 a 125
Água, Gás e Asseto	127 a 131
A superstição dos numeros	131
Notas a descontar e a recolher	133
Quadra dos equivalentes das mo- edas commerciaes em moedas estrangeiras	135
Estrada de Ferro	137 a 139
Na jornada da vida	139
A logica do Juiz	141

Fonte: *Almanach de Pelotas 1913*, s.p., entre p.142 e p.143. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Embora a seção Propaganda se destinasse à divulgação de uma cidade que se modernizava e dos seus cidadãos que atuavam em prol desta condição, a publicação tinha, nas propagandas publicitárias, uma ênfase bastante considerável. Estes anúncios, inúmeros, disseminavam-se ao longo do periódico, apresentando-se no início da publicação, intercalados ao conteúdo das páginas introdutórias – junto aos calendários e *Memorandum* –, segmentados em blocos nos quais se sucediam várias páginas dedicadas exclusivamente a eles, antecedendo cada uma das três seções (Variedades, Propaganda e Informações) quando estas se configuraram de forma mais delimitada com inserção de espécies de folhas de entrada com título e no final da publicação. Eles apareciam, ainda, em espaços inusitados e diminutos como rodapés e, inclusive, nas capas da publicação, integrando uma diagramação, por vezes, confusa. Estes últimos dois casos são exemplos nos quais os reclames não aparecem isolados nas páginas destinadas apenas a eles, permitindo uma maior aproximação entre eles e demais conteúdos do

periódico. O número de reclames, nas 23 edições – contabilização e sistematização que configurou grande parte da presente pesquisa – somou um total de 4107, assunto e atividade melhor discorridos no capítulo 3.

Como dito, os reclames, além de perpassarem por diferentes seções, ocupavam muitas páginas, tendo em vista o financiamento dos *Almanachs*. Como já transcrito em trecho do prefácio de 1919 (página 70) os editores contavam com auxílio dos donos de indústrias e de comércios, claro que como anunciantes, para manutenção e sucesso da publicação. Em inúmeros de seus editoriais, por exemplo, é possível encontrar expresso que os editores não visavam lucro com as publicações, reclamações com relação ao valor crescente dos insumos necessários para a sua produção e, em consequência destes dois fatores anteriores, a incansável luta por manter o *Almanach* em circulação. Com tais fatos, os anúncios devem ter desempenhado um papel fundamental para a sobrevivência do periódico.

Conforme exposto, pelas seções e conteúdos de cada uma delas, nota-se, então, que os *Almanachs* continham desde questões relacionadas à vida prática até aquelas mais ligadas à cultura, ao lazer e ao entretenimento. Nele encontravam-se calendário, agenda com espaços para anotações do leitor (seção *Memorandum*); taxas de correios e telégrafos; datas de pagamentos de impostos; horários de trem; informações meteorológicas; receitas; charadas; piadas; poesias; contos; textos ligados a fatos históricos e da atualidade, sobre personalidades, personagens e vida social e cultural; textos sobre estabelecimentos da cidade (indústrias e comércios – que destes funcionavam como eficientes propagandas –, e instituições como hospitais e asilos); lista de classificados e etc., demonstrando-se um rico suporte de memória, à medida que através dele é possível traçar-se um panorama da economia da cidade, dos hábitos, costumes, atividades dos cidadãos de um segmento social. Para Marroni (2008, p. 134), os *Almanachs de Pelotas*, ao se designarem como fontes de informação e entretenimento, foram responsáveis por desenvolver o hábito de leitura, valorizando e qualificando esse processo, reconfigurando os espaços e as maneiras de ler e se informar. No entanto, nesta publicação, o

maior objetivo (inclusive expresso em palavras de inúmeros prefácios) era promulgar o progresso da cidade, o trabalho e os grandes feitos de seus cidadãos.

Em sua pesquisa, Michelin (2001, p. 30 e p.33) caracteriza que os *Almanachs de Pelotas* contêm muitas fotografias impressas, desde retratos até os registros da cidade e dos seus progressos, sendo estes últimos constitutivos do seu tema prioritário, justamente, devido ao seu maior objetivo. O grande uso de imagens fotográficas para ilustrar as suas páginas era constantemente referenciado em seus prefácios (através da exaltação do uso de clichês) e, também, em outras fontes, como *Diário Popular* e *Ilustração Pelotense*, funcionando como índices de valorização da publicação. A ênfase na cidade, segundo a autora, fica mais claramente delineada quando a direção fica a cargo exclusivo de Paradedda, embora anteriormente já se encontre direcionamento neste sentido.

No prefácio de 1914, por exemplo, é dito que “as suas varias secções – de propaganda de Pelotas, que é o principal escopo desta publicação”, enfatizando que o mesmo não se destinava apenas “a um fim commercial, mas, como já ficou dito acima, á divulgação dos progressos que se forem verificando nesta bella cidade e futuroso e rico município” (*ALMANACH DE PELOTAS*, 1914, p. 3 e p. 4). Este objetivo principal sobreviveu ao longo de toda existência do periódico, na medida em que, na sua última edição (mesmo que seu último suspiro não esteja evidenciado, possivelmente porque tal infortúnio não fosse previsto) o mesmo está explicitado, conforme se pode ler:

[...] Com este volume marcamos 23 annos de publicidade, consagrada á propaganda de Pelotas, atravez a divulgação dos commettimentos progressistas das suas administrações e aquelles outros de iniciativa particular, de que sempre deram copiosos exemplos os filhos desta terra, e aos quaes exaltamos, como bem mereceram (*ALMANAQUE DE PELOTAS*, 1935, p.3).

Este escopo ao qual se propôs a publicação, para Michelin (2001, p. 36), é o que a singulariza face às semelhanças e diferenças com relação aos demais periódicos do gênero. A autora desenvolve dizendo que:

[...] o traço singular do *Almanach de Pelotas*, [...] é o assumido propósito de propagandear a cidade. Evidentemente, falava-se da cidade dos intendentos laboriosos, dos grandes projetos, das incansáveis melhorias, do contínuo aformosamento, do progresso visível (quase tangível) nas inúmeras imagens de benfeitorias, prédios, ruas e jardins. Uma cidade imaginada, no sentido mais puro da expressão, tornada imagem, para que, através dessa, viesse a ser autenticada, tornada presente, corporificada e, por fim, não fosse esquecida.

Este propósito tão evidente ao se folhear os *Almanachs* fez com que a necessidade de traçar o seu contexto de veiculação tivesse dupla função: a primeira, localizar o cenário de circulação do impresso para, assim, compreendê-lo dentro de uma esfera mais ampla e, a segunda, dar conta de um conteúdo que lhe era tão caro. Por isso, esse é o tema que inicia, então, o capítulo 2, considerando-se o que era publicado pelos *Almanachs* e aquilo que não tinha espaço em suas páginas.

Em relação ao conteúdo da publicação, após observado de maneira um pouco mais ampla, neste momento do trabalho considerou-se pertinente transcrever as impressões dos *Almanachs de Pelotas* obtidas quando da elaboração do caderno de campo, uma das primeiras etapas metodológicas da investigação. Ao final de cada edição, a pesquisadora elaborava uma ideia geral acerca do mesmo, no tangente ao tipo de conteúdo, reclames e outros aspectos considerados curiosos ou interessantes. Ao trazer isso ao texto, crê-se ampliar as possibilidades como uma pesquisa qualitativa.

Na primeira edição, em 1913, interpretou-se o mesmo como extremamente voltado para o público masculino, tanto nos textos (nenhum menciona o público feminino), quanto nos anúncios. Inclusive é deste ano o prefácio dirigido explicitamente ao chefe de família e homem de trabalho. Poucos anúncios direcionam-se para as mulheres, sendo encontrado apenas

um que aponta de forma específica para elas que foi o “A saúde da mulher - Incommodos de Senhoras” (p.142).

Em 1914, detecta-se alguma diferença com relação ao de 1913 (extremamente voltado aos homens), pois começa a haver mais menções às mulheres, tanto em anúncios quanto em textos. Vários textos direcionados a elas: questões voltadas à maternidade, como amamentação dos filhos, moda, higiene da beleza, receitas, entre outros. Destaque para a sequência de anúncios de rodapé, em inúmeras páginas, contendo apenas uma frase, do Eurythmine Dethan. Foi neste ano a inserção do já descrito *Memorandum*.

Para o ano de 1915, aumentaram textos relacionados às curiosidades. Novamente destaque para a sequência de anúncios de rodapé do Eurythmine Dethan (um total de 120 aparições). Nos mesmos moldes, porém em bem menor quantidade, apareceram os anúncios de rodapé dos *Grandes Armazens Herminios*. Os casos de reclames de rodapés são apresentados no capítulo 3.1, na página 339, local específico de apreciação destas ferramentas de propaganda. Há, também, muitas fotografias apresentando os melhoramentos de Pelotas, com ênfase nos progressos relativos aos serviços de água e esgoto, conforme observado no tópico 2.1. Notou-se a numeração de páginas confusa; em alguns casos as páginas com fotografia não são numeradas, por vezes respeitam a sequência de numeração (como se ela tivesse um número) e por outras não. A falta de paginação em algumas folhas prossegue em todas as edições da publicação, tornando-se uma característica recorrente. Lembra-se, ainda, que neste ano está inserido pela primeira vez o conteúdo Indicador.

Na quarta edição, em 1916, repete-se a sequência de anúncios na base das páginas do Eurythmine Dethan e dos *Grandes Armazens Herminios*. Novamente, paginação confusa, através de muitas inserções de folhas não numeradas, como se elas não existissem, pois a numeração segue sem contabilizar estas inclusões. Nas edições anteriores já havia aparecido os serviços de telégrafos e de impostos e, além destes, outra informação de utilidade pública veiculada nesta edição foi o horário da linha férrea do Brasil no Rio Grande do Sul. Abaixo segue figura contendo a página deste serviço, além

apresentação de personalidades da cidade e de imagens sobre as melhorias no município. Estas fotografias vêm em uma folha branca, mais espessa e de melhor qualidade, normalmente sem impressão no verso e sem número de páginas. Além disso, foram encontradas algumas piadas relacionadas aos papéis de marido e esposa, sugestivos para este trabalho com foco nas questões de gênero e representativo dos almanaques como publicações que tinham por objetivo, além de informar, divertir.

Perceberam-se, ainda, alguns textos de cunho patriótico, alinhando-se com os ideais positivistas, bem como a exaltação de valores modernos como urbanização da cidade e os cuidados com higiene, o que é melhor explorado no tópico 2.1. Tanto os melhoramentos municipais quanto estes textos mais patrióticos incutem a ideia de valorização pelos seus locais de origem. Deve-se pensar que, em plena primeira grande guerra, tratava-se, realmente, de um período de reafirmação das nações e isto está presente nos *Almanachs*. De acordo com Park (1999, p. 112-113), este ufanismo nacionalista era uma característica disseminada pelos meios impressos editoriais nas proximidades da década de 1920, quando intensa cobertura foi dada à euforia progressista. O nacionalismo, advindo do modelo estipulado pela Liga Nacionalista, criada em 1917, tinha por propósito tirar o país de um estado dormente e reforçar o caráter nacional.

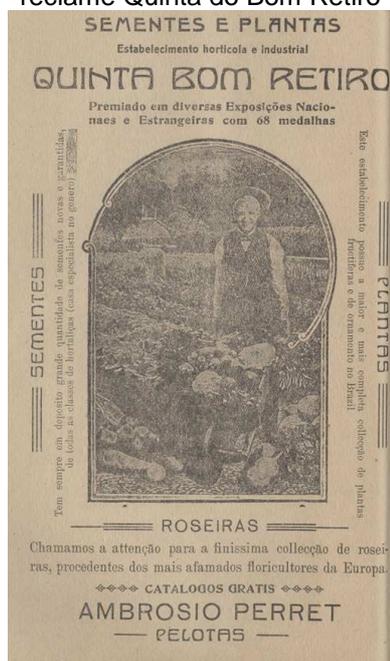
Em 1918, chamou a atenção a presença de ilustrações de mulheres ao lado do calendário de cada mês, algumas clássicas, outras míticas, conforme observável na Figura 8 e conforme é trazido no próximo subcapítulo. Segue a sequência de anúncios do Eurythmine Dethan e dos *Grandes Armazens Herminios*. Há um texto contendo um prognóstico, a partir de coincidências numéricas, de que a guerra terminaria em 1917, confirmando um fascínio já notado nas edições anteriores, sobre coincidências relacionadas a números, bem como charadas e curiosidades envolvendo tal atração. O tema guerra configurava um assunto recorrente, sendo tal fato possível de ser atestado através de Park (1999, p. 62), quem conclui que os almanaques, com objetivo de instruir seus leitores tinham por hábito

[...] recontar as histórias e a história da História porque seus leitores não sabem e para intruí-los sobre o que se passa, o almanaque, ao mesmo tempo, dá-lhes gosto pelo que aconteceu, trazendo, de certa forma, os assuntos inseridos na atualidade.

Já a predileção por números pode justificar-se, pois, como visto no tópico 1.1, os almanaques foram criados numa tentativa de controle do tempo, o qual flui independentemente das ações humanas. Assim, com eixo no tempo e com objetivo de ser um auxiliar no cômputo desse tempo, o contar, o marcar e, em consequência, o trabalho com números (PARK, 1999, p. 41), estes se tornam não só interessantes, mas fundamentais, aparecendo, então, de uma maneira evidente.

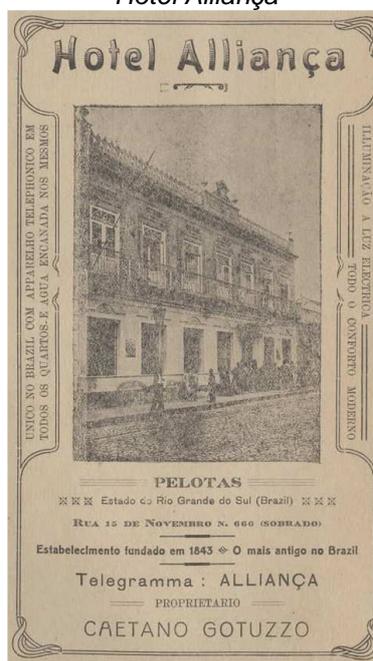
Outro item percebido é a veiculação de maior número de reclames com fotografias, além dos já tradicionais, como *Hotel Alliança* e Quinta do Bom retiro, conforme abaixo. Mais sobre o uso de fotografias em reclames é tecido no capítulo 3.1, nas páginas 355 a 357.

Figura 24 – Exemplo de fotografia no reclame Quinta do Bom Retiro



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1918, p.18. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 25 – Exemplo de fotografia no reclame *Hotel Alliança*



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1918, p.22. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Na edição de 1919, seguiram as ilustrações de mulheres ao lado do calendário de cada mês, as quais prosseguiram até a última edição, com a utilização dos mesmos clichês. Observou-se, ainda, a profusão de anúncios de armazéns de secos e molhados e, não só neste ano, mas mesmo antes, como uma impressão geral, ênfase em produtos importados de outras localidades, como sinônimo de qualidade, fenômeno já percebido quando da pesquisa de mestrado em missão de estudos na cidade de Buenos Aires (LIMA, 2010). Acerca dos reclames, também se notou ênfase em casas de espetáculos e cinemas, as quais ainda não tinham aparecido, como do Polytheama Pelotense e Colyseu Pelotense. Seguem textos de cunho patriótico e outra percepção aplicada às edições anteriores: recorrência de fotografias de residências de pessoas importantes, conforme apresentado no tópico 2.1.

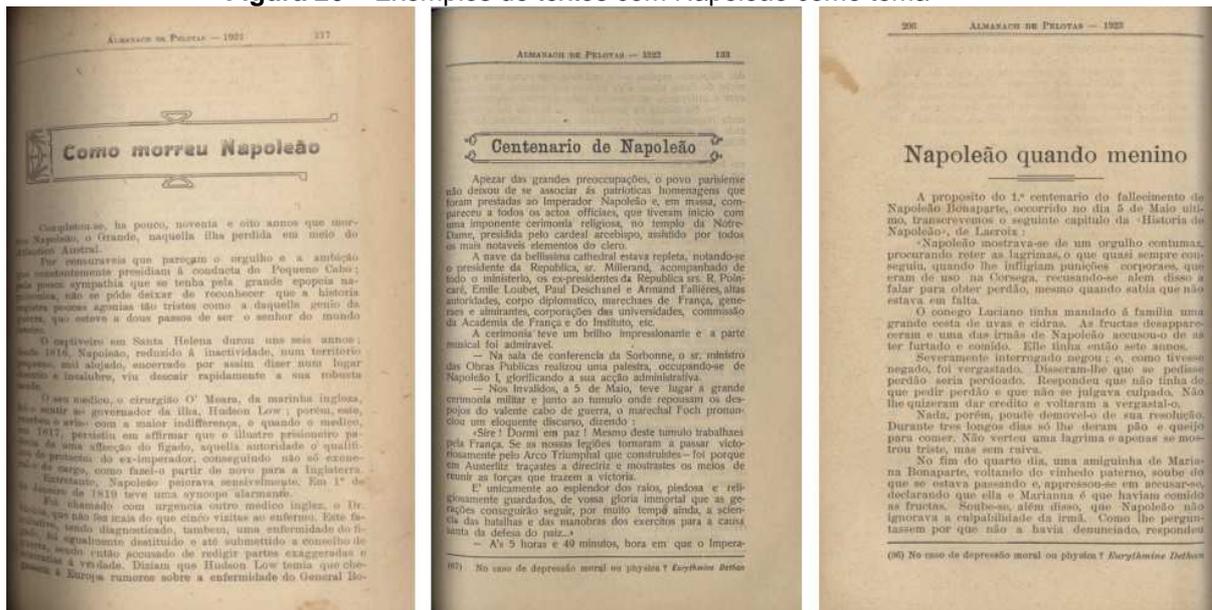
Prosseguindo, no ano de 1920, a edição vem com publicação de charadas, dentro da seção Variedades, mais uma vez confirmado o propósito de divertir e entreter destes artigos de leitura. Muitas fotos impressas em azul (aquelas das páginas em folhas mais espessas e sem paginação); como em 1919, inúmeros anúncios de armazéns de secos e molhados e muitos textos sobre a guerra que tinha acabado de findar. Relacionada a esta edição e também às anteriores, enfatiza-se a percepção já comentada da recorrência de textos com conteúdo histórico, sobre história do Brasil, do Rio Grande do Sul, sobre a guerra, seguindo o ideal desta tipologia de publicação de ter um caráter educativo e de aproximação de repertório entre as pessoas, tudo em prol, é claro, do paradigma positivista. Segue, também, como por vários anos posteriores, a utilização de reclames de uma mesma empresa, nos rodapés de inúmeras páginas.

Na edição de 1921, acredita-se que novos tipos foram comprados para a diagramação dos textos, sendo a variedade dos mesmos, como dos clichês, símbolos de modernidade através da ampliação de recursos técnicos e estéticos. Em termos tipográficos, o *Almanach* de 1921 parece um pouco diferente dos anteriores e, ainda em termos de projeto gráfico, se notou o uso de diagramação de anúncios como se fossem cartões de visita, os quais já

havia aparecido em casos anteriores, mas neste ano saltam aos olhos. Os textos sobre a guerra seguem importantes, havendo nesta edição inúmeras matérias acerca da 1ª Guerra Mundial como: “As vítimas da guerra”, “As cinco batalhas navais da guerra” e “Os animais e a guerra – os que foram aproveitados e os serviços que eles prestaram”.

Nos exemplares de 1922 observou-se uma tendência do uso de frutas para ornamentar as páginas, possivelmente pela aquisição de novos clichês. Há o prosseguimento do uso do recurso de anúncio como se fosse cartão de visita e o conteúdo textual, em artigos, aparece diagramado com tipos maiores. O tema guerra continua como ponto alto, sendo Napoleão um personagem bastante explorado. A recorrência do personagem Napoleão Bonaparte em uma versão pelotense de almanaques, talvez justificava para além, apenas, do interesse na instrução através do conhecimento histórico. Sua presença nas páginas do veículo analisado talvez seja explicada ao se remontar as origens e a disseminação dos almanaques, na França, em cuja localidade, após a Revolução Francesa (na qual Napoleão é a figura mais notória) esta tipologia de publicação é alterada. Os mesmos passam a incorporar as alegorias e os símbolos revolucionários atrelados à ideia de Liberdade, Igualdade, Justiça, Lei e Gênio da República (LE GOFF, 2003, p. 518). Por esses motivos pensa-se ser este fato e figura históricos espécies de pertencas deste gênero de periódico. Personagens como Napoleão e demais figuras importantes de guerra são, também, reflexos do pensamento positivista e castilista orientadores da sociedade naquele período. Como mencionado no subcapítulo 1.1, o Positivismo instaurava nos heróis do passado exemplos de organização. Os textos sobre Napoleão exemplificam-se a partir da Figura 26. No ano de 1922, ainda, há a inclusão de uma seção denominada “Notas Ligeiras”, compostas de textos curtos.

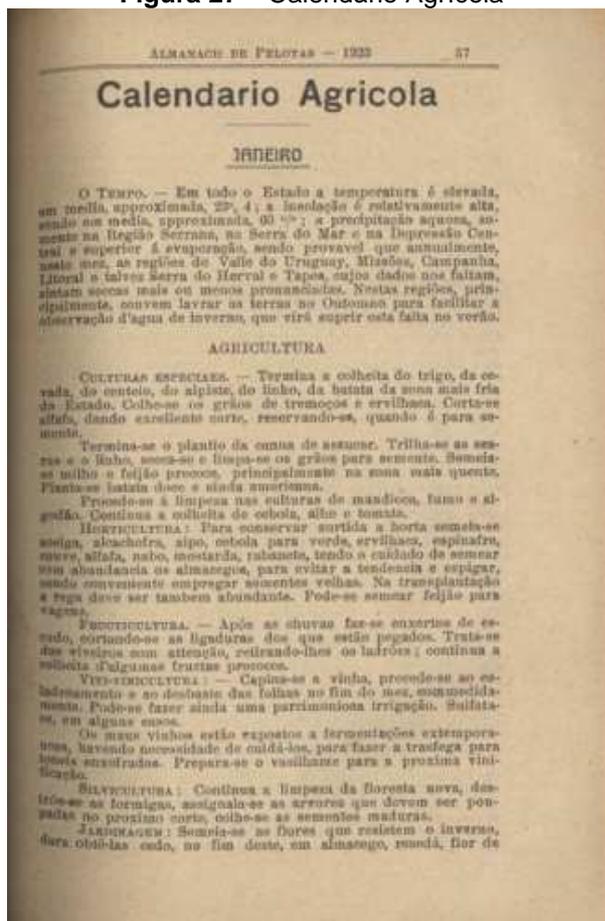
Figura 26 – Exemplos de textos com Napoleão como tema



Fonte: *Almanachs de Pelotas* 1921, p.117; 1922, p.133 e 1923, p.206. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Em seu 11º ano, em 1923, é inaugurado o “Calendario Agricola do Rio Grande do Sul” (Figura 27), conteúdo possivelmente dissidente dos almanachs agrários, surgidos na Itália por volta de 1780, que tinham por objetivo conduzir a agricultura de uma maneira mais racional (PARK, 1999, p. 65). Além disso, justifica-se que tal conteúdo tivesse grande demanda na cidade de Pelotas, pois a mesma deve seu desenvolvimento graças a um lastro rural, com ênfase na cultura do arroz e na produção do charque, conforme abordado no tópico 2.1. Este calendário agrícola trazia orientações para horticultura, fruticultura, viticultura e criação de gado, para cada mês do ano. Também se observou nesta edição, grande cobertura ao centenário da independência do Brasil, indicando o prosseguimento do teor patriótico. Em termos estéticos, tem-se a impressão de que nesta edição os arabescos, ornamentos, molduras, ficam bem mais inclinados ao *Déco* do que ao *Nouveau*.

Figura 27 – Calendário Agrícola



Fonte: *Almanachs de Pelotas* 1923, p.57. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

A partir da análise da publicação, no ano de 1924, e tendo as análises anteriores como base, notou-se que os anunciantes se repetiam ao longo das edições aparecendo mais ou menos nos mesmos locais do *Almanach*, ou no início, ou no fim, muitas vezes em páginas de mesmo número. Assim, era uma publicação de certa forma previsível quando já conhecidas as suas edições anteriores. Tal detecção permite, ainda, sugerir a hipótese de haver um projeto gráfico “base” aplicado em todas as edições e, em consequência, limites criativos de projeto. Alinhando-se ao mesmo propósito da inserção do Calendário Agrícola, neste ano há a inclusão da seção “*Memorandum do Criador*” (Figura 28) (em folha mais fina, na cor verde). Este vem na sequência dos calendários e do *Memorandum* de cada mês, contendo outro calendário para marcação das datas do nascimento de animais e espaços em branco para

No ano de 1925 percebeu-se novamente a inserção de folhas coloridas e finas para alguns anúncios. Assim como em 1924, não vieram informações sobre impostos e taxas de correios e telégrafos e nenhum texto sobre patriotismo e guerra foram veiculados.

Em 1926 conclui-se que os prefácios, em sua grande maioria, a partir da primeira guerra (ou seja, logo no início de circulação dos *Almanachs* e que trouxe reflexos já na sua terceira edição, de 1915), possuem um tom queixoso em virtude das dificuldades encontradas para a manutenção da publicação, dos esforços empregados, de um trabalho muito árduo. Em 1915 (p.3), por exemplo, esta situação está descrita a partir da menção de uma grande crise, tornada ainda mais aflitiva devido à conflagração europeia, onde “o concurso dessas causas, que tudo encareceram, desde o papel á mão de obra, e ainda collaboraram para que os annunciantes fossem em menor numero” . Já no corrente ano observado, 1926 (p.3), pode-se perceber que mesmo onze anos mais tarde, as reclamações são exatamente as mesmas, como se pode ler abaixo:

[...] É certo que, pelas contingencias da crise, que em vez de abrandar se prolonga e agrava, este genero de publicações não tenta aos que visem interesse mercantil, pois o assoberbante augmento da materia prima, o papel, e da mão de obra, fariam desvanecer, como já fizeram a outros, a quantos o explorassem com aquelle propósito.

No prefácio de 1927 segue teor de dificuldades encontradas para a manutenção da publicação, dos esforços empreendidos, de um trabalho muito custoso a ser desempenhado. Nesta edição, assim como na de 1924, 1925 e 1926 não vieram informações sobre impostos e taxas de correios e telégrafos, bem como a seção indicador foi suprimida e não mais retomada em nenhuma das edições posteriores.

Permanecem, em 1928, os lamentos acerca dos problemas encontrados para a manutenção da publicação. Nota-se como recorrente a veiculação de desenhos de fachadas de edifícios (Figura 29 e Figura 30) em construção ou

daqueles que ainda eram, apenas, projetos, numa clara demonstração das buscas por progresso e da permanência dos esforços por uma Pelotas moderna e civilizada. A supressão dos conteúdos relativos a anterior seção existente, Informações, comentados já no caso da edição de 1927, mantém-se, representando uma possível busca pela diminuição de custos do exemplar pela minimização da quantidade de páginas.

Figura 29 – Desenho novo prédio do grupo escolar Dr. Joaquim Assumpção (em construção)



Fonte: *Almanachs de Pelotas* 1927, s.p., entre p.170 e p.171. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 30 – Desenho da reforma da Catedral



Fonte: Almanaque de Pelotas 1933, s.p., antes da p.4. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Como nos casos anteriores, o cunho penoso sobre os problemas encontrados na manutenção da publicação segue citado na edição de 1929. Como impressão geral, conclui-se como cada vez mais recorrente o uso de fotografias de fachadas como recurso gráfico de anúncios de estabelecimentos, fábricas, bem como o dizer “prédio próprio”, representativos da ideologia da época de construções e de edifícios como sinônimos de modernidade, vide Figura 31. A seção com título “Progresso de Pelotas”, que não havia aparecido em algumas das edições anteriores com este título, é retomada. Nos casos em que esta seção nominada desta forma não aparece, há textos com o mesmo cunho, porém com outro título.

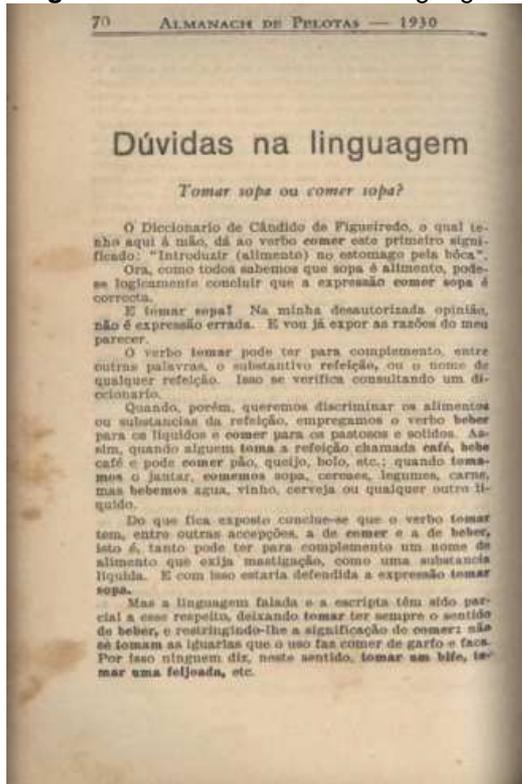
Figura 31 – Fotografias de fachada em reclames (V. Torres & C.; *Fabrica Confiança*)



Fonte: *Almanachs de Pelotas* 1929, p.60 e p.64. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

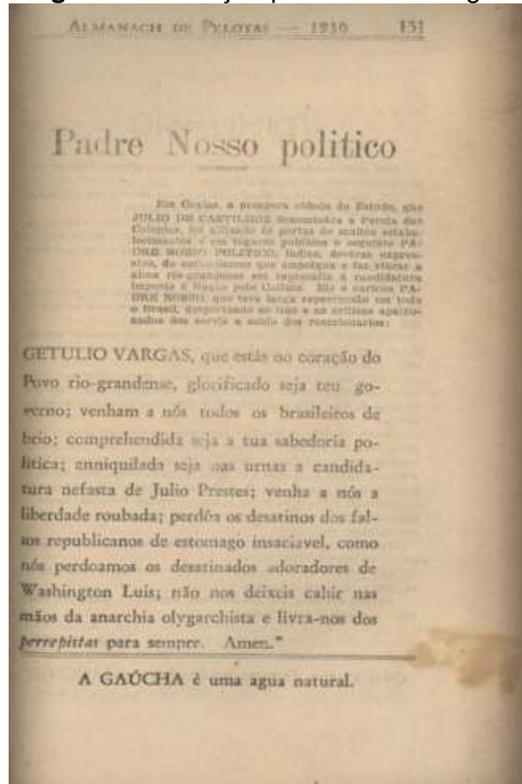
Ao adentrar na terceira e última década de vida dos *Almanachs*, em 1930, há a edição do “Calendario Agricola”, presente, também em 1923. Muitos anúncios de padarias e fábricas de biscoitos, bolachas e bolachinhas alastram-se pelas páginas. De cunho instrutivo, típico desta tipologia de impressos, nesta edição, assim como em 1928 e 1929, aparece a seção “Dúvidas na linguagem” (Figura 32). Novamente textos patrióticos e de exaltação ao Rio Grande do Sul, lembrando que neste ano Getúlio Vargas ascende à presidência da república. Abaixo a Figura 33 apresenta, inclusive, uma oração dirigida a Vargas. As dificuldades para materialização da publicação seguem sendo referidas (prossequindo até a última edição, em 1935) e a seção com título “Progresso de Pelotas” é novamente suspensa.

Figura 32 – Texto Dúvidas na linguagem



Fonte: *Almanachs de Pelotas* 1930, p.70.
Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

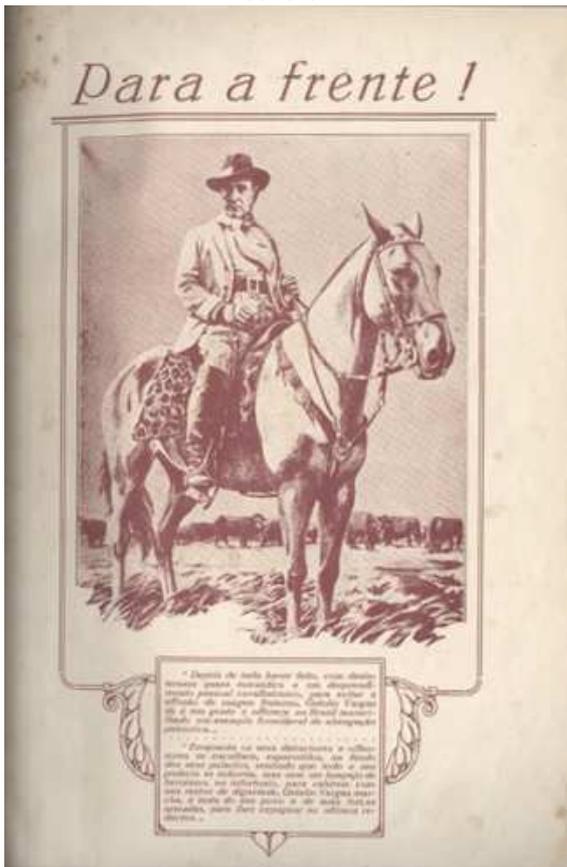
Figura 33 – Oração para Getúlio Vargas



Fonte: *Almanachs de Pelotas* 1930, p.131.
Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

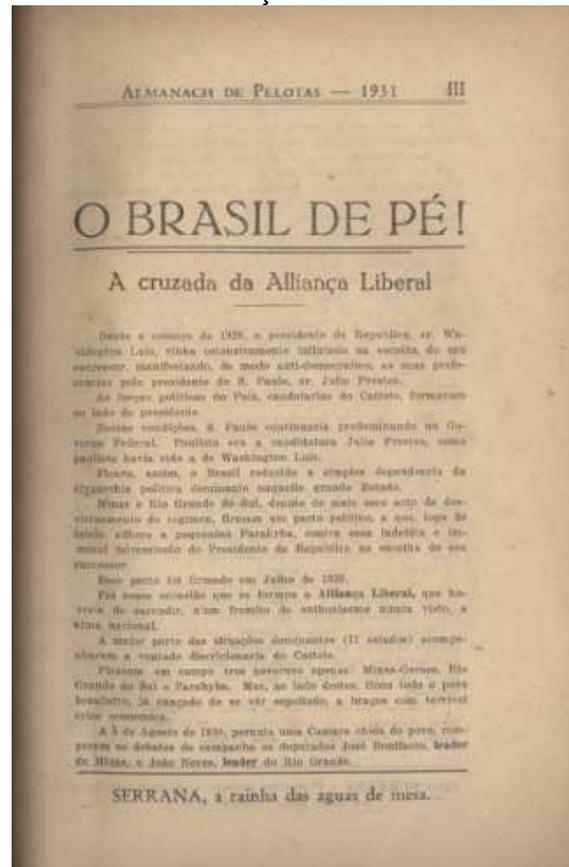
Em 1931, muita propaganda e imagens de Getúlio Vargas (Figura 34 e Figura 35), demonstrativos do momento vivido, característicos do regionalismo e nacionalismo imperantes no governo de Vargas. Tal fato coadunava com estratégias criadas por ele que possibilitaram a sua ascensão, como comentado no parágrafo acima, e a sua posterior afirmação, sendo a influência regional fundamental para as bases e consolidação do Estado Novo. Assim como em 1930, há o “Calendario Agricola” junto ao calendário de cada mês e veicula-se, novamente, a seção “Dúvidas na linguagem”.

Figura 34 – Imagem de Getúlio Vargas a cavalo



Fonte: *Almanachs de Pelotas* 1931, s.p., antes da p.l. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 35 – Texto sobre a Aliança Liberal



Fonte: *Almanachs de Pelotas* 1931, p.III. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Na edição de 1932, a grafia do nome *Almanach* é atualizada por Almanaque. Percebe-se a inserção de textos curtíssimos, que vêm junto às páginas dos calendários e, por vezes, fragmentados em mais de uma página, na sua base. Ficam pequenos trechos em cada página, complicando a fluidez de leitura que, por sua vez, pode indicar problemas projetuais. Assim como em 1930 e 1931, há o “Calendario Agricola”, junto ao calendário de cada mês.

Este calendário, no ano de 1933, não é veiculado e, nesta edição, detectam-se, novamente, textos de patriotismo e de regionalismo e, ainda, a seção com título “Progresso de Pelotas”. A partir de 1932 e em 1933 começam os anúncios de refrigeradores, da *General Electric*, representando a inserção dos eletrodomésticos nos lares, como será visto no item 2.1. A supressão das

informações sobre impostos e taxas de correios e telégrafos, detectada desde 1924, permanece.

Estes conteúdos, bem como o “Calendario Agrícola”, a seção Indicadores (como já há muitos anos) e a seção com título “Progresso de Pelotas” não compuseram, também, a edição de 1934. Tais eliminações são possíveis indicativos da necessidade de enxugamento de conteúdo e, conseqüentemente, do número de páginas e dos custos de impressão. Somado a isto, o editor incansavelmente repete a querela sobre a dificuldade em manter a publicação em circulação.

A última edição do *Almanach de Pelotas*, de 1935, não se anuncia desta forma, sendo que tal decisão deve ter sido forçosamente tomada ao longo do referido ano. O “Guia de Pelotas”, que havia sido mencionado no prefácio do Almanaque de 1934, como novo tópico para a próxima edição, não apareceu, demonstrando um projeto anunciado e não concluído, prenunciando os problemas enfrentados e a eminente derrocada. Houve uma grande defasagem no número de anúncios (reiterado no capítulo 3 no qual aparecem os totais de reclames em cada edição), o que deve ter levado a situação que, segundo os prefácios, já não era boa, a uma situação insustentável. Esta edição contou com 65 anúncios, número bastante inferior a média calculada de 179 reclames por ano. Textos com enfoque no regionalismo e patriotismo prosseguem, no último suspiro da publicação.

Embora nestas observações tecidas já tenham aparecido alguns aspectos relativos à estética e à composição gráfica, é no tópico a seguir que a pesquisa se volta para a análise gráfica dos *Almanachs de Pelotas* de uma maneira mais sistemática. Da mesma forma, já foram observados alguns aspectos relativos aos reclames, mas, no entanto, com espaço de discussão e apreciação maiores nos capítulos 3 e 4.

1.3 ANÁLISE GRÁFICA DOS *ALMANACHS DE PELOTAS*

Nesta parte do trabalho são analisados os objetos de estudo da presente pesquisa, aqueles mais gerais, os exemplares dos *Almanachs de Pelotas*, com ênfase na observação relativa às suas características gráficas e estéticas. Questões concernentes ao que configura a sua materialidade como formato, suporte, tipo de impressão de texto e imagens são os aspectos inicialmente apreciados. Analisar os aspectos gráficos da publicação justifica-se porque neles, está engendrado um sentido de tempo, em que tanto processos empregados como aspectos estéticos, falam do contexto no qual foram produzidos e veiculados.

Por esta visão, Park (1999, p. 59) comenta sobre os temas dos almanaques, ao longo dos tempos, praticamente não se alterarem e que, por isso, são as mudanças tipográficas⁵ que permitem o enquadramento de cada título em uma dada época. Seguindo na mesma linha da autora, da mesma maneira que os almanaques mudam para permanecer, em termos de conteúdo, defende-se a mesma ocorrência no concernente aos aspectos gráficos e estéticos.

A questão visual era essencialmente importante na publicação, uma vez que com frequência os seus prefácios enfatizam o uso e aquisição de clichês em suas edições. Como dito nos tópicos anteriores, o uso desses clichês, principalmente fotográficos, eram colocados como fator de distinção e valorização do periódico, o qual explicitava como principal objetivo promover os progressos da cidade e os feitos de seus patrícios.

Na sua segunda edição, em 1914 (p.4), já é dito que clichês foram mandados fazer fora da cidade para ilustrar as páginas, bem como em 1915

⁵ Pensa-se que, por não ser da área gráfica, a autora quando fala de tipografia, refere-se a modificações gráficas como um todo (não só especificamente aos tipos), observadas nestes artigos que eram impressos por meio do processo tipográfico.

eles são destacados em dois momentos: no prefácio (p.3-4), atrelados à documentação dos avanços da cidade e no texto “Progresso de Pelotas” (p.196), referindo-se ao grande número de clichês usados naquela edição do *Almanach*, ilustrativos das melhorias destacadas. Este texto menciona, ainda, que “esses ‘clichês’ foram promptificados em Buenos Aires uns e aqui mesmo outros”. Em 1920 (p.4), por sua vez, eles aparecem dando dicas acerca da sua produção e de seu preço na cidade, enfatizando que “lindos clichês ornaram esta edição, e, não fora a grande dificuldade de conseguil-os aqui e o seu elevado custo, mais abundante seria a documentação photographica das bellezas e do progresso de Pelotas”. Era o uso deste recurso, então, motivo de orgulho do periódico e de exaltação do moderno, principalmente na situação em que se menciona a capital argentina, pois, no Brasil, a modernidade estava associada à cópia e a estar em compasso com o que ocorria e era feito no estrangeiro.

Os *Almanachs* foram confeccionados a partir da técnica tipográfica com a presença dos acima referidos clichês fotográficos e, ainda, de ilustrações. Nas publicações de 1913 a 1920 as impressões foram realizadas pelas *Officinas Typográficas* do Diário Popular; de 1921 a 1928 as edições foram impressas na Tipografia A Guarany; e de 1929 a 1935 as impressões se deram nas Oficinas tipográficas da Livraria do Globo (GASTAUD e SILVA, 2010, p. 12) (LESCHKO, 2011, p.53). Seu miolo era impresso em papel jornal (de baixa gramatura e poroso) e, suas capas, em papel mais espesso e, em alguns casos, fazendo uso de outras técnicas de impressão. Suas dimensões ficavam entre 13x19 cm e 13x21 cm, no formato fechado, dependendo da edição. No formato aberto há maiores variações devido às diferenças no número de páginas em cada ano, interferindo na altura da lombada e, conseqüentemente, na largura no formato aberto.

Com relação ao método de impressão tipográfico (que remonta ao século XV, com a invenção da imprensa e dos tipos móveis por Gutenberg), Denis (2000, p. 17) comenta que este congrega o marco inicial da inserção de meios mecânicos na fabricação de impressos. Tal inserção configura uma importância ampla – no sentido de permitir impressão em larga escala e, assim,

a disseminação de informação – e, também, importância fundamental num ponto específico – na área do design, pois a utilização de meios mecânicos possibilitou a segmentação das etapas de projeto e de execução. É nesta distinção que adentra a atividade do designer, destinado a projetar um objeto fabricado/concretizado por outras pessoas com auxílio, então, destes meios mecânicos. Assim, crê-se que observar esses artefatos, os *Almanachs de Pelotas*, por serem viabilizados por meio do processo de impressão tipográfico, agrega importância histórica para a definição da atividade de design na cidade.

Sobre isto, Cardoso (2009, p. 67) afirma que “não existe projeto gráfico sem planejamento” e mesmo que alguns historiadores não concordem com o uso dos termos projeto ou design em atividades pré-industriais, para ele os termos se fazem válidos para o século XIX, justamente pela inserção crescente da mecanização nos processos de impressão mencionados acima. Para o autor, mesmo os processos mais rudimentares baseados na prensa manual, eram resultado de trabalho complexo envolvendo várias etapas, passando pela confecção de tipos, composição na página (letras, linhas, blocos e colunas não se organizam sozinhos!) e a materialização pelo método de impressão. Logo, ele pondera que projeto é algo inerente à produção de impressos.

Somado a estes aspectos e ainda justificando a importância deste processo, Meggs (2009, p. 90) afirma o caráter precursor e a importância histórica da tecnologia tipográfica considerando que ela e a escrita configuram os dois maiores avanços da civilização. Os tipos móveis – pequenos blocos metálicos com a letra em alto relevo, que recebe a tinta transferida ao papel através de pressão – inicialmente eram compostos um a um, formando o texto na sua matriz (rama) (OLIVEIRA, 2002, p. 64).

Os tipos móveis eram organizados em um componedor (uma régua rígida), necessário até o século XIX, pois no século XX, com a inserção da linotipo era possível fundir os tipos em uma única linha, dispensando o uso do mesmo. Outra evolução foi a introdução do processo de estereotipia (composição de páginas completas), agilizando cada vez mais o processo de diagramação.

No processo tipográfico, texto e imagens tinham de ser impressos em momentos distintos, pois os tipos móveis eram organizados no componedor (uma régua rígida) o qual não permitia dispor o texto em curva, por exemplo, ou associá-los a outra matriz (REZENDE, 2003, p. 63). Assim, a matriz (rama) era organizada com o conteúdo textual, deixando o espaço para receber, em outro momento, a imagem (ilustração ou fotografia). No processo tipográfico, as imagens eram transferidas para a matriz, por meio de um clichê, consistindo numa placa de metal (normalmente zinco), que por um processo fotoquímico faz a gravação do original (seja ilustração ou fotografia, que pode ser a traço ou reticulado). Originalmente em tom contínuo, a fotografia é reproduzida através de uma retícula de vidro que a decompõe em pequenos pontos, regularmente distribuídos, sendo o tamanho desses pontos os responsáveis pela obtenção dos diferentes tons da imagem. O original é, então, projetado fotograficamente na placa metálica sensibilizada por substâncias químicas, revelada e depois submetida a um banho em ácido que corrói as áreas sem traço ou retículas, deixando estes em alto relevo prontos para, posteriormente, receber a tinta e, por pressão, ser transferida ao papel. Feito isso o clichê deve ser montado em um bloco de madeira, na mesma altura dos tipos, e depois pode ser posicionado na matriz. O processo de gravação de clichês se chama fotogravura, o qual permitiu o início da fotografia de imprensa e, conseqüentemente, do fotojornalismo. Na década de 1860, no Brasil, surge a revista *Semana Illustrada*, de Henrique Fleiuss, ilustrada por imagens copiadas de fotografias, mas somente com a Revista da Semana, iniciada em 1900 é que a fotografia em impressos de fato se difundiu no território (ANDRADE, 2005, p. 65 e p. 85-88; 2009, p. 60-61) (FONSECA, 2008, p. 144).

Assim, textos e imagens, no processo tipográfico, transferidos para a matriz em momentos distintos, causavam limitações técnicas, uma vez que os referidos conteúdos eram pensados em espaços segmentados. Tais limitações puderam ser observadas na análise dos *Almanachs*, nos quais textos e imagens compõem, na maioria das vezes, espaços delimitados que pouco conversam entre si.

A encadernação dos *Almanachs de Pelotas* é o tipo mais simples, mais barato e mais rápido de ser feito. Chamada de encadernação do tipo canoa (conhecida, ainda, como encadernação a cavalo ou dobra-e-grampo) é feita dispondo-se uma página dentro da outra com a colocação de grampos na dobra do formato aberto (OLIVEIRA, 2002, p. 109). Embora tendo o objeto livro como análise, Cardoso (2005, p. 177) faz uma ponderação possível de ser aplicável ao caso dos objetos deste estudo, uma vez que a utilização deste tipo de encadernação tinha por objetivo baratear o impresso tornando-se acessível a uma parcela maior da população. Assim, ao se baixar o valor de produção com este recurso, poder-se-ia investir mais nas capas, elemento de primeiro impacto de qualquer periódico, indo na direção do comentado no item 1.1 sobre as tentativas de tornar os exemplares mais atraentes. Será visto, mais adiante, que as capas dos *Almanachs* utilizavam um papel de maior gramatura e, algumas vezes, impressas em várias cores e em litografia. Parece haver, ainda, a associação de diferentes técnicas em algumas das capas, conforme se discorre em breve.

O processo litográfico era adequado para ser aplicado na impressão das capas porque estas, tendo que ser mais atraentes, encontram, no referido processo, possibilidades gráficas mais interessantes, como a interação entre informação verbal e visual. O processo litográfico foi inventado por Aloys Senefelder, no ano de 1796, utilizando, pela primeira vez, uma matriz plana cujo substrato é a pedra. Os desenhos são feitos com materiais gordurosos sobre a superfície pétrea, baseando-se na repulsão entre água e gordura, pois os desenhos na pedra, quando umedecida, repelem a água e recebem a tinta, também à base de gordura, transferida para o papel por meio de pressão (OLIVEIRA, 2002, p. 53) (MEGGS, 2009, p. 197-199).

Texto e desenhos podem ser compostos conjuntamente na pedra, proporcionando maior liberdade para a criação da composição. Rezende (2003, p. 63) comenta que, a partir deste processo, não mais se precisava ficar preso à rigidez do processo tipográfico com seus tipos em espécies de carimbo. Na litografia pode-se desenhar os tipos, além de ser possível dispô-los em

qualquer ângulo, acompanhando qualquer tipo de linha, em qualquer tamanho e se sobrepondo as imagens. A gama de possibilidades tornou-se imensa, dependendo da criatividade e habilidade do desenhista. Além de permitir o desenho livre, outra inovação introduzida por meio da litografia foi a cromolitografia, técnica através da qual se tornou possível o uso de diversas matrizes em um mesmo desenho, através de um ótimo registro de cores, que dava riqueza de gradações tonais nas composições (Idem, 2005, p.33).

Sobre o número de cores de impressão nos *Almanachs de Pelotas* havia variação de edição para edição, tanto com relação ao miolo quanto com relação às capas. Os miolos eram normalmente impressos em uma cor, quase sempre preta e, por vezes azul, vermelho ou verde. Estas outras cores eram mais empregadas em páginas de reclames do que em textos. Há, ainda, alguns casos de impressão de mais de uma cor nas páginas internas da publicação, como em 1914, mas são casos raros. Já nas capas era comum encontrarem-se mais de uma cor, inclusive casos de quatro cores.

Os estilos orientadores da composição dos *Almanachs de Pelotas* mesclaram influências do *Art Nouveau* e do *Art Déco*, embora o primeiro tenha presença mais notória e constante. O *Art Nouveau* foi um estilo decorativo internacional, composto por uma profusão de formas orgânicas, florais, femininas, em curvas assimétricas, que se entrelaçam, somadas ao uso de cores vivas. Linhas inspiradas nas plantas, que, sem raízes e sem gravidade, brotam de uma base tênue, se impulsionam verticalmente ocupando o espaço em formas fluidas e onduladas. Estas linhas, com frequência, formam flores douradas, asas de libélula ou penas de pavão. O estilo manifestou-se na arquitetura, design de mobiliário e de produto, moda e artes gráficas (cartazes e revistas, por exemplo), sendo este último o caso específico que aqui interessa (DENIS, 2000, p. 87-88) (MEGGS, 2009, p. 248).

O *Art Nouveau*, embora muitas vezes associado a um estilo meramente decorativo, segundo Meggs (2009, p. 249) e Barros *et al.* (1999, p. 245-246), ele teve importância fundamental no desenvolvimento do design. Considerado uma evolução do historicismo que predominou no século XIX, estabelecendo

uma fase inicial do movimento moderno, ele rompeu com moldes gráficos rígidos e o caráter servil das formas dos estilos anteriores. Associado ao referido movimento ao qual deu início, o *Art Nouveau* associava-se ao novo e ao atual e, por ter sido um estilo criado por artistas diversos (designers, arquitetos, pintores), em diferentes localidades, deu origem a obras bastante variadas, refletindo as contradições da era moderna. Sua diversidade de manifestações inclui, por vezes, formas mais severas, angulares e geometrizadas (DENIS, 2000, p. 87-88).

No entanto, foi o estilo que lhe sucedeu o qual exacerbou as características acima citadas, o *Art Déco*. Comparado ao *Art Nouveau*, este é um estilo mais mecânico e mais construtivo, constituído de formas mais geométricas e menos ornamentado, floral, orgânico do que este estilo que o precedeu (DENIS, 2000, p. 92-93).

De origem européia, estes estilos, no Brasil, estabeleceram-se tardiamente e esvaziados de seus significados culturais e temporais, cujo emprego visava, apenas, denotar novidade e, assim, confirmar os auspícios pela modernidade (Idem, p. 92-93). O atraso com que se instauraram no país fez com estes dois estilos – decorativos e ornamentais – fossem um prolongamento do outro e, por isso, muitas vezes, as suas características foram utilizadas de forma conjunta em uma mesma composição ou, mesmo com o acesso ao estilo *Déco*, retomava-se as características do *Nouveau*. Assim, estes estilos, no Brasil, estabeleceram um processo de muito intercâmbio e diálogo, em que a ruptura entre um e outro não é facilmente visível (Idem, p. 88-94).

Inicialmente atrelados à produção de artigos de luxo para a grande burguesia, posteriormente estes estilos foram aplicados em artigos de todos os tipos e produzidos em larga escala, a exemplo de periódicos como os observados aqui. O *Art Nouveau* e o *Art Déco*, embora superpostos, no geral, o primeiro mantém-se ligado ao luxo e prosperidade da *Belle Époque*, antes da Primeira Guerra Mundial; já o segundo associa-se ao espírito modernista das décadas de 1920 e 1930 (Idem, p.88-94). As influências destes estilos, como

dito, fizeram-se observáveis ao longo das páginas dos *Almanachs*, influências estas evidenciadas a partir da análise gráfica de cada um dos tópicos a seguir, com maior ênfase naquele dedicado à apreciação dos ornamentos de forma específica.

Para uma análise mais sistemática acerca dos aspectos gráficos dos *Almanachs*, este trabalho parte da metodologia empregada por Fonseca (2012, p. 142-236) – na análise de revistas, no caso, das revistas *A cigarra* e *A Bruxa*, revistas brasileiras do final dos 1800 – adaptando-a ao objeto da presente investigação. A opção por uma metodologia como a aplicada na apreciação de revistas ilustradas, em objetos que se autopromoviam como livros dos livros, justifica-se porque, justamente, em aspectos gráficos, os almanaques se aproximavam mais daquelas, principalmente pela inserção de conteúdos ilustrados com imagens.

Fonseca utilizou os seguintes pontos para orientar suas análises: capas, miolo, ilustrações especiais e vinhetas. Para o corrente texto, uma adaptação feita diz respeito ao uso das ilustrações no geral e, ainda, são acrescentados os pontos fotografia e, ao invés de vinhetas, analisam-se os ornamentos impressos com clichês, nos quais podem incluir-se eventuais vinhetas e os recorrentes fios e molduras. Esclarece-se, ainda, a utilização do termo ornamento para manter coerência de linguagem ao longo do trabalho, já que estes configuraram uma categoria na sistematização dos reclames que será apresentada no capítulo 3. Assim, os tópicos analisados são capas, miolos, ilustrações, fotografias e ornamentos.

1.3.1 Capas

Nos *Almanachs de Pelotas*, o papel empregado nas capas é sempre de gramatura maior e mais liso do que o dos miolos. Evidencia-se, na maioria das capas, a impressão feita em tipografia e, em algumas, a litografia, por vezes combinada com o uso de clichês fotográficos. Acredita-se que o emprego da litografia para materialização das capas deu-se no intuito de tornar estas mais atrativas, dadas as possibilidades permitidas pelo referido processo (desenhos

mais livres e emprego de mais cores). Leitura semelhante no tangente ao impacto visual causado se faz com relação à utilização de imagens fotográficas nas mesmas. Já as capas com impressão tipográfica, também em função das possibilidades do processo, neste caso, de suas limitações, observam-se o emprego de menos cores. De maneira geral as capas são divergentes entre si, sem seguir um padrão determinado. O aspecto mais recorrente detectado e, ainda assim, sem ser unânime, foi a utilização do título do exemplar no topo da capa, muito embora as edições de 1913, 1914, 1915 e 1934 disponham o mesmo em uma região mais centralizada. Os tipos utilizados para nominar a publicação, do mesmo modo, diferem-se uns dos outros, em um indício da despreocupação em relacionarem-se produto e identidade gráfica do mesmo. Sempre após o título aparece o ano da edição e a assinatura da direção do periódico, conforme Figura 36.

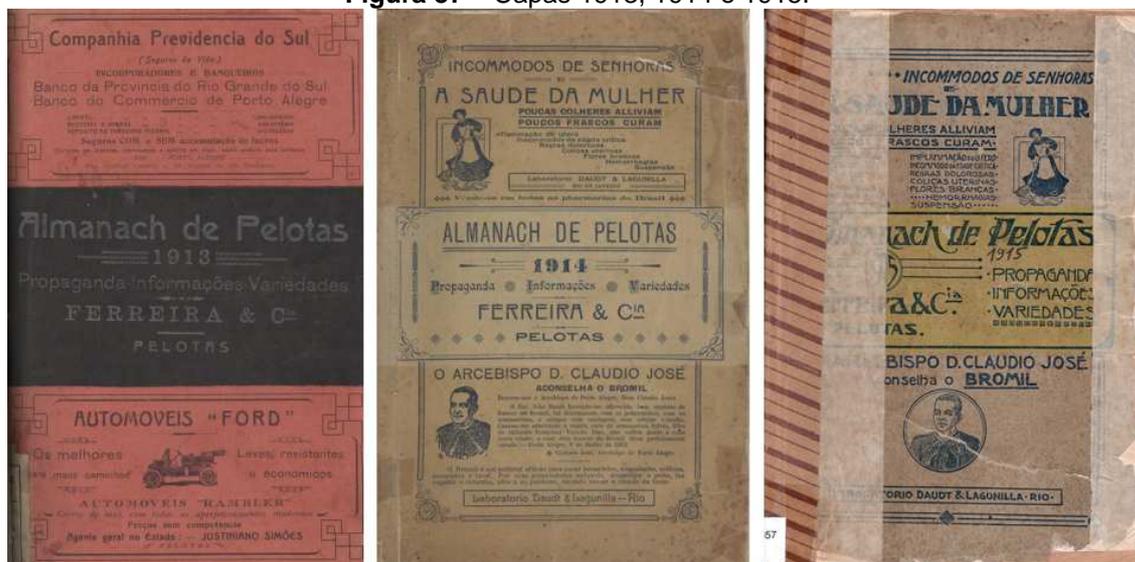
Figura 36 – Tipografias do título dos *Almanachs de Pelotas* e assinaturas de direção nas capas

ANO	TIPOGRAFIA LOGO	DEMAIS TIPOGRAFIAS
1913		
1914		
1915		
1916		
1917		
1918		
1919		
1920		
1921		
1922		
1923		
1924		
1925		
1926		
1927		
1928		
1929		
1930		
1931		
1932		
1933		
1934		
1935		

Fonte: Caroline Farias Ferreira. Bolsista PBIP-DA / UFPel da pesquisa Memórias do gênero feminino através do design gráfico dos reclames do *Almanach de Pelotas* (1913 – 1935), coordenado pela autora da presente tese.

O primeiro bloco de imagens traz as capas das três primeiras edições (1913, 1914 e 1915), referentes a exemplos impressos em tipografia. Bastante textuais, empregam uma cor (1913 e 1914) e duas cores (1915). Nos três casos, o título do periódico vem centralizado, praticamente misturado aos reclames encontrados nos topos e nas bases das capas. Nestas, as ilustrações existentes dizem respeito aos reclames dando, a estes, uma ênfase maior do que à própria assinatura da publicação. A capa de 1913, a mais rígida delas, emprega como único recurso de destaque, o suporte na cor rosa, contendo uma tarja central na cor preta, onde aparece o título. As capas de 1914 e 1915, por sua vez, são quase iguais, repetindo, inclusive, os mesmos produtos anunciados, nos mesmos espaços, porém com diagramação um pouco distinta.

Figura 37 – Capas 1913, 1914 e 1915.



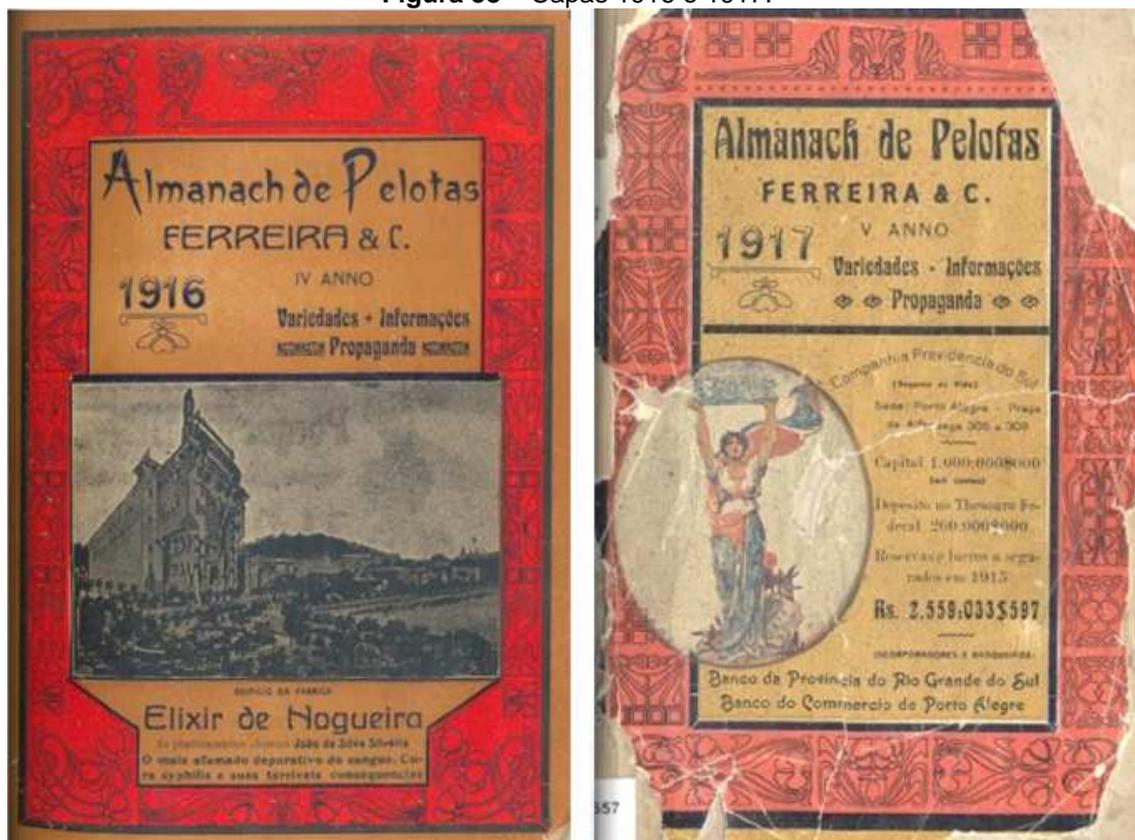
Fonte: *Almanachs de Pelotas* 1913, 1914, 1915, capas. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense* (1913) e acervo da *Biblioteca Rio-Grandense* (1914 e 1915).

Compondo capas semelhantes, em termos de estrutura, assim como os exemplos acima, têm-se os exemplos de 1916 e 1917. A primeira, com cor vermelha, e, a segunda, numa cor mais rosada. Percebe-se, nestas capas, o uso de uma moldura, toda ornamentada com clichês que remetem a plantas, típicos do *Art Nouveau*, congregando retângulos centrais, em tons de bege. No interior destes retângulos, o nome do periódico, na parte superior e, abaixo, o

uso de ilustrações, ambas compondo reclames (Elixir de Nogueira, em 1916, e, *Companhia Previdencia do Sul*, em 1917). Casos nos quais, novamente, os reclames ocupam posição de destaque. A primeira imagem, retangular, parece uma ilustração baseada em uma fotografia, registrando uma área externa, com destaque para uma edificação em cuja lateral encontra-se escrito *Fabrica do Elixir de Nogueira*. Abaixo da imagem se encontra a informação verbal do anúncio. A segunda traz uma mulher, semelhante a uma deusa greco-romana, com braços erguidos à esquerda e a informação verbal vem à direita da ilustração. Vê-se que a retomada a figuras greco-romanas nos *Almanachs de Pelotas* eram recorrentes (tema melhor discutido no subcapítulo 3.1), bem como figuras míticas e personagens religiosos. Estas, segundo Rezende (2005, p. 33), são exemplares de metáforas alegóricas bastante utilizadas nos impressos comerciais do Brasil oitocentista, sem interferir na compreensão de seu conteúdo, fato que se alastrou para a Pelotas dos 1900.

Só foi possível acessar a capa de 1916 pelo meio digital, mas devido à consulta no exemplar físico de 1917, tendo em vistas as semelhanças de ambas, conclui-se terem sido impressas em tipografia, com clichês para as imagens, pois foi verificado relevo na moldura com arabescos, além da estruturação dura das composições.

Figura 38 – Capas 1916 e 1917.



Fonte: *Almanachs de Pelotas* 1916, 1917, capas. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

O próximo grupo de capas, referentes aos anos de 1918, 1919 e 1920, demonstra que, novamente, as duas primeiras apresentam extrema afinidade em temas compositivos. A semelhança da ilustração utilizada é evidente e, embora a de 1918 a disponha mais acima, em ambas elas estão à esquerda. Cada uma composta por uma mulher de cabelos longos, segurando uma espécie de livro na mão esquerda e uma caneta ou lápis na mão direita, adornadas por linhas sinuosas e de inspiração botânica, envoltas em uma veste de tecido profuso que pende e flui para a base, exemplificando influências do *Art Nouveau*, novamente. O livro, na ilustração de 1918, contém a listagem dos seis primeiros *Almanachs*, incluindo a então corrente edição. O traço das ilustrações é fino, principalmente no primeiro caso, o que, atrelado a uma cor sem destaque, neste caso, prejudica a visualização da mesma. Estas figuras dialogam com o reclame existente (Galenogal em 1918 e Leal, Santos &

C. em 1919) ao se aproximarem e, inclusive, se sobreporem a eles, como no caso da moldura presente no ano de 1919. Estas duas capas foram impressas pelo método tipográfico.

Figura 39 – Capas 1918, 1919 e 1920.



Fonte: *Almanachs de Pelotas* 1918, 1919, 19120, capas. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

O terceiro exemplo, de 1920, destoa das suas companheiras. Há, igualmente, ilustração, porém, de um homem e posicionado a direita da composição. Da mesma forma que as anteriores, o homem sentado ao sofá, de pernas cruzadas, interage com a ilustração do frasco no reclame do Elixir de Nogueira, sendo a ilustração fidedigna do produto um recurso recorrente no período em questão, devido ao surgimento de produtos falsificados. A autora, em pesquisa anterior (LIMA, 2010, p.165-166), já atentou para este fato, quando observou a constante introdução de selos e assinaturas dos fabricantes em rótulos dos frascos, os quais apareciam representados em ilustrações fiéis dos produtos em reclames. A preocupação com a falsificação remonta ao final do século XIX, quando, com a industrialização se expandido, diversificaram-se as possibilidades de produtos para um mesmo fim, levando os fabricantes a se preocuparem com a identificação de seus produtos e a investir na rotulagem, agregando a marca da empresa. Além da diversificação dos produtos, a

preocupação com a identificação é advinda, também, da atividade de traficantes que falsificavam medicamentos renomados.

Retomando a análise da capa, neste caso estabelece-se uma dúvida em relação a quem pertenceria a ilustração da efígie masculina. Teria sido ela uma idealização para a capa ou a mesma compõe o anúncio? O fato é que se encontra no homem a ênfase nesta capa. Diferente das duas anteriores que compõem o bloco da Figura 39, parece ser impressa em litografia, em cuja apreciação é possível identificar a sobreposição, em algumas áreas, da cor verde sobre a cor vermelha, com eficiência no encaixe das mesmas.

Nestas três capas, distintas das que estão na Figura 38, a cor do papel configura o fundo e, ainda, nas mesmas foram detectadas o uso de três cores ou mais em cada uma delas. Também as ilustrações, nestes três exemplares, ganham maior ênfase na composição, recurso este que deve ser reiterativo da necessidade de deixar as capas mais atraentes, indo ao encontro da afirmação de Cardoso (2005, p. 177) de que a “ilustração de capas, portanto, está inserida em um amplo esforço de tornar atraentes as novas edições mais baratas em brochura”.

Nas capas dos *Almanachs* para os anos de 1921 e 1922, abaixo, observa-se a utilização de banners para a colocação do nome do periódico, no alto da composição. Ademais, ambas apresentam profusão de clichês com desenhos de frutas, tendência detectada e já comentada no capítulo 1.2. A composição de 1921, além destes ornamentos, é bastante textual, sendo que abaixo do título da publicação se encontra um reclame, essencialmente verbal (*Fabrica Sul-Americana*). Sobre a capa de 1921, há menção, em reclame da *Ilustração Pelotense* (Figura 5), de que a mesma é composta com *trichromia*. Já a capa de 1922 é a primeira, das 23 edições, a utilizar uma fotografia, a qual se refere ao registro de uma fachada, em cujo topo tem algumas palavras, das quais apenas se consegue ler “machinaria”, não se podendo afirmar, assim, se se trata de uma propaganda. Bem na base da capa, abaixo da fotografia, bastante reduzido, podem ser lidas a palavra “Suipacha” e as letras “B.A”, levando a crer referir-se à rua de Buenos Aires. Em ambas as capas não foi

observado relevo nos tipos e clichês, mas, pela rigidez compositiva, pensa-se que elas foram impressas em tipografia.

Figura 40 – Capas 1921 e 1922.



Fonte: *Almanachs de Pelotas 1921, 1922, capas.* Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Na Figura 41, tem-se o exemplar de 1923, capa na qual há uma requintada ilustração em litografia, com muitas cores, incluídas gradações tonais. Nesta capa encontra-se assinado, na base, em tamanho reduzido, “Lith. ‘Guarany’ Pelotas”. No primeiro plano, aparentemente uma mulher (pelos lábios e bochechas rosados), com ramos verdes e um lenço na cabeça, vestindo, mais uma vez, um traje com abundante tecido, podendo se referir a uma figura greco-romana. Nos outros planos, há um monumento de um homem montado em um cavalo, atrás do qual se encontra um sol. Destaca-se o título ser escrito da seguinte forma: *Almanack*. Sobre a ilustração da provável mulher, há um reclame (*Companhia Previdencia do Sul*), diagramado como uma espécie de selo, com moldura de ramos verdes. Estes, pela similitude com os da cabeça

da figura, sugerem pensar que a imagem da pessoa está mais associada à propaganda e, assim, o reclame constituiria o foco da capa. A capa de 1924, também em litografia (vide curvaturas conferidas às informações verbais e vide a presença da assinatura “Lith. ‘Guarany’ Pelotas”), congrega uma coluna (elemento já presente na capa de 1921, na anterior Figura 40), alguns elementos pendentes e ramos de folhagens. Coluna, ramos e folhagens são elementos que aproximam a temática da greco-romana. Da mesma forma que a componente da dupla com a qual é apresentada, esta capa possui um reclame no formato de um selo na mesma localização, no canto inferior direito.

Figura 41 – Capas 1923 e 1924.



Fonte: *Almanachs de Pelotas* 1923, 1924, capas. Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

As capas dos anos de 1925 e 1926, como as que compõem as duas acima, apresentam-se ricamente ilustradas, com grande gama de cores, pela técnica litográfica. Em ambas se encontra a assinatura “Lith. ‘Guarany’ Pelotas”. A primeira, de cores mais esmaecidas, tem a figura de Cristo – no

primeiro plano e com bastante destaque – que parece conferir uma bênção, com o desenho de uma praça e de algumas edificações ao fundo. Seria Cristo abençoando a cidade? Algumas parecenças levam a possibilidade de esta ser a Praça da República, hoje Praça Coronel Pedro Osório, dado o seu traçado e as construções semelhantes as do atual prédio da prefeitura e do prédio da *Bibliotheca Pública Pelotense*, bem como a existência de uma torre, possivelmente a do Mercado Público. As elucubrações sugeridas convergiriam para os objetivos dos *Almanachs* de promulgar os progressos da cidade, abençoada, então, por Cristo. A capa, conta, ainda, com tipografia em estilo de escritos bíblicos e medievais, com uso de capitulares, típicas destas referências. Como uma exceção, esta capa não inclui nenhuma propaganda.

Figura 42 – Capas 1925 e 1926.



Fonte: *Almanachs de Pelotas* 1925, 1926, capas. Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

O segundo exemplo da Figura 42, de cores mais vivas, contrastadas entre frias (azul) e quentes (vermelho e amarelo), apresenta a 14ª edição do

Almanach. Esta capa contém, novamente, uma coluna e uma figura feminina em estilo greco-romano. A mulher, seminua, envolta por tecido, munida de uma corneta, anuncia o ano de 1926, bem como pode ser traduzida como anunciadora de novidades no geral, questões caras para aquele contexto. A mulher está sentada e com seu braço direito apoiado em um elemento gráfico que congrega parte de um reclame (Bataclan), em outra expressão do ambíguo diálogo entre elementos gerais da capa e reclames. A outra porção da propaganda, na direita daquela, apresenta o empreendimento, um ambiente de lazer no qual aparecem homens, bem vestidos, bebendo e jogando bilhar. A composição, de forma geral, contém, ainda, rosas (inclusive a grande mancha vermelha no centro baseia-se na forma de uma) e demais plantas e folhagens.

A seguir, é apresentado um grande grupo, de cinco capas, dos anos de 1927, 1928, 1929, 1930 e 1931, por claramente assemelharem-se por uma mesma estrutura compositiva, bem como temática. Nestas, está evidenciado o principal propósito enunciado pelos editores dos *Almanachs* o qual era o de propagar os progressos e o desenvolvimento da cidade, em composições que apresentam o tipo de conteúdo prioritário do interior de seus exemplares. Em todas elas repete-se o nome do periódico no topo e, no centro, uma imagem de alguma edificação da cidade. No ano de 1927, trata-se de uma ilustração, cujo acesso deu-se apenas digitalmente, mas, pela estrutura compositiva, pensa-se ter sido impressa em tipografia. De 1928 a 1931, foram inseridos clichês fotográficos, possivelmente associados a outras técnicas de impressão, as quais, pela solução gráfica e outros indícios levaram as seguintes conclusões: 1928, tipografia; 1929, litografia (curvatura do título, presença de um pontilhado irregular diferente de retículas); 1930, tipografia (presença de relevo bastante evidente no título); 1931, litografia (degradês, não apresenta relevos e, como em 1929, com pontilhado irregular, distinto de retículas). Sobre esta última capa, Schwambach (2010, p.66) diz tratar-se de uma técnica que transforma a imagem fotográfica em gravura colorida. Outra recorrência em todas elas, enfatizando a afinidade entre as mesmas, é a inexistência de reclames (como a capa de 1925) e, assim, pronunciam ainda mais que a propaganda que querem

empreender é a da cidade. A capa de 1931 merece destaque porque nela apresenta-se inequívoca inspiração na bandeira do estado do Rio Grande do Sul, numa exaltação à ideologia castilhista emergente e em voga naquele cenário, conforme abordado no tópico 1.1. A referida capa introduz essa temática que é dominante no interior do volume como na imagem de Getúlio Vargas a cavalo próximo e a matéria que enfoca “A cruzada da Aliança Liberal” (p.III-XXI), apresentados anteriormente na Figura 34; e nos textos “Alma heroica dos Pampas” (p. 110-112) e “Factos e episodios da Revolução” (p. 130-145).

Figura 43 – Capas 1927, 1928, 1929, 1930 e 1931.



Fonte: *Almanachs de Pelotas* 1927, 1928, 1929, 1930, 1931, capas. Acervo da Biblioteca Rio-Grandense (1927) e acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense* (1928, 1929, 1930, 1931).

Abaixo, apresenta-se apenas a capa de 1932, acompanhada da imagem a partir da qual foi feita a ilustração que lhe constitui. Neste ano, o tema trazido é o mesmo da capa de 1925, a figura de Cristo, desta vez como registro da estátua do Cristo Redentor no Corcovado, no Rio de Janeiro. Na capa trata-se de uma gravura litográfica, em tons de verde, repleta de degradês e com a presença de um pontilhado irregular (diferente de retículas), feita a partir da fotografia localizada no interior da edição, ilustrando matéria “Cristo Rei – A

grandiosa estatua do Corcovado” (p. 67-78). Ao compararem-se as duas imagens, percebe-se a fotografia como base para a constituição da ilustração, porém, o Cristo, na capa ganha proporções menores, permitindo que haja espaço para a inserção do título da publicação e demais informações. Esta situação também foi observada por Schwambach (2010, p. 66-67) em sua dissertação. A capa de 1932, assim como algumas das anteriores, mantém a estratégia de não apresentar nenhum reclame na sua composição.

Figura 44 – Capa 1932 e fotografia que lhe deu origem.



Fonte: Almanaque de Pelotas 1932, capa e s.p., entre p.66 e p.67. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

O último grupo de capas, das três edições finais da publicação, foram obtidas, avalia-se, por meio das técnicas tipográfica (a primeira) e litográfica (as últimas). As duas primeiras, dos anos de 1933 e 1934, sobressaem-se frente o restante da amostra, pela ênfase, apenas, em grafismos. A primeira,

extremamente geométrica, é composta por uma padronagem quadriculada nas cores branco, amarelo e verde, contém o nome da publicação no topo e, um pouco abaixo do centro, um reclame (Café Regente) na cor vermelha, dando-lhe bastante ênfase na composição. A capa de 1934, por sua vez, enfoca no título e no ano do periódico – disposto inclinado na porção central e superior da composição – os quais são trabalhados com a insinuação de linhas e de formas de inspiração futurista, dando ideia de movimento e velocidade. O movimento futurista, originado no início do século XX, valorizava a indústria e a tecnologia, buscando passar dinamismo, aspectos bem próprios a serem explorados pelo *Almanach*, publicação inserida num cenário de progresso e de desenvolvimento constante. Na base contém um anúncio do Café Flor.

Figura 45 – Capas 1933, 1934 e 1935



Fonte: Almanques de Pelotas 1933, 1934, 1935 (capas). Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

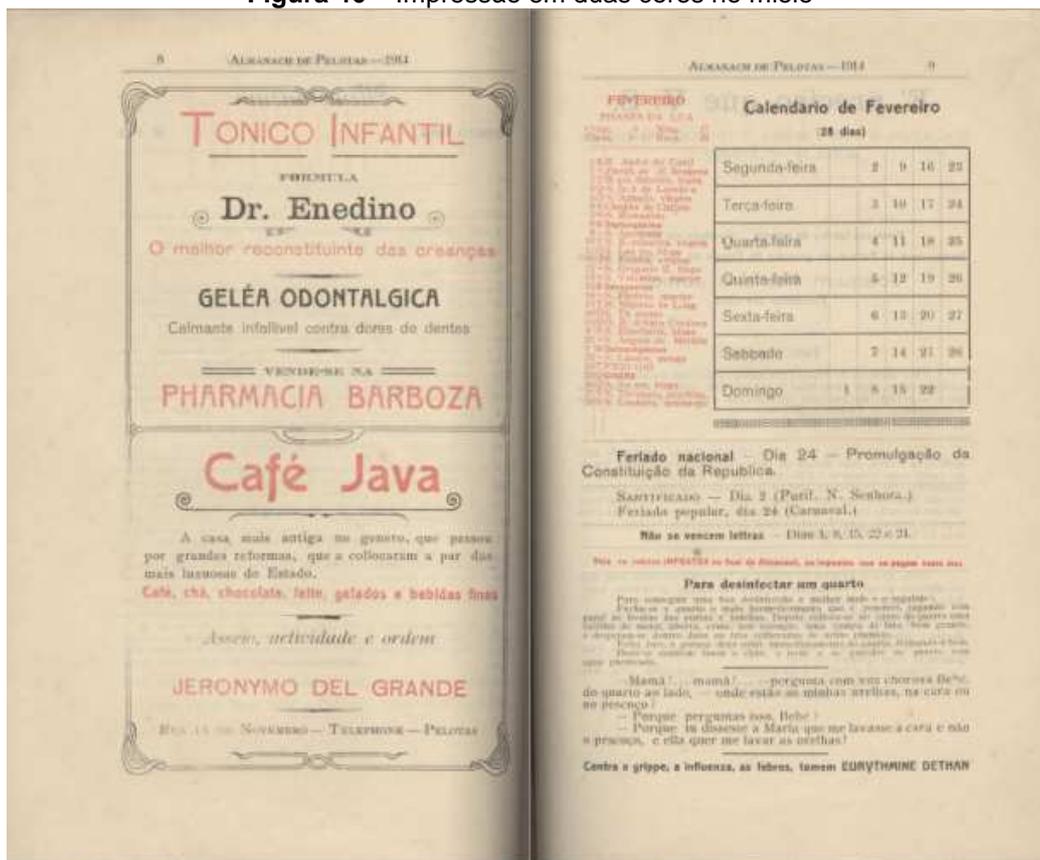
Por fim, a capa da última edição, de 1935, assim como a de 1931, tem explícitas referências à bandeira e cores do Rio Grande do Sul e, da mesma forma, reiterativa do ideário castilhistista daquele contexto. No interior do Almanaque deste ano encontram-se referências que exaltam o estado e inserem Pelotas no mesmo. No prefácio há o comentário sobre o centenário da cidade coincidir com o da “gloriosa República de Piratiny, que vae ter em todo o

Estado, notadamente na capital, comemorações condignas de tão brilhante epopéia” (p. 3). Há, ainda, o extenso texto “Pelotas – Farroupilha – Sua preponderancia orgânica na revolução de 35” (p. 45-64) e uma listagem dos governantes do Estado, de 1737 a 1932 (p.144-148). A capa, congrega, então, mastros com bandeiras, no interior das quais encontram-se ilustrações de quatro homens (possivelmente figuras importantes da Revolução), sustentadas pelo lema “Liberdade, Igualdade, Humanidade”. Como na edição de 1934, está disposto, na base, um reclame do Café Flor. Nas duas últimas capas, também, observam-se pontilhados irregulares na formação dos desenhos em partes do preenchimento.

1.3.2 Mioslos

As páginas internas dos *Almanachs de Pelotas* eram confeccionadas em papel jornal, de baixa gramatura e poroso, exceto pela inserção de algumas páginas de outras cores (rosa, verde ou azul), em papel mais liso e encerado, e de folhas mais espessas brancas, também mais lisas, para reprodução de fotografias e de algumas ilustrações. O miolo era impresso, normalmente na cor preta (como a maioria dos exemplos que já foram apresentados bem como os que ainda prosseguem ao logo da tese); em alguns casos a tinta era substituída por outra cor e, raríssimas vezes impresso com duas cores. O único exemplar no qual foram encontradas impressão em duas cores, em páginas do miolo, como nos calendários das páginas introdutórias e nas páginas de vários reclames, foi em 1914, com o emprego das cores preto e vermelho, conforme segue abaixo:

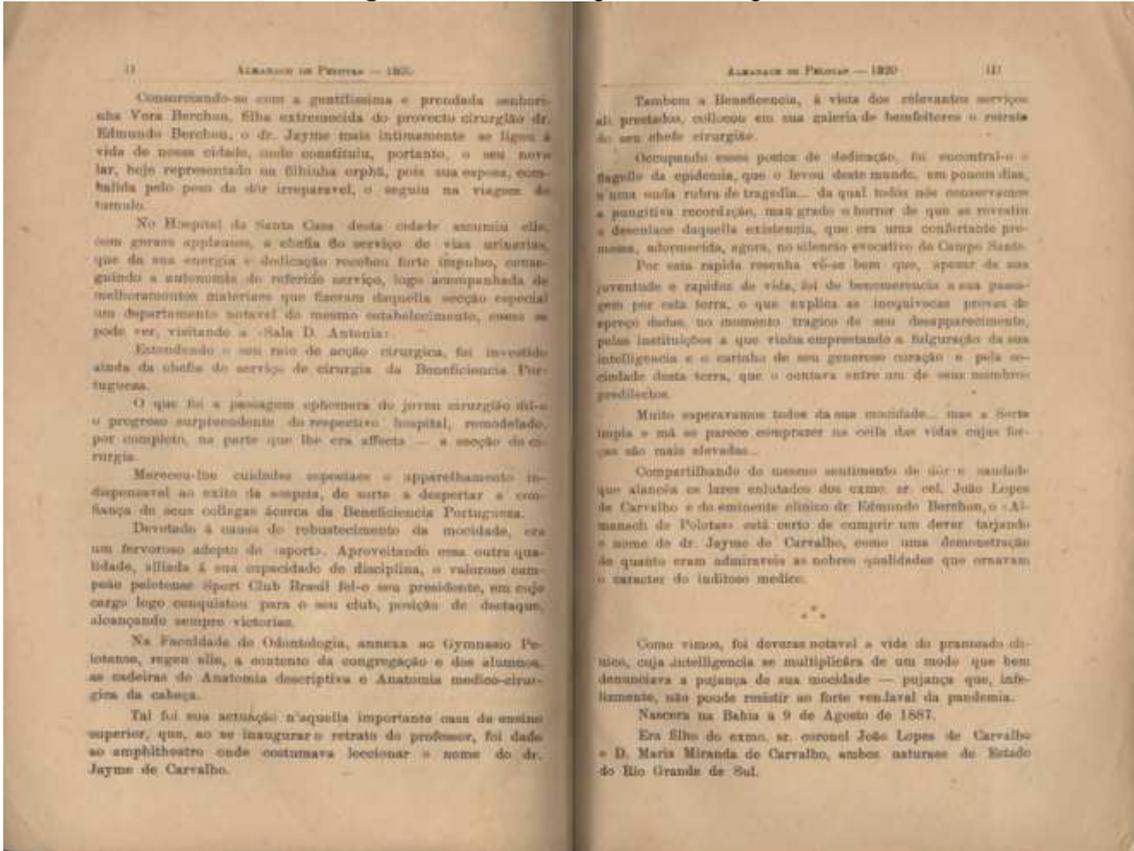
Figura 46 – Impressão em duas cores no miolo



Fonte: Almanach de Pelotas 1914, p.8 e p.9. Acervo da Bibliotheca Pública Pelotense

Estruturalmente, mantiveram, basicamente, um mesmo padrão de mancha gráfica, mas, como eles tiveram algumas diferenças de tamanho (mediam entre 13x19 cm e 13x21 cm no formato fechado), não serão fornecidas as dimensões das margens, já que estas, em função das discrepâncias, também se modificaram. No geral, as margens externas e inferiores eram maiores, quando comparadas as suas respectivas internas e superiores, conforme Figura 47. Algumas vezes elas são bastante exíguas sendo que, nas internas, por vezes a leitura é prejudicada com parte do texto comprometido pela encadernação. Não se sabe se o problema existia na encadernação original ou se o mesmo ocorreu com encadernação feita posteriormente para manutenção do exemplar montado sem que as páginas despencassem.

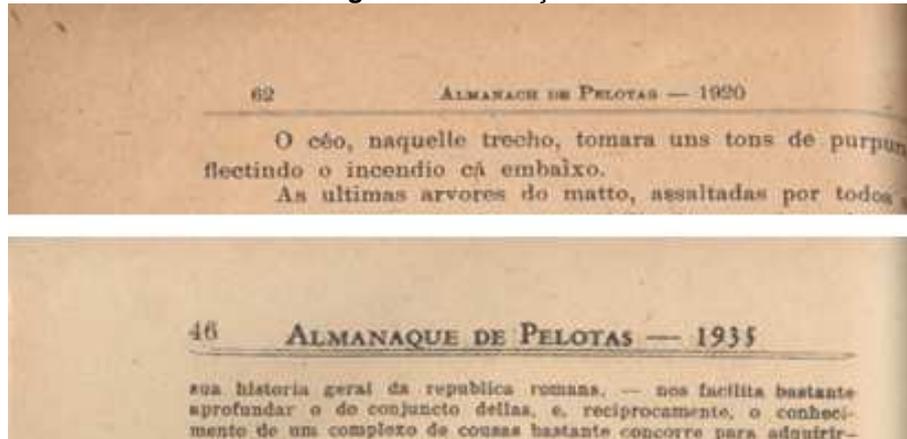
Figura 47 – Mancha gráfica e margens



Fonte: *Almanachs de Pelotas* 1920, p.II e p.III. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

O cabeçalho das páginas internas, na margem superior, continha o título do periódico, ano e número da página (este sempre próximo à margem externa), alinhados horizontalmente uns aos outros. O título não manteve padrão de tipografia e nem de tamanho ao longo das edições (Figura 48), mas manteve-se sempre escrito em caixa-alta e centralizado. A não padronização do nome do periódico já havia sido enfatizada na observação das capas, e estes fatos ocorreram porque a publicação não desenvolveu uma marca própria, mais uma vez levando a ponderação de não haver a preocupação evidente na singularização do produto/serviço por meios gráficos.

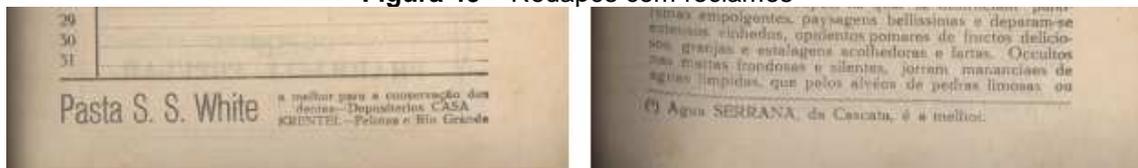
Figura 48 – Cabeçalho



Fonte: *Almanachs de Pelotas* 1920, p.62; 1935, p.46. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

As margens, além de delimitarem a área da mancha (bloco de texto) e de serem um recurso estético importante na composição, envolvem uma questão de ordem prática para a feitura do artefato a qual é evitar que partes de informação sejam suprimidas na fase de acabamento referente ao corte das folhas e, também, na encadernação. Nas margens inferiores, por vezes, como comentado no capítulo 1.2, há reclames, limitando ainda mais as áreas de respiro, conforme Figura 49.

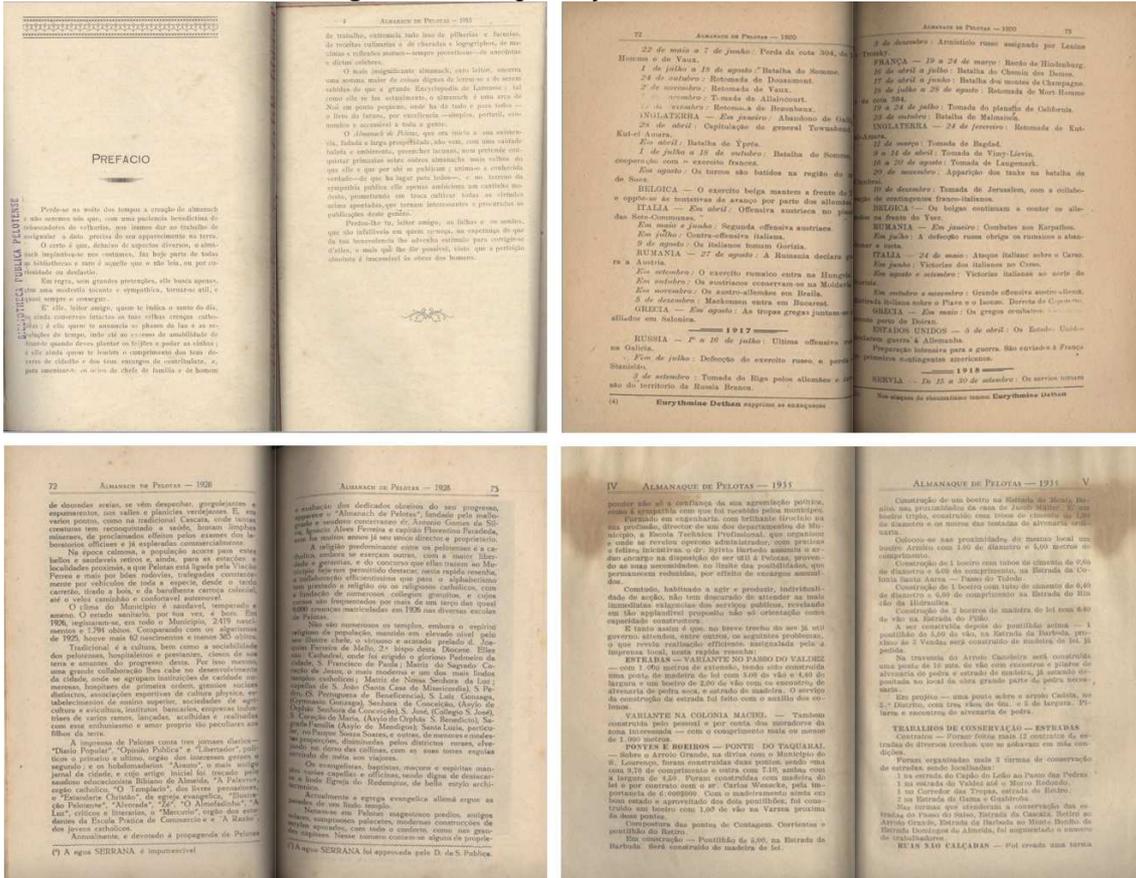
Figura 49 – Rodapés com reclames



Fonte: *Almanachs de Pelotas* 1928, p.9 e p.71. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

A mancha gráfica textual, em proporção extremamente superior, apresenta-se com apenas uma coluna, com alinhamento justificado, numa diagramação, segundo Marroni (2008, p. 134) horizontalizada, se comparada à verticalidade dos jornais, conforme Figura 50. Esta configuração apenas difere nas páginas de reclames, as quais, por sua vez, estruturam-se verticalmente.

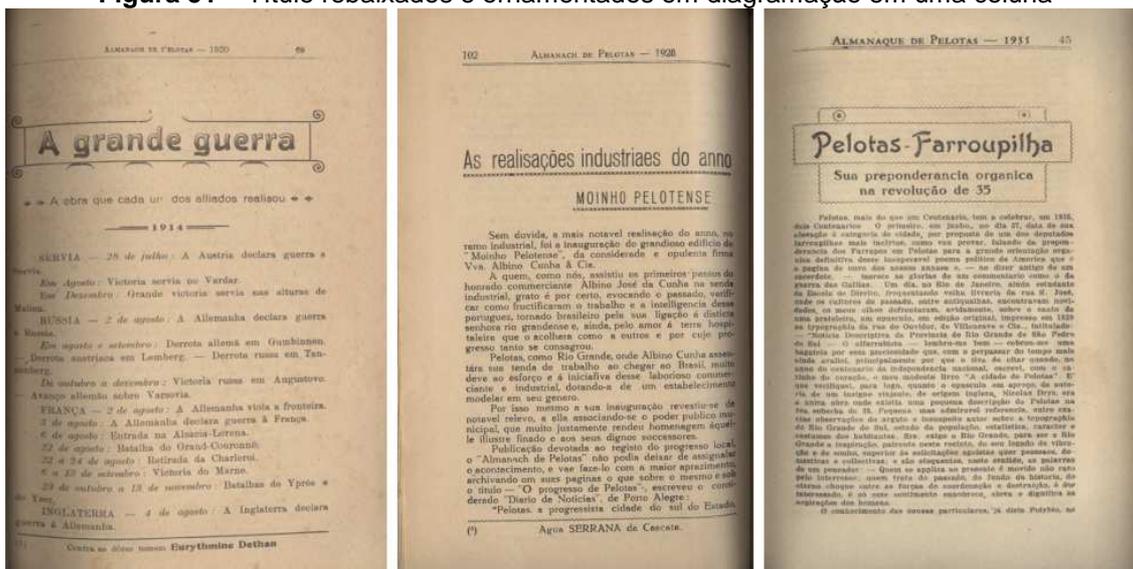
Figura 50 – Diagramação em uma coluna



Fonte: *Almanachs de Pelotas* 1913, p.3 e p.4; 1920, p.72 e p.73; 1928, p.72 e p.73 e *Almanach de Pelotas*, 1935, p.IV e p.V. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Vê-se, acima, que os exemplos trazidos são de textos mais longos, os quais, somados a estruturação em uma única coluna podem denotar rigidez e monotonia, características estas, por vezes, atenuadas com a utilização de títulos rebaixados, trabalhados com outros elementos gráficos, criando mais espaços de respiro e agregando impacto visual aos mesmos. Tal recurso, na figura acima, aparece, somente, no primeiro exemplo deste grupo. Outros exemplos de títulos rebaixados encontram-se a seguir:

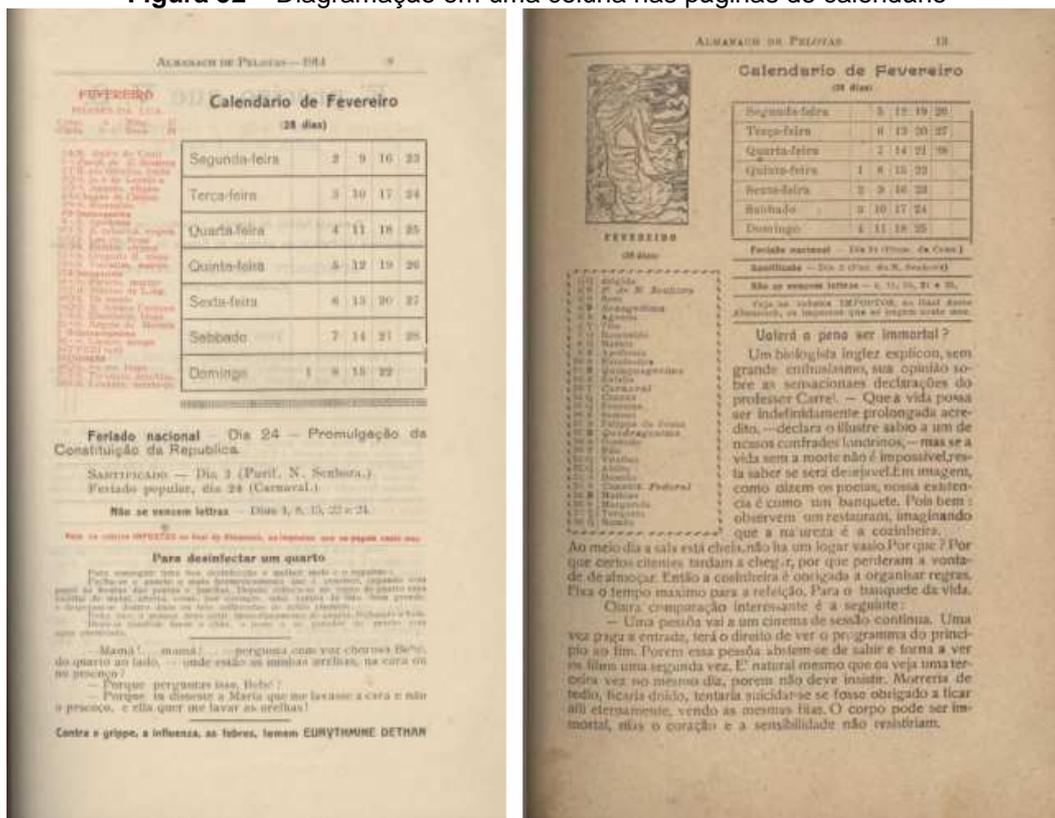
Figura 51 – Título rebaixados e ornamentados em diagramação em uma coluna



Fonte: *Almanachs de Pelotas* 1920, p.69; 1928, p.102 e *Almanaque de Pelotas*, 1935, p.45. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Mesmo sem ser em textos longos, a estruturação baseia-se, prioritariamente, na largura de uma única coluna, como nos casos das páginas dos calendários, claramente visível no primeiro exemplo abaixo. No segundo, o que se percebe é a diminuição da largura da coluna, na parte superior, para a acomodação dos outros elementos, como calendário, ilustração e tabela dos dias santos e feriados. Nestes casos, obviamente, pela existência de elementos que não apenas textos, a monotonia e a rigidez da página, mesmo em uma coluna, são minimizadas.

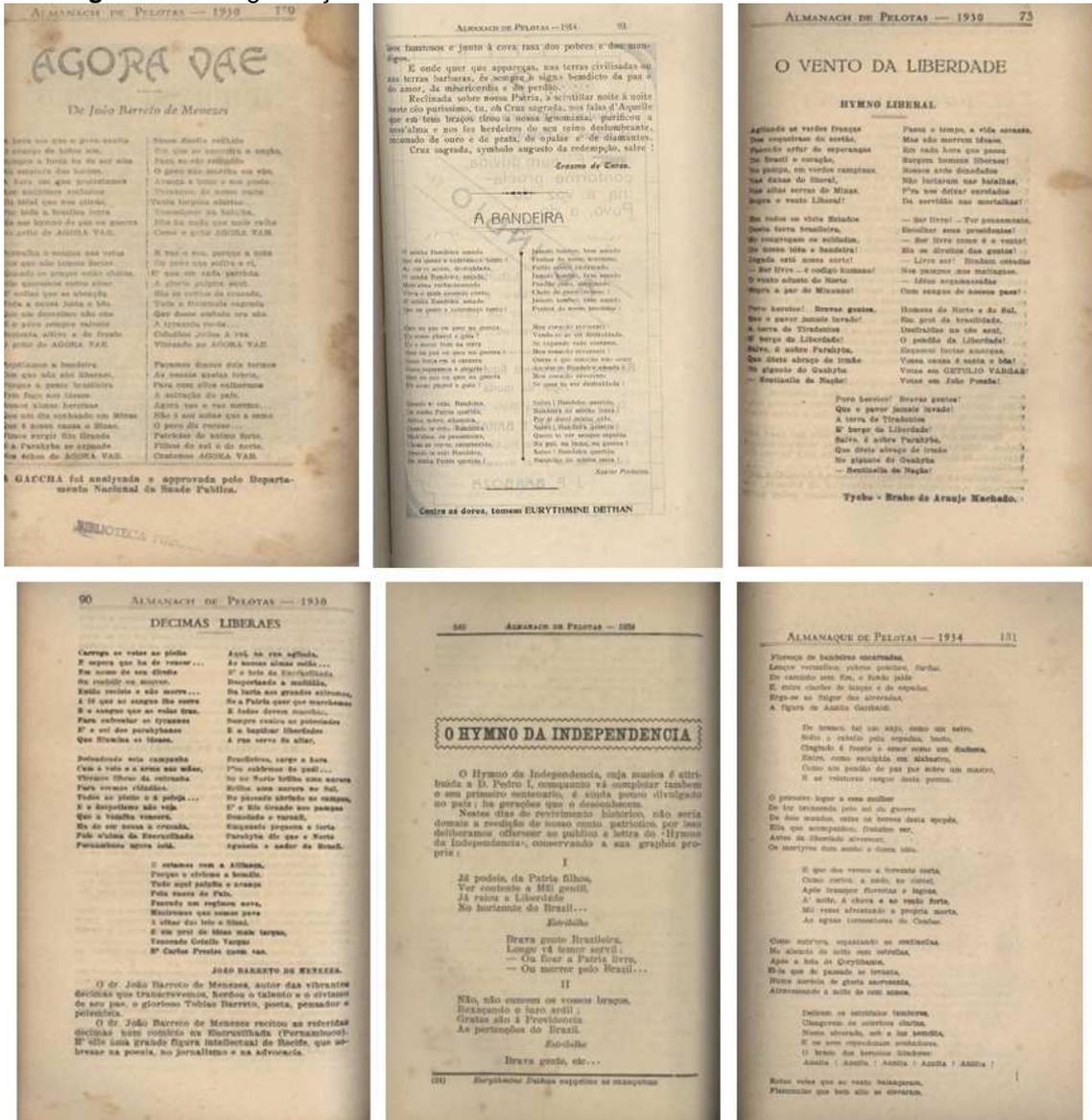
Figura 52 – Diagramação em uma coluna nas páginas de calendário



Fonte: *Almanachs de Pelotas* 1914, p.9; 1923, p.13. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Embora raros, no entanto, há casos de utilização de mais de uma coluna, principalmente aplicadas em textos mais curtos (poesias, contos, musicas, hinos), conforme os três primeiros exemplos da Figura 53. Outro recurso, igualmente pouco empregado, também em textos deste tipo, é a utilização de blocos de texto desencontrados, criando uma “brincadeira visual”, que agrega maior dinâmica à composição. Estes criam áreas de respiro e quebram a rigidez, como se observa na segunda linha dos exemplos abaixo.

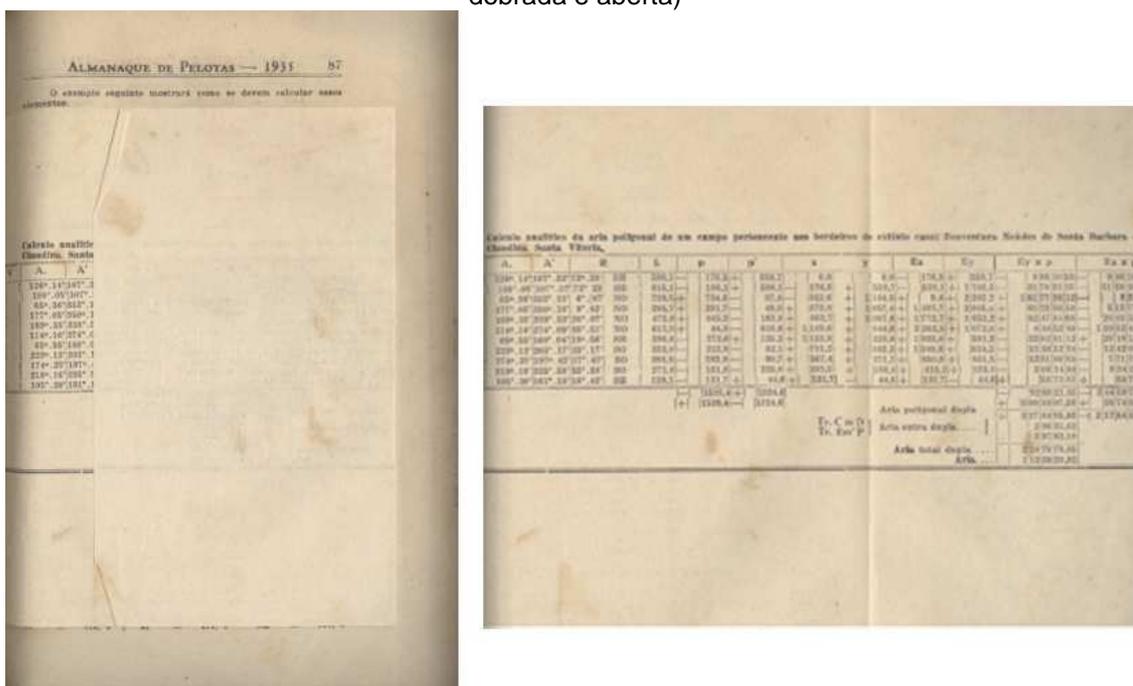
Figura 53 – Diagramação em duas colunas e uso de blocos de texto desencontrados



Fonte: Almanachs de Pelotas 1930, p.139; 1914, p.93; 1930, p.73; 1930, p.90; 1924, p.140; 1934, p.131. Acervo da Bibliotheca Pública Pelotense

Outro aspecto que se notou nas apreciações dos *Almanachs*, concernente às páginas do miolo, foi a inserção de folhas de maiores dimensões, nas quais são feitas uma ou duas dobras. Estas eram utilizadas para alguns conteúdos (Figura 54) e alguns reclames, como se observa, também, no capítulo 3.

Figura 54 – Uso de página interna de tamanho diferente e com dobra (Detalhe com página dobrada e aberta)



Fonte: Almanaque de Pelotas, 1935, p.87. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

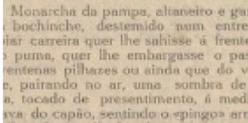
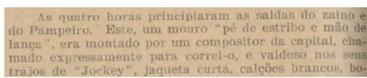
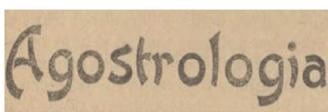
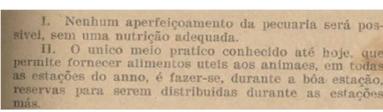
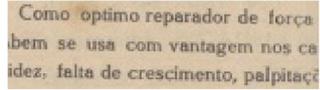
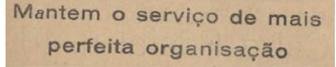
Também concernente ao miolo, fala-se da tipografia, visto que não se considerou necessário criar uma categoria de análise específica para isso. Nos exemplares da publicação, embora massivamente sejam aplicadas as fontes com serifa, encontraram-se tipografias em grande variedade, sem obedecer qualquer tipo de padronização, nem para títulos e nem para os textos corridos. Pensa-se, inclusive, que a diversidade de tipos é conscientemente aplicada para divulgar as possibilidades disponíveis na gráfica na qual o *Almanach* foi impresso. Em Lima (2010, p. 14), concluiu-se que a miscelânea de fontes tipográficas era recorrente em impressos do período.

Além das serifadas, que constituem a grande maioria, muito aplicadas nos textos corridos, devido, possivelmente, a melhor legibilidade proporcionada, há registros, também, de tipografias sem serifa e manuscritas, principalmente para títulos. Nestes e em nomes de comércios e estabelecimentos em reclames notou-se a recorrência do negrito e, ainda, fontes em tamanho acentuado. Nos textos corridos o espaçamento entrelinhas

é simples e o recurso de destaque é o negrito, o itálico, ou a caixa alta, quando necessário.

Ilustrativa da gama diferenciada de fontes encontradas é a imagem apresentada a seguir (Figura 55), composta a partir de exemplos extraídos do *Almanach* de 1928; algumas com formas arredondadas e outras retangulares com vértices retos. O exemplo aqui ilustrado, embora referente a apenas uma edição, representa, então, algo evidente em todos os anos da publicação.

Figura 55 – Gama variada de tipos encontrados

		Tipografias Almanaque de Pelotas 1928	
		Títulos	Texto
Matérias			
			
			
Anúncios			
			
			

Fonte: Caroline Farias Ferreira. Bolsista PBIP-DA / UFPel da pesquisa Memórias do gênero feminino através do design gráfico dos reclames do *Almanach de Pelotas* (1913 – 1935), coordenado pela autora da presente tese.

Um recurso tipográfico, referente ao uso de capitulares, raríssimas vezes foi encontrado, sendo que esta exiguidade ilustra-se com o caso abaixo.

Figura 56 – Exemplo de uso de capitular



Fonte: *Almanachs de Pelotas 1914*, p.59. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

As seções Variedades, Informações e Propaganda, descritas no tópico 1.2, como mencionado, aos poucos foram se tornando mais definidas e, antecedendo cada uma, havia uma página contendo o seu título. Mesmo se tratando de seções praticamente fixas, estes títulos apareceram com diferentes fontes e adornadas das mais diferentes maneiras, conforme Figura 57. Neste grupo de imagens há, na primeira linha, fonte do tipo manuscrita em estilo oriental, do ano de 1915; na segunda linha, do ano de 1921, vê-se que a tipografia usada é a mesma do caso precedente, porém, impressa em duas cores e envolta por ornamentos de inspiração floral, ao estilo *Art Nouveau*; por fim, na última linha, percebe-se que as seções Variedades e Propaganda aglutinam-se e a seção Informação é suprimida; estas imagens designam as seções de 1931 e 1933, respectivamente. Estes dois últimos exemplos usam fontes e adornos diversos, sendo que os grafismos são mais geometrizados, próprios do *Art Déco*. A falta de unidade estética nestes títulos é mais uma evidência de descuido com este quesito ou, outra hipótese plausível, é que se tratava da mesma estratégia da utilização das diferentes famílias tipográficas: mostrar potencial e possibilidades de composição gráfica.

Figura 57 – Títulos das seções



Fonte: *Almanachs de Pelotas* 1915, 1921, 1931 e *Almanaque de Pelotas*, 1933. Montagem da autora. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

1.3.3 Ilustrações

Conforme já apresentado, as capas possuem as ilustrações mais elaboradas compositivamente, especialmente pelo uso de cores e aplicação de degradês e de variações tonais, estas permitidas pela técnica litográfica. No entanto, nas páginas do miolo dos *Almanachs de Pelotas*, também foram encontradas interessantes ilustrações, massivamente obtidas por meio dos clichês no processo tipográfico. Mais uma vez, não foi observado padrão, sendo elas extremamente variadas em termos de traço e estilo. Estão mais presentes nos reclames e, raras vezes, ilustrando alguma página do periódico.

Começando-se, então, pelos casos esporádicos, ilustrando o conteúdo editorial do periódico, detectou-se, a partir de 1918, até 1935, a inclusão de desenhos de mulheres junto aos calendários de cada mês, nas páginas introdutórias, em diferentes edições, conforme apresentado abaixo. As ilustrações são compostas por imagens contendo mulheres em estilo clássico, à semelhança de deusas greco-romanas e míticas. Ao mesmo tempo, se veem linhas orgânicas, formas botânicas e fluidez nos tecidos, que remetem as influências do *Art Nouveau*. Havia uma série de imagens diferentes que

acompanhavam cada um dos 12 meses, repetidas ao longo das edições, apenas variando o mês ao qual eram associadas. Estes clichês ilustraram os calendários a partir da edição de 1918 (Figura 58) até a última edição, em 1935 (Figura 59), ou seja, estiveram presentes em 18 edições. Estas ilustrações são bastante diminutas, cerca de 2 cm de altura, compostas por traço fino, apenas contornadas. A sensação de preenchimento, em alguns casos, é dada pela proximidade das linhas.

Figura 58 - Detalhes dos clichês com ilustrações de mulheres que ornamentavam os calendários de 1918



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1918. Da esquerda para direita e de cima para baixo, ilustrações referentes aos meses de janeiro a dezembro respectivamente. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Figura 59 - Detalhes dos clichês com ilustrações de mulheres que ornamentavam os calendários de 1935



Fonte: Almanaque de Pelotas 1935. Da esquerda para direita e de cima para baixo, ilustrações referentes aos meses de janeiro a dezembro respectivamente. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Nota-se, entre os dois grupos de imagens dos calendários, uma maior definição nas de 1935, a qual é potencializada pelo uso da cor preta, extremamente de maior contraste do que no caso da cor verde, aplicada em 1918. Outro detalhe é a presença, no ano de 1935, de apenas oito clichês para os doze meses, implicando na necessidade de repetição de figuras. Como razão para este fato pensa-se em duas possibilidades: o extravio/deterioração dos mesmos ou a falta de planejamento gráfico.

Outro exemplo de uso de ilustrações no conteúdo editorial deu-se através de clichês com figuras femininas em vinhetas, como elementos decorativos e de finalização de textos, com os quais não estabeleciam nenhuma relação. Como hipóteses para as inserções destas ilustrações, sugerem-se a necessidade de mostrar qualidade técnica e recursos imagéticos disponibilizados pela gráfica, de fazer aproveitamento de espaço (conforme se pode perceber na Figura 60) ou de simplesmente ilustrar a publicação, característica vista como necessária nos impressos do período, no item 1.1. Estas imagens eram comuns após os editoriais e, também, após outros textos mais longos. É possível observar na imagem abaixo o término de um conteúdo textual e o quanto sobra de página em branco, onde a imagem é colocada, seja para adornar, ocupar espaço ou apresentar o clichê para os leitores e possíveis anunciantes.

Figura 60 - Exemplo de inserção dos clichês com ilustrações de mulheres em vinhetas nas páginas.



Fonte: *Almanach de Pelotas* de 1916, p.58. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

No ano de 1914, primeiro ano em que este recurso é utilizado, aparece apenas a ilustração da primeira mulher abaixo (a qual não foi encontrada em outras edições); já em 1915, no ano seguinte, aparecem três modelos dos cinco clichês de ilustrações femininas (Figura 61) utilizadas com este propósito, encontrados ao logo das 23 edições da publicação. Além deste ano, os clichês também estão presentes nas edições de 1916, 1917, 1919 e 1927. Ao analisar as imagens é evidente a idealização de mulheres belas, extremamente bem penteadas e rodeadas por adornos, em geral, florais, remetendo às influências do *Nouveau*. Também realizadas com traço fino, porém, diferente das ilustrações dos calendários, contêm mais áreas de preenchimento. O clichê da segunda figura foi encontrado, idêntico, em outra publicação, na revista *Ilustração Pelotense* de 1919 (n.2, 1919, p.13), bem como a terceira figura, na *Ilustração Pelotense* de 1919 (n.3, 1919, s.p.). Exalta-se que os referidos clichês foram usados, primeiramente, pelos *Almanachs* (no ano de 1915) e quatro anos depois na *Ilustração Pelotense*, a qual, possivelmente era impressa na mesma gráfica do periódico estudado nestes anos (gráfica do Diário Popular) ou, em caso contrário, supõe-se que havia venda e intercâmbio de clichês entre diferentes gráficas.

Figura 61 - Detalhes dos clichês com ilustrações de mulheres usados em vinhetas



Fonte: *Almanach de Pelotas*. A primeira ilustração é de 1914, as próximas três encontram-se na edição de 1915 e a última na edição de 1927. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

A hipótese de que estes clichês começaram a ser usados para mostrar os recursos disponíveis, ganha vulto ao observar-se o uso de uma destas imagens na composição de um reclame, do anunciante Casa Krentel, conforme apresentado abaixo (Figura 62). Aqui é interessante destacar que não havia ainda, no período, uma preocupação com a identidade visual da empresa ou serviço como se tem hoje, pois se vê associado ao propagandeado uma imagem já veiculada anteriormente na mesma publicação, ou seja, não conferindo originalidade para a identidade do anunciante. Conclui-se que a única coisa desejada era adornar o reclame de alguma forma, a partir dos recursos disponibilizados pela gráfica de impressão, adequando uma necessidade prática ao recurso metodológico disponível.

Figura 62 – Reclame Casa Krentel - aplicação de clichê com ilustração de mulher



Fonte: Almanaque de Pelotas de 1934, p.32, também presente na edição de 1935, p.163. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Como estes clichês das mulheres, em vinhetas, foram encontrados, apenas, uma figura masculina, no ano de 1918 e a figura de um animal, nos anos de 1914 e 1917 e, da mesma forma, empregados apenas com cunho decorativo, conforme segue.

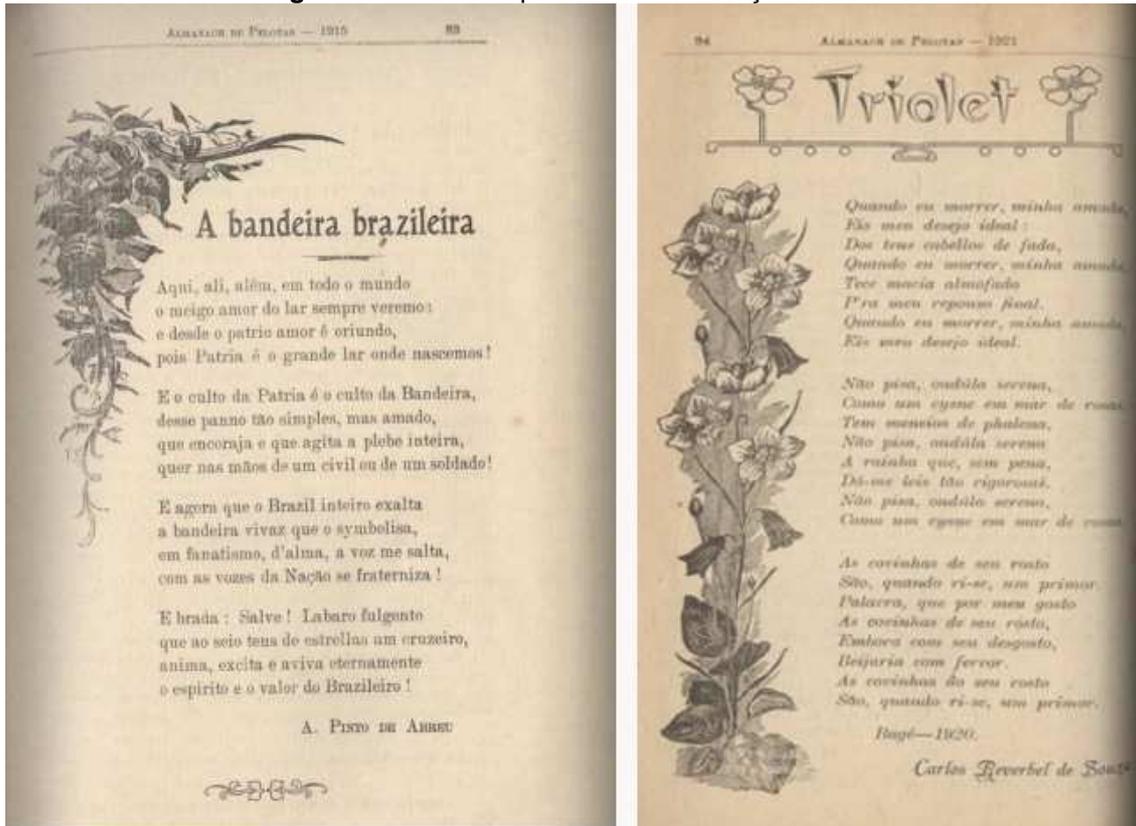
Figura 63 - Detalhes dos clichês com ilustrações de homem e animal usados em vinhetas



Fonte: *Almanach de Pelotas*, 1918, p.4 e 1914, s.p., após p.238. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Outros exemplos de ilustrações do conteúdo editorial se encontram, normalmente, junto à seção Variedades em poesias e poemas, mas ainda assim são exemplos pontuais. Nestes casos a recorrência são elementos florais, conforme segue, compostos de linhas bastante finas e características de gravuras em metal, suporte utilizado para a confecção dos clichês. As ilustrações, meramente decorativas, sem associação com os textos, adornam as páginas e parecem ter a função de eliminar um pouco os vazios. Além dos exemplos da Figura 64, situação semelhante se encontra na anteriormente apresentada Figura 10.

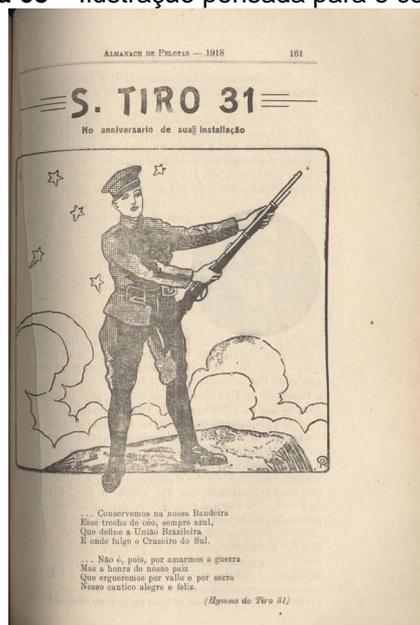
Figura 64 – Poemas/poesias com ilustrações florais



Fonte: *Almanach de Pelotas*, 1915, p.83; 1921, p.94. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Outro exemplo de ilustração de conteúdo, ainda mais raro, é o exemplo apresentado abaixo, pois se trata de um caso no qual a ilustração foi pensada e produzida para aquele conteúdo específico. Trata-se, novamente, de um material textual curto, o “Hymno do Tiro”, da seção Variedades, para o qual é aplicada a ilustração de um homem com arma em riste. No primeiro plano, em posição central, o homem, cujo pé direito sobrepõe-se a moldura. Sua figura e base, apresentam partes preenchidas com cor chapada e outras com uma textura, contrastando-se ao fundo, com desenhos compostos apenas por contorno, de estrelas e nuvens. A posição das nuvens demonstra que o homem está em um local muito alto.

Figura 65 – Ilustração pensada para o conteúdo



Fonte: *Almanach de Pelotas*, 1918, p. 161. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Os próximos exemplos de ilustração são encontrados nos locais em que majoritariamente eram usadas, nos reclames. Embora mais usadas nestes espaços, ressalta-se que, ainda assim, os anúncios, em sua maioria, eram textuais e apenas adornados por ornamentos como molduras e fios. As ilustrações eram de estilos bastante variados, até porque estes espaços publicitários podem ter sido criados em diferentes locais e/ou os clichês comprados de outras oficinas; logo, não haveria como detectar um traço ou identidade característicos de algum ilustrador ou outro profissional. Abaixo observam-se, por exemplo, traços extremamente finos em desenhos sem contorno (na primeira linha de reclames), em oposição ao desenho extremamente detalhado, bastante preenchido, cuja predominância do preto contrasta-se com pontos de luz na cor branca (segunda linha). Nos três casos estão empregadas ilustrações que narram ações.

Figura 66 – Diferentes tipos de ilustrações em reclames (Cafiaspirina/Bayer; Peitoral de Angico Pelotense; Hudson/Buxton Guilaun Cº - detalhe)



Fonte: Almanaque de Pelotas, 1933, s.p., entre p.106 e p.107; 1935, s.p., entre p.4 e p.5; Almanach de Pelotas, 1926, s.p., entre p.160 e p.161. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Nos anúncios era recorrente o uso de ilustrações com associação direta ao produto/serviço, através do emprego de desenhos de fachada (da fábrica ou do estabelecimento, como símbolo de modernidade) – caso da *Grande manufatura de fumos Garibaldi Gentilini* – e de desenhos do próprio produto, como no caso da câmera fotográfica anunciada pela Casa Krentel, e do frasco

do Elixir de Nogueira, renomado medicamento de produção pelotense. As ilustrações de frascos de medicamentos eram práticas comuns, como comentado anteriormente, sendo que este exemplo explora a criatividade ao apresentar o frasco do medicamento num plano mais a frente, e atrás, sugere o mesmo frasco pelo empilhamento de várias embalagens do mesmo.

Figura 67 – Ilustrações com fachada ou produtos em reclames (*Grande manufatura de fumos Garibaldi Gentilini*; *Casa Krentel*; *Elixir de Nogueira*)



Fonte: *Almanach de Pelotas*, 1922, p.50; 1922, p.269; 1924, s.p., entre p.IX e p.9. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Além dos casos em que é feita uma associação mais direta entre a ilustração e o produto/serviço, nos reclames, há aqueles nos quais se faz uso de associações mais simbólicas, como os que seguem na Figura 68. Neles encontram-se narrativas remetendo à ação do produto, como mergulhar o carro num balde de tinta (pintura de carros Buxton Guilayn C^o); homem erguendo 1000Kg (depurativo Maratan) e balança representando ganho de peso do bebê (*Farinha Lactea Nestlé*). No caso do exemplo do meio, o homem dotado de força, é caracterização típica para o gênero masculino.

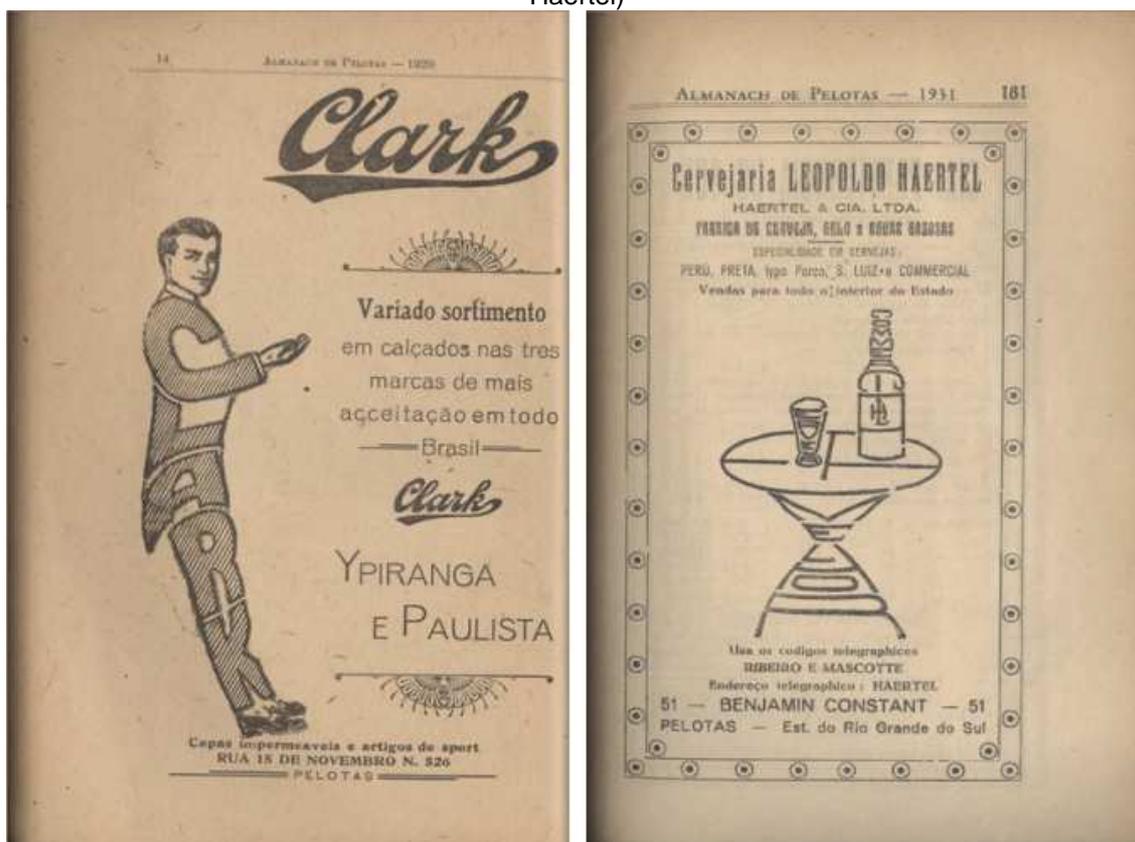
Figura 68 – Ilustrações com narrativas e associação simbólica em reclames (Buxton Guilayn C^o; Araujo Freitas & Cia./Maratan e Elixir Indigena; *Farinha Lactea Nestlé*)



Fonte: *Almanach de Pelotas*, 1922, p.187; 1924, p.251; *Almanaque de Pelotas*, 1934, s.p., entre p.4 e p.5. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Por fim, os últimos exemplos trazem usos criativos de ilustrações ao formarem-se desenhos através de palavras. No primeiro, figura-se o perfil do corpo de um homem através da disposição das letras da marca da loja Clark, há que se dizer, numa postura bastante instável e sem equilíbrio. Já no segundo a ilustração de um copo, de uma garrafa e de uma mesa é formada pela frase “cerveja Commercial é a melhor”, em que o copo é constituído pela palavra “cerveja”, a garrafa pela palavra “Commercial” e a mesa pelas palavras “é a melhor”.

Figura 69 – Ilustrações formadas por palavras em reclames (Clark; Cervejaria Leopoldo Haertel)



Fonte: *Almanach de Pelotas*, 1920, p.14; 1931, p.181. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

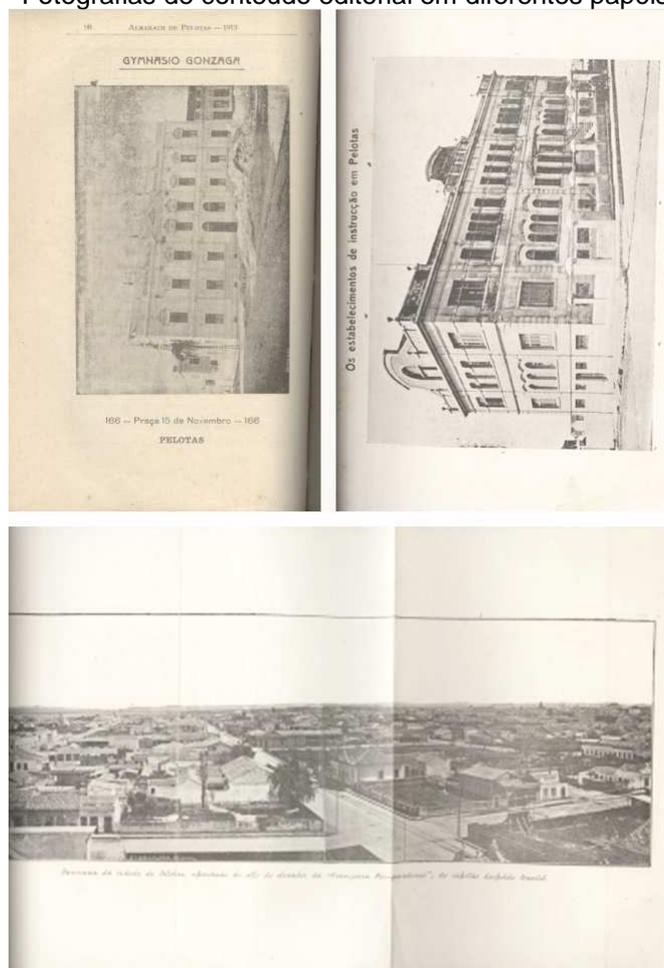
1.3.4 Fotografias

Como já comentado, o uso de clichês fotográficos nos *Almanachs* era constantemente exaltando de forma a valorizar o periódico. As fotografias eram usadas para ilustrar o conteúdo editorial (muito mais do que as ilustrações), prioritariamente das situações ligadas ao progresso da cidade e, também, pelo retrato de figuras ilustres, quase na totalidade homens, sendo essa discussão tratada com mais detalhe no capítulo 2. As ocorrências de fotografias na cidade, por sua vez, são retratadas no próximo subcapítulo, 2.1. Além do conteúdo editorial, as fotografias eram usadas, ainda, na ilustração dos reclames.

A grande maioria de fotografias era veiculada em uma página inteira, por vezes em folhas brancas de maior gramatura e lisura (as quais permitiam maior

qualidade) ou nas folhas de papel jornal mesmo, conforme já apresentado em figuras anteriores (Figura 6, Figura 7 e Figura 11) – quando da apresentação dos conteúdos do periódico. Por vezes, as fotografias vinham em folhas de tamanho diferente, ou maiores ou menores, com dobras, num recurso que chamava a atenção pelo inusitado e que aumentava a possibilidade de interação do leitor com o artefato. Abaixo, exemplos de inserção de fotografias em papel jornal, em folha mais espessa e mais lisa, e em folha com dobra e, nelas, nota-se a importância dada à questão da instrução, uma vez que os dois primeiros exemplos registram estabelecimentos de ensino: *Gymnasio Gonzaga* e *Collegio S. José*.

Figura 70 – Fotografias de conteúdo editorial em diferentes papéis e tamanho de folha



Fonte: *Almanach de Pelotas*, 1913, p.98; 1917, s.p., entre p.24 e p.25; 1919, s.p., antes da p.3. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Essas imagens, muito usadas na documentação, algumas vezes apresentavam-se desvinculadas do seu conteúdo, pois, por exemplo, para ilustrar um dado conteúdo, ao invés de virem todas próximas ao texto ao qual se atrelam, vinham espalhadas ao longo de toda extensão da publicação. Interpreta-se tal recurso como uma forma de dividir equanimente as imagens no decorrer do *Almanach*, evitando, assim, a monotonia.

Como comentado, normalmente, essas fotografias apareciam isoladas em folhas e, contornadas por molduras simples (como nos casos acima) ou mais elaboradas (como, novamente, exemplificado nas Figura 6 e Figura 7) e, mais raramente, associadas a outros ornamentos. Para ilustrar este último caso, utiliza-se a outra temática recorrente em fotografias da publicação que são os retratos de pessoas ilustres (Figura 71) e um caso de registro das várias fachadas da residência do Dr. Augusto Simões Lopes. Os grafismos abaixo apresentam elementos florais e linhas sinuosas, oriundas do estilo *Nouveau*, sendo usados para incorporar mais interesse à composição. Acrescenta-se, ainda, que é normalmente no registro de pessoas que ornamentos e/ou molduras mais elaboradas são agregados, embora um dos exemplos abaixo seja de um caso distinto.

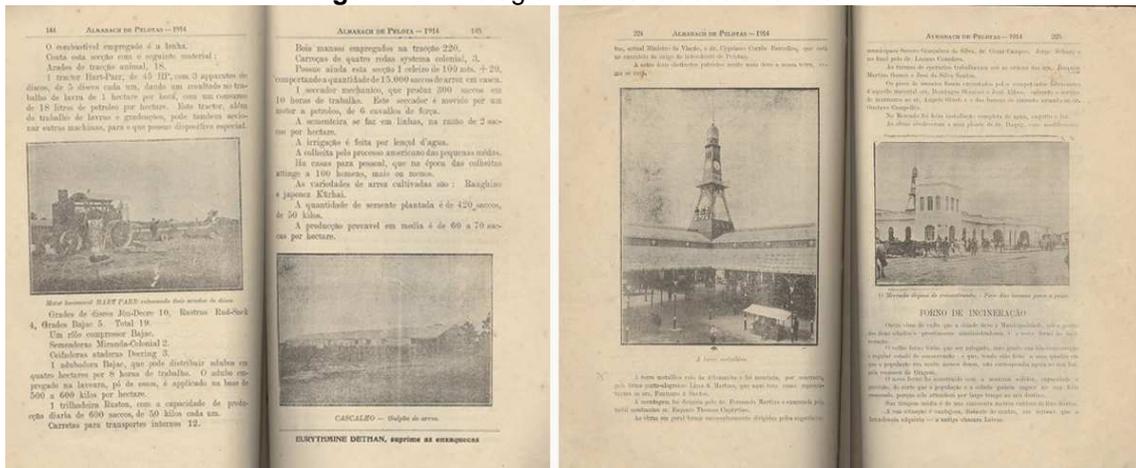
Figura 71 – Fotografias junto a ornamentos.



Fonte: *Almanachs de Pelotas* 1917, s.p., entre p.56 e p.57; 1924, s.p., antes da p. I; 1923, p.328. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Exemplos de clichês fotográficos que não em páginas isoladas e atrelados a textos têm bem menor frequência, mas, também são encontrados, como a seguir. Nestes, observa-se uma diagramação pensada para receber texto e imagem na mesma página, impressos a partir de uma mesma matriz. Embora planejados numa composição conjunta, percebe-se, ainda, bastante rigidez na diagramação, em que as imagens são encaixadas em espaços previamente reservados.

Figura 72 – Fotografias associadas a textos.



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1914, p.144-145 e p.224-225. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Afunilando ainda mais a frequência do que pode ser observado ao folhearem-se as páginas dos *Almanachs*, encontram-se, para além dos exemplos acima, situações de maior integração entre fotografias e texto, em composições, diga-se, mais ousadas e criativas, como na Figura 73. Embora ainda se percebam caixas de textos bastante “duras” e retangulares, avalia-se um maior esforço em contornar a imagem com o texto. Além disso, esses dois exemplos são interessantes, o primeiro, pelos ornamentos agregados e que dão à composição com a fotografia um aspecto mais assimétrico e irregular, rompendo com molduras mais delimitadas; e, o segundo, por apresentar recorte fotográfico fazendo contorno na silhueta masculina.

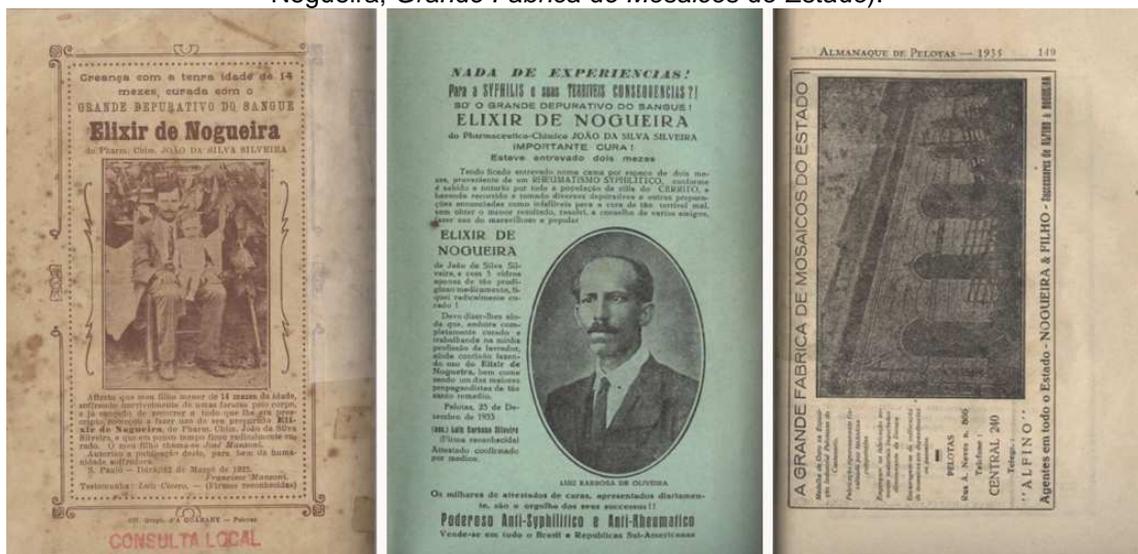
Figura 73 – Fotografias recortadas associadas a textos.



Fonte: *Almanachs de Pelotas* 1918, p.129; 1923, p.334. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Além do conteúdo editorial, as fotografias eram usadas para ilustrar o conteúdo publicitário. Neste, as táticas recaíam na fotografia de pessoas que atestavam a eficácia de um dado produto, normalmente medicamentos; fotografia de fachadas de estabelecimentos e fotografias de produtos. A seguir foram trazidos exemplares das duas primeiras situações, lembrando que, no caso de fachadas, este capítulo já trouxe situações na Figura 25 e na Figura 31. De produto encontra-se representante na Figura 24. Informa-se, ainda, que outros tantos exemplos de fotografias em reclames estão presentes nos próximos capítulos da dissertação, especialmente nos tópicos 3.1 e 4.1.

Figura 74 – Fotografias de pessoas e fachada em reclames (Elixir de Nogueira; Elixir de Nogueira; *Grande Fabrica de Mosaicos do Estado*).



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1923, contracapa; e *Almanaque de Pelotas*, 1935, s.p., entre p.8 e p.9 e p.149. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Do mesmo modo, encerra-se esta parte de análise de fotografias alertando que muitas delas seguirão aparecendo ao longo deste texto, no concernente ao desenvolvimento da cidade – no tópico 2.1 – e relativas às aparições femininas – nos itens 2.2 e 2.3 – que reforçarão as formas de uso deste tipo de imagem ao longo dos *Almanachs de Pelotas*.

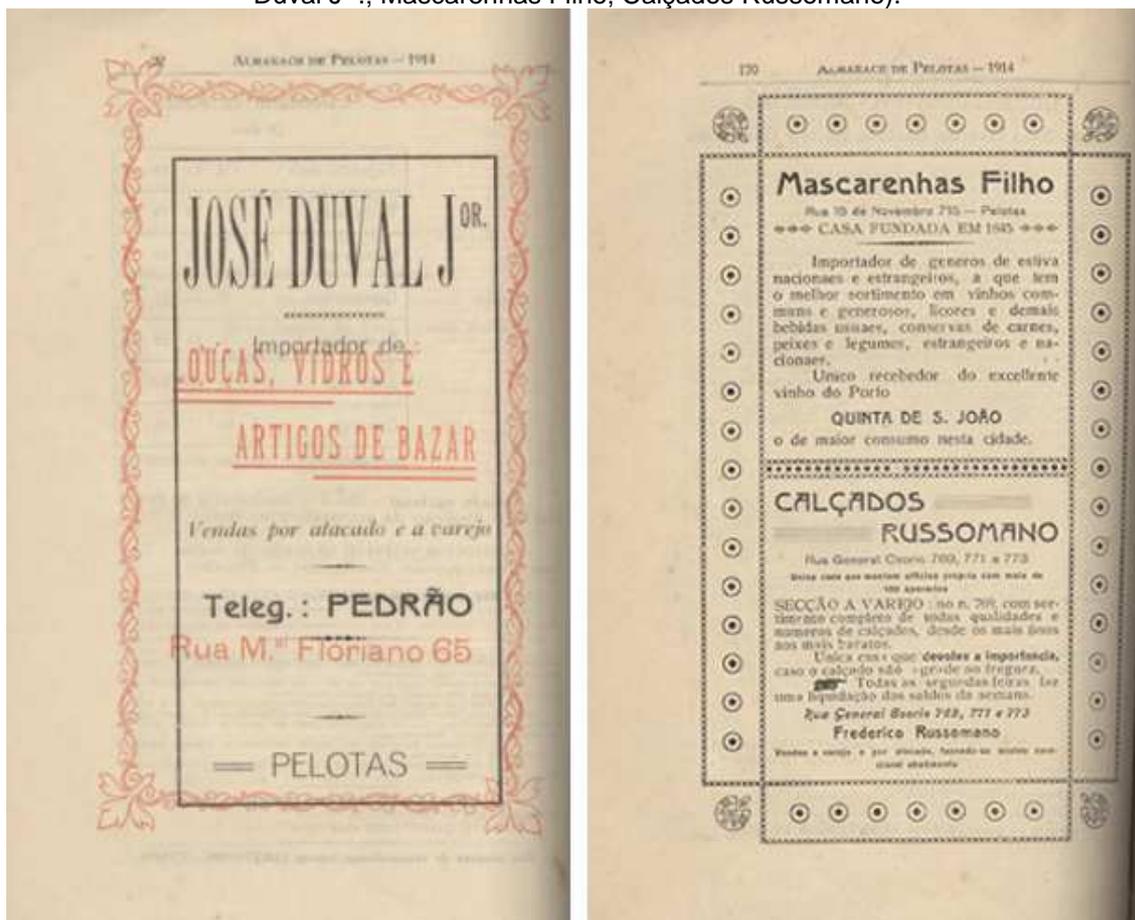
1.3.5 Ornamentos

Os ornamentos, muitas vezes já aparentes em figuras apresentadas ao longo deste capítulo, têm, neste momento, análise particularizada. Os ornamentos estão bem presentes ao longo de todo periódico analisado, sendo que nos reclames eles têm especial ênfase, principalmente através da utilização de molduras, extremamente profusas.

Como mencionado, nos exemplares dos *Almanachs de Pelotas*, o estilo *Art Nouveau* se fez mais evidente, embora exemplos ligados ao *Art Déco* também foram identificados, conforme Figura 75. Os casos abaixo, além de ilustrarem os dois estilos, representam, ainda, o que a literatura mencionou acerca da coexistência de ambos, já que as situações foram extraídas da

mesma edição, do ano de 1914. A primeira página é composta com moldura floral num exemplo de ornamentação típica do *Nouveau*, enquanto a segunda compõe-se de molduras retilíneas formadas por diminutos círculos e também outros elementos circulares, numa composição bastante mais geometrizada que a anterior, própria do *Déco*.

Figura 75 – Ornamentos em molduras nos estilos *Art Nouveau* e *Art Déco* em reclames (José Duval J^{or.}; Mascarenhas Filho; Calçados Russomano).



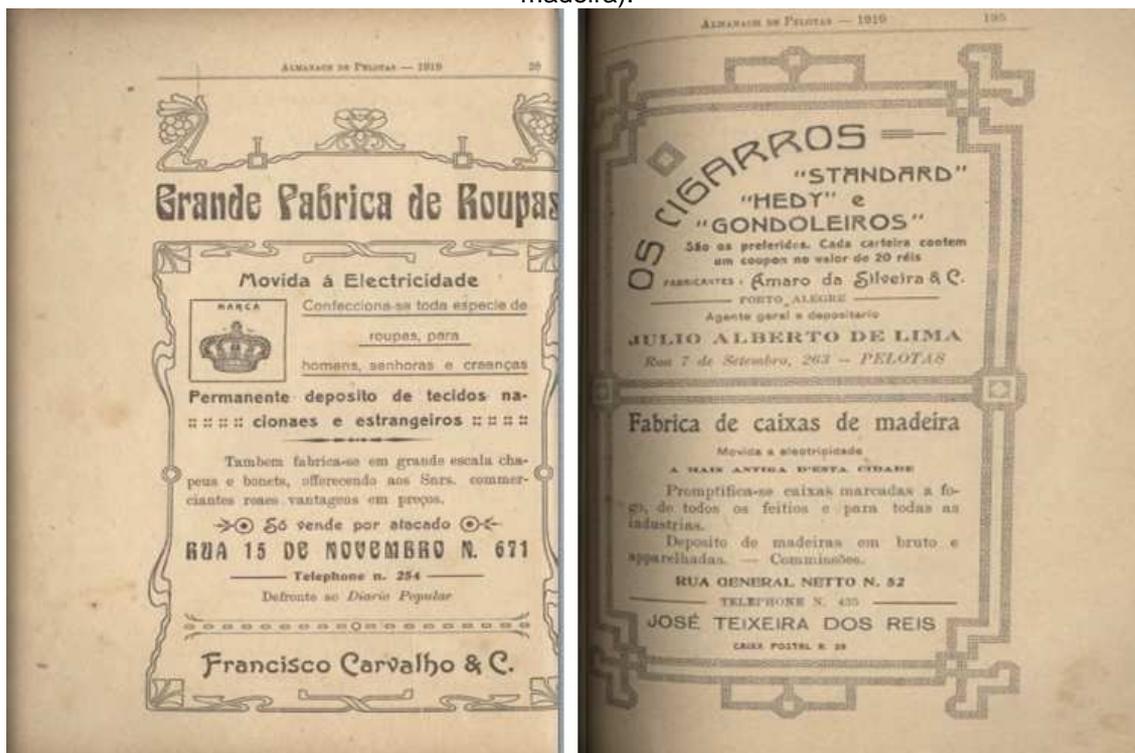
Fonte: *Almanachs de Pelotas* 1914, p.22 e p.170. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Para além dos estilos, destaca-se, no primeiro exemplo, que se trata do raro uso de duas cores em página do miolo, através da qual há um perceptível erro de registro entre a matriz do preto e a matriz do vermelho, uma vez que o conteúdo de cor preta está deslocado, o que pode ser observado pela moldura

desta cor encontrar-se sobreposta à floral e vermelha, além da superposição de textos também notória.

Exemplos de concomitância do uso de estilos em uma mesma edição, além do ano de 1914, encontram-se, em muitos exemplares, como nos casos dos ornamentos da Figura 76, de 1919.

Figura 76 – Ornamentos em molduras nos estilos *Art Nouveau* e *Art Déco* em reclames (*Grande Fabrica de Roupas*; Julio Alberto de Lima / cigarros; José Teixeira dos Reis / caixas de madeira).

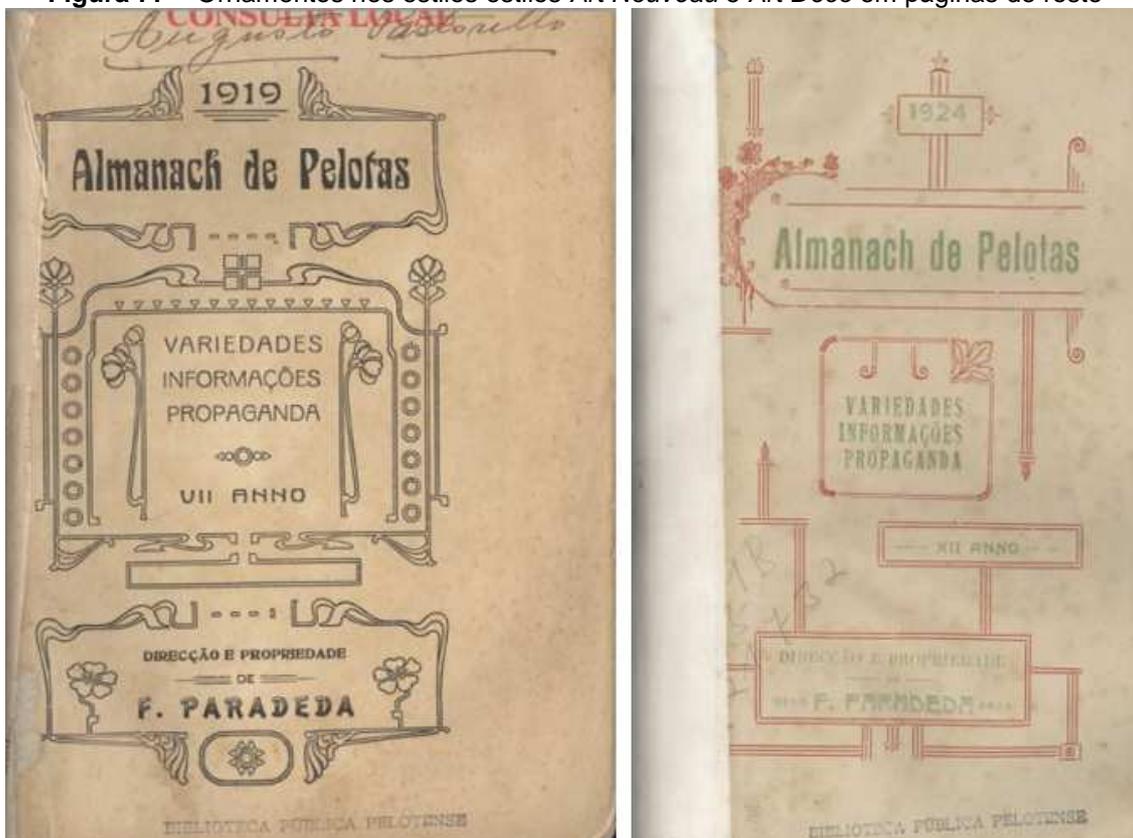


Fonte: *Almanachs de Pelotas* 1919, p.28 e p.195. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

As quatro páginas dos *Almanachs*, das figuras acima, são de reclames veiculados em suas páginas, espaços mais frequentemente explorados com ornamentos, os quais, por sua vez, delineiam-se pelos referidos estilos. No entanto, outros espaços do periódico traziam essas referências, como as capas (já observadas no item 1.3.1) e como as folhas de rosto, conforme segue. Nos exemplos escolhidos têm-se, novamente, um primeiro exemplo voltado ao *Nouveau* e, no segundo, embora no canto superior esquerdo existam

elementos florais, a composição como um todo se organiza pela retilinearidade e geometrização do Déco.

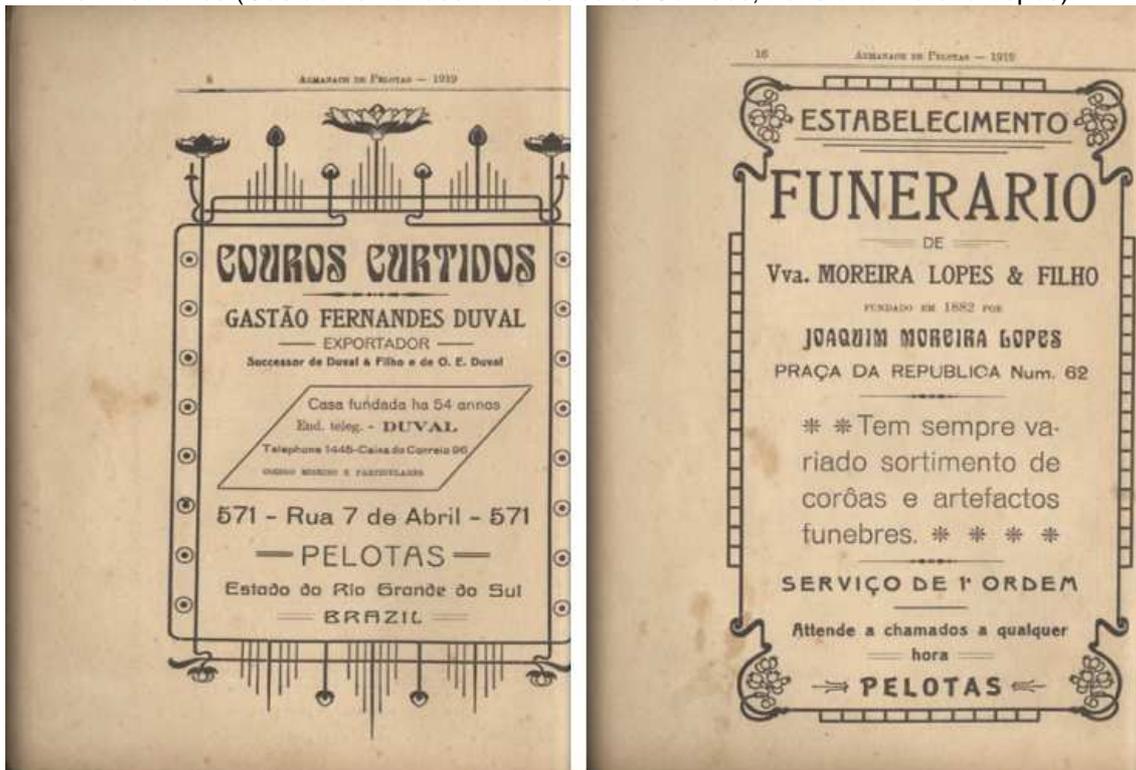
Figura 77 – Ornamentos nos estilos estilos *Art Nouveau* e *Art Déco* em páginas de rosto



Fonte: *Almanachs de Pelotas* 1919, s.p.; 1924, s.p.. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

A superposição dos estilos, num processo que não apresenta rupturas claramente delineadas pode ser notada, ainda, no uso indistinto de características de ambos, em uma mesma composição, numa comprovação do desgarramento dos estilos aos seus significados originais a partir dos quais emergiram para, no Brasil, assumirem a função de representarem o novo e o moderno. Situações ilustrativas disto encontram-se a seguir, nos quais se vê a utilização de formas botânicas e linhas sinuosas somadas às linhas retas e formas geométricas.

Figura 78 – Ornamentos em molduras com superposição dos estilos *Art Nouveau* e *Art Déco* em reclames (Gastão Fernandes Duval / couros Curtidos; Funerária Moreira Lopes).



Fonte: *Almanachs de Pelotas* 1919, p.8 e p.16. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Enfatiza-se que exemplos mais próximos ao *Déco* encontram-se desde a primeira edição, em 1913 (Figura 79). Aliás, ousa-se dizer que o *Nouveau* foi mais influente na publicação conforme foram se passando os anos de sua veiculação. Tal observação vai de encontro ao afirmado pela bibliografia de o *Déco*, posterior ao *Nouveau*, ter sido mais presente nas décadas de 1920 e 1930. Por outro lado, estes podem ser casos, justamente, da diversidade existente no estilo precursor – também mencionado pela literatura – no qual, inclusive, teriam sido detectadas composições mais severas e geometrizadas. Nos casos abaixo, observa-se, ainda, a utilização, para dois reclames, de diferentes anunciantes, de uma moldura praticamente idêntica, não fosse a inclusão de poucos ornamentos a mais no exemplo à direita. Tal aspecto indica a pouca associação feita entre produto/serviço e o uso de elementos gráficos que possam lhe identificar.

Figura 79 – Ornamentos em molduras no estilo *Art Déco* em reclames (*Photographia Artistica de Clemente Sintich; A Perola*).



Fonte: *Almanachs de Pelotas* 1913, p.60 e p.110. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

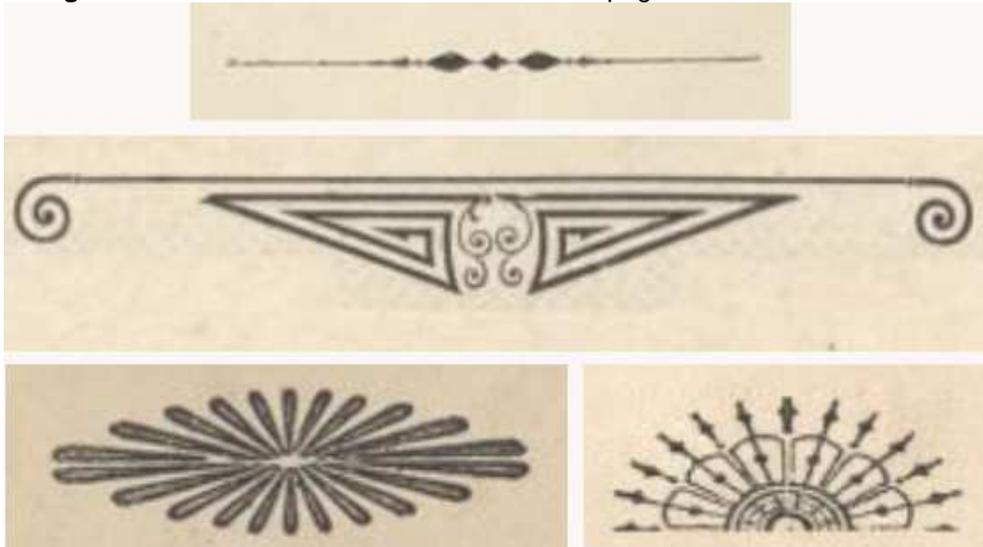
Como dito, as ornamentações mais evidentes nos *Almanachs*, foram as molduras – muito recorrentes em reclames. No entanto, existem outras formas de adorno, como pequenos desenhos ou fios, em vinhetas com propósito de delimitar conteúdos, ocupar espaço e, claro, decorar. Algumas vinhetas foram apreciadas no item 1.3.3, dedicado às ilustrações, mas a seguir apresentam-se outros exemplos. Na Figura 80 há casos mais próximos do *Art Nouveau* e, na Figura 81, os casos são mais afinados com o *Art Déco*.

Figura 80 – Ornamentos no estilo *Art Nouveau* em páginas de conteúdo editorial



Fonte: *Almanachs de Pelotas* 1914, p.167; 1915, p.68; 1914, p.3; 1915, s.p., entre p.8 e p.9. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 81 – Ornamentos no estilo *Art Déco* em páginas de conteúdo editorial



Fonte: *Almanachs de Pelotas* 1915, p.203; 1913, p.99; 1915, p.20; 1926, p.IX. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Além destas maneiras, os ornamentos eram usados para decorar títulos, como forma de destacá-los. Estes, na maioria das vezes, aparecem rebaixados na página, inseridos num espaço com maior área de respiro, conforme apresentado na precedente Figura 51. Abaixo, então, exemplares de títulos ornados por grafismos, nos quais também observam-se as características do

Nouveau e do *Déco*, por vezes, inclusive, superpostos em uma mesma situação.

Figura 82 – Ornamentos nos estilos *Art Nouveau* e *Art Déco* em páginas de conteúdo editorial



Fonte: *Almanachs de Pelotas* 1915, p.183; 1918, p.121 e p.124; 1920, p.69; 1926, p.100 e p.122; e *Almanaques de Pelotas*, 1934, p.45, p.63 e p.130; 1935, p.3. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Reiterando o que já foi mencionado, os exemplos mais evidentes dos estilos se encontram nas páginas dos reclames, justamente porque o recurso de ornamentação era mais aplicado nestas. Pela amostragem ofertada até então para ilustrar as influências do *Art Nouveau* e do *Art Déco*, pode-se atestar tal afirmação. Algumas caracterizações dos estilos foram vistas acima de forma específica, no entanto, os aspectos dos mesmos seguem norteando a análise que prossegue ao longo desta tese, como nos capítulos 3 e 4.

Por fim, afirma-se que a análise tanto editorial quanto gráfica dos *Almanachs* foi importante para a observação da aplicação do que

historicamente foi trazido pelos autores usados ao longo deste capítulo, tanto no tocante à inserção dos objetos gráficos impressos (particularmente da tipologia almanaques) no cotidiano humano, quanto com relação aos processos e técnicas que possibilitaram tal feito. Assim, pensa-se que estas análises contribuem e complementam a revisão bibliográfica realizada. O próximo capítulo dedica-se a observação do contexto no qual estes impressos foram veiculados, a partir, principalmente, do conteúdo que suas edições congregavam. Esse contexto refere-se à cidade de Pelotas e, ainda, aos aspectos relativos às mulheres inseridas na malha desta cidade.

CAPÍTULO 2

2. DESENHANDO CONTEXTOS

2.1 A CIDADE DOS *ALMANACHS* E A CIDADE REAL

Tendo em vista que se pretende averiguar os discursos concernentes ao gênero feminino nos *Almanachs de Pelotas*, entende-se pertinente desbravar o contexto no qual a publicação, nas suas 23 edições, circulou. Justifica-se esta postura pelo fato de se defender que as relações de gênero são construções emergentes das tramas sociais e culturais, logo, estas relações só podem ser compreendidas se situadas nos marcos históricos e sociais aos quais pertencem. O cenário geográfico limita-se a cidade de Pelotas, já os limites temporais alargam-se um pouco, remontando por algumas vezes ao século XIX, por crer-se que o tempo é algo fluido, no qual o passado se debruça no presente e no futuro, sucessivamente, sempre deixando as suas marcas e seus indícios. Logo, recorre-se aos 1800 por se entender os fatos lá ocorridos como base e alavanca para o que foi vivenciado nos 1900, período de circulação dos objetos estudados.

Enfatiza-se, no entanto, que a contextualização aqui apresentada privilegia as informações angariadas por meio das edições dos *Almanachs de Pelotas*, tipologia de publicação que, como visto no capítulo 1.1, auspiciava ordenar o tempo, objetivo para o qual, em concomitância, necessitava-se ordenar o espaço. Fala-se, neste caso, do espaço de sociabilidade dos indivíduos, ou seja, da cidade como um todo, cidade esta que, pelos *Almanachs* erigia-se moderna, foco de divulgação constante e recorrente da

publicação. Assim, a cidade promulgada pela publicação, por meio de fotos e textos, é que orienta a construção do contexto temporal e espacial.

Em um texto editorial de Florentino Paradedda (editor e mantenedor da publicação dos *Almanachs de Pelotas*) relembram-se as impressões de Conde d'Eu em visita à cidade no ano de 1865. O discurso do príncipe ressalta a condição de riqueza e de progresso da cidade pelo olhar estrangeiro e aristocrata do príncipe, como transcrito abaixo.

Depois de ter percorrido duas vezes em toda a sua largura a provincia do Rio Grande do Sul; depois de se ter estado em suas pretensas cidades e villas, Pelotas apparece aos olhos encantados do viajante como uma bella e prospera cidade. As suas ruas largas e bem alinhadas, as carruagens que as percorrem (phenomeno único na Provincia) sobretudo os seus edificios, quase todos de mais de um andar, com as suas elegantes fachadas, dão idéa de uma população opulenta.[...] De facto, é Pelotas a cidade predilecta do que eu chamarei a aristocracia rio-grandense, si é que se pode empregar a palavra aristocracia falando-se de um paiz do novo continente. É tambem em Pelotas que florescem em todo o seu esplendor as industrias que alimentam o verdadeiro luxo rio-grandense, o dos arreios. Estas industrias, como se sabe, são duas: a dos couros lavrados, cinzelados, coloridos, bordados de mil maneiras, e a das peças de prata, não menos artisticamente trabalhadas. O rápido desenvolvimento de Pelotas é um facto notável, que não encontra análogo na provincia e que presagia a esta cidade um futuro considerável.(Florentino Paradedda. Pelotas, a "Prospera Cidade" no Centenario da Patria Livre. *ALMANACH DE PELOTAS*, 1922, p. 66)

O Estado do Rio Grande do Sul – onde se localiza o município pelotense – começou a ser povoado tardiamente, polarizando-se em norte e sul; o primeiro colonizado por alemães e italianos e o segundo, com uma presença primeira e principal de açorianos. Fundada em 1835, Pelotas foi responsável pelo seu próprio enriquecimento e pelo do pólo sul, graças à instauração das charqueadas na segunda metade do século XVIII, ramo no qual o município foi o maior representante. Através de Pinto Martins, em 1780 foi estabelecida em Pelotas a primeira charqueada, alavancando o desenvolvimento e crescimento da cidade que se tornou, no século XIX, uma das urbes mais adiantadas e prósperas do estado (LONER, 1999, p. 52-53 e p. 67) (PERES, 2002, p. 32) (CUNHA, 2009, p. 30-31).

A prosperidade propiciada pelas charqueadas estava extremamente presente no pensar daquele período, fato perceptível em alguns textos veiculados pelos *Almanachs de Pelotas*. Em outro trecho do já citado texto

“Pelotas, a ‘Prospera Cidade’ no Centenario da Patria Livre”, de 1922, sobre o progresso da cidade é feita a seguinte atribuição:

[...] seu prompto adiantamento resulta da proximidade das xarqueadas, e por consequencia da coadjuvação dos xarqueadores, homens abastados e geralmente dotados de disposições liberaes; a vontade delles era, com efeito, sufficientte para operar a transformação que se tem notado; elles quizeram que o lugar prosperasse, e o lugar prosperou; cada um delles tem alli sua casa urbana; e quando, nos domingos e dias santos, a população das xarqueadas ajunta-se na cidade... é difficil fazer-se uma idéa do ar de vida e opulencia que respira então a cidade de Pelotas. (Florentino Paradedá. Pelotas, a “Prospera Cidade” no Centenario da Patria Livre. *ALMANACH DE PELOTAS*, 1922, p. 64)

Já o *Almanach de Pelotas*, do ano de 1920 (p. 293-295), publica um texto denominando “A industria do xarque em Pelotas”, e mesmo que veiculado antes do texto acima (1922), tem um ar bastante mais pessimista. Naquele contexto se tinha total consciência da importância da indústria saladeril na economia da cidade e havia preocupação com o seu declínio, como se pode observar a seguir.

O mais importante propulsor da força economica de Pelotas – a industria do xarque, vem, anno a anno, diminuindo de intensidade, não só devido aos altos preços dos gados, o que tem determinado um valor excessivo para os productos derivados, fazendo assim decrescer a procura delles, como também pela localização de estabelecimentos congêneres em outros Estados da União e localidades do Rio Grande. [...] Depois, a competencia dos frigorificos, sob a proteção de leis que dispensão a estes estabelecimentos vantagens excepcionaes, de que as xarqueadas, no momento, não gosam, é ainda outro poderoso motivo que, alliado áquelles, contribuirá certamente para o aniquillamento, senão completo, ao menos parcial, desse mais vultoso ramo da nossa industria. (A industria do xarque em Pelotas. *ALMANACH DE PELOTAS*, 1920, p. 293)

A sombria atmosfera descrita se reforçava pelos dados estatísticos que comparavam e listavam o número de charqueadas existentes no ano de 1873 e de 1918. No primeiro ano mencionado é elencado um total de 35 estabelecimentos, enquanto na segunda referência temporal esta quantidade cai para cinco. Além disso, ressalta-se que entre os anos de 1871 e 1885, foram abatidos 5.016.006 animais; já entre os anos 1905 e 1919, o número decresce para 1.837.995.

Enquanto o pólo norte do estado organizou-se através de pequenas propriedades de atividades agrícolas, artesanato e comércio, o pólo sul, região a qual Pelotas pertencia, estruturou-se com base em grandes propriedades, pecuária e escravidão. Estas características acabaram por, futuramente, propiciar maior desenvolvimento da região norte, que tinha Porto Alegre como principal representante, enquanto a região sul apoiou-se na dupla de cidades Pelotas e Rio Grande (LONER, 1999, p. 52-53 e p.67) (PERES, 2002, p. 32) (CUNHA, 2009, p. 30-31).

Com relação à industrialização, o Estado manteve-se pautado nestes dois pólos com as suas respectivas cidades-representantes, tendo seu início por volta de 1870, com as Fábricas Rheingantz de tecidos, na cidade de Rio Grande. Logo, o pólo sul foi o precursor industrial no Rio Grande do Sul. As regiões norte e sul eram bastante distintas (acima já se exaltou tal fato tomando como base a ocupação de terras) também no que diz respeito às estruturas sociais e econômicas e, ainda, com relação à industrialização. Porto Alegre possuía maior número e maior diversidade de estabelecimentos de menor porte, enquanto Rio Grande continha estabelecimentos maiores, porém, com menor diversidade de ramos de atuação. Pelotas, que junto com Rio Grande dominavam o pólo sul, mesclava algumas características das duas outras cidades citadas, contendo indústrias, de grande porte, de derivados da pecuária e alguns estabelecimentos pequenos de produção mais artesanal para inúmeros bens de consumo. Além disso, por ter como principal produto o charque, dependia da exportação para o seu desenvolvimento industrial (LONER, 1999, p. 53-54).

A região sul, através da dupla Rio Grande-Pelotas, manteve um parque industrial superior ao do pólo norte, com a capital Porto Alegre, até final do século XIX e início de século XX (Idem, p. 54). Importante notar que se tratava de uma localidade bastante desenvolvida e economicamente ativa no Estado e, inclusive, no país. Mesmo que em posição periférica em termos geográficos, o Rio Grande do Sul figurava, no quesito tamanho do parque industrial, na 3ª colocação do país (Idem, p. 227), e Pelotas, por sua vez, cuja localização exacerba a comentada condição periférica do Estado, no ano de 1920 chegou a ocupar 8ª posição no que se refere às rendas municipais dentre todas as

idades brasileiras, ultrapassando cidades como Juiz de Fora, Campinas e Santos (Idem, p. 57). Impressiona pensar sobre uma cidade do interior, com localização geográfica nada estratégica e, ainda, a qual enfrentou problemas para exportar os seus produtos por meio do seu porto (um dos três do Estado) devido as taxas cobradas serem mais altas que as do porto de Rio Grande, tenha conseguido alcançar posição de tamanho destaque no país (Idem, p. 55).

Destaca-se, aqui, que embora se atribua a Rio Grande o início da industrialização da região e do Estado, era de Pelotas o produto com maiores retornos financeiros, o charque. Porém, não se pode atrelar a esta cidade as bases do parque industrial gaúcho pelo fato de ser um produto cuja feitura desencadeia discussões sobre se tratar de uma produção manufaturada ou industrial (Idem, p. 53).

Discussões a parte, segundo Peres (2002, p. 32), Pelotas, também conhecida como Princesa do Sul ou Atenas Rio-Grandense, viveu seu auge econômico e cultural em fins do século XIX e início do século XX, impulsionado, justamente, pela indústria saladeril, nome de origem espanhola que indica a produção do charque. Em meados do século XIX as charqueadas congregaram a principal atividade pelotense, dando origem a outras indústrias como de couro, cola, sabão e velas. Com relação à produção de sabão e de velas, uma indústria de porte e bastante anunciada através dos reclames dos *Almanachs de Pelotas* foi a Fábrica F.C. Lang & C^o, sobre a qual se fala em capítulos posteriores. Ainda sobre as charqueadas, a autora cita que ao final do século XIX, chegaram a ser somadas por volta de 40 delas, localizadas às margens do Arroio Pelotas e Canal São Gonçalo.

Sobre a produção industrial na cidade de Pelotas apresenta-se a tabela abaixo, com vistas a demonstrar a sua diversidade e a sua produção mais evidente. O quadro comparativo engloba um trecho temporal um pouco anterior e finaliza um pouco antes do término do contexto mais específico deste estudo (1913-1935), mas funciona para dar um panorama geral do cenário.

Tabela 2 - Quadro comparativo de fábricas existentes em Pelotas de 1890 a 1925

Fábricas	1890	1897	1911	1918	1925
de acolchoados	-	-			04
de adubos	01 guano				01

de asfalto	-				01
de bonés	-				02
de balanças	-				01
de balas e caramelos	-				05
de pão e bolacha			26	21	
de biscoitos	-	01	01	01	01
de banha	-				17
de calçados	-	04	02	09	22
de conservas	-		07	09	36
de cepas para tamancos	01				04
de água mineral	-				01
de carroças	-	02			13
de seges	07	02			
de cal	01	01			01
de chapéus	05	04	02	03	03
de chapéus de sol	01		01	01	01
de cerveja	08	05	02	02	02
de cola	02		02	02	02
de café	04	10	08	03	06
de elixir, xaropes, produtos medicinais		03	04	03	01
de escovas e vassouras	03	03	06	07	05
de formas para chapéus	-				02
de fogos	-	02	03	01	01
de fumos	05	06	11	06	08
de gasosa e gelo	01	01	02	03	07
de instrumentos musicais	-		01		01
de licores e gasosas	04				
de lombilhos	-				06
de louças de barro	03	02	03	03	02
de latas	-				05
de malas e baús	02	01	04	03	02
de móveis de madeira	-				14
de móveis e objetos de vime	02	01	04	04	03
de móveis de ferro	-				02
de móveis		01	02	02	
de produtos químicos	-				02

de roupas*	03		03	01	06
de refinação de graxa, óleos e perfumarias	03	01	02	01	03
de sabão, sabonete e velas	08	09	12	09	03
de sacos	-				11
de tecidos	-		01	01	03
de vinhos, vinagre e licores	03	04	02	03	09
de vidros	-	02	01		02
de farinha e engenhos	01	01	19	34	27
de cartonagem	01				01
de camisas e cartonagem		01			
de línguas	03	01	03		
de gaiolas	-	01			
de guarda sol		01			
de massas	05	02	06	01	
charqueadas	18	15**	16	07	11
destilação de álcool		02			
conhaque		02			
de chocolate		01			
de beneficiar solas		01			
de mosaicos tijolos, ladrilhos		13	28	24	03
de coroas de flores			02	11	
de refinar açúcar			01	03	
Curtumes	28	46	28	37	33
Estaleiro naval			02	02	
de carros e outros veículos			06	12	
de beneficiar arroz			01	01	

Fonte: LONER, 1999, p.569-571. Quadro feito a partir do *Boletim de Estatística* de 1890 e dos Relatórios de Intendentes dos anos de 1897, 1911, 1918, 1923 e 1925. Os relatórios de 1918 e 1925, incluem empresas rurais.

Na Tabela 2, percebe-se, de uma forma geral, que o ano de 1925 foi o de maior produção para quase todos os produtos. Destaca-se, neste ano a indústria de conserva (36 estabelecimentos), de móveis de madeira (14), de farinha e engenhos (27) e curtumes (33), enquanto as charqueadas eram 11.

Ainda sobre o setor saladeril tem-se 18 charqueadas no ano de 1890; em 1897, 15; em 1911, 16; e em 1918, deste trecho, foi o ano com menor número, apenas 07.

O *Almanach de Pelotas* (1928, p. 68 e p. 71), por sua vez, traz como dados que até o ano de 1927 o município continha 183 fábricas em franca atividade, 441 oficinas diversas e 1.467 casas comerciais. Das fábricas havia ênfase para a Companhia Fiação e Tecidos Pelotense (Figura 83), criada a partir de iniciativas e recursos financeiros locais. Além do ramo de atuação em tecidos, os outros estabelecimentos fabris e manufatureiros da cidade produziam adubos, moinhos de arroz e trigo, couro, sabão, vela, calçados, chapéus, móveis, bebidas, conservas, produtos medicinais, olarias, entre outros, convergindo para os mesmos setores indicados na tabela acima.

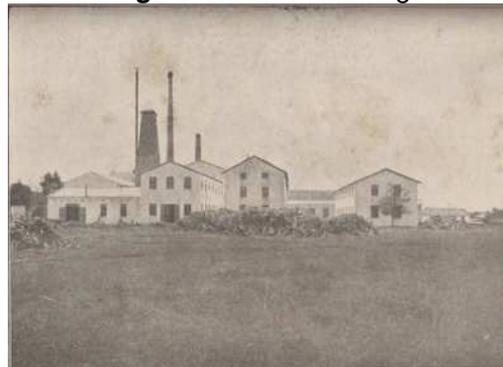
Os empreendimentos industriais, bem como os comerciais, também eram constantemente tema dos *Almanachs de Pelotas*, através de textos que tratavam em específico de algum estabelecimento, acompanhados de registros fotográficos (como os exemplos das figuras abaixo), funcionando como índices de uma cidade que progredia e se industrializava. O cunho normalmente é de extremo orgulho pelos produtos e estabelecimentos locais. No caso da Fábrica do Elixir de Nogueira (Figura 85), o estabelecimento é amplamente documentado por meio de fotografias na edição de 1920, apresentando sua seção de propaganda e arquivo de jornais, a rotulagem dos produtos, encaixotamento e carroças carregadas pelos produtos que seriam enviados para outras localidades. Sugere-se notar, ainda, que dos quatro exemplos abaixo, três deles têm como tônica na imagem, a figura da chaminé, talvez o maior símbolo da industrialização e do progresso alcançados.

Figura 83 - Fiação e Tecidos Pelotense



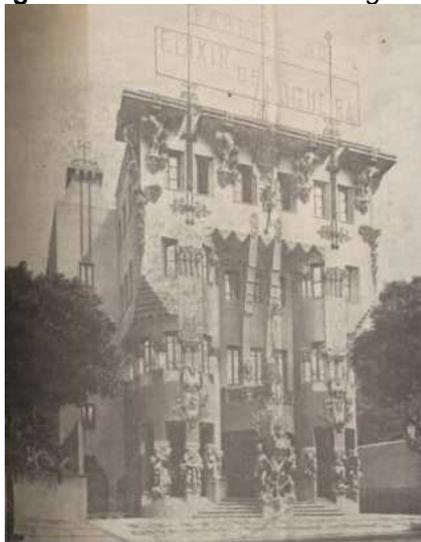
Fonte: *Almanach de Pelotas* 1916, s.p., entre p.250 e p.251. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Figura 84 - Fabrica Lang



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1920, s.p., entre p.282 e p.283. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Figura 85 - Fabrica Elixir de Nogueira



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1921, s.p., entre p.72 e p.73. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Figura 86 - Fabrica de Chapéus Pelotense



Fonte: *Almanaque de Pelotas* 1932, s.p., entre p.122 e p.123. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Embora com outros segmentos industriais, as charqueadas seguiam compondo o lastro econômico do município, sendo que no ano de 1926 elas ainda eram numerosas, com um total de 58.217 abates de rezes no referido ano (*ALMANACH DE PELOTAS*, 1928, p. 68 e p. 71), demonstrando ainda avultada produção. Esta indústria do charque, baseada no trabalho escravo (atividade sazonal que ocorria de novembro a maio e caracterizada por maus tratos e longas jornadas, às vezes de mais de dezesseis horas de labuta, em muito executadas à noite), foi responsável por solidificar as riquezas das elites, tornando-se, como já mencionado, uma importante cidade não só da província, como de todo o país.

O regime de escravidão na produção saladeril foi considerável, conforme se pode comprovar com base em Alberto Coelho da Cunha⁶, escritor pelotense que organizou uma estatística demográfica da cidade compreendendo os anos de 1814 a 1930. Referente à população recenseada de Pelotas, no ano de 1858, tem-se que a população livre era de 7.763 habitantes (60,21%), os libertos eram apenas 342 (2,65%) e os escravos eram 4.788 (37,14%). Os números deixam claro o quanto a atuação de escravos foi grande naquela sociedade, pois correspondia a um escravo para menos do que dois livres e libertos somados.

Foi, então, este intenso e numeroso trabalho escravo que possibilitou a Pelotas um importante patamar nos ramos econômico e industrial o qual, por conseguinte, impulsionou o crescimento urbano e, também, o desenvolvimento cultural (PERES, 2002, p. 33), área pela qual a cidade era bastante conhecida. Ainda sobre isso, Peres ressalta:

[...] Ao consolidar-se como centro industrial e comercial charqueador mais importante de toda a Província, Pelotas conquistou também, em função da riqueza que ali circulava, uma vida social e cultural intensa. O modelo de vida, os costumes, os hábitos e os comportamentos, o lazer, as artes, as atividades intelectuais de um modo geral, foram imitados principalmente do município da Corte (Rio de Janeiro) e dos países da Europa. Modelo de desenvolvimento, de modernidade, de civilização, de nobreza, a França servia de parâmetro para a organização da vida familiar e social da elite pelotense. Isto era claramente perceptível na arquitetura dos prédios públicos e particulares, nos móveis e na decoração das casas, no vestuário, nas leituras, nas ideias que penetraram amplamente em alguns segmentos da sociedade pelotense.

A relação entre industrialização e urbanização, apresentada acima, não corrobora com o ponderado por Queiroz (1978, p. 47), quem ressalta que o caso brasileiro, em termos de industrialização, diverge do ocorrido na Europa, quando, em função da Revolução Industrial, os meios rural e urbano se diferenciaram cada vez mais, com supremacia da indústria sobre a agricultura e da cidade sobre o campo. Na situação do Brasil, tais preponderâncias ocorreram em fins do século XIX, não coincidindo com a industrialização que, para a autora, se processou muito mais tarde. Esta circunstância leva a pensar no caso Pelotas como peculiar, assim como foi a própria industrialização da

⁶CUNHA, Alberto Coelho da. **Estatística Demográfica de Pelotas** (1814 – 1930).

cidade, por se tratar, conforme já colocado, de uma localidade interiorana, com posição geográfica periférica e entre outros problemas, ainda assim, ter configurado em posição de destaque no estado e também no país.

A autora citada acima (Idem, p. 47-49) trabalha com uma terminologia que classifica as estruturas e organizações sociais em três tipos: “sociedade tribal”, “sociedade agrária” e “sociedade urbana”. A primeira seria aquela na qual não há a divergência entre rural e urbano, composta por grupos sociais pequenos e com mínima divisão social do trabalho; a segunda refere-se a uma situação em que já existe uma cidade que figura como centro político e administrativo, ao qual é submetido o meio rural em termos de organização e domínio, mas que, no entanto, por outro viés, sobrepuja e delimita o meio urbano por ser o campo o setor produtor e de onde advém o abastecimento; e, por fim, a terceira, aquela que congrega supremacia da tecnologia e de produção, libertando a cidade da dependência do meio rural no quesito produtivo e impondo a este uma nova organização do trabalho agrário, com o uso de máquinas, espelhando, então, os imperativos tecnológicos.

Embora a autora mencione que no caso brasileiro estes três tipos de sociedade possam coexistir, pensa-se que a Pelotas do contexto ao qual se está a referir, compunha-se, ainda, de uma sociedade agrária, já que a sua riqueza era impulsionada pelo meio rural, principalmente pelas atividades das charqueadas, cujo trabalho, conforme já mencionado, tinha como força motriz não máquinas, mas sim a mão de obra escrava. Mesmo ponderando-se a existência de outras indústrias, vide Tabela 2, e a utilização de máquinas, ao que parece, naquele contexto, em nenhum momento a tecnologia e a produção da cidade se sobrepuseram ao meio rural, visto que muitas das fábricas utilizavam como matéria prima os insumos desse meio, como produção de conservas, beneficiamento de arroz e curtumes.

Na estatística demográfica de Pelotas, entre os anos de 1814 e 1930, organizada por Cunha, encontram-se dados referentes à distribuição populacional entre meio rural e meio urbano em Pelotas nos anos de 1846, 1858, 1872, 1890, 1899, 1907, 1911 e 1920. Nela percebe-se um crescente aumento populacional em ambas as zonas nestes anos, sendo que na zona urbana o maior pico com relação ao ano anterior foi em 1872 (quando a

população mais do que duplicou); já na zona rural o maior crescimento relativo ao ano anterior foi em 1890 (com um aumento também de cerca de duas vezes mais). O único ano que contempla o período de circulação dos *Almanachs* é o ano de 1920, não havendo dados dos anos posteriores, mas mesmo em sua maioria sendo índices referentes aos anos precedentes, se considera ter sido justamente esta situação anterior e de amplo crescimento os responsáveis pela criação de um cenário e de um ideário propícios para veiculação da referida publicação e daquilo que a mesma promulgava, conforme visto nos subcapítulos anteriores. Os dados referentes à população urbana e rural, nos referidos anos, são os seguintes:

Tabela 3 - Populações urbanas e rurais em Pelotas entre 1846 e 1920

	Zona urbana		Zona rural	
	Nº habitantes	Aumento em relação ao ano anterior	Nº habitantes	Aumento em relação ao ano anterior
1846	3.569	-	2.505	-
1858	6.344	1,8 x	4.413	1,8x
1872	14.762	2,3 x	6.496	1,5x
1890	22.919	1,6x	14.337	2,2x
1899	26.312	1,1x	16.779	1,2x
1907	-	-	22.079	1,3x
1911	36.243	1,4x	26.458	1,2x
1920	48.225	1,3x	34.069	1,3x

Fonte: CUNHA, Alberto Coelho da. **Estatística Demográfica de Pelotas** (1814 – 1930).

Segundo Loner (1998, p. 6), Pelotas possuía, nos primeiros anos da República, cerca de 25.000 habitantes, número que se aproxima dos dados entre 1907 e 1911, da tabela acima, sendo cerca de 34% desta população analfabeta.

Já no ano de 1926 há dados de que Pelotas era composta por 99.378 habitantes, dos quais 55.00 na cidade e 44.378 na área rural (*ALMANACH DE PELOTAS*, 1928, p. 68). Comparado aos números do quadro acima, em específico os relativos ao ano de 1920, vê-se que em seis anos a população rural foi a que mais aumentou com uma agregação de 10.000 habitantes,

enquanto a zona urbana cresceu algo em torno de 7.000 habitantes. Mais uma evidência do compasso de desenvolvimento das zonas urbana e rural na cidade de Pelotas.

A numerosa população urbana que então compunha a cidade de Pelotas é retratada em algumas fotografias, como no exemplo abaixo (Figura 87). Mesmo em se tratando de um desfile comemorativo pelo regresso do Batalhão da Brigada Militar que atuou na Revolução de São Paulo, pode-se notar o grande numero de pessoas lotando a rua XV de novembro, em frente ao Banco Pelotense.

Figura 87 - Desfile pelo regresso do Batalhão da Brigada Militar na rua XV de Novembro



Fonte: Almanaque de Pelotas 1933, s.p., antes da p.3. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Ainda concernente à relação urbanização e industrialização, Queiroz (1978, p. 56-57), comenta que o processo de urbanização no Brasil teria começado entre os anos 1820 e 1830, no entanto, para ela, este processo não poderia ser assim chamado porque o mesmo está intimamente ligado à industrialização, cujo início ela atribui a um período posterior, somente por volta de 1940. Isto posto, antes do período ao qual ela vê o início da industrialização no país, ela considera não ter havido uma urbanização de fato, mas sim uma promulgação cultural de um modo de vida que foi o modo de vida burguês ocidental, o qual embasa-se num estilo de vida citadino e na formação de uma esfera pública, segundo Habermas (2003). Prosseguindo-se com Queiroz, ela considera que antes de 1940, então, não há urbanização, e sim a

disseminação do modo de vida burguês, copiado do modelo europeu que, no caso, coincidiu com a industrialização. Ainda nas palavras de Queiroz (Idem, p. 57):

[...] nossa hipótese é, pois, a de que primeiramente se difundiu no Brasil um gênero de vida, o da sociedade burguesa, a partir de mais ou menos 1820, e antes de entrar o país em verdadeiro processo de industrialização. O novo gênero de vida diferencia a população urbana não apenas segundo níveis econômicos, porém muito mais ainda culturalmente, sendo que as camadas superiores adotam como sinal distintivo o requinte e um arremedo de cultura intelectual.

Interessante analisar que a citação trazida acima, fruto de reflexão que teve como cenários principais grandes centros do país, como São Paulo e Rio de Janeiro, parece encaixar-se perfeitamente com o caso de Pelotas, cidade sedenta de modernidade, de progresso e de cultura no período do presente estudo. Entende-se, inclusive, que os objetos desta pesquisa, os *Almanachs* de uma forma geral, trabalhavam nesse sentido, como ferramentas capazes de propagar esse modo de vida burguês, os valores da modernidade e a disseminação da cultura. Conforme já visto neste capítulo (e conforme ainda será abordado), lembra-se que a área cultural, inclusive, caracterizou muito fortemente a Princesa do Sul ou a Atenas Rio-Grandense.

A autora diz que essa forma de vida burguesa, cidadina, difundiu-se de maneira não homogênea no território brasileiro, ocorrendo em diferentes momentos e de acordo com as localidades (Idem, p. 58). Na sua reflexão, a falta de pilares industriais fez com que apenas algumas cidades (capitais mais abastadas) em fins do século XIX e início do século XX apresentassem alta, média e pequena burguesia. Nas cidades menores e capitais mais pobres permaneceu por um tempo maior uma equidade entre o viver urbano e rural. Embora Pelotas não fosse uma capital, ela era uma cidade rica, de destaque não só no estado, mas também no país. Por este viés, esclarece-se que na superior população urbana do município (muito embora essa superioridade fosse de um pouco mais de 14.000 habitantes face à zona rural, no ano de 1920, vide Tabela 3; diferença que diminui para pouco mais de 10.000 habitantes a mais na zona urbana, em 1926) havia uma classe burguesa com as segmentações descritas acima, configurando-se como os grandes centros

do país. Mais uma peculiaridade da cidade de Pelotas: uma cidade que se urbanizava, mas ainda com grande lastro rural e que, ainda assim, talvez fosse composta desta característica dos grandes centros urbanos do país. A autora (Idem) ainda traz uma importante reflexão que mais uma vez assemelha-se ao contexto pelotense:

[...] assim, a diversificação das cidades entre cidades de intensa vida burguesa citadina e cidades mais homogêneas com o campo parece estar ligada, no Brasil, não à industrialização, e sim a riqueza do meio rural. Desse ponto de vista, continuam tais cidades burguesas subordinadas ao campo, dele dependentes; o empobrecimento do meio rural levará certamente à decadência os aglomerados citadinos e à uniformização interna da vida social, que se aproximará novamente da do campo. [...] É óbvio que o grande desenvolvimento do café constitui a base do processo para as áreas do Rio de Janeiro e de São Paulo em fins do século XIX. A riqueza dos fazendeiros, num momento em que a industrialização européia criava novas maneiras de viver, faz com que queiram usufruir do conforto e do luxo, queiram demonstrar que não são “atrasados”, nem “pouco civilizados”; comércio e serviços conhecem então grande desenvolvimento. A função econômica destas cidades é então muito importante, pois se tornam centros de um consumo muito diversificado.

Ora, ao se ler tal trecho, parece, mais uma vez, estar-se falando de Pelotas. Lógico que devido às proporções de tamanho, bastaria substituir desenvolvimento do café por desenvolvimento do charque, a partir do qual os seus produtores enriqueceram e passaram a ter suas casas na cidade, querendo copiar os modos de vida não só do Rio de Janeiro e São Paulo, mas também das grandes cidades da Europa, como Paris, localidade de muito apreço e de inspiração para a população pelotense. Confirma-se, novamente, o enquadramento de Pelotas como uma sociedade agrária, em que mesmo com a população em sua maioria vivendo na cidade, parece que havia dependência econômica do campo.

No entanto, embora houvesse essa dependência do meio rural, era na cidade que as coisas aconteciam, onde a vida política e social se concentrava, característica típica da sociedade agrária. No ano de 1928, Pelotas tinha 3.156 quilômetros quadrados entre área urbana e rural, subdivididos em sete distritos, sendo que o primeiro era composto pela cidade, considerada a sede, ilustrativo da frase que inicia este parágrafo. Os demais distritos eram Areal (2º), Retiro

(3º), Capão do Leão (4º), Santa Helena (5º), Santa Silvana (6º) e Quilombo (7º) (*ALMANACH DE PELOTAS*, 1928, p. 67).

Em 1928, o total de prédios na cidade era de 7.845 e de 7.545 nos distritos rurais (*ALMANACH DE PELOTAS*, 1928, p. 68), números muito próximos que, novamente, indicam o desenvolvimento correlato entre as zonas urbanas e rurais, conforme já previamente abordado. Na ânsia por apresentar-se enquanto uma cidade moderna, as casas particulares (muitas dos fazendeiros que construíam seus palacetes suntuosos na cidade, conforme mencionado), são temas frequentes de registros fotográficos nas páginas dos *Almanachs*, sempre acompanhadas de legendas que exaltam com distinção o proprietário da casa, sempre o “chefe de família”, sem nunca referir-se a sua esposa ou, ao menos, ao casal. Por este motivo, optou-se por colocar o título das figuras da mesma forma como aparece nas legendas da própria publicação.

Figura 88 - “Palacete do capitalista Sr. Adriano da Rocha”



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1915, s.p., entre p.8 e p.9. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 89 - “Palacete Martin Bidart á rua 15 de Novembro”



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1916, s.p., entre p.46 e p.47. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 90 - “O palacete Faustino Trapaga, depois de reconstruído”



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1917, s.p., entre p.16 e p.17. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 91 - “Fachada do palacete de propriedade do distinto cavalheiro sr. José Tavares Condeixa”



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1919, s.p., entre p.32 e p.33. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 92 - “Palacete do sr. José Luiz Pinto da Silva (Constructores: Duarte, Souza e Cia.)”



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1928, s.p., entre p.58 e p.59. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 93 - “Residência do sr. José Mascarenhas de Souza (Constructores: Duarte, Souza e Cia.)”



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1928, s.p., entre p.90 e p.91. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Para além de simbolizar modernidade, o enfoque em casas, pode se justificar porque os lares, para as famílias burguesas, tinham um papel essencial. Como comentado no capítulo 1, de acordo com Habermas (2003, p.

62-63), a residência era um espaço que possibilitava a privacidade, em meio à vivência de uma esfera pública. A estrutura dos lares passou a privilegiar espaços de isolamento dos membros familiares (com a ampliação dos quartos privados) e desvalorização dos espaços de convívio familiar, nos quais vestíbulos, cozinha e pátio não só foram reduzidos em dimensões como também não propunham-se a serem espaços aconchegantes. Os pátios, por exemplo, além de diminutos, tornaram-se úmidos e mal cheirosos. Em contraponto, houve destaque para a inclusão de salões, espaços destinados às famílias receberem a sociedade, fazendo com que a diferenciação entre público e privado, característico desse contexto, atravessasse o interior do lar.

A ênfase em construções, não só residenciais, é abordada em texto de 1926, intitulado “Vida da cidade – Iniciativas e realizações” (p. 232-235), o qual fala dos progressos da cidade, dizendo que estes se acentuaram no ano de 1925. Ressalta a construção de lindos palacetes e habitações confortáveis, como os acima apresentados, além de mencionar que havia começado a serem erguidos os alicerces do Grande Hotel de Pelotas, cuja realização reafirmaria o espírito progressista dos pelotenses. Nesta mesma edição há, até mesmo, um texto exclusivo sobre este estabelecimento, “Grande Hotel de Pelotas – Em construção” (p. 250-252), o qual é descrito como atendendo as preocupações com a arte e com o conforto modernos. Assim, além dos prédios particulares, demais edificações tinham destaque nas páginas da publicação, principalmente por ser este a materialização do desejo de ter um local à altura daquela cidade que se via grande e em compasso com os principais centros do país e do mundo, oferecendo um lugar suntuoso para os visitantes que aqui chegassem. Vê-se, nas imagens abaixo (duas ilustrações dos projetos e um reclame composto por fotografia da fachada do Grande Hotel) que o projeto mais semelhante ao executado, foi o segundo exemplo, veiculado no ano de 1926. Mas, acima de tudo, o que fica latente através desses exemplos, publicados em diferentes anos, é o clima de euforia em volta de tal empreendimento.

Figura 94 - Um dos projetos do Grande hotel de Pelotas



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1924, s.p., entre p.11 e p.13. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 95 - Projeto do “Grande hotel de Pelotas” que se encontrava em construção



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1926, s.p., entre p. 249 e p. 250. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 96 - Reclame Grande Hotel



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1930, s.p., entre p.31 e p.33. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

A importância das edificações no período é latente nos *Almanachs*, como se vê por meio das fotografias, assim como nos reclames, tanto que

durante a classificação e sistematização destes, como será explicado no capítulo 3, viu-se a necessidade de recomeçar tal atividade, pois devido à recorrência deste recurso (como forma de apresentar a “modernidade” do estabelecimento), criou-se a categoria específica para aqueles que continham a presença de fachadas.

As características arquitetônicas dos prédios erigidos na cidade caracterizavam muito as aspirações modernas, visto que a inspiração era no estilo da arquitetura europeia. Santos (2002, p. 46), diz que os prédios erguidos entre os anos de 1870 e 1930 configuravam casarões imponentes, com linhas próprias do historicismo eclético. O autor comenta que no final do século XIX, na França, manifestavam-se duas correntes opostas na arquitetura do país. Uma denominada Racionalista, preocupada com a funcionalidade das construções e com o emprego de novos materiais e técnicas, decorrentes da Revolução Industrial. A outra era, justamente, a denominada Historicista Eclética, que embora também empregasse esses novos materiais e técnicas, valorizava a ornamentação dos prédios, através de inspiração em estilos arquitetônicos pretéritos, aplicando elementos decorativos variados e distintos nas fachadas e, muitas vezes, relegando a função que o ambiente interno deveria desempenhar (Idem, p. 41). Tais características parecem coadunar com a prática daquela sociedade e dos próprios *Almanachs*, a de mostrar para ser.

A imbricada relação entre campo e cidade, conforme comentários a partir das imagens dos edifícios, no caso de Pelotas, pode ser notada em textos da publicação analisada, inclusive em relatos daquele promissor contexto moderno, burguês e urbano. No texto abaixo, é ressaltada a peculiaridade e a posição de destaque daquele lugar; conjuntamente com o relato da convivência de hábitos totalmente provincianos (como montar a cavalo) com hábitos de grandes centros (como andar de carro). As referências à Europa são constantes. Então, sobre a cidade, é dito que:

[...] erraria quem pretendesse aplicar-lhe os dados recebidos pelas outras cidades de segunda ordem; o aspecto é inteiramente excepcional, por isso que depende da posição social de sua população e de suas relações commerciaes: a par do carro popular, tosca testemunha da antiga industria local, anda o ligeiro carrinho de

construção européa, como também entre os cavallos arreados de prata, luxo especial dos homens do paiz, apparecem ginetes ricamente ajaezados com selins bordados por mãos inglezas e montados por senhoras, que não cedem em elegancia ás mais graciosas parisienses. (Florentino Paradedá. Pelotas, a “Prospera Cidade” no Centenario da Patria Livre. *ALMANACH DE PELOTAS*, 1922, p. 64)

A locomoção por meio de charretes e cavalos também aparece em fotografias (Figura 97 e Figura 98) do entorno do Mercado Público, no ano de 1915 e da Praça da República em 1927. Não se pode afirmar o ano em que as fotografias em questão foram feitas, pois elas podem ser bem anteriores e apenas terem sido escolhidas para compor cada uma das edições. Mas, mesmo em se considerando esta hipótese, entende-se significativo refletir sobre uma diferença de doze anos entre as duas publicações e, nesse ínterim, a permanência deste tipo de transporte (mesmo que imagneticamente), quando os carros já se faziam presentes, conforme exemplos que mais adiante se apresentam. Inclusive, é importante notar, que no caso da Figura 98, percebe-se a concomitância do uso de charretes e de bondes elétricos. Exemplos que reforçam, mais uma vez, a característica da concomitância de hábitos provincianos com hábitos modernos na Pelotas daquele contexto.

Figura 97 - Charretes junto ao Mercado Público



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1915, s.p., entre p.70 e p.71. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Figura 98 - Charretes e bonde na Praça da República



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1927, s.p., entre p.50 e p.51. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Feito este parêntese, retoma-se a citação de Queiroz (1978, p.58), na página 175 deste texto, quando ela refere-se ao grande desenvolvimento do comércio e dos serviços nas cidades com características como as de Pelotas, pois pode-se, nos objetos de estudo desta investigação, perceber exatamente isto, um incremento neste ramo bem como uma grande diversificação do comércio local (e logo do consumo) através da análise dos reclames contidos nos *Almanachs*. Em 23 edições da publicação foram contabilizados 4107 anúncios, através dos quais foram estabelecidas categorias para os tipos de produtos para que eles pudessem ser sistematizados e quantificados. Tal tarefa foi executada, pois se pensa que os tipos de produtos anunciados refletem as demandas e, conseqüentemente, os hábitos, costumes e desejos dos consumidores. As categorias foram estabelecidas com base na recorrência observada nos tipos de produtos e serviços anunciados, chegando-se as seguintes: Produtos/Estabelecimentos específicos, Serviços, Anunciante de produtos variados, Cultura, Hotelaria e Serviços financeiros. Dentro de Produtos/Estabelecimentos específicos, fez-se necessária a subdivisão nos tópicos Medicamentos/Médicos; Bebidas e Fumos; Moda, tecidos e fazendas; Alimentícios; Bens duráveis; Ferragens e Bazar; Livrarias/Papelarias; e Outros. Já na classificação Serviços foi estabelecida uma subcategoria para Artigos Funerários e outra para Serviços de escritório.

Tal diversidade comercial aparece, também, em conteúdo da primeira edição do *Almanach de Pelotas* (1913, p. 29). Como característica de informações veiculadas pela publicação, costuma-se encontrar questões relativas aos impostos a serem pagos, sendo que neste ano há o item “imposto de commercio localizado”, que também auxilia na construção do cenário da tipologia e da variedade de comércio na cidade. São listados os seguintes ramos:

[...] agencias, armazens, alfaiatarias, açougues, barracas, barbeiros, bancos, companhias, casas de vendas a varejo, importadoras e exportadoras, cafés, cigarrarias, cortumes, confeitarias, cocheiras, depósitos, escriptorios, estabulos, engraxatarias, estaleiros, hotéis, kiosques, lojas de qualquer especie, livrarias, modistas, moinhos, pharmacias, padarias, typographias, restaurantes, serrarias, sirgueiros, taver-nas de qualquer classificação, trapiches, tinturarias e xarqueadas, bem como todas as fabricas e officinas.

Devido a sua importância para economia local, e por serem estes segmentos os grandes financiadores dos *Almanachs de Pelotas*, a partir dos espaços vendidos para reclames, os comerciantes pelotenses ganham destaque para além daquele formalmente publicitário. São eles, também, temas de textos e de fotografias, sendo que o exemplo escolhido para ilustrar essa afirmação dá-se pelo fato de além de querer apresentar o comércio local, o mesmo visa ressaltar o progresso e desenvolvimento vivenciado, já que são veiculadas duas fotos da sede, a “moderna” e a anterior, “primitiva”. Assim, é dada atenção ao estabelecimento, mas, também, à cidade. O outro motivo para a escolha deste exemplo é que se trata de um comércio de serviço, a Funerária Moreira Lopes, a qual está, também, bastante evidente ao longo das edições, em função da sua constância em anúncios nos diferentes anos da publicação.

Figura 99 - Funerária Moreira Lopes – “moderna” e “primitiva”



Fonte: Almanaque de Pelotas 1932, s.p., entre p. 132 e p. 133. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Com relação ao desenvolvido comércio local, Pelotas, que se inspirava em centros urbanos de referência como o município da Corte e cidades europeias, era sedenta por novidades. Eram inúmeras lojas, sendo que principalmente as de roupas, tanto femininas como masculinas, investiam na promoção deste quesito (PERES, 2002, p. 34). Ora, vestir-se de acordo com estes centros era uma das formas mais evidentes de expressar status e do quanto comungavam com os ideais modernos destas localidades que tanto se desejava copiar. Além das lojas de roupas, também eram inúmeros os estabelecimentos de outros ramos, como confeitarias, cafés e hotéis. Perceba-se que todos os estabelecimentos se referem a um ambiente que prima pela vida social e todos estes que foram citados, observa-se que de fato eram presentes na cidade, tendo em vista que todos são bastante propagandeados através das páginas dos *Almanachs de Pelotas*. Além destes, foram notados um grande números de reclames de armazéns de secos e molhados.

Os 4107 reclames nas 23 edições publicadas dos *Almanachs de Pelotas* correspondem a uma média de 179 anúncios por ano, quantidade bastante expressiva. Tal número indica a existência de uma oferta e de uma demanda para estes produtos e serviços. Obviamente, a quantia avultada de anúncios indica, também, uma questão prática, pois os anunciantes eram os responsáveis pelo financiamento da publicação. Sobre isto, em inúmeros de seus editoriais, por exemplo, é possível encontrar expresso que os editores não visavam lucro com as publicações, reclamações com relação ao valor crescente dos insumos necessários para a sua produção e, em consequência

destes dois fatores anteriores, a incansável luta por manter o *Almanach* em circulação. Com tais fatos, os anúncios devem ter desempenhado um papel fundamental para a sobrevivência do periódico.

Outro fator bastante representativo do desenvolvimento crescente e pujança econômica da cidade no início do século XX foi a criação do Banco Pelotense (Figura 100), no ano de 1906. Esta instituição financeira concentrava os recursos das atividades advindas tanto do meio rural (pecuária), quanto do meio urbano (comércio) (LONER, 1999, p. 57). Esta situação confortável na qual a cidade estava alicerçada teve suas estruturas abaladas em 1931, justamente quando da quebra do Banco Pelotense, que trouxe danos insuperáveis para o desenvolvimento do município (CUNHA, 2009, p. 38). Para Michelin (2001, p. 486), o funcionamento deste banco, por mais de duas décadas, muniu de confiança e auto-estima aquele município, sendo ele a própria representação do progresso que era tão cara aos comerciantes, industriais e políticos locais.

Figura 100 - Prédio do Banco Pelotense



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1929, s.p., entre p.162 e p.163. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Esta mesma fotografia ilustra a capa da publicação de 1929, no interior da qual há um texto exclusivo para abordar essa instituição, já outras vezes referida com este mesmo teor. Era um empreendimento destacado como daqueles que mais honravam e orgulhavam os pelotenses, confirmando o poder de iniciativa e força de vontade dos mesmos, que tantos esforços empregavam no desenvolvimento da cidade. Além disso, ele se “tornou na mais brilhante realidade, em sucesso formidável, afirmação incontestável, positiva de que sabemos nós os pelotenses – querer e realizar” (*ALMANACH DE PELOTAS*, 1929, p. 150). Com todo clima de otimismo e aposta de sucesso que o banco materializou, é de se imaginar o impacto gerado quando da sua falência, não só em termos financeiros, mas, também, com relação à autoestima e as expectativas do povo. Nas palavras de Michelin (2001, p.484),

[...] o banco sucumbiu levando esperanças e gerando misérias irreparáveis, pessoais, mas também sociais. No âmbito municipal, o fechamento deste banco, assinala o início de uma era funesta, [...] que coincide com a derrocada de uma série de projetos e investimentos sobre os quais vivia o sonho da modernidade tão próxima, tão tangível, tão segura.

Enfatiza-se, no entanto, que o período final de circulação dos *Almanachs de Pelotas* deu-se a partir do ano marco da derrocada econômica da cidade de Pelotas, com a falência do Banco Pelotense. Então, a maioria de suas edições foram partícipes de um cenário pulsante e opulento, retratados nas páginas do periódico com insistente recorrência. Os amplos recursos se concentravam no Banco Pelotense e, assim, parte da sociedade da cidade compunha-se, então, de uma elite que, como se pode observar anteriormente, estruturou-se, justamente, na posse de terra, força motriz do seu desenvolvimento econômico. Com este cenário que Pelotas se destacou e se diferenciou das outras cidades do estado, também em função de suas características culturais avultadas e estilo de vida envolvendo a valorização da nobreza e do ócio. Foi justamente o culto à ociosidade que impulsionou o apreço dos cidadãos por atividades de entretenimento e consumo de bens culturais (LONER, 1999, p. 65). Assim como anteriormente ponderado por Peres e também de acordo com Cunha (2009, p. 33), foi no século XIX que a cidade desenvolveu seu

cenário urbano e, junto com ele, um ambiente cultural com grande destaque até o século XX. Ainda sobre isto, tem-se que:

[...] a cidade de Pelotas, alicerçada pela sólida prosperidade trazida pela economia do charque, e pelo tempo ocioso que esta fonte de recursos garantia a filhos e filhas da elite, terminou desenvolvendo um tipo de sociedade aristocrática e senhorial, com a valorização da cultura e belas artes, e um grande refinamento em termos de costumes (LONER, 1999, p. 99).

Tendo estas referências como base, há que se pensar numa cidade cuja população tinha a leitura como um hábito representativo da valorização da cultura, da erudição e do tempo ocioso. Logo, podem-se observar os *Almanachs de Pelotas* nesta esfera, como artigos culturais de grande valia dentro daquela sociedade. Não é a toa que na cidade, nesta época, havia inúmeras opções de leitura editadas na própria cidade, como se observou no capítulo 1 sobre uma imprensa pelotense, a qual teve grande figuração em fins dos 1800 e início dos 1900.

Pensa-se que os *Almanachs* dirigiam-se, principalmente, para as elites e burguesia mais abastada, embora este tipo de publicação, no discurso (conforme visto no item 1.1), indicasse um alcance a todos os segmentos da população, com vistas a aproximar as mais diferentes classes sociais e culturais. Talvez, de fato, fossem publicações acionadas por todos, mas, ao mostrar somente uma facção social, é possível que tivesse o objetivo de funcionar como ferramenta pedagógica no sentido de demonstrar quais eram as ideias e as aconselhadas maneiras de viver e agir. Talvez como forma de promover aquilo que se acreditasse ser uma “boa sociedade” para que todos almejassem e buscassem ser daquela forma. Afinal, para esta parte da sociedade que se deseja ver moderna, como justificar a existência destes outros setores da sociedade dos menos favorecidos? Assim, tais segmentos são quase velados pelos *Almanachs de Pelotas*, por serem considerados como distanciados da “boa sociedade” e, nas poucas vezes em que aparecem, configuram um papel secundário para ilustrar alguma ação benemerente provinda de algum integrante com situação privilegiada socialmente. Numa visão um tanto quanto crítica, aparecem quase como fantoches usados em prol da divulgação das ações destes nobres cidadãos aos quais os *Almanachs*

serviam. Inúmeras destas atividades benemerentes, na publicação analisada, aparecem relacionadas a ações femininas, sendo que tal discussão, bem como exemplos fotográficos, serão melhor discutidas no capítulo 4.2. Tipos de benesses aparecem como tema em texto do *Almanach* de 1928, exaltando, justamente, os feitos daqueles que empreendem tais ações e não daqueles que necessitam das mesmas.

Tradicional é a cultura, bem como a sociabilidade dos pelotenses, hospitaleiros e prestantes, ciosos de sua terra e amantes do progresso desta. Por isso mesmo, uma grande colaboração lhes cabe no desenvolvimento da cidade, onde se agrupam instituições de caridade numerosas, hospitaes de primeira ordem, grêmios sociaes distintos, associações esportivas de cultura physica, estabelecimentos de ensino superior, sociedade e agricultura e avicultura, institutos bancários, emprezas industriaes de varios ramos, lançadas, acolhidas e realizadas com esse entusiasmo e amor próprio tão peculiares aos filhos da terra. (Pelotas por Alto. *ALMANACH DE PELOTAS*, 1928, p. 72)

Obviamente, além de atividades benemerentes, na maioria das vezes empreendidas pelas pessoas que compunham a elite e a burguesia numa forma de assistencialismo aos mais necessitados, existia a classe trabalhadora pelotense, que em fins do século XIX e início do século XX destacou-se pela luta dos direitos dos operários, sendo considerada a inicial propulsora do sindicalismo gaúcho. Estes operários, tão engajados nas reivindicações dos trabalhadores, deram origem a inúmeros sindicatos e associações, e incluíam em suas pautas, além de melhorias nas condições de trabalho, a instrução, a cultura, o lazer e a recreação dos membros que compunham esta classe. Comuns eram os clubes, as associações literárias, as sociedades musicais e os semanários literários e recreativos, demonstrando que a cultura e o lazer não eram predileções apenas das classes mais abastadas, conforme já mencionado (PERES, 2002, p. 40). Assim, mais uma vez reitera-se o cenário de grande pujança cultural na cidade, que leva a pensar num contexto de relativa democratização neste sentido e que talvez tenha feito valer o reconhecimento da cidade neste aspecto.

Cabe neste momento justificar que maiores esclarecimentos sobre a classe operária e sobre as possibilidades recreativas deste segmento da população são explorados mais atentamente no tópico 2.2, quando tais

assuntos enfocam a participação das mulheres. Neste momento, comenta-se que o operariado, em si, não tem destaque nos *Almanachs de Pelotas*. Mais uma vez, as menções que são tecidas decorrem da tentativa de exaltar os feitos de alguma ilustre figura da terra. Abaixo, uma fotografia de uma vila operária (Figura 101), no ano de 1916, cuja legenda destaca que os prédios foram construídos pelo Dr. Augusto Simões Lopes quem posteriormente teve dois mandatos como prefeito da cidade, nos anos de 1924 a 1927 e no ano de 1932. Em outras situações na quais os operários aparecem em imagens, se não para exaltar o ato de alguma pessoa importante, a ênfase gira em torno do resultado do seu trabalho na transformação da cidade num ambiente moderno, trabalhando em ações de melhoria da mesma, como nas imagens da instalação da rede de esgoto, que mais adiante são apresentadas. Em textos a menção ao operariado se dá no mesmo sentido, como no caso do Almanaque de 1934 (p. 50), no artigo “Pelotas resurge”, quando a menção aos mesmos é referente à doação, de parte do Coronel Joaquim A. de Assunção, de terreno para a construção de vila operária do Circulo de Operarios Pelotenses.

Figura 101 - Prédios de vila operária



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1916, s.p., entre p. 248 e p. 249. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

A sociedade pelotense era, então, composta por diferentes classes sociais, e sobre isso e a qualidade “cultural” da cidade, Peres (2002, p.44), comenta que as opções de cultura e de lazer alcançavam os diferentes extratos da população, com diferentes opções. A autora encontra como justificativa para isso a composição extremamente heterogênea da população, que deu origem a diferentes formas de sociabilidade. Para os mais abastados: bailes de salão, passeios campestres, teatro, saraus e concertos; para as classes populares: jogos, carnaval de rua, batuques e manifestações religiosas. Obviamente que a publicação, como já dito, dava visibilidade para aquelas opções e práticas das classes mais abastadas. Peres diz ainda que:

[...] a vida social e cultural era, afinal, intensa em Pelotas. E, ao que tudo indica, havia diversão para todos os gostos e todas as condições sociais. O espetáculo de touros e o circo também faziam parte do cenário da cidade. As festas religiosas eram uma tradição amplamente cultivada. Os passeios “para fora da cidade” eram muito concorridos. (Idem, p.43)

As opções destacadas por Peres, festas religiosas e passeios “para fora da cidade”, puderam ser observadas quando do estudo da presente autora durante na sua pesquisa de mestrado que teve o Parque Souza Soares como contexto de pesquisa (LIMA, 2010). Tal parque, para o estudo que aqui se apresenta, em termos de contexto, configura-se como algo interessante de se destacar, tendo em vista a sua importância e visibilidade.

O Parque Souza Soares, cuja entrada aparece mais adiante na Figura 128, foi inaugurado em Pelotas (no bairro hoje conhecido como Fragata), por Alvares de Souza Soares, às 15hs do dia 02 de fevereiro do ano de 1883, inicialmente denominado Parque Pelotense, o qual alcançou o status de primeiro centro turístico do Rio Grande do Sul. Noticiado em detalhes pela imprensa local, este foi um acontecimento de grande vulto para a cidade, marcado por uma festa com cerca de 03 mil espectadores, dentre estes autoridades civis e militares, médicos, farmacêuticos e amigos de Souza Soares que assistiram a apresentação de três bandas. A notabilidade deste evento foi tanta que bondes de tração animal tiveram uma linha especialmente desviada para transportar passageiros ao Parque, no dia de sua inauguração, e funcionaram até às 21 horas (RASSIER, 2003, p. 25-26). Aqui se destaca que

se tratava de um Parque fora dos limites urbanos da cidade, configurando-se como um exemplo de passeio “para fora”. Dentro de sua grande área havia, além de laboratório farmacêutico, granja, jardins com estufas, bosques, labirintos, fontes, praças, espaçosas ruas e passeios, restaurante, residências para os empregados, fábricas dos medicamentos, escola, capela, e uma tipografia (SOUZA SOARES, s.d., p. 191-199). Eram, então, inúmeras opções de lazer, fazendo com que a frequência de visitantes fosse intensa, para piqueniques, caminhadas, almoços e passeios de barcos.

Dentre as suas dependências havia, conforme citado, uma capela, demonstrando, então, a importância das festas ligadas a religiosidade no contexto deste estudo. A capela denominada de Santa Luzia foi inaugurada em 13 de dezembro de 1903 e a grande movimentação causada, estimada em cerca de seis mil pessoas, fez com que os bondes da Companhia Ferro Carril trafegassem desde as oito horas da manhã com uma frequência de 10 em 10 minutos e, à tarde, de 15 em 15 minutos. Em função da forte chuva que caía neste dia, o Parque preparou-se para receber os fiéis com um toldo cujo comprimento chegava até à porta da Igreja (SOUZA SOARES, 1907, p.2-3) (RASSIER, 2003, p. 36-39).

Relacionado ao lazer, comenta-se que os clubes também ganharam destaque nos *Almanachs de Pelotas*. Estes eram representativos e resultantes daquele novo momento experimentado, no qual o convívio de um maior número de pessoas sugeria, como maneiras desse viver moderno, possibilidades de lazer coletivo e diferentes formas de sociabilidade. Estes se configuram como instituições da esfera pública, segundo Habermas (2003, p.46-47), oriundos de um momento no qual a cidade assume suas funções culturais.

Mais uma vez, importante destacar que os clubes a ganharem notabilidade na publicação analisada, foram clubes frequentados por aquela considerada como “boa sociedade”, ou seja, composta pelas classes mais abastadas, pois veremos, em tópico subsequente deste capítulo, a existência, naquele contexto, de uma série de clubes e associações operárias, dos quais não foram encontrados registros.

Os clubes presentes nos registros fotográficos foram os clubes Comercial, Diamantinos e Centro Português. O *Club Commercial* talvez tenha sido o clube mais explorado no decorrer dos *Almanachs*, sendo que na edição de 1920, algumas fotografias constituem o conteúdo de várias páginas e, também, há um texto dedicado a ele (p. 291-292). O mesmo destaca a sua fundação em 1881, a visita da família Imperial em 1887, o número de 550 sócios e as reuniões elegantes e distintas. As fotografias mostram as possibilidades de interação social por ele proporcionadas, com tomadas evidenciando sua escadaria, seu luxuoso mobiliário e seus amplos salões de bilhar, de leitura, de baile e de jogos, ilustrando-o, como um local de ócio e lazer. No entanto, chama mais atenção no referido texto, o fato de iniciar destacando o uso dos clichês para apresentar as dependências do “sumptuoso palacete” do clube, permitindo aos que aqui não residiam um conhecimento do requintado gosto estético e cultura da cidade. Daí se reafirma que o alcance da publicação dava-se para além dos limites locais (como visto no capítulo anterior) e a constante busca por mostrar/ostentar a cidade como moderna, civilizada, rica e elegante.

Figura 102 - Fachada *Club Commercial*



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1915, s.p., entre p.118 e p.119. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 103 - Um dos salões do *Club Commercial*



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1920, s.p., entre p.18 e p.19. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Enfatizando os aspectos citados no concernente aos clubes, no caso das fotografias abaixo, do Clube Diamantinos, elas vêm acompanhadas do título “Festas Sociaes”. O clube, em si, não é o tema das fotografias, e sim a exposição que lá ocorreu, mas, de todo modo, através delas, se têm

referências do seu ambiente. Diferente dos outros registros de clube que enfocam suas dependências e as possibilidades de sociabilidade no local, o que se tem no caso do Diamantinos é justamente o registro de uma atividade social, porém, isenta da presença humana. Era um clube conhecido pelas atividades carnavalescas e tratava-se de uma exposição do carnaval do ano anterior com algumas tendas montadas por damas da sociedade pelotense (MICHELON, 2001, p.413).

Figura 104 - Exposição no Clube Diamantinos



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1917, s.p., entre p.48 e p.49. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

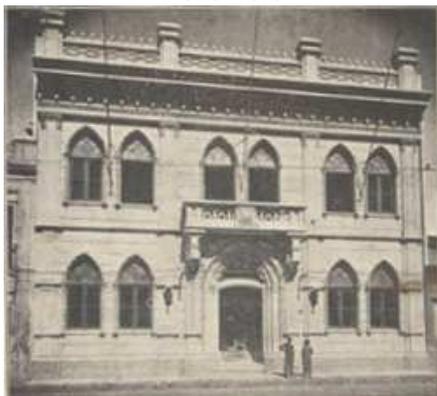
Figura 105 - Exposição no Clube Diamantinos



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1917, s.p., entre p.80 e p.81. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Da mesma forma que em 1920, quando o *Club Commercial* teve destaque, na edição de 1930 o mesmo ocorreu com o Centro Português, para o qual um total de 14 fotos são veiculadas, fornecendo um registro detalhado de suas dependências. Ênfase, como no primeiro caso, na escadaria, nos salões de jogos e bilhar, no salão de festas, enfim, nas possibilidades de interação em grupo. No caso desta organização social, compete destacar que os portugueses foram os primeiros charqueadores, a partir dos quais a cidade foi fundada e, em consequência sempre representou a colônia mais numerosa no município (MICHELON, 2001, p. 415).

Figura 106 - Clube Centro Portuguez 1º de Dezembro



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1930, s.p., antes da p.3. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 107 - Escadaria Clube Centro Portuguez 1º de Dezembro



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1930, s.p., entre p.40 e p.41. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Sobre os avanços e progressos obtidos na cidade de Pelotas, sejam urbanos ou culturais, Peres (2002, p.46) comenta que o peculiar naquele cenário eram as iniciativas particulares (seja com ajuda financeira ou de mão de obra). Para ela, estas foram uma forte característica da cidade naquele período, como uma solução encontrada pela população que se sentia relegada tanto pelos governos centrais quanto provinciais. O esmero e os esforços dos cidadãos pelotenses neste sentido eram motivos de muito orgulho na cidade, sendo estas referências constantes. Exemplos evidentes deste orgulho são, justamente, os *Almanachs de Pelotas*, os quais repetidamente exaltavam os feitos dos “filhos” daquela terra através de seus textos, sempre elevando o ideário da “tradição da gente pelotense, tradição de povo de iniciativas uteis e cioso do progresso da sua terra” (ALMANAQUE DE PELOTAS, 1934, p.45).

As constatações de Peres, colocadas acima, tanto com relação aos tipos de avanços obtidos, quanto com relação à atuação de particulares na obtenção dos mesmos, também puderam ser observadas durante a primeira metade dos 1900, no decorrer da presente pesquisa, através dos *Almanachs de Pelotas*, como no caso do texto abaixo, intitulado “Pelotas na actualidade”, do ano de 1913. Nele encontra-se referência às iniciativas particulares e é interessante notar as adjetivações para a cidade que então se modernizava e se desenvolvia, como a exaltação do ruído que passaria a compor a cidade.

Pelotas entrou desassombradamente no caminho amplo do progresso e á mais superficial observação facilmente se constata que

uma vida nova, promissora e fecunda, impulsiona todo o municipio, de alguns annos a esta parte. [...] Pelotas prepara-se para se transformar n'uma cidade com todos os confortos da hygiene e da civilização: - acham-se iniciados os serviços para abastecimento d'agua em maior quantidade; - iniciados foram tambem os trabalhos para a collocação da rêde de exgottos, e não tardará muito que tenhamos luz e tração electrica, que virão dar ás nossas ruas um outro aspecto, mais movimento e ruído, pondo-nos ao mesmo tempo em comunicação rapida e directa com os lindos e pittorescos arrabaldes da cidade. [...] De resto, esse impulso da administração publica tem encontrado prompta e feliz repercussão na iniciativa particular, do que são testemunhos eloquentes o augmento em que vão as industrias já entre nós existentes e representadas por fabricas de conservas, de sabão e velas, de cerveja, calçado, cortumes, etc., e o esplendido êxito com que estão sendo inauguradas industrias novas, cabendo aqui consignar, como um tentamen dos mais promissores, a fabrica de Fiação e Tecidos, construída no porto da cidade.[...] Não pôde, por isso, ser mais animador o quadro que se nos apresenta do desenvolvimento economico e social do municipio, no momento actual, e é com afoiteza e segurança que elle nos faz ver na Pelotas de hoje uma cidade que será dentro em breve uma *urbs* moderna e rica, onde terão plena eclosão todas as manifestações do trabalho e da actividade humana. (Pelotas na actualidade. *ALMANACH DE PELOTAS*, 1913, p. 45, 47 e 49)

Os aspectos culturais, que tanto davam visibilidade e fama para a cidade de Pelotas, indicam a situação fervilhante e extremamente desejosa da modernidade na qual a mesma se encontrava. De tais auspícios é que se justificam as iniciativas particulares, as transformações e a busca pelo progresso, naquela que ficou conhecida como a *Belle Époque* de Pelotas, localizada entre os anos de 1890 e 1927. Tal período ficou assim designado, justamente, por ter sido uma época de efervescência de fatos culturais nesta localidade, dentre os quais se podem destacar a explosão da imprensa, na segunda metade do século XIX, além do surgimento da Guarani Films em 1914 e da proliferação do comércio em diversos segmentos (MARRONI, 2008, p.27), como já atestado aqui. Também como já dito, o desenvolvimento do comércio na cidade pode ser atestado na presente pesquisa através do grande número de anúncios encontrados nos *Almanachs de Pelotas* referentes a este segmento da economia.

Para Segalin (2013, p.30 e p.38), a *Belle Époque* de Pelotas foi inspirada na *Belle Époque* da França e somente foi possível graças à fortuna que os charqueadores acumularam permitindo-os enviar seus filhos para estudar na Europa, os quais, no regresso, voltavam repletos de ideias e referências francesas. Estas famílias ricas, então, investiram na cidade seguindo estes

moldes de hábitos culturais e sociais (frequência em cafés e teatros, hábito da leitura em artigos já tradicionais como livros e outros mais novos como jornais, revistas e almanaques) e modelos estéticos, como na arquitetura e na moda, convertendo a cidade em um aludido centro cultural no Estado.

Sobre estes hábitos adquiridos, os teatros também são mencionados por Marroni (2008, p.27) para embasar o cenário de *Belle Époque* em Pelotas. A autora cita a re-inauguração do *Theatro Sete de Abril* em 1916 (fundado em 1833), a inauguração do *Theatro Guarany* em 1921, acrescentando-se que além destes dois, no ano de 1927 a cidade continha mais três teatros: Colyseu, Avenida e Apollo (*ALMANACH DE PELOTAS*, 1928, p.76), demonstrativos da intensa atividade cultural no período.

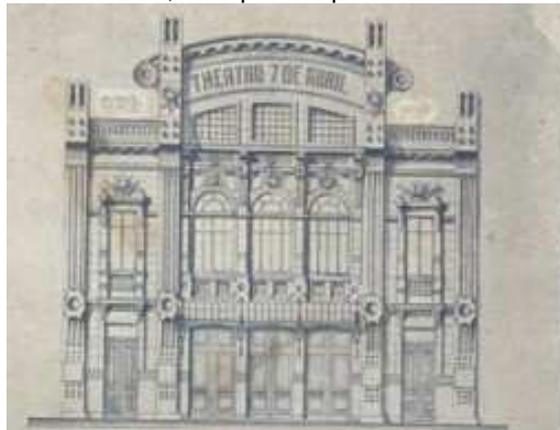
Abaixo algumas imagens do *Theatro Sete de Abril* (Figura 108, Figura 109, Figura 110 e Figura 111), antes e depois de sua re-inauguração, para a qual foi reformado. O teatro ganha destaque nas edições de 1917 e de 1935 do *Almanach* com textos e imagens, sendo que no primeiro caso, no ano seguinte a sua reabertura, o texto trata da sua reforma, já no segundo caso, o texto é comemorativo ao seu centenário. Uma das imagens (Figura 109), apresenta o projeto da fachada, o que ilustra uma prática recorrente na publicação analisada, como uma forma, a partir da leitura que se fez, de exaltar uma cidade que tem planejamento, e que se esforça para atingir o patamar de uma cidade moderna. Inúmeros são os projetos destacados ao longo das edições, projetos de escolas, de asilos, de hospitais; projetos necessários e cuja efetivação permite o ingresso de Pelotas na condição de cidade civilizada e moderna. O mesmo ocorre com relação ao caso aqui em específico retratado, do teatro que, por si, simboliza alguns dos anseios modernos. Mas divulgar os projetos daquilo que estava sendo, ou seria construído, era uma prática que enfatizava tais desejos, bem como promulgava a ideia do trabalho e do esforço empreendidos no alcance desses objetivos.

Figura 108 - Antiga fachada do *Theatro Sete de Abril*



Fonte: Almanaque de Pelotas 1935, s.p., entre p.98 e p.99. Acervo da Bibliotheca Pública Pelotense

Figura 109 - Fachada remodelada do *Theatro Sete de Abril*, feita pelo arquiteto José Torrieri



Fonte: Almanaque de Pelotas 1935, s.p., entre p.106 e p.107. Acervo da Bibliotheca Pública Pelotense

Figura 110 - Fachada do *Theatro Sete de Abril* após reforma



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1917, s.p., entre p.190 e p.191. Acervo da Bibliotheca Pública Pelotense

Figura 111 - Vista interna do *Theatro Sete de Abril*



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1917, s.p., entre p.194 e p.195. Acervo da Bibliotheca Pública Pelotense

Já o *Theatro Guarany*, por sua vez, ganha destaque na edição de 1922 do *Almanach*, ano seguinte a sua inauguração. O texto contém cinco páginas e quatro fotografias (como as que seguem abaixo) e descreve o importante acontecimento ocorrido no ano anterior. O texto tem tom elogioso pelo audaz empreendimento fruto dos esforços dos senhores Zambrano, Xavier e Santos. O enaltecimento prossegue ao sugerir aplausos para a cidade agora “dotada de um edificio de tão vastas proporções, tão bello na sua simplicidade

arquitetural e completo nas condições de conforto” (*ALMANACH DE PELOTAS*, 1922, p. 293-296). Além disso, o texto ressalta a questão da espetacular iluminação do edifício (em contraponto a considerada falta de pompa no aspecto arquitetônico), a intensa movimentação de carros e multidão de curiosos no seu entorno na noite de inauguração. Sobre tal acontecimento, Michelin (2001, p. 351) pondera que esse prédio, localizado no coração da cidade, era a materialização simbólica e visível que autorizava a mesma a dizer-se moderna e civilizada, já que esta casa de espetáculos configurava-se nos mesmos moldes daquelas disponíveis na capital do país.

Figura 112 - Fachada do *Theatro Guarany*



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1922, s.p., entre p.292 e p.293. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 113 - Vista interna do *Theatro Guarany*



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1922, s.p., entre p.292 e p.293. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Outro exemplar das preocupações ligadas à cultura e ao lazer é a criação da *Bibliotheca Pública Pelotense*. Esta, além de ser demonstrativa disso, é algo que representa, ainda, a já comentada tradição pelotense com relação às iniciativas particulares de progresso e desenvolvimento e da tentativa de instrução para, assim, “controlar” as classes menos favorecidas tanto financeiramente quanto intelectualmente, congregando aspectos de uma modernidade de fato na cidade. Local que poderia funcionar tanto como local de lazer – para leitura – quanto de instrução – através de aulas que eram ministradas para os mais pobres. A *Bibliotheca Pública Pelotense* foi fundada em 1875, por um grupo de homens da elite, que almejavam um espaço para o funcionamento de cursos voltados à classe popular, inicialmente somente para homens e, a partir de 1915 com o aceite de mulheres (PERES, 2002, p.24-25). Tal instituição adequava-se, então, aos esforços tão caros à sociedade

pelotense e, ainda, aos ideais positivistas de instruir e moralizar a população que permeavam aquele cenário. Abaixo fotografias da fachada e de ambiente interno da *Bibliotheca*, a qual permanece bastante preservada até os dias atuais, a notar-se pelo mobiliário, como as cadeiras, que ainda são as mesmas.

Figura 114 - Fachadas da *Bibliotheca Pública Pelotense*, à direita e Intendência, à esquerda



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1926, s.p., entre p.10 e p.11. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 115 - Vista interna da *Bibliotheca Pública Pelotense*



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1919, s.p., entre p.16 e p.17. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

A quantidade de opções de lazer e diversão são os reflexos de que havia demanda por tais produtos culturais, para os quais, segundo Peres (2002, p.43), havia garantia de público. A autora destaca os “passeios musicais”, caracterizando a cidade de Pelotas como uma localidade onde a música era partícipe do cotidiano da população. Os concertos eram recorrentes nos teatros, nas casas e nas ruas, através dos instrumentos das sociedades musicais, das quais se encontram registros desde 1875. Além destes espetáculos, outra manifestação cultural de grande adesão por parte dos pelotenses era o carnaval.

Todas essas opções culturais e de lazer são projetos do modo de vida burguês que estava se instaurando. Tendo em vista a não homogeneidade de desenvolvimento deste estilo de vida no Brasil, como já citado, a autora Queiroz (1978, p.59), fala em cidades com diferentes níveis de “aburguesamento”; cidades mais ou menos “aburguesadas”, mais ou menos afastadas do meio rural. Para ela, a cidade aburguesada exalta o modo de

vida na cidade como superior, relegando o meio rural e os seus habitantes a um nível social inferior. Não era a toa que os fazendeiros e os charqueadores estabeleciam suas moradas em belas casas construídas na cidade. Para a autora (Idem, p.60), foi daí o impulso para o aburguesamento das cidades, devido “a vinda dos fazendeiros que se dispõem a morar nelas e a ‘luxar’, como se dizia, pondo em evidência sua alta situação econômica”. Referências sobre a construção de moradias urbanas, de parte dos charqueadores, no caso de Pelotas, por exemplo, foi encontrada na análise dos objetos desta investigação, como já visto. O sustento poderia vir do campo, mas seus modos de vida deveriam ser aqueles concernentes as cidades. Pensa-se, inclusive, que as cidades e a população citadina, vistas, então, com nítida superioridade, podem ter colaborado, em muito para decadência das charqueadas, já que o campo pode ter sido deixado de lado, pois embora fosse o que fornecesse subsídios financeiros, não era aquilo que dava esses tão auspiciados ares burgueses.

Desta forma, nos casos brasileiros, como Pelotas, houve a adoção de um modo de vida burguês europeu (influência explicada em diferentes vias: pela colonização portuguesa do Brasil e pelo apreço pelotense pela França, por exemplo), cujo contexto, segundo a autora, não veio atrelado a industrialização. Conforme já comentado, na situação brasileira, tais processos foram dissonantes, mas a cópia desse modo de vida, que é uma produção cultural, mesmo sem a base da industrialização europeia, só foi possível em locais cuja situação econômica era propícia, ou seja, somente em localidades economicamente abastadas. Com tais modelos a serem “seguidos”, o Brasil auspiciou veementemente um rápido enriquecimento, com vistas a alcançar, também com rapidez, a situação vivida na Europa. O desejo de solidificar fortunas em curtos prazos atrelou-se ao desprezo pelo trabalho cotidiano, o qual era considerado próprio de escravos. A mão de obra escrava, por exemplo, como a que foi empregada nas charqueadas, que é decorrente da lógica do lucro obtido por meio do comércio, ingressou no Brasil através da troca do fumo que aqui era produzido por escravos (QUEIROZ, 1978, p.60, p.71 e p.76).

Os *Almanachs*, conforme foi visto no capítulo anterior, veiculavam muitos aspectos dos progressos e do processo de urbanização de Pelotas, de

forma a coadunar com os desejos desta burguesia que se formava. Vê-se, além disso, neste capítulo, questões específicas sobre as mulheres, promulgadas por essa publicação; mulheres burguesas, mulheres de boas condições financeiras, mulheres urbanas, mulheres brancas, coadunado com o postulado por Park (1999, p.92-95), de que revistas e almanaques promulgavam aspectos relativos a famílias burguesas, de raça branca, nuclear, hierárquica e com papéis extremamente definidos.

Relacionado ao que está descrito no parágrafo acima e que também é tema do subcapítulo 1.1, segundo Queiroz (1978, p.74), as modificações nas formas e no ritmo do viver, doutrinados por tais auspícios, ocorreram conjuntamente com o desenvolvimento dos meios de comunicação urbana – como a publicação analisada nesta pesquisa. Estas formas de comunicação eram acessíveis e passíveis de serem usufruídas pelas classes médias. Além deste exemplo, as cidades brasileiras tentaram com afinco seguir e instaurar outras novidades modernas utilizadas pelo resto do mundo, como telefone, eletrificação e transportes urbanos. Esta referência da autora é interessante porque diz respeito ao desenvolvimento do tipo de material trabalhado nesta pesquisa e porque nas apreciações, seja nos textos ou nos reclames, nota-se que tais novidades eram ovacionadas no cenário pelotense no início do século XX. A seguir, são trazidos alguns exemplos de reclames, bem como outros exemplares de anúncios e textos aparecem ao longo deste capítulo.

O primeiro caso trazido, do ano de 1914, diz respeito a um reclame da *Grande Fabrica a Vapor de Conservas Antonio Didier & Irmão* (Figura 116). O anúncio tem uma diretriz muito informativa, sendo composto por grande quantidade de texto e por alguns ornamentos. É na parte textual que se encontra referência ao que se apontou. Embora não utilize de artifícios para destacar a informação (ou seja, o texto vem do mesmo tamanho e com o mesmo tratamento que o grande bloco anterior), há a seguinte informação: “A maior fabrica do Brasil, toda illuminada a luz electrica – trabalho diurno e nocturno”. É possível notar, neste trecho, uma ênfase na modernidade e progresso, percebendo-se o caráter inovador da utilização de luz elétrica. Além disso, a fábrica é colocada, em termos comparativos com o restante do Brasil, em posição de destaque.

Figura 116 – Reclame *Grande Fabrica a Vapor de Conservas Antonio Didier & Irmão*



Fonte: *Almanach de Pelotas*, 1914, p. 118. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

O segundo exemplo, ainda mais ilustrativo em termos progressistas que o anterior, refere-se a um reclame do *Hotel Aliança* (Figura 117), cujo um exemplar do ano de 1918 já foi apresentado no item 1.2. O presente reclame é composto por uma fotografia da fachada do estabelecimento, no qual não só a técnica e a linguagem usada como também o tema (ou seja, uma fotografia de uma fachada, de uma construção que representa urbanização), são representativos dos anseios modernos e do modo de vida burguês citadino como se vem comentando. Além disso, o reclame como mensagem textual contém os seguintes dizeres, dispostos verticalmente nos lados da fotografia: “Único no Brazil com aparelho telephonico em todos os quartos e agua encanada nos mesmos”, “Iluminado a luz electrica” e “Todo o conforto moderno”. Este exemplar contém o que está sendo trazido acerca daquele cenário, de forma muito clara. Não considerando suficiente mencionar que está munido de tecnologias como telefone e luz eletrificada, ele qualifica o local explicitando o termo moderno. Outra forma de qualificar o estabelecimento, mais uma vez, foi através da sugestão de superioridade quando da comparação com o Brasil.

Figura 117 – Reclame *Hotel Alliança* - exaltação de progresso



Fonte: *Almanach de Pelotas*, 1917, p. 24. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Nos reclames, outro exemplo indicativo da demonstração de progresso e do fato de se referir a uma cidade em compasso com o desenvolvimento, novamente, através da exaltação do emprego de novíssimas tecnologias, está o destaque feito para as máquinas movidas a vapor. Um caso como este já apareceu na Figura 116, denominada *Grande Fabrica a Vapor de Conservas Antonio Didier & Irmão*. Outras situações encontram-se abaixo, na Figura 118.

Figura 118 – Exemplos de reclames que exaltam as máquinas movidas a vapor (*Fabrica a vapor de velas e sabão Luiz Beltrão Barbosa; Armazem Central – Fabrica a vapor de café moído; Fabrica a vapor de velas e sabão F. C. Lang & Cia.; Casa Bandarra – Grande Tinturaria a vapor*)



Fonte: *Almanach de Pelotas*, 1915, p. 254; 1916, p. 208; 1921, p. 314 e *Almanaque de Pelotas*, 1934, p.29. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

O fato de se encontrar destacado o termo “a vapor” para o funcionamento do maquinário utilizado pelos estabelecimentos dos reclames apresentados acima são, nada mais, nada menos, do que uma exaltação da modernidade; modernidade que, no país, conforme se vêm explicitando, era acompanhar e copiar os acontecimentos do estrangeiro, nos centros ditos civilizados. A tecnologia a vapor, em si, congregava os preceitos modernos, visto que se referia a uma maior automatização da tecnologia, de forma a ir substituindo, cada vez mais, o trabalho manual e, em consequência, alavancando os números de produção e, assim, atender as novas e maiores demandas daquela população também em crescimento (REZENDE, 2005, p.40-41).

Outro exemplo de progresso, já aparente em um reclame apresentado neste tópico, é a exaltação à luz elétrica (falando-se em iluminação de estabelecimentos na Figura 116 e na Figura 117), a qual era uma exigência do estatuto moderno a ser atingido sendo que, a iluminação pública, de acordo com Michelon (2001, p.249), foi realmente implementada na década de 1920. No entanto, tal preocupação já aparece como um prenúncio na primeira edição do *Almanach de Pelotas*, no ano de 1913, no texto já transcrito “Pelotas na actualidade” (p. 45), o qual diz que “iniciados foram também os trabalhos para a collocação da rêde de exgottos, e não tardará muito que tenhamos luz e tração electrica que virão dar ás nossas ruas um outro aspecto[...]”. A previsão colocada neste texto deu-se devido a contrato assinado pela prefeitura da cidade, no ano de 1912, cedendo terreno para instalação da Usina de Força de fato efetivada dois anos mais tarde, em 1914, quando a empresa *Light & Power* inaugurou o serviço de luz elétrica na cidade. Apesar do esperado acerca da iluminação pública, deste momento até 1921, este recurso ficou limitado somente ao centro de Pelotas, quando Pedro Osório, então prefeito, em tratativas com a empresa, ampliou o serviço. A iluminação das casas permanecia sendo feita com gás carbônico (MICHELON, 2001, p.250). Ainda de acordo com a autora:

[...] a iluminação pública não era apenas um fato de utilidade, mas uma condição indispensável ao convívio civilizado, ao viver elegante que se impunha à cidade progressista. Os elementos da modernidade davam assim e no seu conjunto um aspecto de cenário ao espaço

compartilhado pelo cidadão e ampliavam o tempo útil da experiência moderna, trazendo à rua, às praças e aos jardins públicos, aqueles a quem o ócio de uma vida menos laboriosa permitia o desfrute da noite urbana iluminada pela nova tecnologia. (Idem, p.251).

A preocupação com a iluminação é tema, também, em documento da Intendência direcionado às melhorias e à urbanização da cidade, do ano de 1921, contendo regulamento para as instalações domiciliares; canalizações internas, externas e subterrâneas; rede distribuidora; interruptores; fusíveis; medidores; lustres e arandelas; penalidades e etc. (MUNICIPIO DE..., 1921).

No *Almanach* de 1922, a questão da iluminação pública é tratada, porém, de forma a qualificar este serviço e aliviar as responsabilidades do governo municipal, conforme se transcreve abaixo:

[...] sabido como é de todos que, por motivo da carestia do carvão, impossível é obter uma luz boa e barata, entendeu-se o intendente com a “Light and Power”, no sentido de executar a requisição já feita pelo seu antecessor, ampliando-a mesmo. Em resultado desse entendimento, já gosam da iluminação publica electrica vários trechos da cidade e, antes de terminar o anno corrente, outros terão inaugurado esse melhoramento. Não depende sómente da Intendencia a immediata execução dessa aspiração geral; sabem-no todos os que não desconhecem as dificultades com que lucha aquella empreza. (Progreso de Pelotas. *ALMANACH DE PELOTAS*, 1922, p. 284)

No texto acima é destacada a dificuldade de se obter uma luz boa, situação esta que aparece com um olhar bastante diferente no texto “Pelotas por alto”, de 1928, o qual se refere à mesma como excelente (*ALMANACH DE PELOTAS*, 1928, p.74), levando a crer nas melhorias atingidas ao longo desses anos. Este serviço também é conteúdo de registro em algumas fotografias, conforme segue:

Figura 119 - Iluminação na Praça da República



Fonte: *Almanach de Pelotas 1929*, s.p.. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 120 - Inauguração da nova iluminação na Avenida Bento Gonçalves pelo Prefeito Coronel Joaquim Assunção



Fonte: *Almanaque de Pelotas 1934*, s.p., entre p.124 e p.125. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

A busca e o acesso à iluminação, não só em ambientes comerciais e públicos, como demonstrado, são também demandados para o interior dos

lares, evidenciado por meio de exemplares publicitários, como o ilustrado na Figura 121 e em outros casos no capítulo 4. O que segue abaixo visa a destacar o ar de modernidade pelo emprego de luz elétrica, ao contrastar a cenografia do que seria a geração passada – com um homem ainda guiando uma charrete já na era dos bondes elétricos alimentados pela empresa *Light and Power*, a mesma que faz a presente propaganda – com uma lâmpada. Este anúncio, em seu texto, destaca, ainda, que a principal diferença da geração “atual” estava na nova forma de viver (o viver moderno), a qual passou a exigir cada vez mais dos olhos, logo, o auxílio de luz artificial fazia-se necessário.

Figura 121 - Reclame da empresa *Light and Power*



Fonte: Almanaque de Pelotas, 1935, p. 36. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Além deste exemplo, há outros reclames que faziam referências a aparatos tecnológicos que denotam modernidade como vitrolas, rádios, vassouras elétricas e refrigeradores, que se apresentam ao logo dos capítulos 3 e 4 (nas páginas 362, 404, 406, 410 e 427).

Eram, então, neste contexto, recorrentes os reclames de eletrodomésticos. Estes aparelhos, segundo Denis (2000, p.63-64),

introduziram-se na esfera doméstica, no final do século XIX, os quais foram progressivamente evoluindo e tornaram-se o foco do design no século seguinte.

Os reclames, neste cenário, não restam dúvidas, objetivavam publicizar objetos de consumo, como os então recentes eletrodomésticos, cujo emprego ou uso conotavam modernidade. No entanto, talvez nenhum produto representasse tal ideário de forma mais eficaz do que os carros, símbolos de conforto, de rapidez cuja necessidade pressupõe o percurso de distâncias maiores (a cidade cresce!) preferencialmente em ruas calçadas (a cidade se urbanizou!). Além disso, era um bem durável de elevado valor, logo funcionava como referência de status e de riqueza de seus donos. Este meio de locomoção, bem como os seus insumos, já se encontram anunciados na primeira edição do *Almanach*, mas começaram a ser mais recorrentes na década de 1920, conforme ilustrado abaixo. Outros reclames de carro estão presentes nos capítulos 3 e 4 (nas páginas 364, 442 e 444).

Figura 122 – Reclames com automóveis (automóveis Ford; pneus Dunlop)



Fonte: *Almanach de Pelotas*, 1913, p. 128 e 1921, p.310. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Tratavam-se, nestes casos, de propagandas que anunciavam produtos de grandes marcas multinacionais, mostrando, mais uma vez, a consonância com os acontecimentos do mundo, no mesmo passo que os preceitos modernos. O reclame dos automóveis Ford, primeiro exemplo da imagem acima, do ano de 1913, ressalta “Carros de luxo, com todos os aperfeiçoamentos modernos”. Já o segundo exemplo, dos pneus Dunlop, através de recursos gráficos, com uso de linhas, indica velocidade que, como

comentado, caracterizava a vida moderna desejada. Assim, seja na forma verbal ou visual, esses anúncios lançam mão da indicação de hábitos, costumes e práticas típicos da modernidade desejada.

As aparições de carros em fotografias, por sua vez, segundo Michelin (2001, p. 267-268), da mesma forma que foi notado nos reclames, também se tornam mais recorrentes na década de 1920, devido ao aumento considerável de carros circulando na cidade. A autora compara o impacto do carro no século XX com o impacto gerado pelo trem no século XVIII e do bonde no século XIX, cada um no seu momento refletindo e fomentando o progresso. No entanto, o extraordinário no caso dos carros é que, ao contrário dos outros meios de locomoção citados e ainda dos navios e aviões, este era um meio de transporte particular, “um reduto moderno para a individualidade de alguns”. Além disso, os automóveis investiam de poder quem os guiava, pois se ligavam a ideia de aceleração e, ainda, com eles, não era necessário depender dos horários e dos trajetos dos transportes coletivos. Exemplos das aparições de carros em fotografias encontram-se a seguir:

Figura 123 - Presença de carro na rua Marechal Floriano



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1918, s.p., entre p. 80 e p. 81. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Figura 124 - Presença de carro em frente a palacete



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1919, s.p., entre p. 48 e p. 49. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

A citada autonomia que os carros permitiam, enquanto meios de locomoção individuais, também é explorada em um anúncio (Figura 125) que propagandeia outro meio de transporte, a bicicleta. O reclame se direciona explicitamente aos empregados do comércio, indicando que o produto possibilitaria um transporte econômico e ligeiro, sendo útil tanto para o trabalho quanto para o lazer nos passeios de domingo. Vê-se, então, uma busca por independência e por gerir o seu tempo, demandas exploradas no período, num sinal evidente de adequação aos novos tempos vividos característicos da modernidade.

Figura 125 - Reclame anunciando venda de bicicletas



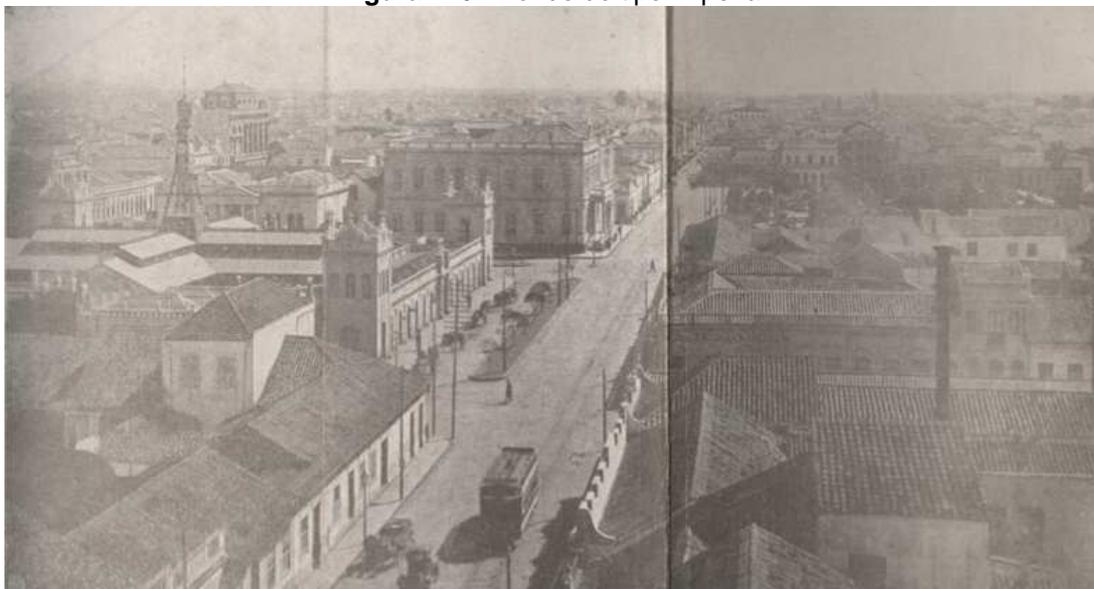
Fonte: *Almanach de Pelotas* 1928, p.225. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Até o ano de 1926, Pelotas possuía um total de 2.133 veículos, dos quais 771 eram carros (que em 1927 já eram mais de 1.100), 115 carros de quatro e duas rodas, 163 caminhões, 1.084 carroças, sendo estes dados referentes à cidade (1º distrito). No município como um todo havia o registro de 6.692 veículos diversos (*ALMANACH DE PELOTAS*, 1928, p.69). Considerando que neste período a população citadina era de 55.000 habitantes, havia cerca de um carro para cada 71 habitantes e de uma carroça para cada 51 habitantes. Considerando a cidade na sua totalidade, incluindo os demais distritos (com população total de 99.378 habitantes) e associando todos os tipos de veículos, a proporção fica de um veículo para cada 15 habitantes. Esses dados evidenciam que os carros, principalmente, mas também as carroças, estavam longe de serem acessíveis à grande maioria das pessoas e, embora os números aumentem ao se considerar qualquer tipo de veículo,

ainda assim eles não alcançavam toda a população, indicando a necessária utilização de transportes coletivos quando para distâncias impossíveis de serem percorridas a pé.

Os bondes, tipologia de veículo de transporte coletivo, figuram em algumas fotografias dos *Almanachs*, sejam eles próprios, como na imagem apresentada anteriormente na Figura 98, da Praça da Republica, e na Figura 126, ou pelos seus vestígios, através das linhas que entrecortavam a cidade, como na Figura 127 e na Figura 128. Na Figura 98 e na Figura 126 aparecem bondes do tipo *Imperial*, de dois andares.

Figura 126 - Bonde do tipo Imperial



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1920, s.p., entre p.IV e p.3. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 127 - Linhas de bonde na rua Marechal Floriano



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1915, s.p., entre p.110 e p.111. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 128 - Linhas de bonde na entrada do Parque Souza Soares



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1924, s.p., entre p.52 e p.53. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Ruas marcadas pelos trilhos de bondes remontam a segunda metade do século XIX quando, no ano de 1873, a empresa *Ferro Carril e Cães de Pelotas*, inaugura a primeira linha de bondes por tração animal na cidade. Esse serviço era precário, tanto no que tange aos carros e aos animais, quanto aos horários, causando uma série de revoltas por parte dos usuários e também por parte dos funcionários que ganhavam mal. Tais fatos alavancaram a busca de uma nova possibilidade de transporte urbano por parte dos administradores municipais. No entanto, somente em 20 de outubro de 1915, foram implantados os bondes elétricos pela empresa *Light and Power*, no total de cinco carros e mesmo este número tendo sido duplicado até o final do mesmo ano, ainda assim, percebia-se a urgência de aumentar ainda mais a frota para a possibilidade de atender todas as demandas (MICHELON, 2001, p. 251-254). No momento da implantação eram “5 bonds da Fabrica Brush, typo fechado, que trafegam entre a Praça da Republica, Estrada de Ferro e Porto e 5 typo Imperial, de dois andares, os quais fazem o serviço entre a Praça da Republica, Cemiterio e Parque” (ALMANACH DE PELOTAS, 1918, p.140). Ainda de acordo com Michelin (2001, p. 252-253), a análise destes itinerários traçados pelos bondes, revela quais eram os usuários deste serviço, em virtude dos bondes fechados, de um andar, que se dirigiam para estação férrea e para o bairro Porto (cerne da indústria do município), servirem à população operária; já os abertos, de dois andares, que rumavam para a direção do Parque (a saber,

este refere-se ao Parque Souza Soares, já apresentado neste capítulo), levavam o público operário e outros para passeios neste local em direção ao qual a cidade se expandia.

Acerca da mobilidade urbana, outro ponto importante diz respeito à pavimentação e ao calçamento das estradas e ruas. Sobre a pavimentação se têm que, em 1928, Pelotas possuía 846 quilômetros de extensão de estradas. As avenidas eram 06 e as ruas 66, nem todas, é claro, pavimentadas (*ALMANACH DE PELOTAS*, 1928, p.68). No entanto, o destaque, nos *Almanachs*, era para aquelas já com pavimentação, como nos exemplos abaixo:

Figura 129 - Trecho da Rua Barroso que recebeu calçamento



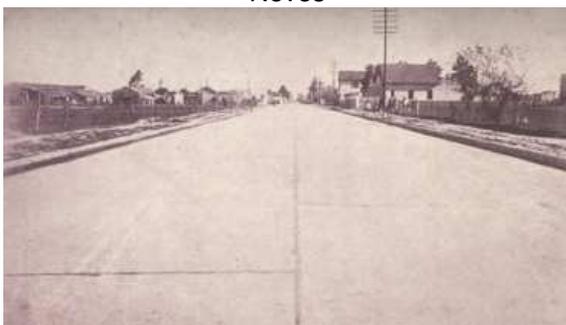
Fonte: *Almanach de Pelotas* 1926, s.p., entre p.14 e p.15. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 130 - Nova pavimentação da Rua Barroso



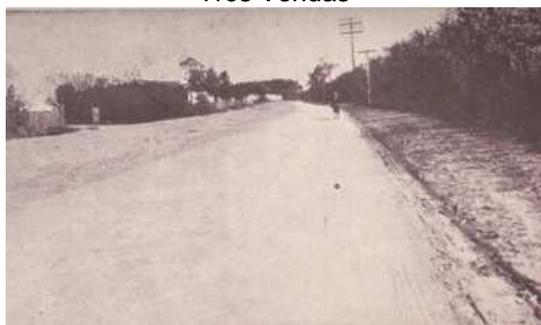
Fonte: *Almanach de Pelotas* 1927, s.p., entre p.66 e p.67. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 131 - Faixa de cimento na rua Andrade Neves



Fonte: *Almanaque de Pelotas* 1933, s.p., entre p.18 e p.19. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 132 - Faixa de cimento na estrada Três Vendas



Fonte: *Almanaque de Pelotas* 1933, s.p., entre p.34 e p.35. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

A pavimentação e o calçamento das ruas da cidade efetivam a ação humana na melhoria do espaço urbano e no dia a dia do cidadão. Para Michelin (2001, p. 260-261), as obras empreendidas nesse sentido cumpriam

muitas funções, no que se refere à salubridade e ao conforto das pessoas, dentre elas melhorar o escoamento das águas das chuvas; fornecer uma cobertura necessária para as obras de saneamento que também estavam sendo executadas; melhorar o tráfego de carros; mais solidez para sustentar os trilhos dos bondes; e facilitar a limpeza. Era uma forma de “vestir” a cidade, de tornar visível e factível a civilidade e o progresso.

Sobre os melhoramentos urbanos na cidade de Pelotas – os quais refletem justamente as buscas pelo modo de vida burguês citadino – inúmeras foram as benfeitorias neste sentido durante o século XIX e o seguinte, como se percebe por meio dos *Almanachs de Pelotas* e se aborda no presente trabalho. Peres (2002, p. 34), comenta que na segunda metade dos 1800 havia muitas referências em jornais acerca dos avanços obtidos neste sentido, como a iluminação a gás e a instalação da hidráulica pelotense, algumas destas já abordadas aqui neste texto. Sobre a pavimentação, em específico, a autora (Idem, p. 46) escreve que muitas iniciativas de urbanização, como calçamentos, por exemplo, foram empreendidas por particulares, através do pagamento de quotas mensais ou dos insumos e da mão de obra para que fossem calçadas as frentes das casas dos proprietários que proviam esse financiamento.

Ora, daí percebe-se o desejo de melhorar o espaço urbano fazendo dele um lugar moderno e desenvolvido, mas, no entanto, isso ocorria, justamente, nos locais de moradia daqueles que podiam pagar, não sendo propagada para toda a população. Assim, havia perceptíveis diferenças: grupos de elite com sólida fortuna, projetos de urbanização, rápido crescimento da cidade e construções modernas; tudo isso, em contraponto com precárias condições nas classes populares, cujos integrantes viviam em cortiços. Nas palavras da autora (Idem, p. 34), “viviam nos interstícios da sociedade pelotense grupos completamente marginalizados do ponto de vista econômico, cultural e social”, mas estes não ocuparam as páginas dos *Almanachs*.

Há relatos em periódicos que indicam as inspeções constantes nestes cortiços, com vistas a controlar as condições de higiene, vistoriar os hábitos, os costumes, enfim, o cotidiano das classes distanciadas daquela que era considerada como “boa sociedade”, aquela que detinha bens materiais ou

intelectuais (Idem, p. 35). No entanto, estas ações são demonstrativas de uma sociedade extremamente preconceituosa, já que aos integrantes deste segmento da população era associada a ideia de vagabundos, de desocupados, de ociosos, de classe viciada, de malfeitores, de desordeiros e etc. Desta maneira, a elite dominante exercia controle sobre as camadas mais pobres da população, seja através da intervenção da polícia, seja através de ações e instituições beneficentes como asilos, com o cunho de educar moralmente esta parcela da população. Como poderia ser Pelotas uma cidade moderna com tamanhas discrepâncias?

Assim, inúmeras foram as ações de controle dessas facções da sociedade que, nas ruas, não coadunavam com as aspirações de uma cidade que se pretendia moderna. Dentre estas ações, como dito, está a criação de asilos os quais, além de agirem no sentido de controle, incrementavam, também, os auspícios modernos através de atividades benemerentes de assistencialismo público. Exemplos que têm evidência nos *Almanachs* são o *Asylo de Orphãs* e o *Asylo de Mendigos* – este criado em 1891 (PERES, 2002, p. 44). Considera-se sugestivo o termo utilizado como legenda na Figura 134, “grupo de recolhidos”, pois parece dar justamente essa ideia: recolher, quem sabe, até, esconder. A diferença entre estas duas instituições, segundo Michelin (2001, p.212), é que:

[...] o primeiro associava ao recolhimento uma intenção pedagógica, [...] à menina menor desvalida competia a educação, embora fosse impraticável, pela sua condição inerente de mulher, oferecer-lhe formação profissional. Ao mendigo, por outro lado, cabia, somente o recolhimento.

Figura 133 - Vista geral do *Asylo de Orphãs*



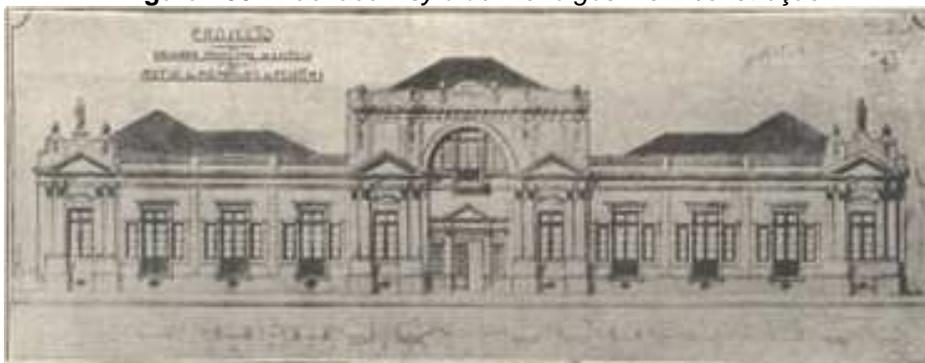
Fonte: *Almanach de Pelotas* 1922, s.p., entre p.28 e p.29. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 134 - Grupo de recolhidos do *Asylo de Mendigos*



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1921, s.p., entre p.7 e p.8. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 135 - Fachada *Asylo de Mendigos* – em construção



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1930, s.p., entre p. 94 e p. 95. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Exemplos de benfeitorias, de disciplina e, também, como nos casos supracitados, de controle e de exclusão, são os hospitais, os quais representam, ainda, instituições necessárias para qualquer cidade que almejasse atingir o grau moderno. Neste intuito, é claro, foram os hospitais tema frequente nas páginas dos *Almanachs de Pelotas*. A Santa Casa de Misericórdia (Figura 136), fundada em 1846, como um hospital de caridade (mas que em 1903 inaugura quartos particulares) (MICHELON, 2001, p. 132), tem destaque em longo texto da edição de 1917 do *Almanach*, denominado “Hospital da Santa Casa de Misericórdia” (p. 175-189), o qual fala sobre o local, número de enfermos e muitas fotografias do estabelecimento. O texto indica fortemente sua condição assistencialista ao dizer que o hospital era

[...] filho da iniciativa particular, os poderes públicos não sabido dispensar-lhe a proteção necessária a sua própria existência de

hospital destinado a acolher todos os individuos necessitados, sem distincção de côr ou crença, reunindo todos os infelizes que em suas moradias não tem recursos para combater as moléstias. (*ALMANACH DE PELOTAS*, 1917, p. 182)

Figura 136 - Vista externa da Santa Casa de Misericórdia



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1917, s.p., entre p. 174 e p. 175. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Com fundação um pouco posterior a da Santa Casa, no ano de 1861, há o exemplo de outro hospital, da *Sociedade Portuguesa de Beneficencia* (Figura 137), o qual, pelos mesmos motivos, também ganhou espaço de destaque na publicação analisada, através de fotos distribuídas ao longo da edição e do texto “Os Hospitales de Pelotas – *Sociedade Portuguesa de Beneficencia*” (p. 287-290), no ano de 1920. O referido texto comenta que, da mesma forma que a Santa Casa foi extensamente documentada na edição de 1917, o mesmo estava sendo feito com o caso da *Benificencia*, naquela edição, dizendo que

[...] agora, proseguindo no escopo de tornar bem conhecido tudo que reflecte o adeantamento de nossa terra, e lhe facilita o alto conceito de que já gosa fóra daqui, vamos nos occupar de um outro estabelecimento hospitalar, não menos importante e benemerito que aquelle. Trata-se da *Sociedade Portuguesa de Beneficencia*, bello padrão do patriotismo e da fraternidade dessa operosa e amiga colônia portugueza, que muito justamente envaidece de sua bella obra, ahi dando tão beneficos fructos e brilhante exemplo. (p.287)

O articulista fornece, ainda, alguns dados que são sugestivos sobre questões de gênero. Ao elencar a diretoria, composta por dezenove nomes, vê-se serem somente homens, todos devidamente designados, da mesma forma que os cinco médicos e cirurgiões efetivos e os dois substitutos (p. 289). Enfermeiras, por sua vez, não são mencionadas no texto e muito menos nominadas, sendo que Michelin (2001, p.136) aponta que havia cinco religiosas atuando no hospital, das quais duas enfermeiras e uma farmacêutica. Entende-se tal caso como uma típica tentativa de invisibilização das mulheres, pois mesmo que elas apareçam nos registros fotográficos, elas não são citadas e, obviamente, nem identificadas. As aparições femininas, tanto no caso da *Beneficencia*, quanto no caso da Santa Casa, estão mais evidenciadas ao longo do próximo subcapítulo.

Figura 137 - Vista externa da *Sociedade Portuguesa de Beneficencia*



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1920, s.p., entre p.222 e p.223. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Nas duas situações trazidas, de ambos os hospitais, é interessante a evidência de uma capela conforme observado nos textos e nas fotografias. Capelas orientadas pela religião católica, demonstrativo de que, embora no texto sobre a Santa Casa haja a referência ao atendimento de pessoas de qualquer crença, vê-se uma investida na catequização das pessoas nesta direção, o que representa mais uma tentativa de controle.

Assim, a construção e as ações dos hospitais se alinhavam com os ideais de progresso, civilidade, benesses e modernidade, aspectos muito caros para aquele contexto, havendo apoio do governo municipal, pois a saúde pública fazia parte das preocupações das intendenções, mas, no entanto, as mesmas eram mantidas pelos sócios que compunham aquelas sociedades. Ou seja, estas instituições eram interesse tanto do governo quanto dos civis. Para Michelin (2001, p. 133), naquele cenário os hospitais compunham-se como materializações, como conceitos que atestavam o estado moderno da saúde e institucionalização da doença, “concorrendo para a construção de um conceito de saúde cúmplice das aspirações do ser moderno, civilizado e saudável ou saudável porque civilizado”.

A preocupação com a higiene, a qual se enlaça, por sua vez, com a questão da saúde, era de extrema evidência no período, também notado através dos *Almanachs* e dos relatórios da Intendência Municipal acerca da proliferação de doenças no ano de 1921. Deste ano, do mês de março, há um relatório sobre a febre tifóide no município, a partir do qual observaram-se explicações sobre a doença, fontes de contágio, meios de precaução e mapa com a localização de casos da enfermidade (INTENDÊNCIA..., 1921a). Do mesmo ano, porém de agosto, há outro relatório que trata da disseminação da peste bubônica em Pelotas. Neste relatório, há informações variadas, que incluem a planta de um hospital com isolamento para os acometidos pela doença; origem da peste na cidade (relatando que de maneira epidêmica a mesma remonta ao ano de 1919); explicação da forma de contaminação e diagnóstico; fotografias de residências que funcionaram como insulamento domiciliar; fotografias de exemplos de impermeabilização do solo; fotografias de locais nos quais foram verificados casos da peste; métodos para defesa da peste em Pelotas; gráficos do desenvolvimento da doença entre janeiro de 1919 e agosto de 1921; e uma planta da cidade com indicação dos locais onde foram averiguados casos da peste nos dois anos citados. Há ainda a informação de que na primeira epidemia da peste (no ano de 1919), foram registrados 59 casos, dos quais 49% acabaram morrendo; já no segundo surto endêmico (ano de 1921) houve uma diminuição no número de casos para 10, mas, no entanto, com um total de 07 mortes, aumentando a porcentagem para

70% de casos que resultaram em falecimento. Da primavera de 1919 a fevereiro de 1921, houve uma trégua nos casos da peste na cidade (INTENDÊNCIA..., 1921c).

A questão do isolamento de doentes, aparente nos dados da intendência, através da divulgação de projetos de setores hospitalares neste sentido, já aparece efetivada através de registros dos *Almanachs de Pelotas*, do ano de 1926 (p. 287), no caso da Santa Casa de Pelotas que, como é colocado em um texto, se viu obrigada a construir um pavilhão, denominado Baronesa do Arroio Grande, para receber e tratar as pessoas acometidas por determinadas enfermidades. Abaixo fotografias deste pavilhão.

Figura 138 - Fachada do Pavilhão Baronesa do Arroio Grande da Santa Casa de Misericórdia



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1926, s.p., entre p.237 e p.238. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 139 - Pavilhão Baronesa do Arroio Grande da Santa Casa de Misericórdia



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1926, s.p., entre p.239 e p.240. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Ainda do ano de 1921, também do mês de agosto, têm-se o relatório da Intendência, desta vez dedicado aos trabalhos do *Instituto de Hygiene de Pelotas*. Nele são elencadas as moléstias tanto em humanos quanto em animais identificadas pela referida instituição; fotografias de suas

dependências; seção de ofídicos; informações sobre vacina anti varíola; sobre raiva; sobre febre aftosa; exames de fezes, de sangue e demais exames executados pelo Instituto; entre outros. (INTENDÊNCIA..., 1921b). No ano de 1922, por sua vez, foi editado o regulamento da referida instituição, contendo os seus fins, equipe, horário, produtos, instruções para o serviço de higiene na cidade e etc. (REGULAMENTO do..., 1922). Segundo Michelin (2001, p. 149 e p. 152), a criação em 1918 do *Instituto de Higiene* (como uma filial do Instituto Butantã, situação que durou apenas até 1920) posteriormente agregou Borges de Medeiros no seu nome, numa homenagem aquele que foi governador do Rio Grande do Sul entre os anos de 1913 e 1928. Tal homenagem deve justificar-se pelo fato de que se tratava de uma instituição de prestação de serviços municipal, mas que recebia incentivos estaduais desde sua origem. Abaixo uma imagem do referido Instituto, o qual hoje abriga a Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas.

Figura 140 - *Instituto de Higiene Borges de Medeiros*



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1929, s.p., entre p.114 e p.115. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Ainda relacionados à higiene, existem outros documentos da Intendência Municipal, do ano de 1922. Um deles refere-se a um regulamento voltado à inspeção médica e dentária nas escolas (INTENDENCIA, 1922b) e o outro dedicado à fiscalização dos gêneros alimentícios e seus locais adequados (INTENDENCIA, 1922a).

Também totalmente relacionado à preocupação com a higiene e que, inclusive poderia ser a causadora de algumas doenças, estavam as buscas por melhorias nas redes de esgoto e de água. A labuta, neste sentido, do mesmo modo pode ser comprovada através da existência de documentos da Intendência, como relatórios da *Secção de Aguas e Esgotos* nos anos de 1914, 1915 e 1916, todos tratando das melhorias, instalações, serviços e demais aspectos nestes quesitos (INTENDENCIA, 1915; 1916 e 1917).

O fornecimento de água e esgoto diz respeito a dois serviços básicos que compuseram projetos avultados e duradouros das intendências republicanas no país, cujas iniciativas precursoras e efetivamente realizáveis remontam ao final do século XIX (entre 1860 e 1880) na então capital brasileira, Rio de Janeiro. Em Pelotas, tais serviços se deram com certo atraso com relação às grandes cidades, pois em 1887 foram chamados concorrentes para a execução destes serviços, mas os mesmos passaram a ter possibilidade de efetivação somente a partir de 1900, quando relatório contendo as bases para sua implementação foi realizado por Alfredo Lisboa quem também, em 1910 executou a revisão e que, em 1913, foi aprovado por Saturnino de Brito (*ALMANACH DE PELOTAS*, 1916, p. 235-236) (MICHELON, 2001, p. 158-159). Observa-se que a aprovação deste relatório responsável pela execução de tais serviços ocorreu exatamente no mesmo ano da edição do primeiro *Almanach de Pelotas*, o que justifica a constante atenção a este assunto nas demais edições da publicação. No *Almanach* de 1915, no texto “Progresso de Pelotas” (p. 195-196), há destaque para o progresso da cidade, mesmo que em concomitância com a Primeira Guerra Mundial, a qual acabou gerando a diminuição da importação dos produtos daqui e o retraimento do capital estrangeiro. Apesar destes obstáculos a cidade vai progredindo em todos os ramos, como nas melhorias em água e esgoto.

A edição do ano de 1916 (p. 235-248), por sua vez, traz um longo artigo, de dezessete páginas, ilustrado por fotografias, intitulado “Esgotos de Pelotas – Seu historico”. Nele, há um tom de admissão do atraso dos serviços, bem como das melhorias naquele momento já atingidas, como se pode observar no trecho destacado logo abaixo. Além disso, o texto busca justificar a necessidade dos serviços ao trazer dados demográficos anteriores a instauração do mesmo, com relação à mortalidade causada por moléstias oriundas da falta de saneamento, orçamentos das obras implementadas, possibilidades de financiamento, entre outros, perpassando o histórico que vai desde a idealização a execução dos serviços de águas e esgotos.

Ha muito tempo que se vinha notando a falta sensível de uma rêde de esgotos, capaz, pelo seu traçado e pelas suas condições de funcionamento, de satisfazer as crescentes necessidades da nossa populosa cidade. O afastamento das aguas servidas e outros despejos feitos por processos rotineiros, com as desagradaveis conseqüências para um centro adiantado como o nosso, sempre vivamente impressionou os dirigentes da alta administração publica, tal a compreensão nítida que tinham das responsabilidades que pesavam sobre elles. [...] Sejam as nossas homenagens aos grandes batalhadores, desde Arthur Maciel, Antero Leivas e Barboza Gonçalves até Cypriano Barcellos, a estes esforçados administradores que tão bem souberam comprehender a parte de responsabilidades que lhes cabiam na oportunidade do momento. Pelotas já sente os benefícios do seu proprio sacrificio e o seu estado sanitário há de attestar o valor hygienico das obras executadas, desde o desaparecimento radical do mosquito infeccioso até o decréscimo sensível de todas as molestias endemicas, que de longa data nos infelicitam. (Esgotos de Pelotas – Seu historico. *ALMANACH DE PELOTAS*, 1916, p. 235-248)

Há outros tantos textos dos *Almanachs de Pelotas* que tratam de exaltar os feitos nos serviços de água e esgoto, mas um de 1929 (também dentro do conteúdo intitulado “O Progresso de Pelotas”, como o de 1915 citado anteriormente), liga intimamente tais serviços ao progresso municipal, enfatizando o fato de ter sido a primeira rede do estado (isto era uma prática constante nos textos, a elevação da cidade a patamares superiores comparativamente a outras localidades) tecendo louvores aos representantes da administração pública (outro dado frequente nos textos da publicação). Nota-se que o teor do texto, mesmo que treze anos mais tarde que o transcrito logo acima, de 1916, permanece o mesmo.

Esse surto de progresso vem se accentuando desde a administração benemerita do ilustre dr. José Barboza Gonçalves, que teve como continuadores e realizadores de suas relevantes iniciativas de consideraveis serviços os não menos illustres patricios e operosos administradores drs. Cypriano C. Barcellos e Pedro L. Osorio. A essa patriótica trindade de orientados gestores municipaes deve a Cidade os primeiros impulsos para a sua transformação, com o commettimento de serviços publicos importantes e indispensáveis, taes como a construcção de uma rêde de exgottos, a primeira inaugurada no Estado, a ampliação do abastecimento dagua [...]. (O progresso de Pelotas. *ALMANACH DE PELOTAS*, 1929, p. 68)

As referências a estes serviços não se deram, apenas, no campo do verbal, pois foram explorados, também, fotograficamente ao longo das edições. Inclusive, Michelin (2001, p. 261-262) comenta que estas aparecem, preferencialmente, em grupos. Elas trazem etapas das obras em andamento ou o seu resultado já concluído e têm destaque na edição do ano de 1917, quando vários registros fotográficos desse serviço aparecem ao longo da edição na seção denominada “Melhoramentos Municipaes”, além de um texto cujo título é “Aguas e esgotos”, tratando, no primeiro momento, da instalação da rede de esgotos e depois da rede de água, e divulgando dados dos projetos e valores gastos na compra dos elementos necessários para execução das mesmas. As imagens que se apresentam a seguir referem-se à Usina dos Esgotos e as outras duas às obras sendo executadas, sendo que na última delas (Figura 143) é interessante notar algumas pessoas trabalhando e outras tantas observando, num claro sinal de encantamento com esta melhoria que então saía do nível dos papéis de relatórios e projetos para tomar forma diante dos olhos da população.

Figura 141 - Vista da *Usina Elevatória dos Exgottos*



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1916, s.p., entre p.236 e p.237. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 142 - Coletores de concreto para saneamento



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1917, s.p., entre p.8 e p.9. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 143 - Escoramento para rede de esgoto



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1915, s.p., entre p.142 e p.143. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

A partir destes esforços empreendidos, há dados de que até o ano de 1927, Pelotas possuía 4.735 edificações atendidas pelas redes de esgoto e 7.294 abastecidas por água. Tendo em vista, que a cidade, nesse período tinha 7.845 prédios (*ALMANACH DE PELOTAS*, 1928, p.68), percebe-se mais da metade serem atendidos pelo serviço de esgotos e quase a totalidade tinha acesso à água, considerando-se que este serviço começou pelas áreas centrais e, logo, ainda não teria se irradiado para os distritos rurais. Nos locais onde a instalação de esgoto não tinha alcance, havia fossas bacteriológicas ou remoção dos resíduos via serviços custeados pelo município.

Os esforços nesse sentido, além de outras melhorias para a cidade, aparecem em um documento de 1930, semelhante a um plano diretor, elaborado para o então Intendente Municipal, Dr. João Py Crespo, e pelo engenheiro Homero Oliveira. O mesmo subdivide-se a partir dos seguintes temas: *Secção de obras*, *Secção de viação*, *Saneamento* e *Secção Technica*. (RELATORIO DA..., 1930).

O serviço de fornecimento e de tratamento de água também aparece expresso nas edições da publicação analisada, exemplo disso é o texto de 1931, intitulado “A Hydraulica Municipal - O que é essa grande obra de engenharia do dr. Saturnino de Brito” (p. 94-97). Também em clima de exaltação dos melhoramentos da cidade, o texto refere-se ao fornecimento de uma água clara e limpa para a população, por meio de um serviço que só tinha se efetivado, radicalmente, no final do ano anterior, quando a água que corria das torneiras era escura e prejudicial à saúde. Naquele momento, havia dois pontos de captação de água para a cidade: no arroio Moreira (onde foi construída a primeira hidráulica pelotense, fazia meio século), e no arroio Quilombo. Na Praça Piratinino de Almeida se encontrava o posto de abastecimento de água para a população, local que concentrava, também, operários para fiscalização e controle do serviço. O texto, então, encerra concluindo que Pelotas “possue um serviço de abastecimento de agua à altura das suas necessidades e sobretudo moderno, obedecendo aos ultimos principios technicos adoptados universalmente” (p. 97).

Atrelado, também a preocupações de higiene e saúde, está a idealização de praças e jardins. A cidade erigir-se urbana, asseada e bem cuidada, demonstrando este feito pelos numerosos parques e praças que entremeavam a cidade, condição considerada necessária para uma Pelotas moderna, logo, o progresso era assunto constante tanto em textos quanto em fotografias. Já na segunda edição dos *Almanachs*, no ano de 1914, há referência à remodelação de praças e jardins seguindo o estilo inglês (*ALMANACH DE PELOTAS*, 1914, p. 226). Em 1928 havia 11 praças na cidade, sendo as mesmas descritas como “bem cuidadas, salientando-se a da Republica, uma das mais bellas do Brasil, no dizer de viajados forasteiros e conterrâneos (...)” (*ALMANACH DE PELOTAS*, 1928, p. 68 e p. 74). Além disto, novamente o recurso de apresentar projetos também aparece no concernente a este tema, como no caso da última imagem apresentada (Figura 149). A mesma vem acompanhada de um texto que explica o grandioso projeto a ser implementado pelo então intendente Dr. João Py Crespo. Neste texto há a ligação destes locais com a higiene e a saúde, preocupações também muito nítidas naquele contexto, conforme está sendo abordado. O texto explicita isso

ao dizer que “Quanto maior é o numero de praças devidamente ajardinadas, tanto melhores são as condições de hygiene d’uma cidade” (*ALMANACH DE PELOTAS*, 1931, p. 120), sendo que o articulista prossegue tecendo comparações entre Paris, Berlim e Londres, numa clara busca por aproximar a Princesa do Sul dos grandes centros europeus.

Figura 144 - Praça ajardinada



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1914, p.226. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 145 - Vista dos jardins da Praça da República



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1915, s.p., entre p.40 e p.41. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 146 - Praça no bairro Dr. Augusto Simões Lopes



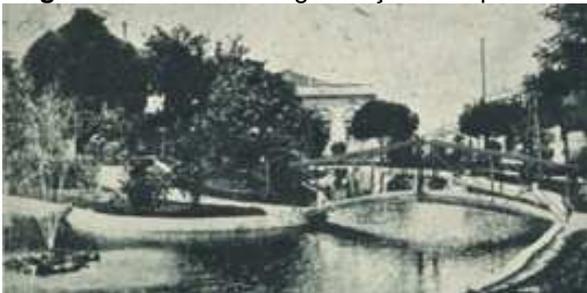
Fonte: *Almanach de Pelotas* 1918, s.p., entre p.158 e p.159. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 147 - Praça Marechal Floriano



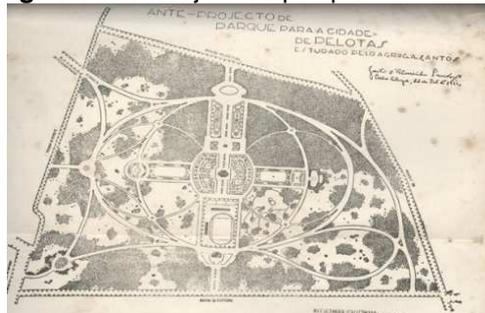
Fonte: *Almanach de Pelotas* 1926, s.p., entre p.204 e p.205. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 148 - Detalhe lago Praça da República



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1927, s.p., entre p.34 e p.35. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 149 - Projeto de parque na Tablada



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1931, s.p., entre p.120 e p.21. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Inúmeros são os textos que abordam os melhoramentos e os progressos para a cidade ao longo das 23 edições. Há um exemplo de 1934, “Pelotas resurge”, o qual é importante pela data, pois se trata do penúltimo ano de circulação da publicação, demonstrado, através dele, que o ideário de pujança, de desenvolvimento e de otimismo, permaneceu promulgado ao longo da vida dos *Almanachs de Pelotas*, mesmo com uma proeminente crise que já havia se anunciado. Novamente, é ressaltada a tradição da cidade nos empreendimentos de particulares. O texto se circunscreve num momento de retomada após uma sentida crise universal (vide quebra da bolsa de Nova Iorque em 1929) que possivelmente repercutiu em uma crise nacional, estadual e municipal (vide a quebra do Banco Pelotense em 1931). A seguir, alguns trechos extraídos do texto que demonstram o contexto de crise e a crença nas ações dos filhos aguerridos daquela Pelotas:

[...] as prementes dificuldades que nos trouxe a crise econômica universal, que até mesmo no Brasil, país opulento de reservas e possibilidades, se fizeram sentir, ainda que menos agudas, vão se atenuando e encaminham-se para um proximo e ambicionado termo. [...] É preciso aos pelotenses retomar o ritmo do trabalho, abruptamente interrompido, não só para se resarcirem do lapso de inercia no periodo asoberbante, como para ratificarem, parafraseando um illustre conterrâneo já falecido – “que são o que são, com forças para serem o que quiserem”. E tanto é o que já se vae demonstrando, não sómente no tocante ás iniciativas particulares, como ao que se refere ás administrações publicas. [...] Isso aliás confirma a tradição da gente pelotense, tradição de povo de iniciativas uteis e cioso do progresso da sua terra. Gente de animo forte, a qual póde, tomada de surpresa, deixar-se abater momentaneamente, como lhe terá sucedido, por efeito daqueles desastres bancários e, após, pelo desaparecimento de Pedro Osorio, Feliciano Xavier e Carlos Lang, valiosos propulsores do progresso local, mas que logo reage, enfrenta a situação, por dolorosa ou critica

que se lhe depare, e prossegue e luta e acaba vencendo, corporificando sua vontade viril e creadora. (ALMANAQUE DE PELOTAS, 1934, p.45-46)

Através do exposto, buscou-se trazer um panorama do município daquele contexto do século XX, por muitas vezes alargando o alcance e atingindo o século XIX. Ao traçar-se aquele cenário, ansioso pelo progresso, pelo desenvolvimento, enfim, pela modernidade, questões de classe apareceram, no intuito de contemplar aquela sociedade de forma um pouco mais ampla, em contraste com a sociedade visibilizada pelas páginas dos *Almanachs*. No entanto, uma questão que se atrela à classe, é a raça, último tema a ser abordado neste tópico. A população negra da cidade que, como é sabido, era numerosa, justamente devido aos precedentes escravos que foram a força motriz das charqueadas, praticamente não aparecem representados nas 23 edições da publicação. Também sobre isso se fala nos próximos itens deste capítulo, dedicado de forma mais específica às mulheres dos *Almanachs*. A mulher que aparece é a mulher branca, burguesa e de elite e não a pobre e negra.

Conforme mencionado, era raro, mas exemplar da aparição de negros através de fotografia no *Almanach de Pelotas* encontra-se na Figura 150, veiculada no ano de 1934. A fotografia trata de um registro do momento da cerimônia da entrega de um terreno, doado pela Prefeitura, para a Vila Operária Flores da Cunha. Como acima suposto, aqui se trata de um exemplo, justamente, em que negros e não negros, de uma população pobre, aparecem representados, no entanto, como figuras secundárias, já que o foco, no centro da imagem e localizado mais ao alto que todos os demais componentes, é o prefeito (que parece ser Joaquim Assumpção Júnior, intendente da cidade no ano de 1933), com o olhar direcionado para a câmera, no seu ato de doação, ou seja, de uma ação benemerente do ilustre cidadão do município. Parece que mais importante que representar aqueles que estão sendo beneficiados com a doação, é enfatizar o doador.

Figura 150 - Exemplo da aparição de negros no *Almanach de Pelotas*



Fonte: Almanaque de Pelotas 1934, s.p., entre p.164 e p.165. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Embora em pesquisa detida somente aos anos de 1931 e 1935, tendo como objeto de análise as aparições de negros em fotografias no *Jornal A Alvorada* e no *Almanach de Pelotas*, nas cinco edições apreciadas do periódico sobre os quais o presente trabalho também se debruça, Schwambach (2010, p.88), contabilizou que apenas 13,12% constituem-se de fotografias com a presença de negros/negras, sendo que, em nenhum caso, a pessoa negra está em evidência. Mesmo que a pesquisa da referida autora não contemple todas as edições dos *Almanachs de Pelotas*, optou-se por trazer este dado por acreditar que ele é passível de ser representativo da publicação em toda a sua extensão, ou seja, com aparições de negros em baixíssimo número.

Sobre os negros, Peres (2002, p. 37) comenta que eles também sofriam controle, preconceito e perseguição. Possivelmente de forma mais intensa, pois além de negros, em sua maioria (talvez até na totalidade), eram pobres. No século XIX, suas manifestações culturais eram reprimidas, inclusive com uso de violência, demonstrativo de uma sociedade extremamente racista. O exercício do controle sobre pobres e negros, levam a autora citada (Idem, p. 39) a caracterizar a Pelotas de fins do século XIX e início do século XX, da seguinte maneira:

[...] um espaço contraditório em que conviviam homens e mulheres das elites, trabalhadores/as livres, desempregados/as, negros/as livres e libertos/as. Escravos/as, posteriormente ex-escravos e ex-escravas, uma emergente classe média composta de indivíduos dos serviços públicos e privados, intelectuais com status bastante elevado. É preciso, portanto, considerar que o cotidiano da vida pelotense era permeado por um constante tensionamento entre as diversas classes sociais, os grupos étnicos, os gêneros, as formas e estilos de vida destes atores sociais. A heterogeneidade da população da cidade de Pelotas compunha uma sociedade extremamente complexa e permeada por conflitos.

Cabe ressaltar que o presente capítulo visa a traçar um contexto mais amplo e completo acerca desta sociedade, mas, o que o trabalho como um todo se propõe é, justamente, analisar as relações e conflitos existentes no concernente as questões de gênero (mencionada na citação acima), que se entende em muito estarem representadas pelo conteúdo dos *Almanachs* e de seus reclames. Sabe-se, no entanto, que atrelados ao gênero aparecem aspectos de classe e etnicidade, por exemplo, pois como comentado anteriormente, as mulheres apresentadas pela publicação eram mulheres brancas e pertencentes a classes mais privilegiadas em termos sociais.

Para terminar com este tópico do trabalho, elegeu-se um trecho do texto do *Almanach* de 1918 “Pelotas de agora” (p. 180-182), por ele parecer um resumo do contexto da cidade propagado nas páginas da publicação. Neste texto, o cronista coloca as suas impressões sobre a cidade, destacando que há dois anos Pelotas era outra, agora tomada por súbito avanço, uma paisagem que se mostrava, então, remozada e embelezada pelas suas praças, topografia com ruas retas, direitas, limpas, bem calçadas, higiênicas, com bonde e automóveis circulando ligeiramente. Além disso, destaca o grau de cultura da cidade com cursos superiores como *Lyceu de Agronomia*, Faculdades de Direito, de *Pharmacia*, de Odontologia e, também, a presença da *Academia do Commercio*, *Club Caixeiral* e etc. No entanto, o trecho mais pitoresco e que parece transportar o leitor para aquele lugar de outrora, para aquele ideário, é o seguinte:

[...] deante do desdobramento de Pelotas de agora, sentindo a vida nova nos electricos que passaram velozes, attestando a idéa da pressa e da energia, que são os maiores factores da vida moderna, parei em cada esquina; retive-me respeitoso deante desse velho e abençoado edificio que é a Santa Casa; entrei nas salas cheias de luz e de paz da Bibliotheca; fui recordar de perto as luxuosas

dependências, incomparáveis em todo o Brasil, do Club Commercial; alegrei-me ante o aspecto outro do nosso Theatro renovado; sorri, contente ás fachadas dos palacetes elegantes que vão surgindo por toda a parte, aformoseando ruas, alguns com jardins, outros ostentando apenas a linha da sua arquitetura, como o soberbo edificio do Banco Pelotense, todos comprovando, como os bondes que passavam, como as praças alindadas, como as ruas limpas, como o ar atrahente da *urbs*, o aspecto symphico dos transeuntes, a vida urbana toda ella vivificada pela seiva nova, - a era outra que a cidade atravessa, o momento presente da Princeza do Sul, os dias mais viris, mais intensos, mais promettedores de Pelotas de agora. (Idem, p.181)

Foi, então, nesse agora, hoje passado, que o objeto de estudo dessa pesquisa circulou. Sabido já é que a publicação tinha apreço para uma camada específica daquela sociedade, cuja própria exaltação é uma forma de coadunar com a promoção da modernidade e da civilização, nos moldes das grandes cidades do país e da Europa. Alguns exaltados, outros invisibilizados. No jogo de mostrar e esconder, o clima aparente era de êxtase, de uma cidade que, de fato, materializava-se, para corresponder, principalmente aos olhos, ao viver moderno que tanto se auspiciava. Os *Almanachs* são, eles próprios, pela sua materialidade e conteúdo, ferramentas extremamente atuantes nesse propósito. Um pouco já se pôde delinear sobre o perfil desta publicação, ao ser utilizada, neste capítulo, como fonte primária de contextualização da cidade que, embora não sendo a única referência empregada, reforça definitivamente as pistas do seu teor. Convida-se o leitor à prosseguir nesta contextualização que, a partir de agora, toma como foco as mulheres, também em um contexto mais geral e afunilando para um cenário mais específico, incluso a mulher pelos olhos da própria publicação.

2.2 AS MULHERES PELOTENSES NO SÉCULO XX

Antes de adentrar nos discursos específicos sobre as mulheres, veiculados nos *Almanachs de Pelotas*, optou-se por fazer um levantamento geral acerca deste gênero a partir de dados encontrados em outras pesquisas, por ter se observado que o periódico investigado promulgava uma imagem feminina muito particular (e que parecia lhe ser cara); talvez bastante

segmentada, idealizada, e presa nas amarras mais tradicionais acerca do que significava ser homem e ser mulher.

Embora os discursos presentes nos *Almanachs* sugerissem uma ideia muito genericada para homens e mulheres (mulheres no interior do lar, executando atividades domésticas, cuidando dos filhos e marido, sem trabalhar para fora), num discurso elitista, que falava de mulheres de classes mais abastadas, a bibliografia indica uma realidade distinta, composta de diferentes mulheres, de diferentes classes, que liam, que exerciam profissões, enfim, que tinham um horizonte o qual não coadunava com o que era reiterado pelo conteúdo do periódico.

Neste momento de tentativa de contextualização da mulher pelotense no período em questão, e por ser este um trabalho com foco no gênero (compreendido como uma categoria relacional), entende-se importante trazer dados demográficos acerca das populações femininas e masculinas. Para tanto, foram encontrados índices de uma fonte já utilizada no item anterior, no período compreendido entre 1846 e 1911. Mais uma vez reitera-se que o período englobado precede à circulação dos *Almanachs*, mas entende-se, conforme já justificado, que os mesmos são o lastro do ocorrido posteriormente. Além disso, não foram encontrados os números populacionais específicos dos anos de circulação da publicação analisada. Abaixo segue a tabela com os dados referentes ao citado período:

Tabela 4 - Populações femininas e masculinas no período entre 1846 e 1911

População				Porcentagem para mais		Porcentagem	
Ano	Homem	Mulher	Total	Homem	Mulher	Homem	Mulher
1846	2.898	2.339	5.237	559	-	55,33	44,67
1872	11.918	9.340	21.258	2.578	-	56,06	43,94
1890	19.255	18.001	37.256	1.254	-	51,68	48,32
1899	21.824	21.267	43.091	557	-	50,64	49,36
1900	22.916	21.965	44.881	951	-	51,05	48,95
1911	31.422	31.279	62.701	143	-	50,11	49,89

Fonte: CUNHA, Alberto Coelho da. **Estatística Demográfica de Pelotas** (1814 – 1930).

Embora em porcentagem não se trate de uma diferença exacerbada, convém notar que em todos os anos a população masculina apresenta-se em

maior número, sendo que a menor desigualdade de números entre as populações de cada sexo é, justamente, no período mais próximo ao contexto temporal exato de circulação do objeto de estudo desta pesquisa, no ano de 1911.

Elucidado este cenário geral e mais amplo, parte-se para algumas informações acerca de facções sociais mais específicas, na busca da compreensão do gênero atuando em diferentes situações naquela sociedade. Em pesquisa sobre a classe operária pelotense entre os anos de 1888 e 1937, período que congrega o trecho que se está a pesquisar, Loner (1999, p. 2) apresenta números acerca desta classe, na qual estavam incluídas mulheres, esclarecendo a participação feminina na sociedade, principalmente no concernente ao trabalho fora do lar, num contexto em que foram percebidas influências regionais as quais, por sua vez, inseriam-se num quadro jurídico-institucional nacional, submetidos à lógica de acumulação capitalista.

De acordo com a autora (Idem, p. 75-76), é difícil estimar o número de operários no início da República, sendo que, para Pelotas, inclusive, não foram encontrados dados. No ano de 1911 há dados da prefeitura que indicam a existência de cerca de 6.578 operários, o que correspondia a 10,5% da população no município; já para os anos 1920, dados do Censo indicam um número de 6.419 trabalhadores fabris e 1.489 nos transportes, totalizando 7.908 operários, relativos a 9,6% da população total. Do Censo de 1920, tem-se que dos 6.419 atuantes da mão de obra na indústria, 2.043 eram mulheres, resultando em cerca de um terço da classe operária do período. Loner (Idem) destaca que as mulheres tinham maior inserção nas tecelagens, indústria de vestuário e toucador, e mesmo que configurassem um número relativamente alto, a presença feminina era silenciosa e sem expressão nas entidades de trabalhadores, posto que sua participação em sindicatos foi localizada apenas entre os anarquistas na década de 1910 e os comunistas em 1928-29.

De acordo com Peres (2002, p. 40 e p. 57), o ramo sindical na Pelotas de fins do século XIX e início do século XX foi de grande expressão, sendo inclusive considerado o berço do sindicalismo gaúcho pelo pioneirismo do qual se revestiam as suas lutas e pela organização de suas reivindicações. No entanto, a autora também pondera que no século XX, embora a classe operária

tivesse inúmeras integrantes mulheres e crianças, o movimento era em maioria liderado por homens, os quais colocaram entraves para a participação feminina, estimulando-as a localizarem-se no espaço doméstico, reproduzindo, desta forma o ideal burguês de estipulação do lugar da mulher na sociedade. A rara participação de mulheres no comando de atividades de sindicatos é demonstrativa das relações que se estabeleciam entre homem-público / mulher-privado, discussão que será mais adiante abordada.

De acordo com Loner (1999, p. 76 e p. 164), nas cidades de Pelotas e Rio Grande, no contexto dos processos grevistas de operários, houve a ocorrência de um sindicato em cada uma delas (um deles de existência bastante curta) praticamente composto apenas por mulheres, as quais integravam a categoria das tecelãs. No ano de 1913, por sua vez, um grupo de sapateiras mobilizou-se em prol da campanha contra a lei de expulsão de estrangeiros, enviando um ofício para a Confederação Operária Brasileira (COB), grande central sindical da República Velha, criada no Primeiro Congresso Operário Brasileiro, no ano de 1906.

Entre as décadas de 1910 e 1920, Pelotas teve grande efervescência de movimentos anarquistas, nos quais as mulheres encontraram espaço, atuando em diversas frentes. Permeavam as reivindicações do movimento, questões ligadas à educação, com ênfase na mulher, já que ela era tida como figura principal na educação dos filhos e, em consequência, na edificação da sociedade (Idem, p. 189-190 e p. 356). Interessante notar que, mesmo em um movimento anarquista, que abre espaço para a luta em prol das mulheres, aspectos de diferenciação dos gêneros estão presentes, pois se atribuía, então, ao gênero feminino as responsabilidades e, principalmente, uma maior presença junto aos filhos. Com relação à participação das mulheres no movimento, tem-se que:

[...] havia mulheres na direção do sindicato das tecelãs e também fazendo piquetes e passeatas em greves (Silva, 1998). Contudo, foi na parte cultural que a presença da mulher era maior. Elas compuseram boa parte do auditório de conferências de libertários; elas próprias deram palestras e conferências e acompanharam delegações da Federação Operária em visitas de cortesia e propaganda a Rio Grande. As operárias, principalmente, formaram um grupo de estudos exclusivo de mulheres que, aos poucos, eliminou sua timidez, capacitando-as para a liderança ao lado dos

homens. O Centro Feminino de Estudos Sociais (CFES) foi um dos dois únicos grupos femininos a fazerem-se representar no Congresso pela Paz no Rio de Janeiro em 1915. O grupo durou menos de um ano, talvez, não pela desistência ou desânimo das suas integrantes e sim, pelo efeito contrário: a politização de algumas delas e sua atuação em lutas gerais, o que pode ter servido de elemento dissolvente do grupo. Em 1916, estabeleceu-se uma polêmica, pelas páginas de *O Rebate*, entre Amélia Gomes, uma das principais lideranças femininas e outra que atendia pelo nome de Ritoca Werneck. Enquanto esta última defendia que a mulher - e o CFES - se dedicasse apenas à questões educacionais, como forma de capacitar-se para depois participar plenamente, Amélia Gomes propunha que a mulher participasse e opinasse sobre tudo, inclusive sobre a luta pela paz e o antimilitarismo, enquanto se educasse e politizasse. (Idem, p. 189-190)

Com relação aos movimentos de greve, as operárias da Fiação e Tecelagem, em Pelotas, integraram a greve geral de 1917, mantendo-se paralisadas mesmo após o término do movimento, evidenciando grande força, resistência e insatisfação com as condições de trabalho (Idem, p. 282). Dentre as reivindicações desta greve geral estavam 25% de aumento e a padronização de 08 horas de trabalho para os homens e de 06 horas para mulheres e crianças (Idem, p. 294).

Também houve greves nos anos de 1918 e 1919, ambas com forte repressão de soldados e brigadianos que tomaram sedes operárias e tentaram conter passeatas e demais ações do movimento grevista, porém, sem êxito. No ano de 1919, a greve geral foi mais forte e de maior alcance incluindo a adesão do setor fabril e de mulheres, cujas algumas integrantes, em manifestações, foram espancadas pela polícia (Idem, p. 302-303).

Outro dado importante foi a criação da Liga Protetora das Operárias em 1919, patrocinada pela Igreja Católica, constituída como entidade benemerente, liderada por mulheres da elite, que tinha por objetivo prestar auxílio para as operárias e prestadoras de serviços domésticos, através da busca de empregos e distribuição de caridade para as mesmas (Idem, p. 117 e p. 211). Como já dito no tópico 2.1, os trabalhos benemerentes faziam parte do projeto civilizatório e da busca pela modernidade tão auspiciados naquele contexto.

As crianças tinham grande atuação em todas as profissões e nas oficinas de aprendizes, sendo que ainda os dados do Censo de 1920 apontam que Pelotas continha 1.214 trabalhadores industriais menores de 20 anos, com

484 do sexo feminino e, dos 238 que atuavam nos transportes, a proporção do sexo feminino cai, tendo em vista que apenas 20 eram meninas. Os meninos desempenhavam funções nos mais diversos ramos da indústria, enquanto as meninas ficavam enquadradas nos mesmos ramos que as mulheres adultas, conforme já citado (Idem, p. 77).

No ano de 1929, a Federação do Trabalho de Pelotas (FTP), ou Federação Geral dos Trabalhadores de Pelotas (fundada anteriormente com objetivo de organizar os sindicatos por classe e por ramo industrial, aproximar-se do operariado do restante do Brasil e da América, fundar escolas, lutar por leis e por educação técnica profissional para os operários), apresentava uma agenda de reivindicações que, dentre outras pautas, tinha algumas enfocadas na mulher: sete horas de trabalho para as mulheres e oito para os homens; repouso pago para as parturientes de seis meses antes e dois meses depois do parto; construção de creches junto aos locais de trabalho para os filhos de peito das operárias; a cada 3 horas de trabalho uma licença de meia hora para as operárias amamentarem os seus filhos, sem prejuízo no salário e sem desconto nas horas de trabalho; proibição do trabalho noturno em indústrias nocivas e perigosas, principalmente para as mulheres grávidas; igualdade entre mulheres e homens. Demonstrativo da mobilização das mulheres que trabalhavam fora de seus lares, e também no ano de 1929, sob influência comunista, houve a criação de diversos órgãos de participação popular, dentre eles o Comitê das Mulheres Trabalhadoras. Este comitê tinha por objetivo reunir as mulheres trabalhadoras, independente de cor, classe ou posição social, cujo princípio era a luta de classe e proteção das mulheres no trabalho. Nesta associação havia cerca de 40 pessoas, sendo que suas líderes discursavam em comícios, possibilitando, assim, a entrada, a presença e a atuação feminina nesses eventos.

Estes órgãos de participação popular tiveram existência breve, tendo em vista que no ano de 1930, em função da repressão que se instaurou (no estado com a deportação dos militantes para os países do Prata, além do exercício da violência), houve o desmantelamento destes movimentos e, em consequência, a desarticulação do Partido Comunista em todos os seus pontos de atuação, inclusive o sindical (Idem, p. 211-212 e p. 359).

Ampliando-se um pouco o leque acerca da atuação feminina no trabalho fora do lar, para além da classe operária, inserem-se dados de um estudo dedicado ao ensino feminino privado em Pelotas, entre os anos de 1875 e 1890 – mais uma vez reiterando que mesmo sendo um período anterior ao deste estudo, consideram-se estes dados importantes para a compreensão do contexto que lhe seguiu. Maciel (2007, p. 52) ao reflexionar sobre a emancipação feminina e sua inserção no trabalho traz que era uma constante nos jornais pelotenses notícias relacionadas às mulheres e trabalho, tendo como referências notícias principalmente dos Estados Unidos, onde elas tinham abertura em profissões antes consideradas masculinas, como médicas, advogadas, industriais, barbeiras, dentistas. Em Pelotas, por sua vez, segundo a autora (Idem, p. 53), foram detectadas, com certa regularidade, mulheres exercendo atividades como costureiras, parteiras, médicas, modistas, artistas, amas-de-leite, cuidadoras de crianças, responsáveis pelas atividades domésticas e professoras. Naquele cenário, cabe destacar que a medicina praticada por mulheres ainda era uma exceção, não só na cidade como no país, sendo um exemplo de grande pioneirismo para Pelotas foi o exercício da medicina pela pelotense Antonieta Dias, filha do proprietário do Jornal Correio Mercantil.

A atuação feminina no mercado de trabalho estava intimamente ligada a sua inserção em determinados grupos sociais e às funções que lhes eram permitidas ou não, e estavam fortemente relacionadas à divisão sexual do trabalho, com limitações atinentes às relações homem-público e mulher-privado, discutida mais adiante, no próximo subcapítulo. A relação dos homens com o mundo público e com a política, também aparece no presente tópico do trabalho ao trazer dados referentes à atuação dos diferentes gêneros em associações operárias, sindicais e recreativas, nas quais as mulheres têm silenciosa (ou quem sabe silenciada) atuação. Desta forma, às mulheres eram destinadas, basicamente, atividades ligadas à esfera doméstica, sendo o mercado de trabalho influenciado por acentuada divisão sexual, pelas diferenças socioeconômicas e segundo grupos étnicos. Havia espaços destinados para homens e espaços destinados para mulheres, bem como lugares diferenciados para as mulheres segundo suas características sociais,

étnicas e de classe. Assim, o trabalho feminino organizava-se, também, pautado nestas diferenciações, sendo que uma profissão considerada feminina e aceita como sendo plausível para este gênero era a docência (Idem, p. 54).

A situação com relação à participação das mulheres na vida política, por exemplo, também pode ser analisada através dos *Almanachs de Pelotas*. Para ilustrar isso foram escolhidas três fotografias de atos associados à política nas quais aparecem mulheres, em detrimento a tantas outras nas quais elas não estão presentes. Além disso, mesmo que presentes no evento, é evidente o contraste entre os gêneros, elas, claro, menos numerosas. Reitera-se, ainda, que no caso das duas primeiras fotografias não se trata de registros de um contexto específico deste estudo, pois os mesmos ocorreram em Porto Alegre e Rio de Janeiro, como demonstram a Figura 151 e a Figura 152, respectivamente; já a terceira fotografia (Figura 153) mantém a característica de conter menos mulheres e é referente a uma solenidade em Pelotas, onde o então prefeito Dr. Augusto Simões Lopes aparece saudando o 4º Batalhão da Brigada Militar, que chegava de missão na Revolução de São Paulo, provavelmente a Revolução Constitucionalista de 1932, já que o referido prefeito comandou a cidade de Pelotas entre os anos de 1924 e 1928 e, também, no ano de 1932.

Figura 151 - Dr. Borges de Medeiros, no Palácio do Governo do Estado em Porto Alegre, em 1923, assinando protocolo de pacificação ultimado no Castelo de Pedras Altas



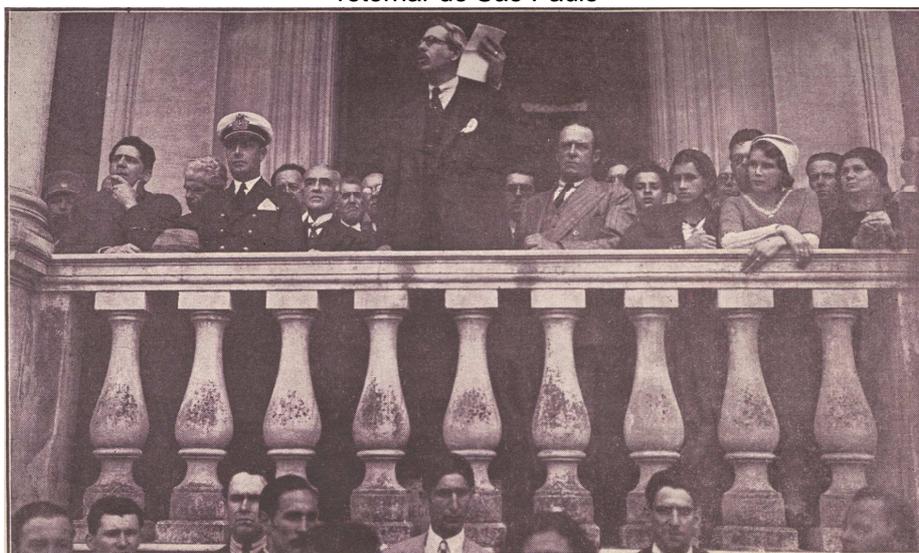
Fonte: *Almanach de Pelotas* 1925, s.p., entre p.136 e p.137. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Figura 152 - Posse de Getúlio Vargas em 1930, no Palácio do Catete Rio de Janeiro



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1931, s.p., entre p.XX e p.XXI. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Figura 153 - Prefeito Dr. Augusto Simões Lopes, saudando Batalhão da Brigada Militar, após retornar de São Paulo



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1933, s.p., entre p.4 e p.1. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Nos três registros, conforme já mencionado, nota-se uma menor quantidade de mulheres no ato político se comparado ao número de homens. Pode-se pensar que, ao menos elas estão ali presentes, mas, no entanto, há que se ponderar, também, que elas estavam ali, provavelmente, como acompanhantes de homens, como coadjuvantes da situação e não como integrantes, de fato, do processo político. Sobre isto, interessante notar que,

dentre as três imagens, o registro efetivo do contexto pelotense é verificado naquela com menor proporção de mulheres em cena, sugerindo uma menor participação feminina na arena política, ainda mais levando-se em consideração tratar-se da fotografia menos antiga. Com relação ao contexto temporal, fundamental lembrar que nos anos referentes a cada uma das fotografias, nas duas primeiras as mulheres ainda não tinham obtido o direito ao voto e, na última, de 1933, esse direito havia acabado de ser adquirido. Sobre a participação na política no contexto específico desta pesquisa, Peres (2002, p. 57), através do seu estudo focado nos cursos de instrução primária para homens da *Bibliotheca Pública Pelotense* entre os anos de 1875 a 1915, diz que este se tratava de um universo exclusivamente masculino.

Retomando a trajetória das mulheres no trabalho, agora em um cenário ampliado para além do contexto desta investigação, a autora Michelle Perrot (2012, p. 109-124), tece um relato mencionando as atuações como camponesas, donas de casa, empregadas domésticas, operárias (principalmente no ramo têxtil, a partir da Primeira Revolução Industrial, e no ramo da costura) e, posteriormente as inserções no setor terciário como vendedoras, secretárias, enfermeiras e professoras primárias. Estas profissões no setor terciário remontam aos séculos XIX e XX, sendo que foi neste último século a veiculação dos periódicos apreciados. Note-se, porém, que mesmo no setor operário, como comprovado no caso de Pelotas, trata-se de locais e ramos tidos como aceitáveis para o feminino.

A figura da mulher enfermeira teve como marco importante a Guerra da Crimeia, nos anos 1850, quando a britânica Florence Nightingale organizou um serviço de enfermagem para cuidar dos soldados atingidos pelos combates. Antes, estes préstimos eram funções das religiosas de asilos e hospitais. Já as professoras tiveram o seu surgimento associado ao momento em que a escola se tornou obrigatória para os dois sexos. Cabia às mulheres ensinar meninas e crianças menores, tendo esta profissão se tornado um desejo das mulheres advindas de classes mais humildes e que necessitavam trabalhar (Idem, p. 125-126).

Dentre as apreciações dos *Almanachs de Pelotas*, no manacial de 4107 reclames, foi encontrado um único que ofertava um serviço prestado por uma

mulher, justamente, de uma professora de datilografia, chamada Elisa Camorali. A análise dessa referência aparece mais detalhada no capítulo 4, na página 451.

Ao observar o contexto de Pelotas do final do século XIX, Maciel (2007, p. 54) corrobora para tal situação, comentando que o exercício do magistério era um trabalho considerado para mulheres, ou seja, socialmente aceito para este gênero, permitindo a inserção delas em atividades profissionais. Segundo a autora:

[...] muitas destas professoras eram mulheres qualificadas, com formação em países europeus, em faculdades como as de Paris, da Corte ou em Colégios Religiosos, o que conferia status e certa identidade profissional. O exemplo dessas qualificações pode ser acompanhado pelas notícias dos jornais pesquisados que mantinham a prática de avisar a chegada de novas professoras na cidade e salientavam na imprensa, com o objetivo de atrair a atenção dos leitores e leitoras, as qualificações das professoras recém chegadas. (Idem, p.54)

Outros exemplos relacionados à atividade docente de mulheres aparecem ilustrados nos *Almanachs*, conforme fotografias abaixo. Na primeira imagem (Figura 154), há um grupo de meninas do *Asylo de Orphãs N. S. da Conceição*, fundado em 1855 (PERES, 2002, p.44), onde aparecem duas freiras, as quais, além de cuidar das crianças deviam exercer a função de professoras naquele local. O segundo exemplo (Figura 155) apresenta uma escola, G. E. Joaquim de Assumpção, recebendo assistência do município, onde um grupo misto de meninos (escoteiros) e meninas recebem um copo de leite. Além das crianças, aparecem duas mulheres, uma que está servindo os copos de leite e outra que parece ser a professora, até porque a mesma se posta como tal, munindo um livro ou caderno aberto. A Figura 156, também da escola G. E. Joaquim de Assumpção, mostra uma sala de aula onde somente meninas estão executando trabalhos manuais (costura e bordado), supervisionadas pela professora, em pé e à esquerda. Por fim, no quarto exemplo (Figura 157), há também uma sala de aula, do Patronato Agrícola Visconde da Graça, desta vez tomada por meninos, sendo que ao fundo se encontra a professora. Nota-se, inclusive, que no original do qual a imagem foi obtida, há uma seta que aponta para esta figura, numa possível forma de

“sublinhar” algo que talvez destoasse do padrão. Os motivos para esta marcação podem ser inúmeros, mas pode-se aqui pensar ser devido ao fato de haver uma figura feminina atuando como professora de um grupo de meninos.

Figura 154 - *Asylo de Orphãs N. S. da Conceição*



Fonte: *Almanach de Pelotas 1922*, s.p., entre p.32 e p.33. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Figura 155 - *Escola G. E. Joaquim de Assumpção – entrega de copo de leite*



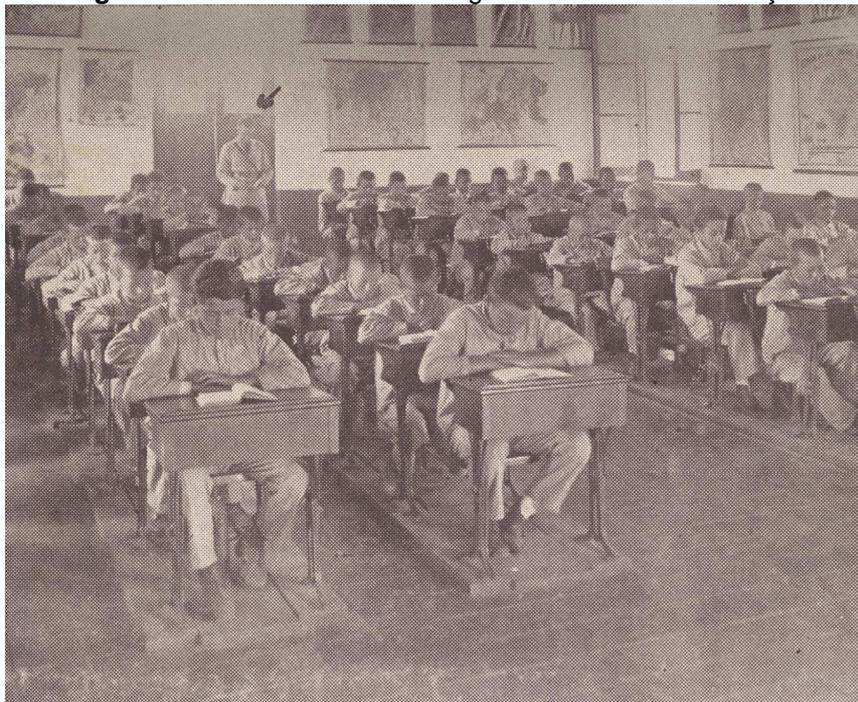
Fonte: *Almanach de Pelotas 1929*, s.p., entre p.50 e p.51. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Figura 156 - Escola G. E. Joaquim de Assumpção – aula de trabalhos manuais



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1929, s.p., entre p.66 e p.68. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Figura 157 - Aula do Patronato Agrícola “Visconde da Graça”



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1934, s.p., entre p.28 e p.29. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Um parêntese que se faz antes de seguir a abordagem das referências ao trabalho feminino nos *Almanachs*, sobre o *Asylo de Orphãs N. S. da Conceição*, em relação a mais um exemplo de caráter assistencialista que moviam as preocupações das autoridades e pessoas influentes na cidade,

Peres (2002, p. 45), destaca uma questão importante referente à construção dos papéis de gênero. Ela comenta que este tipo de asilo tinha as meninas como prioridade, demonstrando a “ideia de reclusão e de confinamento para as meninas, já que para os meninos pobres outras medidas foram tomadas. Aos meninos foram reservados principalmente a instrução e o trabalho”. Mais uma vez, exemplos de relação dos homens com o público e com o trabalho e das mulheres com o privado, normatizando formas de comportamento e conduta desde uma fase muito inicial da vida. Vê-se, ainda, que as construções de gênero perpassam as diferentes classes sociais e idade generacional, embora se saiba que mesmo dentro de um gênero, há designações de atuação diferentes de acordo com a classe, raça, etnia e etc. Sobre isso, a autora citada (Idem, p. 57) concluiu em suas análises que havia modelos de ser homem e ser mulher independente da classe social, dando prosseguimento ao seu pensamento com as seguintes palavras:

[...] neste sentido, em alguns momentos é possível perceber que o gênero se sobrepunha à relações de classe e de grupo étnico. Não quero afirmar com isto que ser mulher pobre ou da elite ou ser homem pobre ou da elite não supusesse diferenças. Quero apenas argumentar que, em algumas situações da vida, havia normas sociais, condutas, comportamentos, códigos, próprios para homens ou para mulheres.

Alguns exemplos do citado acima já foram trazidos ao longo desse subcapítulo, como a natural ligação dos homens com a esfera política e pública e das mulheres com o privado, em especial estimuladas às atividades no interior do lar. Exceção à regra daquele contexto, especialmente através do tipo de conteúdo e normas promovidas pelos *Almanachs*, outro exemplo, de reclame, que traz referência ao trabalho feminino fora do lar nos *Almanachs*, é um da Cafiaspirina, medicamento da marca Bayer, presente nas edições de 1930 e 1931. Neste caso, diferente do caso mencionado do reclame da professora de datilografia, não está sendo anunciado o serviço de uma mulher, mas há uma ilustração que indica o trabalho feminino na enfermagem, mais uma vez uma profissão mencionada por Perrot (2012) quando da inserção delas no trabalho fora do lar. Neste reclame, embora apareça a mulher, há também um homem, e nesta representação algumas questões simbólicas de

gênero estão presentes, mas também serão tecidas no capítulo 4, na página 451. Cabe destacar que dos 4107 anúncios, este exemplo é o único que traz como narrativa visual a mulher desempenhando uma função profissional indicando um contexto externo ao lar.

O trabalho de enfermagem também aparece ilustrado em fotografia da publicação analisada, como na imagem da Figura 158, referente à enfermaria da Santa Casa, na qual há uma mulher em pé e outra sentada, brincando com as crianças. As mesmas poderiam ser mães, parentes ou amigas, que estariam ali cuidando dos internos, no entanto, atribuiu-se a elas a função de enfermeiras devido à veste branca.

Figura 158 - Enfermaria da Santa Casa de Misericórdia



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1917, s.p., entre p.186 e p.187. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Além da docência e da enfermagem, outro ramo considerado feminino era o da moda e da estética. A beleza e a moda eram interesses vigentes para as pelotenses do período, sendo que a inspiração vinha do Rio de Janeiro e da Europa, principalmente França, país referência para a cidade. Na época, modistas francesas estabeleceram atividades em Pelotas e obtiveram sucesso, pois “uma cidade de tamanha riqueza e de uma intensa vida social exigia das mulheres da elite que acompanhassem as tendências modernas de beleza e vestuário”, segundo as palavras de Peres (2002, p.62). Nos *Almanachs*, não

foram encontrados reclames anunciando o trabalho de modistas, no entanto, já na edição de 1913, encontraram-se listados os impostos a serem pagos em janeiro, do “imposto de commercio localizado”, em que aparecem listadas atividades e, dentre estas, as modistas (*ALMANACH DE PELOTAS*, 1913, P.29). Tal encontro indica, então, o exercício da atividade citada. Por sua vez, anúncios que propagandeavam serviços de alfaiataria eram inúmeros, como das lojas “Ao Indio”, “Ao Barquinho”, “Ao Barateiro” e “Alfaiataria Sollazzo” (Figura 159), recorrentes em inúmeras edições. Já relativo aos cosméticos, a loja “A Torre Eiffel” (Figura 160), também bastante anunciada nas edições do *Almanach de Pelotas*, se destacava como “casa de fazendas, modas, novidades e perfumarias. Constantemente recebe da Europa os últimos modelos em trajes para senhoras” e, além disso referenciava que “tem sempre em stock os celebres preparados de beleza de Mme. Selda Potocka, pois a beleza da pelle é um dos melhores predicados da formosura da Mulher”. Os exemplos extraídos do periódico analisado retratam a importância dada à beleza feminina (conforme se destaca no próximo subcapítulo) e o fato de que os *Almanachs* priorizavam os homens, assunto sugerido no capítulo 1.

Figura 159 - Reclame Alfaiataria Sollazzo



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1920, p.190.
Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Figura 160 - Reclame A Torre Eiffel



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1917, p.18.
Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Embora não se tenha encontrado referências às modistas em reclames, área correlata, por sua vez, aparece retratada, a costura. O reclame que será observado no capítulo 4, na página 413, traz destaque para a máquina de costura da marca Jones manejada por uma mulher, sem, porém, indicar se é uma atividade desempenhada fora do lar ou não. Saber costurar era uma habilidade atribuída ao gênero feminino, tema ao qual se dá destaque posteriormente neste texto.

Como a profissão de enfermeiras, já mencionada anteriormente, igualmente ligada à área da saúde, porém em uma atividade considerada masculina, há uma fotografia que alude ao trabalho de uma dentista, conforme se apresenta abaixo (Figura 161). A imagem traz um gabinete dentário da Escola G. E. Joaquim de Assumpção, em outro exemplo de registro da assistência municipal aos colégios. Nela temos duas mulheres, uma como paciente e outra como profissional. A mesma está trajando roupa branca, tem postura séria, usa óculos e está interagindo com a boca da paciente. Poderia ser apenas uma auxiliar de um dentista do século masculino? Poderia, mas, no entanto, por que não seria o homem a posar para fotografia, principalmente em se tratando de uma publicação, pode-se dizer, tradicional e machista com relação às funções exercidas pelos diferentes gêneros. Por tal reflexão se pensa estar diante de uma dentista mulher, possivelmente uma exceção para aquele contexto, exatamente como a médica pelotense Antonieta Dias (já citada), mesmo em se tratando, neste caso, já do século XX.

Figura 161 - Escola G. E. Joaquim Assumpção – Gabinete dentário



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1929, s.p., entre p.98 e p.99. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Em outros registros fotográficos há mulheres desempenhando outros tipos de trabalhos fora do lar, considerados femininos, mas que, por sua vez, relacionam-se ao trabalho doméstico, como cozinheiras, lavadeiras e cuidadoras. Nos dois primeiros exemplos está sendo apresentada a estrutura do hospital Santa Casa de Misericórdia, a cozinha (Figura 162), e a lavanderia (Figura 163); já nos dois últimos exemplos a estrutura apresentada é do *Asylo de Mendigos*, a rouparia (Figura 164) e, novamente, uma cozinha (Figura 165).

Figura 162 - Cozinha da Santa Casa de Misericórdia



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1917, s.p., entre p.188 e p.189. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Figura 163 - Lavanderia da Santa Casa de Misericórdia



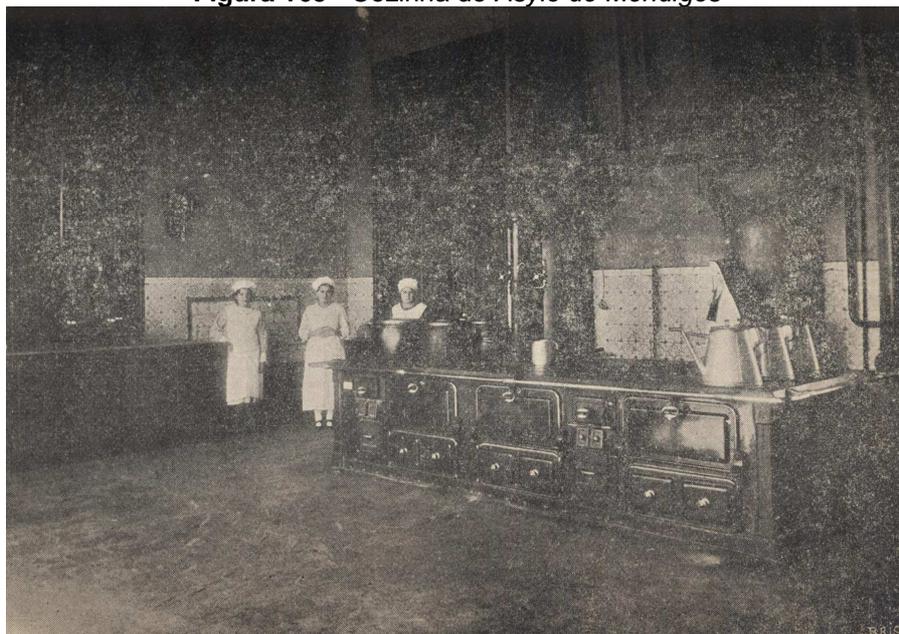
Fonte: *Almanach de Pelotas* 1917, s.p., entre p.188 e p.189. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Figura 164 - Rouparia do Asylo de Mendigos



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1921, s.p., entre p.24 e p.25. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Figura 165 - Cozinha do Asylo de Mendigos



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1921, s.p., entre p.56 e p.57. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Nas quatro imagens acima, considera-se importante refletir que em ambas as instituições cujas estruturas são apresentadas (Santa Casa de Misericórdia e *Asylo de Mendigos*), os mesmos referem-se a locais de trabalho benemerentes, como abordado no tópico 2.1. Os hospitais, segundo Peres (2002, p. 44), no período, desempenhavam também a função assistencial. Este

tipo de atividade sempre foi mais atrelado às mulheres e, a suposição que aqui se faz (mesmo que nos exemplos apresentados as mulheres recebessem para isso), é que tal tradição é cimentada no fato de este tipo de trabalho poder não ser remunerado, logo, mantém as mulheres em situação de dependência financeira dos homens e, conseqüentemente, da dominação masculina. Fazer o bem seria uma obrigação, logo, poderia não implicar pagamento. No entanto, deve-se mencionar que muitos homens de elite empreendiam esforços na criação de entidades assistencialistas, pois de acordo com a autora citada, crianças, doentes e mendigos “não combinavam com uma cidade que detinha o título de ser a mais aristocrática de toda a Província”, além de que estes nobres gestos garantiam status e inúmeras notas em jornais para aqueles que os faziam.

Outro ramo de atividades profissionais com importante atuação feminina – conforme Loner (1999) apresenta e que já mencionamos neste trabalho – era a indústria, para o qual também encontramos uma referência fotográfica nos *Almanachs*. O exemplo encontrado (Figura 166) apresenta uma cena composta por homens e mulheres, na qual o gênero feminino é predominante e representa a seção de expedição e propaganda da fábrica do Elixir de Nogueira, renomado medicamento produzido na cidade.

Figura 166 - Seção de expedição e propaganda da *Fabrica do Elixir de Nogueira*

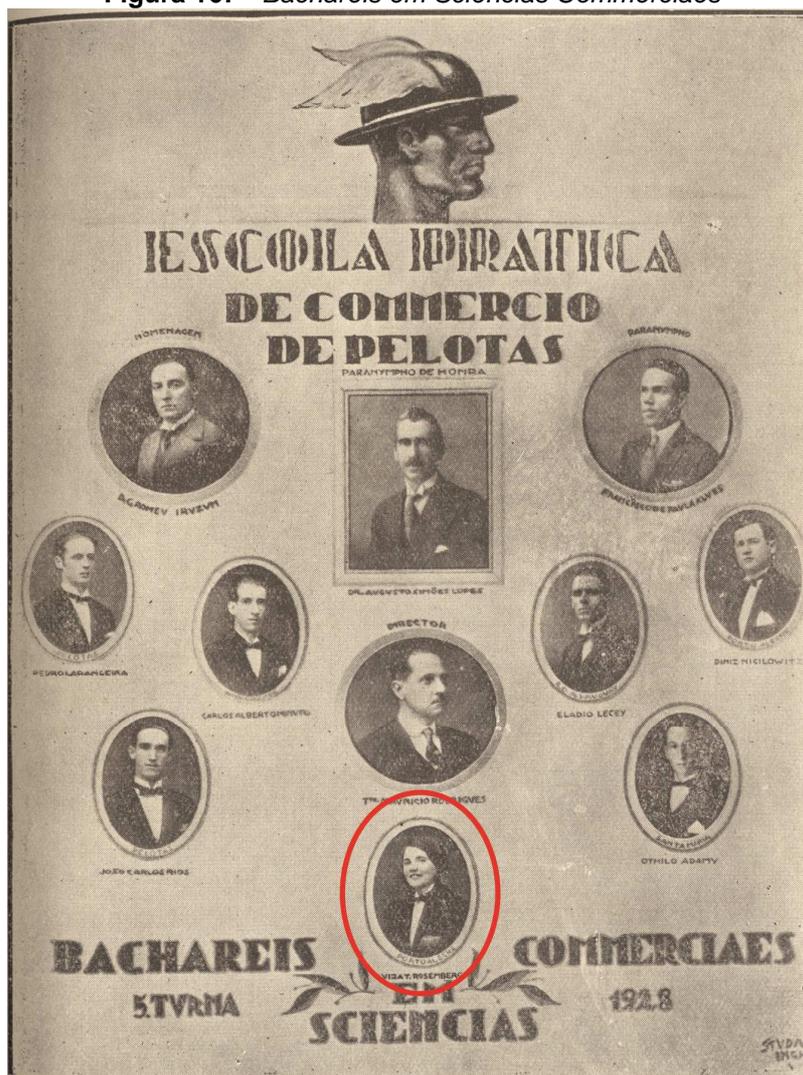


Fonte: *Almanach de Pelotas* 1921, s.p., entre p.152 e p.153. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Embora neste exemplo as mulheres componham quase a totalidade do trabalho que aparece retratado, cabe destacar que novamente está evidenciada a divisão sexual do trabalho. Como mencionado, tratava-se da fábrica de um conhecido medicamento e parece claro que às mulheres era destinada uma atividade de organização, encaixotamento e talvez rotulagem dos frascos. Elas não deviam ter espaço algum na seção de formulação dos mesmos, atividade da competência dos farmacêuticos, dos homens, cujo imaginário preponderante é de este gênero estar ligado à ciência e os quais tinham maior acesso à progressão nos estudos. Além disso, o metucioso trabalho de organizar e uma feitura mais “artesanal” de colar rótulos aproximase de características e atributos ligados ao feminino.

Sobre o ponderado acima, já foi comentado o fato de que, embora haja referências que apontem para a existência de médicas e dentistas na cidade, as mesmas configuram exceções. Motivo para tal fato, dentre inúmeros que poderiam ser elencados, pode estar, justamente, na maior ligação dos homens com a ciência e o seu maior acesso aos estudos profissionalizantes, como nas faculdades. No entanto, há um exemplo interessante nos *Almanachs* que é a veiculação de um quadro de “Bachareis em Sciencias Commerciaes” (Figura 167), o qual apresenta, dentre os oito formandos, uma mulher, conforme grifado. Tal situação corrobora o fato de configurar uma exceção, mas, ao mesmo tempo, sinaliza um esforço, uma tentativa de mudança nos papéis atribuídos; um grito de “nós também podemos/queremos” de parte de algumas mulheres, um espaço que então começava a se abrir para elas.

Figura 167 - Bachareis em Sciencias Commerciaes



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1930, s.p., entre p.98 e p.99. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*. Grifo do autor.

A inserção das mulheres no mercado de trabalho, nos *Almanachs*, aparece de forma bastante restrita, mas tal fato não deixa de coadunar com a experiência que então se vivenciava. Embora os estudos de Loner (1999) demonstrem uma parcela significativa de mulheres atuantes na indústria, Peres (2002, p. 55), ressalta que

[...] restritas atividades eram aceitas como possíveis de serem exercidas pelas mulheres em Pelotas no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, aos homens estava reservada maiores oportunidades. O mercado de trabalho masculino era bem mais amplo. Para os homens das classes populares apareciam com freqüência ofertas de trabalhos em funções onde a presença feminina era impensável.

Com relação aos estudos das mulheres, um fato que se considera interessante é que os cursos noturnos de instrução primária da *Bibliotheca Pública Pelotense* foram oferecidos somente para homens, entre os anos de 1877 e 1915, quando, então, passaram a ser aceitas mulheres nas aulas da *Bibliotheca* (Idem, p. 29). Através deste dado, impossível não pensar no acesso restritivo das mulheres ao universo do saber, afinal, foram 38 anos de cursos masculinos, sem a presença das mulheres. No entanto, também é sugestivo pensar no momento em que as mulheres do contexto deste estudo estavam passando, um momento, também, de conquistas, ao passo que as portas deste espaço se abriram para elas e, com o alcance ao estudo, muitas outras portas viriam, então, a se abrir. Assim, neste caso, a partir de 1915, surgiu nova oportunidade para as mulheres das classes populares estudarem nos cursos da *Bibliotheca*. Importante lembrar, assim como dito no subcapítulo 2.1, que a *Bibliotheca Pública Pelotense*, fundada em 1875, não foi de iniciativa dos poderes públicos, mas sim de um grupo de homens da elite, detentores de capital intelectual e financeiro, que, então planejaram essas aulas voltadas à classe popular, adequando-se àquele momento no qual os ideais positivistas e castilhistas de instruir e moralizar o povo permeavam os ideários de uma sociedade que almejava ser moderna (Idem, p. 24-25).

Possivelmente ainda dentro dos interesses destas correntes ideológicas, Peres (Idem, p. 56) comenta que havia um desejo de disciplinar as classes populares através do trabalho e da vida cotidiana, tanto homens quanto mulheres, de forma a inseri-los na sociedade e na cultura. Neste aspecto, inevitável pensar, mais uma vez nos *Almanachs de Pelotas*, tendo em vista que conforme destacado no subcapítulo 1.1, esta tipologia relatava o dia a dia do contexto no qual circulava, sendo extremamente popular. Logo, nada melhor do que uma publicação como esta para ser usada como ferramenta pedagógica para aproximar as diferentes classes e, estas, por sua vez, aproximarem-se da cultura e da sociedade planejada e almejada.

As iniciativas particulares, como no caso do empenho para a criação da *Bibliotheca Pública Pelotense* – que é apenas um exemplo dentre muitos – acabaram por caracterizar Pelotas por tais empreitadas. Peres (Idem, p. 46), destaca esta como marca registrada da cidade que se sentia sem atenção dos

governos centrais e provinciais e que, por isso, vangloriava-se pelos esforços empenhados e resultados obtidos na busca de progresso e satisfação das necessidades da população a partir do trabalho dos seus cidadãos. O *Almanach*, inclusive, teve como objetivo muito claro (atestado em inúmeros de seus textos), justamente, a propaganda e divulgação das benfeitorias e trabalhos de destaque de parte de seus conterrâneos. Seguindo nesta linha, Peres destaca o descontentamento da cidade com o descaso do governo, contextualizado através de texto do Correio Mercantil de 20/01/1875 que, se comparando a cidades como Porto Alegre, Rio Grande e Bagé, diz que “[...] Pelotas, a rica, florescente, moderna e populosa, é, infelizmente, a quem menos tem sido contemplada pelos governos gerais e provinciais na partilha dos benefícios distribuídos em prol do engrandecimento público”. Dentre este tipo de iniciativas, destacam-se muitos empreendimentos escolares na cidade, através da modalidade de ensino particular, inclusive internatos, sendo que o Colégio Acácia foi referência de qualidade em toda região para o ensino de meninas.

Sobre o ensino, no século XIX, Maciel (2007, p.69-70) comenta que além das escolas particulares, eram comuns as aulas particulares para a educação feminina, momento no qual as casas das alunas ou da professora constituíam-se como espaço possível para a escolarização das classes mais abastadas. Esta modalidade de ensino caracterizava-se, assim como nos dias atuais, como um ensino individualizado, sendo os conteúdos principais as primeiras letras, língua estrangeira, música, dança, artes e bordados. Constatase aí, mais uma vez, a clara limitação das mulheres ao mundo privado, bem como a interesses tidos como femininos.

A autora (Idem, p. 93-94), seguindo o seu delineamento histórico, aborda a existência, também no século XIX, de uma afirmação da escola formal instituída (estatal ou particular, sendo que a sua ênfase de pesquisa está na segunda opção), a qual aos poucos foi diminuindo a modalidade de ensino em casa, encaminhando à hegemonia e sucesso das instituições de educação e ensino no século XX. A maioria das escolas congregavam desde as primeiras letras até o ensino secundário. No período da sua pesquisa, a partir das fontes analisadas, foram elencadas 21 escolas privadas de ensino primário e

secundário para mulheres, sendo que em todas estas, a direção da escola está ao cargo, também, de uma mulher. Outro aspecto interessante da pesquisa da autora (Idem, p. 120), elucidativo para a compreensão da construção do gênero feminino, refere-se ao currículo destas escolas, composto por português, línguas estrangeiras, história, geografia, aritmética, mas, também, costura, bordados e pontos de agulha.

Embora na Figura 156 e na Figura 157, da Escola G. E. Joaquim de Assumpção e do Patronato Agrícola “Visconde da Graça”, encontrem-se registros fotográficos que demonstram aulas segmentadas por gênero – no primeiro caso para mulheres e no segundo caso para homens – num relatório da Intendência Municipal do ano de 1928, dedicado ao regulamento da instrução pública municipal, na seção tipos de escola, há o dado de que “as escolas municipais serão mixtas, dividindo-se em urbanas e rurais” (*DIRECTORIA DE...*, 1928).

Sobre os números relacionados às escolas e os seus matriculados, encontraram-se dados referentes ao ano de 1911, precedente dois anos ao período do presente estudo. No documento analisado tem-se que das 43 escolas públicas estaduais, 16 eram para o sexo masculino, totalizando 496 alunos; 07 para o sexo feminino com 449 alunas e 20 eram mistas, com um total de 1092 alunos, sendo 395 meninos e 667 meninas (*MUNICIPIO DE...*, 1911). Em relação a estes números, curioso é o fato de mesmo as escolas femininas serem em menor número, elas quase alcançavam a quantidade de alunos matriculados nas escolas masculinas. Outro aspecto a se destacar é que nas escolas mistas as mulheres ocupavam quase o dobro das vagas, não deixando de apontar aí aspectos de gênero muito segmentados, ou seja, dos homens esperava-se que estudassem em escolas somente para homens, sem a presença de mulheres.

Nas escolas públicas municipais, em 1911, ainda havia algumas voltados apenas para os homens (no total de 03 e na tipologia urbana com 143 alunos). Dentre as urbanas ainda havia 07 escolas mistas (com 97 meninos e 54 meninas); as rurais, por sua vez, eram todas mistas, com 115 meninos e 41 meninas. Pode-se verificar os seguintes números: 14 escolas com 355 meninos e 95 meninas (Idem). No caso das escolas municipais percebe-se um menor

número de mulheres se comparado aos homens, situação bastante distinta do caso das escolas estaduais.

Quanto às escolas particulares havia 09 do sexo masculino, entre urbanas e suburbanas, com 971 meninos; 05 escolas do sexo feminino, entre urbanas e suburbanas, com 293 meninas; 31 mistas, entre urbanas e suburbanas, com 451 meninos e 339 meninas; 03 escolas masculinas rurais, com 30 meninos; e 38 escolas mistas rurais, com 586 meninos e 486 meninas. Nestes dados, destaca-se que havia um maior número de escolas particulares masculinas e, nas mistas, mesmo que não com uma diferença tão discrepante, a maioria era composta de homens. Assim, das 86 escolas particulares elencadas, tinham-se 2038 meninos e 1118 meninas (Idem).

Percebe-se, então, um maior número de mulheres apenas nas escolas públicas estaduais, podendo-se relacionar gênero e classe social, uma vez que nas classes mais populares talvez houvesse real necessidade de as mulheres estudarem em prol de um futuro financeiro melhor, mesmo a situação não se repetindo nas escolas municipais.

Um quadro geral para ilustrar as situações de todas as escolas, incluindo as estaduais, municipais e particulares na cidade de Pelotas, no ano de 1911 é o seguinte:

Tabela 5 - Matriculados por sexo em escolas de Pelotas no ano de 1911

Ano 1911							
Escolas	Sexo (quanto as aulas)			Alunos matriculados		Total de alunos	Total escolar
	Masc.	Fem.	Mistas	Meninos	Meninas		
43 escolas públicas estaduais	16	07	20	891	1116	2007	-
10 escolas públicas municipais urbanas	03	-	07	240	54	294	-
04 escolas públicas municipais rurais	-	-	04	115	41	156	-
45 escolas particulares urbanas e suburbanas	09	05	31	1422	632	2054	-
41 escolas	03	-	38	616	486	1102	-

particulares rurais							
143 escolas	31	12	100	3284	2329	5613	5613

Fonte: Município de..., 1911, s.p.. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

No ano de 1913, no entanto, encontraram-se dados em texto do próprio objeto desta investigação, demonstrando modificação nos números: diminuição, no caso das escolas públicas estaduais, e crescimento no segmento público municipal. Nele se encontra expresso que a cidade possuía 40 escolas estaduais, sendo 09 para o sexo masculino, 06 para o sexo feminino e 25 escolas mistas. Nota-se, nesta situação, comparado ao ano de 1911, que as escolas públicas tornaram-se menos numerosas, no entanto, ultrapassando aquele ano no concernente as escolas mistas. Assim, percebe-se o início de uma dissolução das escolas segmentadas em qualquer um dos gêneros. Já no caso das escolas municipais, houve um aumento, para um total de 18 escolas – quase o dobro de 1911 –, dado demonstrativo de uma preocupação e de um empenho neste sentido dos governantes locais. Deste montante de escolas, 15 eram urbanas e 03 rurais, sem esclarecer quantas eram setorizadas por gênero ou mistas. O texto também menciona a importante galgada da cidade no quesito educação na medida em que o ensino secundário encontrava-se representado por 02 ginásios e vários colégios, constituídos por “profissionais de reconhecido merito e competência”. Além disso, enfatiza tal aspecto citando a existência de vários institutos de ensino superior (como *Lyceu de Agronomia*, a *Academia de Commercio* e as faculdades de *Odontologia e Pharmacia*), bem como a existência de um projeto para implementação de uma escola de ensino técnico e profissionalizante. (ALMANACH DE PELOTAS, 1913, p.47)

Mudando-se um pouco o foco, mas tratando-se de outro setor que atingia prejudicialmente o público feminino, estão as condições higiênicas, as quais ao final do século XIX eram bastante precárias, propiciando a difusão pela cidade de epidemias como tifo, febre amarela, peste bubônica e varíola. As maiores vítimas dessas epidemias eram, justamente, as mulheres e as crianças, sendo que as mulheres totalizavam 60% do número total de doentes (LONER, 1999, p. 95). Tal precariedade se mantém no início do século XX e, neste contexto, a autora (Idem, p. 96) reflete sobre as causas da situação:

[...] a própria conformação urbana, com várias ruas sem esgoto, com estábulos em ruas centrais e populosas, o clima úmido e a falta de arborização auxiliavam a propagação de doenças. Na década de 20, repetiram-se reportagens sobre cortiços e péssimas condições de vida na cidade. Os índices sobre mortalidade infantil, mantiveram-se altos durante todo o período, havendo momentos em que provocavam situações de depopulação na cidade pelotense, como às vésperas dos anos 30.

As condições vivenciadas neste momento causavam preocupações com a higiene, questão comprovada através da leitura das edições dos *Almanachs*, nas quais, entre outros aspectos, são destacados, por exemplo, melhorias em água e esgoto, além de menções ao Instituto de *Hygiene Borges de Medeiros*, assuntos trazidos no item 2.1. Exemplos de textos que enfatizam tais preocupações são encontrados nos anos de 1915, 1916, 1928, 1929, sendo que no ano de 1915 constam duas referências. Neste ano, no texto “Progresso de Pelotas” (*ALMANACH DE PELOTAS*, 1915, p. 195-196), como o próprio título sugere, é realçado o desenvolvimento da cidade, através de ações como melhorias em água e esgoto. Textos com este título foram recorrentes nas diferentes edições da publicação. No mesmo ano (*Idem*, p. 225-235), há um texto informativo sobre águas e esgotos, ao final do qual se encontra estampado, justamente, um clichê de uma ilustração feminina cuja utilização foi apresentada no subcapítulo 1.3. Esta situação leva à ideia de uso da figura da mulher como algo decorativo. No ano de 1916 há o texto “Esgotos de Pelotas” (*ALMANACH DE PELOTAS*, 1916, p. 235-248), abaixo do qual novamente há uma ilustração feminina, assim como no caso acima; no ano de 1928, mais uma vez este assunto aparece ao longo do texto “Pelotas por alto” (*ALMANACH DE PELOTAS*, 1928, p. 67-77), além de falar sobre o *Instituto de Hygiene*; e, na edição de 1929, mais uma vez com título “O Progresso de Pelotas” (*ALMANACH DE PELOTAS*, 1929, p. 68-78) a temática é retomada através de observações sobre o prolongamento das redes de água e esgoto, ampliação dos calçamentos e pavimentações e melhorias do *Instituto de Hygiene Borges de Medeiros*. Esta instituição também é referida nos textos “Progresso de Pelotas” (*ALMANACH DE PELOTAS*, 1924, p. 277-284), relacionado com uma preocupação com doenças; e no texto “Vida da cidade” (*ALMANACH DE PELOTAS*, 1930, p. I-VI) há destaque para questões de higiene pública e a transferência do Instituto ao governo do Estado.

O que parece ser importante destacar neste trabalho é que estes textos dos *Almanachs*, somando-se às informações dadas por Loner (1999) através de sua pesquisa, embora comprovem uma preocupação com a saúde e com a higiene, não se referem, em nenhum momento, sobre as doenças acometerem em maior proporção as mulheres e crianças, mostrando como as mulheres, nesta publicação eram invisibilizadas em diversas situações.

Estudar a classe operária levou Loner (1999, p.118-119) a pesquisar, também, as sociedades recreativas, as quais, em um bom trecho da Primeira República, além de propiciar lazer para os seus membros, também desempenhavam a função de representação de categorias (auxiliando na integração social) ou grupos étnicos (usadas para confraternização e para exercícios dos traços da cultura de origem). Dentre estas associações, as bailantes eram as mais difundidas, sendo que as primeiras remontam a segunda metade dos anos 1800. Estas sociedades podiam ter sede própria ou funcionar junto a outras entidades e, nos anos 1910, começaram a ser substituídas por sociedades carnavalescas. Na diretoria destas sociedades, a presença feminina era quase inexistente, tendo em vista que, inicialmente, em alguns casos, inclusive somente eram aceitos sócios homens. Dentre aquelas que aceitavam mulheres como sócias, apenas a Sarau das Pérolas (composta por jovens da elite da cidade), formou uma diretoria somente feminina, no entanto, distinguia-se das demais sociedades recreativas pois as festas eram realizadas somente em casas de famílias, e não em sede própria ou em outras entidades conforme as demais desta tipologia. Além do Sarau das Pérolas, outra sociedade bailante cuja origem deu-se por iniciativa feminina foi a Sarau das Violetas (PERES, 2002, p. 59).

A criação de ambas as entidades foi noticiada pelo jornal *Correio mercantil*, no ano de 1892 e nas duas, embora fosse um grande avanço conter mulheres integrando a diretoria, junto às mulheres, foram eleitos homens. No entanto, mesmo que desta forma, bem ao final do século XIX (1892), a participação das mulheres nas entidades recreativas passou a ser mais palatável, através de participações delimitadas como na organização de bailes, exercendo cargo compartilhado de diretoria com homens (como nestas duas sociedades) ou, mesmo que a diretoria fosse relegada às mulheres, havia

funções específicas que eram somente para homens (como nos de Conselheiros e da Comissão de Contas). Mais tarde, entidades negras desenvolveram diretorias paralelas, uma de cada sexo (LONER, 1999, p.118-119) (PERES, 2002, p.59).

Já atingindo o extremo do marco temporal deste estudo, nas décadas de 20 e 30 emergiram inúmeros grupos carnavalescos negros que se associavam às entidades recreativas, caracterizados por uma formação majoritariamente feminina, composto por “mulheres de família”, que, anteriormente, eram considerados espaços/eventos destinados àquelas fora dos padrões morais da sociedade (LONER, 1999, p. 126). Na década de 1930, estes grupos carnavalescos consolidaram-se e foi mantida a eleição de duas diretorias, uma para cada gênero, sendo que a das mulheres dedicava-se à organização de festas e quermesses, mas não era formada somente por integrantes femininas (Idem, p. 407-408).

Embora não se tratando de entidades ligadas ao operariado ou a entidades negras – como as citadas acima – mas, justamente ilustrando os casos que ganhavam repercussão nos *Almanachs de Pelotas* (que conforme mencionado no capítulo 2.1, traziam com destaque os fatos daquela considerada como “boa sociedade”), demonstra-se o quanto essas diretorias eram masculinas, talvez, principalmente, na camada social abordada na referida publicação. Abaixo, têm-se uma fotografia da diretoria do Centro Português (Figura 168) e, note-se, composta apenas por homens. Outro caso referente às questões de gênero e às atividades em clubes, também trazido no tópico de entrada deste capítulo, diz respeito às fotografias de uma exposição no Clube Diamantinos, nas quais as mulheres, ausentes das imagens, aparecem nas legendas como executoras do que estava sendo exposto.

Figura 168 - Diretoria do Centro Portuguez 1º de Dezembro



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1930, s.p., entre p.140 e p.141. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Retomando a participação dos negros na sociedade, no estudo de Loner (Idem, p. 232), isto mereceu atenção especial. Todo o contexto de pós-escravidão e todas as situações de preconceito por eles vivenciadas, os levaram a se articular e formarem associações. No entanto, a autora destaca que eles tiveram de se organizar de maneira diferenciada das demais associações, formando além de entidades recreativas (como as acima citadas), entidades de classe, cujas pautas eram a luta pelos seus direitos como trabalhadores e pela resistência contra o preconceito e dominação dos brancos.

A questão da raça é aqui trazida porque, junto a ela, questões de gênero e importância das mulheres também aparecem associadas. Diferentemente das organizações brancas, nas quais as mulheres tinham pouco espaço ou desempenhavam papéis de pouca relevância, nos clubes e associações negros havia mulheres nas suas bases e, em alguns casos, inclusive associações próprias (Idem, p. 243). Estas informações parecem evidenciar um maior respeito e uma maior importância da mulher dentro do grupo negro. No entanto, as violências de raça e de gênero estavam, ainda, muito presentes, e mesmo que negros e negras conseguissem formar as suas entidades e usufruir de momentos de lazer, eles foram alvo de inúmeras humilhações, como as

negras que eram “presas em baile, as quais eram obrigadas a varrer as ruas ainda com os vestidos de festa” e que eram noticiadas como “criadas de casas senhoriais, que tentavam distrair-se em seus poucos momentos de lazer” (Idem, p. 250). Casos como este demonstram não só o preconceito de gênero como também de raça.

Pelotas, uma sociedade com muitos escravos negros quando da época de instauração e de auge das charqueadas, apresentou-se como uma sociedade extremamente preconceituosa e racista. Peres (2002, p. 37-38), em seu estudo de fins do século XIX e início do século XX, comenta que os negros, mesmo livres ou libertos, sofriam inúmeras perseguições e controle, sendo suas manifestações culturais, como as citadas acima, reprimidas e em muitos casos com o uso de violência. A autora, através da leitura do Correio Mercantil de 1º e 02/02/1883, relata o caso de uma aluna filha de uma mulher parda negra que relutou em entregar o seu livro para um menino que era filho da professora e, em consequência, foi agredida pela docente (tendo sido detectados sinais de arranhões na menina) considerada inocente pelo juiz em estância jurídica. A autoridade, em nota referente ao caso, justifica a sua decisão dizendo que nem sempre a professora terá “paciência de santa para conter os ímpetos de uma menina, embora criança, mas já viciada pela transmissão de uma péssima educação doméstica”. Está evidente aí o nível de preconceito com mulheres, desde muito jovens, que, além desta condição de gênero, eram negras.

O duplo preconceito sofrido pelas mulheres negras, naquele contexto, foi detectado por Peres (Idem, p. 59) em outra situação. A autora observou que o trabalho doméstico era uma atividade das mulheres das classes populares, majoritariamente negras. No entanto, ela encontrou anúncios solicitando requisitos como “prefere-se branca” ou “pode ser branca ou de cor”. Embora existissem normas de conduta que fossem para todas as mulheres (independente de outros elementos constitutivos de sua identidade), através destes exemplos se vê como a questão do gênero associa-se intimamente a questões de classe e raça. Assim, pode-se dizer que esta mulher negra que desempenhava as atividades domésticas sofria não duplo (conforme iniciou-se

este parágrafo), mas triplo preconceito: por ser mulher, por ser negra e por ser pobre.

Os *Almanachs* pouco apresentaram sujeitos negros em suas páginas. Em ilustrações, não há indícios e ver-se-á, no tópico 2.3, por sua vez, que poucas eram as fotografias de mulheres e, nestas, raras também eram as negras. Nas fotografias já apresentadas neste subcapítulo, elas aparecem, justamente em atividades ligadas a sua condição social, associadas à cozinha (Figura 162), entregando o copo de leite na G. E. Joaquim de Assumpção (Figura 155), na lavanderia da Santa Casa de Misericórdia (Figura 163) e na Rouparia do *Asylo* de Mendigos (Figura 164). Embora não distinguindo homens e mulheres, e apenas nas edições de 1931 e 1935, a pouca aparição de negros nas fotografias foi destacado no estudo de Schvambach (2010, p.86). Nestas quatro edições num percentual de 73,50% de fotografias com pessoas, apenas 13,12% contém negros ou negras. Relembra-se que no capítulo anterior mencionou-se, justamente, que as revistas e almanaques davam enfoque a uma família burguesa e branca (PARK, 1999, p.92-95).

Ainda que as fotografias dos *Almanachs* demonstrando atividades correlatas às lidas domésticas contenham mulheres que aparentam ser integrantes das classes populares, é interessante destacar que as ilustrações dos reclames, dispostos no capítulo 4, indicam uma classe mais abastada, possivelmente da burguesia e/ou elite. Conclui-se isto porque em todos os exemplos estas mulheres aparecem bem penteadas, bem trajadas, calçando, inclusive, sapatos com salto. Não é difícil constatar que um sapato de salto não é o ideal e nem o mais confortável para executar as tarefas narradas, mas tal representação coaduna com mais um dos requisitos para uma mulher que devia ser uma esposa ideal (atenta-se que naquele período, talvez este fosse o principal auspício promulgado e, também, a ser desejado para e pelas mulheres), relacionado, por sua vez, à beleza. Tanto o desejo ao posto de esposa ideal quanto de beleza são temas mais detalhadamente abordados no subcapítulo 2.3.

Nos *Almanachs*, por sua vez, não existem menções à participação de mulheres nas atividades recreativas como das entidades citadas neste subcapítulo, nem negras e nem brancas e, dentre as atividades de lazer

encontradas, que denunciam fortes questões de gênero, há anúncios de um cabaré, o *Palace Club*, nos anos de 1920, 1921, 1923 e 1925. Nas três primeiras aparições dos reclames deste estabelecimento é explicada a sua “*Função de ‘Cabaret’*”; há as palavras “luxo”, “arte” e “lazer” destacadas, além de mencionar “ponto de reunião da ‘*jeunesse dorée*’⁷” (juventude dourada) e da apresentação de concertos todas as noites. Além disso, mencionam que semanalmente artistas de renome das capitais platinas, Rio e São Paulo estréiam nos palcos. Sobre a origem dos artistas, a cidade platina de Buenos Aires e o Rio de Janeiro eram tidos como grandes centros de divertimentos mundanos (Luckow, 2011, p.37), o que parece ser usado, então, como forma de seduzir o público através da sugestão da qualidade dos espetáculos. A capital argentina, inclusive, entre os anos de 1880 e 1930, ficou conhecida como maior centro mundial de comércio de prostituição (Idem, p. 83). No ramo teatral, importante vertente cultural de Pelotas no período, também eram recebidas companhias europeias (francesas, portuguesas e espanholas) que, em passagem por Buenos Aires, tinham Pelotas como parada obrigatória, dado o status cultural alcançado pela cidade no estado e no país (PERES, 2002, p. 42-43).

No reclame do ano de 1925 (Figura 170), o que mais se diferencia dos outros três, contém a frase “Todas as noites magnífico acto de ‘Cabaret’”. Ora, em nenhum deles há menção nem a homens e nem a mulheres, mas sabe-se e, inclusive Luckow (2011), em sua dissertação, exalta que estes locais eram espaços de sociabilidade masculina.

⁷ Atenta-se que na edição de 1920 está escrito incorretamente (jenesse ao invés de jeunesse), conforme demonstra a Figura 169

Figura 169 - Reclame *Palace Club* 1920



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1920, p.310. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

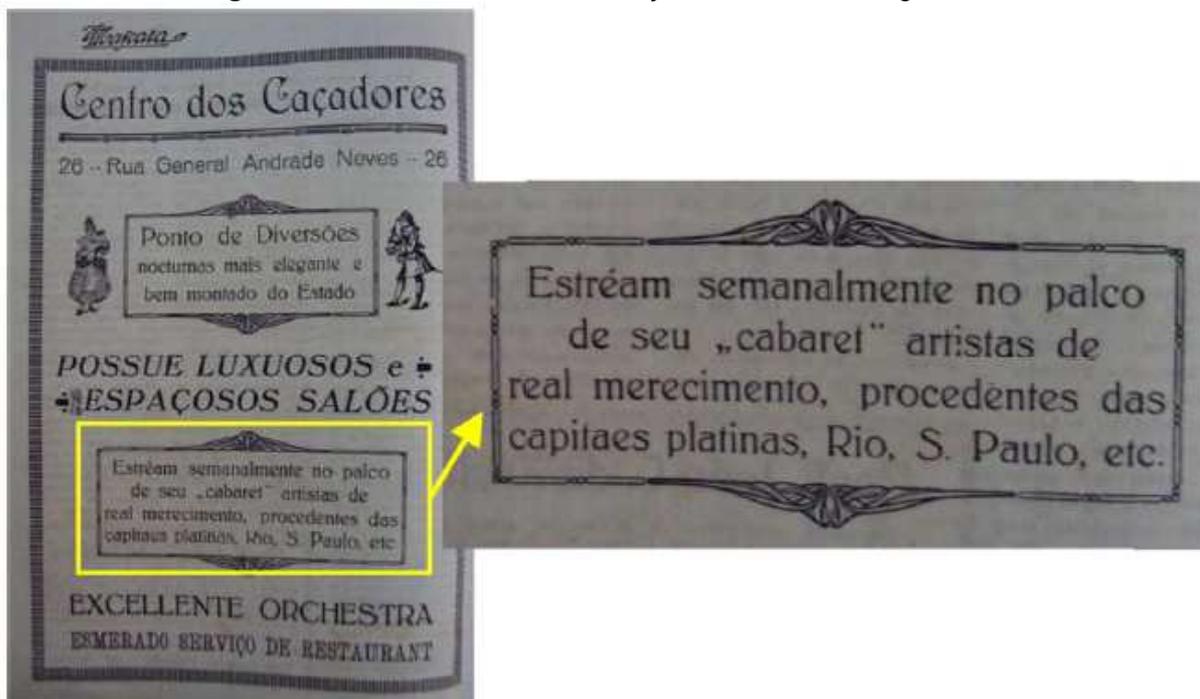
Figura 170 - Reclame *Palace Club* 1925



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1925, p.214. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Em Porto Alegre (vide Figura 171), da mesma forma que em Pelotas (conforme se vê na Figura 169) pode-se observar que esses clubes recebiam companhias artísticas do exterior (capitais platinas), da então capital da República – Rio de Janeiro – e de São Paulo. Nota-se o texto, novamente na Figura 169, do *Palace Club* de Pelotas, exatamente igual ao encontrado no reclame do cabaré de Porto Alegre “Centro dos Caçadores”, conforme destacado abaixo. Além disso, considera-se sugestivo, para as questões de gênero, o nome do estabelecimento de Porto Alegre, demonstrando a ligação dos homens com a ideia de predadores, de conquistas, sendo que, neste caso, a leitura que se pode depreender é a de que as presas eram as mulheres.

Figura 171 - Reclame Centro dos Caçadores de Porto Alegre



Reclame publicado na Revista Máscara de janeiro e fevereiro de 1918. Fonte: LUCKOW, 2011, p.39.

Às mulheres eram destinados os palcos e aos homens, a plateia. Em seu estudo sobre as cantoras de cabarés em Porto Alegre entre os anos de 1900 e 1930, Luckow (2011, p.5 e p.24), conclui que embora não necessariamente essas artistas fossem prostitutas, a ideia tida era esta, relatando uma “ligação entre a prostituição e a vida artística, no caso das artistas mulheres, [...] bastante estreita e fazia parte do senso comum da época” (Idem, p.93). Segundo reflexão da autora a sexualidade apresentada no palco era transposta para o estigma de prostituta, mulher de vida fácil, atribuída, então, às artistas que se apresentavam nestes locais (Idem, p. 127).

Além de associados à prostituição, estes clubes eram denunciados como espaços para consumo de álcool e drogas. Muitos se contentavam em apenas assistir os espetáculos, além de serem também ambientes frequentados no fim de tarde, logo após o término do expediente de trabalho, onde os homens se encontravam, então, para beber, praticar jogos de azar, conversar sobre política, economia e participar de outros eventos artísticos, estabelecendo-se como um espaço de sociabilidade masculina (Idem, p. 127).

Além do *Palace Club*, outro lugar que parece ter sido de frequência masculina e que aparece nos *Almanachs*, foi o Bataclan, café que aparece anunciado nos anos de 1925, 1926 e 1927. Embora novamente não sejam mencionados nem homens e nem mulheres, ele destaca num de seus reclames (Figura 172), “Grande Bar, Café e Bilhares” e, sabe-se, que os jogos eram atividades de lazer ligadas ao público masculino.

Figura 172 - Reclame Bataclan



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1927, s.p., entre p.66 e p.67. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

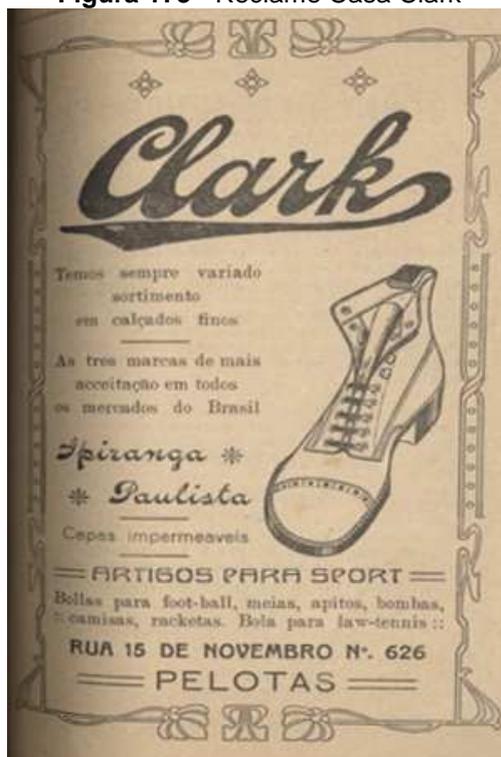
Conforme visto no caso dos reclames dos cabarés, Pelotas recebia companhias teatrais advindas de grandes capitais, incluindo capitais platinas, mas, havia aqui, também, entidades teatrais locais, como sociedades teatrais amadoras, as quais se desenvolveram em grande número. Nestas associações, os integrantes eram majoritariamente homens, sendo as mulheres figuras escassas e que atuavam como não profissionais. Interessante é que em inúmeros casos, principalmente em comédias, os homens atuavam no papel de mulheres, demonstrando o quanto esta atividade, no início da República, não era aconselhada para mulheres de família. Tal restrição

incorreu também nos grupos de teatro operários, o que explica a diminuta existência de personagens femininas nas peças dessas associações e, para estas, destinava-se a contratação de atrizes pagas. Foi a partir dos anos 1910, principalmente na corrente anarquista, que houve uma maior inserção feminina no teatro operário (tanto nos palcos quanto na plateia) e, embora possa se pensar que isto aconteceu por ser Pelotas uma cidade do interior onde se apreciavam valores mais tradicionais, esta não foi uma especificidade daqui pois o mesmo foi constatado em cidades como São Paulo e Buenos Aires (LONER, 1999, p. 130 e p. 135).

Ainda sobre as questões relativas ao lazer, eram exaltadas as práticas desportivas. Os esportes náuticos, no período, tiveram grande alcance junto aos integrantes da elite, sendo que, segundo Loner (Idem, p. 142), inclusive com a prática por parte de mulheres. Também se pode citar a prática do futebol, mas, para esta, o lugar reservado para elas era apenas a plateia (Idem, p. 143). É notória, na análise dos *Almanachs*, a prática do futebol como importante evento/atividade de lazer e interação social, tanto através de anúncios de estabelecimentos que vendiam artigos para a sua prática (Figura 173), quanto em alguns textos, seja na forma de notícia (eventos ocorridos, inauguração dos clubes futebolísticos da cidade, dos quais os que ainda estão em atividade têm origem naquele período) ou na forma de conselhos. No texto “A boa esposa” que em totalidade aparece transcrito no próximo subcapítulo, há a seguinte referência:

[...] por força, a boa esposa mostrar-se-á interessada naquilo de que o marido gosta. Talvez prefira ficar em casa lendo e bordando a assistir um jogo de foot-ball; mas por amor dele procurará ter algum interesse naquilo que é caro ao seu coração. (*ALMANACH DE PELOTAS*, 1932, p.98).

Figura 173 - Reclame Casa Clark



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1919, p.197. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

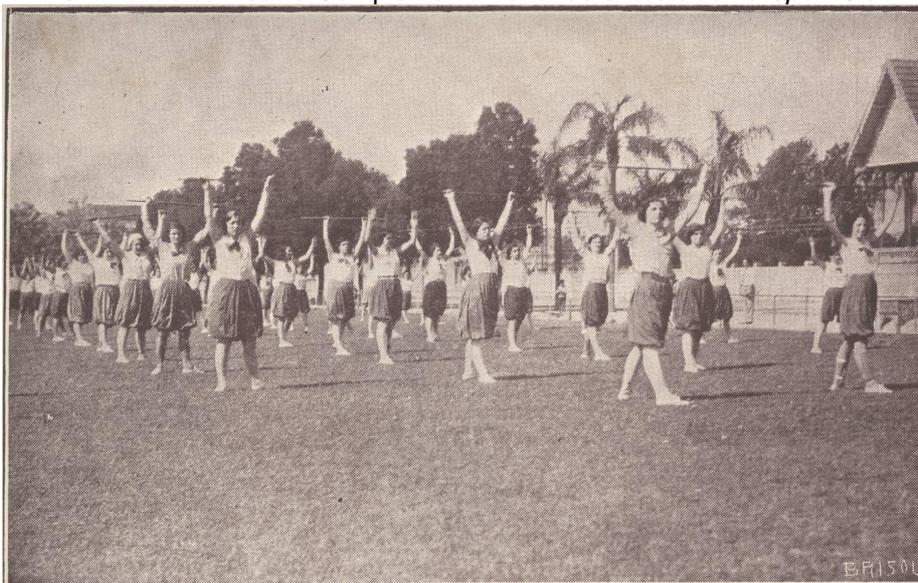
Sobre a relação das mulheres com o esporte, há duas fotografias na publicação analisada nesta tese, que podem ilustrar isso: uma registrando a movimentação em torno de um evento relacionado ao futebol, na qual não é identificada a presença de mulheres, mas cuja qualidade não permite afirmação (inclusive, na contagem de fotografias esta não foi considerada como tendo a presença feminina) (Figura 174); e outra que mostra um grupo de mulheres da Escola complementar executando exercícios no *Sport Club Pelotas* (Figura 175).

Figura 174 - Novo Pavilhão do *Sport Club Pelotas*



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1918, s.p., entre p.28 e p.29. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 175 - Alunas da Escola Complementar fazendo exercícios no *Sport Club Pelotas*



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1934, s.p., entre p.140 e p.141. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Assim, se de fato a primeira fotografia não apresenta figuras femininas e neste segundo exemplo temos várias mulheres no mesmo espaço do primeiro registro, embora haja um hiato de tempo entre ambas (entre 1918 e 1934), pode-se refletir que para as mulheres usufruírem de um local marcadamente futebolístico e masculino (no caso o *Sport Club Pelotas*), somente em situações também marcadamente femininas, como a prática de exercícios da Escola. No

primeiro exemplo, está evidente (mesmo que houvesse mulheres que não aparecem no registro), que se tratava de um espaço majoritariamente permeado por homens e, mesmo que Loner (1999) nos indique a participação de mulheres na apreciação do esporte e/ou evento, a imagem não corrobora este fato.

Outro exemplo relacionado a atividades físicas e mulheres, encontrado nos *Almanachs de Pelotas*, é a dança (embora se entenda no período esta não ser considerada um esporte, mas sim lazer), como no caso da fotografia abaixo (Figura 176). Além de ser considerada uma atividade feminina, exalta-se que a mesma ligava-se a uma atividade de mulheres de elite, vide a legenda da imagem: “Alunas do curso de ginástica ritonica e dansas, que a distinta professora conterranea senhorinha Baby Nunes de Souza ha dois anos aqui mantem, com optima freqüência de moças e meninas da nossa melhor sociedade”. As palavras “distinta” e “melhor sociedade” são exemplos de palavras usadas para referenciar as classes mais altas às quais tal atividade era reservada, comprovando a existência de espaços diferentes para as mulheres de acordo com raça, etnia e classe, conforme já trazido.

Figura 176 - Alunas do curso de ginástica e dança da professora Baby Nunes de Souza



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1935, s.p., entre p.VIII e p.4. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Fotografias de mulheres, nas quais as mesmas aparecem em outros momentos de lazer, também foram encontradas nos *Almanachs*, porém, em pouca quantidade e são apresentadas a seguir. Nestes exemplos, temos mulheres sentadas na praça (Figura 177), participando de exposição de aves (Figura 178) e na inauguração de coluna comemorativa do Roseiral Yolanda Pereira (pelotense que foi a primeira Miss Brasil e que foi eleita Miss Universo no ano de 1930) (Figura 179). Assim, pode-se observar que, mesmo em poucos elementos de análise, as mulheres dos *Almanachs* tinham vida social fora de seus lares.

Figura 177 - Praça Julio de Castilhos



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1919, s.p., entre p.24 e p.25. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 178 - Exposição de crysanthemos



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1920, s.p., entre p.204 e p.205. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 179 - Inauguração da coluna comemorativa do roseiral Yolanda Pereira



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1932, s.p., entre p.106 e p.107. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Através do exposto, pode-se concluir que havia mulheres bastante plurais na Pelotas do início do século XX: mulheres desempenhando as mais diversas funções no mercado de trabalho (operárias, professoras e até médicas e dentistas), que atuavam em greves reivindicando por seus direitos, que se divertiam (mas atenta-se que nestas últimas três fotografias, em que elas aparecem em momentos de lazer, elas estão sempre acompanhadas de homens). No entanto, pareceu claro que de fato havia diferentes espaços para o gênero feminino, delimitados por questões de raça, etnia e classe social. Os exemplos apresentados trazem isso e ilustram o mesmo que Peres (2002, p. 54) aborda no seu estudo com base em Perrot. A autora francesa, para demonstrar as diferenças sexuais na França, no século XIX traz a declaração de um operário com o seguinte conteúdo: “Ao homem, a madeira e os metais. À mulher, a família e os tecidos”. No entanto, aplicando tal exemplo ao contexto de Pelotas, Peres relaciona as questões de gênero e de classe, dizendo

[...] em Pelotas, no século passado, é possível dizer que: aos homens das classes populares “a madeira e os metais”, ou seja, todo e qualquer trabalho manual. Aos homens da elite, a política, as atividades intelectuais e as profissões liberais. Às mulheres “a família e os tecidos”. Porém, para as mulheres da elite uma vida familiar, doméstica, mais “sofisticada”: envolta pela música, pela leitura, pelas artes de um modo geral. Para as mulheres dos segmentos populares, além da família, o trabalho – especialmente o doméstico –, que não só era aceito mas tido como necessário e valorizado como forma combater o ócio e o “perigo” da prostituição; contudo, sempre em

“atividades femininas”: costureira, engomadeira, lavadeira, parteira, criada, copeira, modista, professora. É perceptível, portanto, que também as divisões de classe estavam muito bem delimitadas na sociedade pelotense. Os espaços de lazer, de instrução, de trabalho, eram ordenados com base na posição de classe, de gênero e de grupo étnico dos indivíduos.

Esta citação parece explicar muito do que ficou evidente ao longo deste subcapítulo e que se pretende aprofundar a seguir: os *Almanachs* falavam de mulheres – embora inicialmente declarassem o seu público-alvo como o masculino – mas parece que falavam mais de e para um grupo específico, as integrantes da burguesia ou elite pelotense. A classe popular feminina aparece registrada em fotografias em trabalhos exatamente como os listados na citação acima, enquanto as mulheres de classe mais abastada aparecem de uma forma mais idealizada e em cenas de lazer ou, em poucos casos, desempenhando atividades profissionais requerentes de maior instrução. Mais da condição feminina e em específico dessa mulher burguesa e munida de condições financeiras mais pujantes, dessa mulher dos *Almanachs*, apresenta-se a seguir.

2.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE GÊNERO E AS MULHERES DOS ALMANACHS

Embora esta pesquisa emerja sob uma luz contemporânea que entende a existência de diferentes mulheres com inúmeras especificidades, é importante destacar os objetos do presente estudo como inseridos num contexto em que os gêneros eram entendidos como essencializados, com homens desempenhando determinadas funções e mulheres outras, com base na teoria dos papéis sexuais, a qual liga o homem ao público e a mulher ao privado. A visão patriarcal e de opressão das mulheres era uma recorrência. Peres (2002, p.52), baseada em Michelle Perrot, diz que, no século XIX, o discurso naturalista e essencialista era protagonista, determinando certas aptidões para homens e mulheres a partir do sexo biológico, havendo extrema divisão sexual, com papéis específicos e determinados para cada gênero. Para Peres, embora a autora que ela tenha usado como referência tenha a França

como contexto de análise, o mesmo também pode ser percebido na sociedade pelotense do século XIX e das primeiras décadas do século XX, período de abrangência da circulação dos *Almanachs*. Ela destaca que as diferenças eram assim notadas:

[...] as mulheres como seres sensíveis, dóceis, pacientes, regradas, submissas e os homens como “naturalmente” dotados de força física, de poder de decisão, de capacidades administrativas, coragem, astúcia, independência e com maior necessidade de prazer sexual. Isto se processou em primeiro lugar porque Pelotas, neste período, foi fortemente influenciada pelas ideias vindas da Europa em especial da França, considerada pela elite pelotense o mais civilizado dos países; em segundo, porque esta foi a visão difundida pela ciência, pela religião, pelos teóricos sociais do mundo todo.

Não obstante se perceba, nos objetos de estudo, a propagação de oposições binárias entre os sexos, de papéis essencialistas estipulados para cada gênero, ressalta-se que não se quer, com isso, incorrer num erro colocado por Scott (1995, p.84) de insistir nessas diferenças fixadas e, assim, reforçar um pensamento a ser eliminado. Nota-se, sim, nos *Almanachs*, que este era o tipo de discurso vendido e, ao retomá-lo no presente, a partir do entendimento deles como fenômeno cultural, o que se pretende é, justamente, alertar que, sendo uma construção cultural e histórica, a mesma pode ser desconstruída, enfatizando que as hierarquias impostas não são inerentes à natureza das coisas.

É exatamente neste cenário de difusão que se compreendem inseridos os *Almanachs de Pelotas* e seus reclames, justamente como promotores dessas diferenças binárias, de papéis sexuais extremamente demarcados e, a partir dessa constatação, conclui-se o social como fundamental e operante sobre estas construções, a partir do que vem a ser o fundacionalismo biológico proposto por Nicholson (2000, p. 23-24). A autora considera que tal conceito engloba uma série de posições as quais levam em conta tanto as questões biológicas quanto as sociais. Com base em Raymond, ela diz que este termo compreende que essas diferenças nascem das diferenças corporais (homens com pênis e mulheres com vagina), ponderando não ser a genitália de um ou de outro gênero determinante no seu caráter, mas sim que a posse dos mesmos produzem determinados tipos de reação diferentes e de acordo com o

ser “feminino” ou o ser “masculino” (Idem, p. 23-25). Assim, o fundacionalismo biológico entende o gênero como atributo do sexo e, logo, não faz grandes oposições ao determinismo biológico, à medida que ambos se apóiam na anterioridade do sexo, do biológico. A diferença neste conceito inclui a participação do social nas determinações de gênero. Desta forma, o texto da autora argumenta como as relações são tratadas ao longo do século XX, sem fugir, de fato, do determinismo biológico. Esta compreensão pauta este estudo, a partir da postura de ver o gênero como uma categoria cultural e social construída a partir do sexo.

Este estudo nasceu da verificação, primeiramente empírica, da utilização de um discurso propagador do papel das mulheres através dos reclames dos *Almanachs de Pelotas*. Num segundo momento, através de uma análise mais criteriosa, percebeu-se este discurso presente, também, no decorrer do periódico através de alguns textos. Instigou o fato de esta publicação, com o público masculino como prioritário e escrito por homens dos setores médios e/ou altos, construir todo esse discurso em torno do gênero oposto.

Além dos textos – considerando as imagens com um apelo visual mais imediato e persuasivo do que os conteúdos verbais e refletindo o público ao qual se direcionava, além de influenciar muito na determinação das normas de gênero e de comportamento –, é interessante destacar que as mulheres, nestes veículos têm pouquíssimas aparições em fotografias se comparado as aparições de fotografias de homens. No subcapítulo anterior, já foram apresentadas algumas fotografias dos *Almanachs*, nas quais aparecem mulheres, no entanto, as mesmas configuram um montante reduzido e, ainda, na maioria das vezes, aparecendo acompanhadas de homens. Nas 23 edições do periódico, foram contabilizadas 601 fotografias, tanto avulsas quanto ilustrando matérias ou em reclames; sendo que destas, 397 apresentam pessoas na imagem. A título de compreensão, as fotografias foram contabilizadas e elencadas em categorias como: total de fotos, sem pessoas, com pessoas e, estas, contemplando as subcategorias que indicam se as mesmas contém mulher(es) e/ou homem(ns), conforme abaixo (Tabela 6).

Destaca-se que a soma dos dados apresentados nesta tabela não coincidem com o total de fotografias contabilizadas porque em uma mesma

fotografia pode haver homens e mulheres, mas é importante perceber uma aparição de figuras masculinas quase quatro vezes maior do que a de mulheres (83 aparições de mulheres e 314 aparições de homens). Outro ponto a ser esclarecido é que em função da qualidade técnica de reprodução das fotografias, muitas vezes as figuras não são decifráveis (principalmente nas mais diminutas), tendo sido contadas as mulheres somente nos casos em que não existe dúvida de sua presença ou em situações nas quais outras fotografias do mesmo local/evento apresentam mulheres. Também se esclarece que as aparições de gênero foram consideradas mesmo nos casos de crianças.

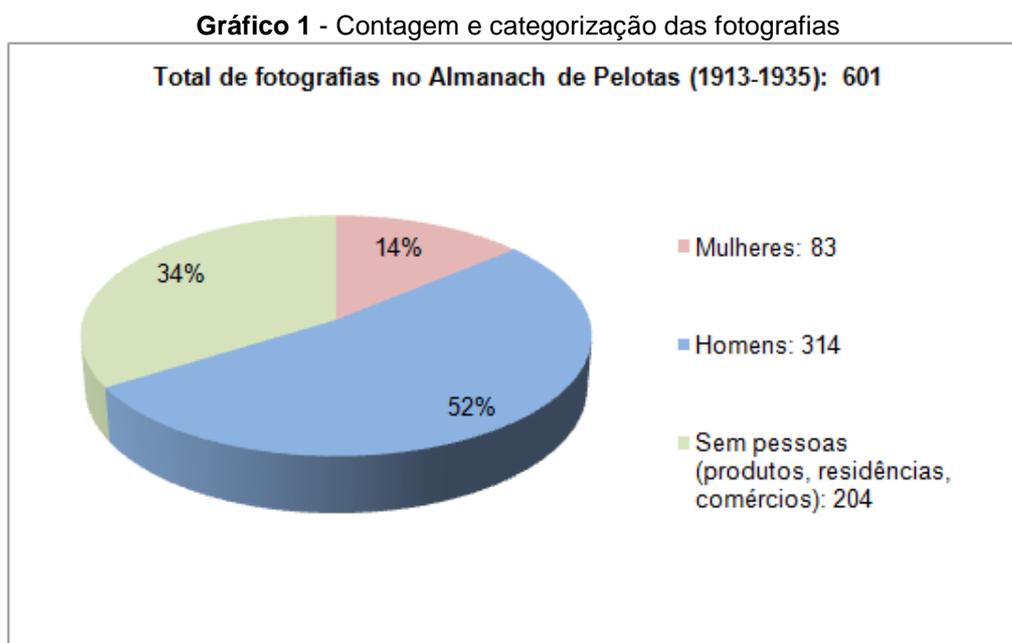
Tabela 6 - Contagem e categorização das fotografias

Total de fotografias nos <i>Almanachs de Pelotas</i> (1913-1935)					
Ano	Total de fotos	Sem pessoas	Com pessoas	Mulher	Homem
1913	10	1	9	2	7
1914	40	17	23	7	16
1915	49	8	41	8	33
1916	27	10	17	3	14
1917	48	11	37	9	28
1918	22	2	20	6	14
1919	33	7	26	4	22
1920	30	11	19	3	16
1921	43	17	26	7	19
1922	33	19	14	2	12
1923	17	8	9	0	9
1924	19	6	13	1	12
1925	12	0	12	2	10
1926	34	15	19	2	17
1927	24	15	9	1	8
1928	27	09	18	2	16
1929	28	15	13	4	9
1930	27	18	9	1	8
1931	8	2	6	2	4
1932	22	4	18	5	13
1933	16	0	16	6	10
1934	18	6	12	4	8

1935	14	3	11	2	9
TOTAL 1913- 1935	601	204	397	83	314

Fonte: pesquisas da autora

Os dados desta tabela podem ser ilustrados a partir do gráfico seguinte:



Fonte: pesquisas da autora

*O total de fotografias de mulheres e o total de fotografias de homens não coincidem com o total de fotografias de pessoas, já que em uma mesma fotografia podem haver homens e mulheres.

Também para tratamento destes dados, foi elaborada outra tabela na qual as fotografias com presença de mulheres foram classificadas, primeiramente num subgrupo indicando a sua forma de aparição, ou seja, se as mesmas aparecem individualmente ou em grupo; e num segundo momento, em um subgrupo demonstrativo do contexto de veiculação, categorizando se estas fotografias aparecem avulsas, em textos ou em reclames, conforme apresenta a Tabela 7. Assim, uma mesma fotografia pode ser uma fotografia individual contida num reclame ou uma fotografia de grupo avulsa ou ilustrando uma matéria. Outra informação é que alguns retratos individuais (como apresentado no tópico 3.2, na (Figura 167), na qual há uma mulher no quadro de *Bachareis em Sciencias Commerciaes*), em função do contexto de aparição,

foram contabilizados não como várias fotos individuais, e sim como fotografia de grupo.

Tabela 7 - Aparições de mulheres em fotografias e classificação

Especificação das fotografias de mulheres nos <i>Almanachs de Pelotas</i> (1913-1935)					
Ano	Mulher	Foto individual	Foto em grupo	Avulso/ texto	Reclame
1913	2	0	2	0	2
1914	7	0	7	5	2
1915	8	0	8	7	1
1916	3	0	3	3	0
1917	9	0	9	9	0
1918	6	0	6	6	0
1919	4	0	4	4	0
1920	3	0	3	3	0
1921	7	0	7	6	1
1922	2	1	1	1	1
1923	0	0	0	0	0
1924	1	0	1	1	0
1925	2	1	1	2	0
1926	2	0	2	2	0
1927	1	0	1	0	1
1928	2	1	1	2	0
1929	4	0	4	4	0
1930	1	0	1	1	0
1931	2	1	1	1	1
1932	5	1	4	4	1
1933	6	1	5	5	1
1934	4	2	2	2	2
1935	2	0	2	2	0
TOTAL	83	8	75	70	13

Fonte: pesquisas da autora

A tabela acima não apresenta alguns dados tecidos a seguir. Interessante notar que a grande maioria das fotografias das mulheres se apresenta na categoria em grupo e, ainda, das 75 fotografias de grupo, em somente 12 os grupos são formados apenas por mulheres, nas outras 63 elas aparecem juntamente a homens. Das 12 fotografias de grupo composto somente por mulheres, todas aparecem vinculadas a textos. Individualmente, as aparições de mulheres são de 08, totalizando apenas 20 fotografias compostas apenas por integrantes deste gênero (seja em aparições individuais ou em grupo, conforme apresentado em algumas fotografias do tópico 2.2).

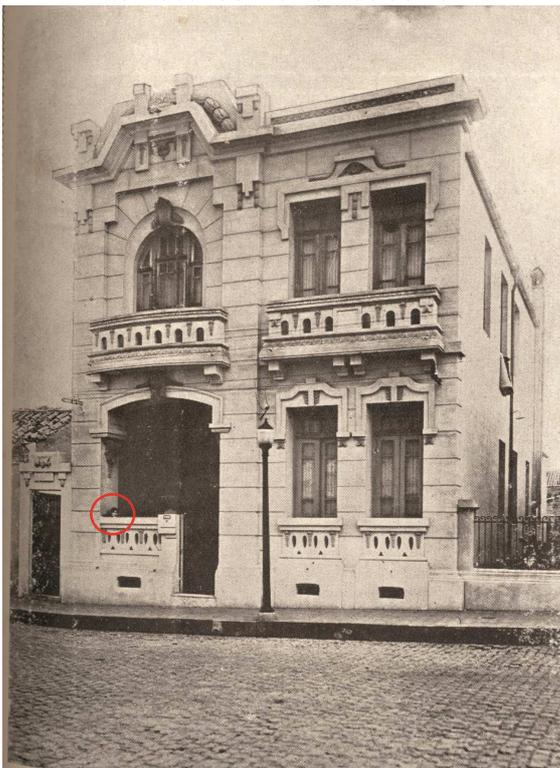
Das 08 fotografias com aparições individuais de mulheres, 06 são veiculadas em reclames, apenas 01 refere-se a um retrato (Figura 180) e 01 diz respeito a um caso em que a mulher não figura o objeto principal da cena, parece estar ali acidentalmente, pois é uma situação de registro externo, de uma edificação, onde a mulher está quase imperceptível (somente notada com atenção mais meticulosa), conforme Figura 181. Além disso, destes 06 reclames com fotografia individual de mulher, 04 dizem respeito a publicações de uma mesma fotografia, da Miss Universo, Yolanda Pereira, que ilustra o reclame do Xarope Creosotado Composto de Carlos Coelho (Figura 182) em diferentes edições. Os outros dois reclames com fotografias de mulheres seguem na Figura 183 e na Figura 184. Esclarece-se, mais uma vez, que o caso da Figura 184, do reclame Capivarol, em função do contexto de aparição, na contagem considerou-se apenas uma fotografia individual, e não duas.

Figura 180 – Fotografia/retrato - D. Anna Joaquina Luisa Osorio (Mãe do General Osorio)



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1925, s.p., entre p.152 e p.153. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 181 – Fotografia em aparição individual de mulher “acidental”



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1928, s.p., entre p.90 e p.91. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 182 – Fotografia/retrato em reclame do Xarope Creosotado Composto de Carlos Coelho (detalhe) - Yolanda Pereira



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1931, s.p., entre p.54 e p.55.

Figura 183 – Fotografia/retrato de menina em reclame Elixir de Inhame (detalhe)



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1922, s.p., entre p.62 e p.63. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 184 - Fotografia/retrato em reclame do Capivarol (detalhe)



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1934, s.p., entre p.12 e p.13. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Em contraste e assim como no caso das mulheres, fez-se a contagem das aparições de homens em fotografias, observando o seu enquadramento em fotografia individual ou em grupo; fotografia avulsa/texto ou em reclame. Os números obtidos são os seguintes:

Tabela 8 - Aparições de homens em fotografias e classificação

Especificação das fotografias de homens nos <i>Almanachs de Pelotas</i> (1913-1935)					
Ano	Homem	Foto individual	Foto em grupo	Avulso/ texto	Reclame
1913	7	1	6	2	5
1914	16	1	15	12	4
1915	33	5	28	25	8
1916	14	4	10	11	3
1917	28	7	21	23	5
1918	14	0	14	14	0
1919	22	8	14	19	3
1920	16	8	8	16	0
1921	19	6	13	14	5
1922	12	5	7	10	2
1923	9	4	5	3	6
1924	12	4	8	9	3
1925	10	4	6	7	3
1926	17	4	13	13	4
1927	8	1	7	5	3
1928	16	8	8	13	3
1929	9	4	5	6	3
1930	8	3	5	6	2
1931	4	1	3	3	1
1932	13	7	6	11	2
1933	10	3	7	9	1
1934	8	3	5	7	1
1935	9	5	4	8	1
TOTAL	314	96	218	246	68

Fonte: pesquisas da autora

Observa-se os homens aparecendo em muito maior número, em todas as categorias, se comparado às mulheres. Enquanto há apenas 08 fotografias individuais de mulheres, de homens há 96 (doze vezes mais que a aparição de mulheres); em grupo, as mulheres aparecem 75 vezes (lembrando que somente em 12 são apenas delas) e os eles têm um total de 218 aparições em

grupo. Destas 218 fotografias de grupo, 155 são só de homens e, como já dito, 63 são de integrantes dos dois gêneros.

Com relação ao contexto de veiculação, as mulheres aparecem 70 vezes na categoria avulso/texto e 13 vezes em reclames; os homens, por sua vez, têm 246 aparições em avulso/texto e 68 em reclames. Interessante destacar que, embora as mulheres tenham cerca de quatro vezes menos aparições do que os homens em fotografias, há certa paridade entre os dois gêneros em relação à distribuição das duas categorias, pois em ambos os casos a aparição de fotografias atreladas a avulso/texto são maiores, sendo que no caso das mulheres esta categoria representa cerca de cinco vezes mais que as aparições em reclames; e os homens cerca de quatro vezes mais. O fato de haver em ambos os gêneros maiores utilizações de fotografias em avulso/texto, pode-se justificar pelo conteúdo do *Almanach de Pelotas*, no entanto, considerou-se importante enfatizar tais dados por concluir-se, então, que não há uma utilização proporcionalmente maior do feminino ou do masculino vinculado a estas categorias criadas.

Para ilustrar esta questão das diferenças retratadas entre mulheres e homens, abaixo alguns exemplos das aparições masculinas nas fotografias, além das já presentes em outras imagens trazidas neste trabalho. Como em casos usados anteriormente eles estão majoritariamente junto às mulheres, na Figura 185 escolheram-se amostras em que apenas o homem se faz presente, o que, conforme se mencionou, era recorrente na publicação analisada.

Figura 185 - Exemplos das aparições de homens em fotografias



Fonte: pesquisas da autora. Da esquerda para direita e, de cima para baixo, imagens extraídas dos *Almanachs de Pelotas* das edições de 1913, p.37; 1921, s.p., entre p.282 e p.283; 1924, s.p., entre p.276 e p.277; 1918, s.p., entre p.12 e p.13; 1930, s.p., entre p.32 e p.33; 1917, s.p., entre p.40 e p.41; 1932, s.p., entre p.14 e p.15, 1923, verso da contra-capa. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Pode-se notar, neste conjunto de imagens e também de acordo com os números expressos na Tabela 8, o quanto o retrato masculino era explorado, exatamente o oposto do caso das mulheres. O que também é perceptível é a presença masculina em ações públicas, seja nas ruas ou em um clube, como no conjunto de imagens acima apresentado. Tal aspecto também se enfatiza com a utilização de retratos masculinos em anúncios de medicamentos, os

quais eram recorrentes, como recurso para atestar a eficiência do produto. Há, nos retratos destes reclames, uma diferença significativa entre as posturas dos homens e a postura de Yolanda Pereira na sua fotografia ilustrativa do reclame, apresentada na Figura 182. Eles, com olhar sisudo, sério; ela, meiga e sorridente.

Sobre as aparições de mulheres em fotografias, entre os anos de 1931 e 1935, Schvambach (2010, p.88) pondera que nos *Almanachs de Pelotas*, no período por ela estudado, havia 18,04% de imagens com mulheres, “todavia, as mulheres aparecem acompanhadas em fotos de grupo, apenas observando a cena, não se constituindo como personagem principal”.

A veiculação de um único retrato de mulher como conteúdo editorial ao longo de 23 edições da publicação (cujos retratos individuais de homens eram recorrentes) parece indicar um menor espaço ocupado por elas, bem como quais eram os seus lugares. Em geral, retratos individuais ligavam-se a pessoas ilustres (caso do retrato feminino aqui apresentado, mãe do General Osorio), pessoas públicas e sérias, algo não associado às mulheres daquele período. Além disso, conclui-se que as mulheres deveriam andar acompanhadas, preferencialmente, de homens, justificando assim as poucas fotos individuais de mulheres e as poucas fotos de grupos somente femininos. Já no caso dos reclames, os quais contemplam quase a totalidade das aparições de fotografias individuais de mulheres, permite-se fazer a associação das mulheres a este apelo para a venda, quase como objetos a serem contemplados e, quiçá, comprados. Discussão nesse sentido é tema abordado mais adiante, ainda neste subcapítulo.

Uma mulher, em específico, e que já foi citada aqui neste texto, teve certa notabilidade nos *Almanachs de Pelotas* nas edições da década de 1930. Esta mulher foi Yolanda Pereira, a primeira Miss Brasil e eleita a mulher mais bonita do mundo no ano de 1930. Além de sua fotografia ilustrar os reclames do Xarope Creosotado Composto de Carlos Coelho, nas edições de 1931, 1932, 1933 e 1934, há também a sua aparição numa fotografia da inauguração de coluna comemorativa do Roseiral Yolanda Pereira, na edição de 1932 (também apresentada anteriormente na Figura 179). Já no ano de 1931, o *Almanach de Pelotas* veiculou matéria sobre o feito alcançado pela pelotense.

No texto intitulado “Os Prelios de Belleza – De como a ‘Princesa do Sul’ deu a mulher mais bella do Universo” (*ALMANACH DE PELOTAS*, 1931, p.61-79) há um laudo da comissão julgadora e um diário completo de toda a sua trajetória dentro dos concursos até chegar ao Miss Universo. O texto, como se vê pelo número de páginas, é bastante extenso, classificando-se como um demonstrativo da importância do fato para a cidade. Segundo Schwambach (2010, p.108), este texto tem um caráter opinativo com descrições sobre o que seria a verdadeira beleza no Brasil.

Os concursos de belleza não são, como muitos julgam, um passatempo mundano, uma frivolidade apenas creada para o galanteo e para a graça. Não; elles têm um fim mais elevado e distincto, mais nobre, qual o do aperfeiçoamento, do apuro das raças. Assim, pois, o valor plástico desta ou daquela representante mais estylisada nesses torneios é sempre uma demonstração expoencial do typo racial de sua própria gente. E quando assim não seja, porque em tudo na vida ha excepções, patenteia-se, no entanto, nesses embates estheticos o desejo ardente de vencer e, dahi, o estimulo, a anciã de perfeição, o ideal de ser “a mais bella”. Resalta-se-nos, desde logo, dessa analyse lógica e psychologica dos concursos de belleza, que as mulheres, por um sincero instincto de defesa da sua natural vaidade, procuram, ante a perspectiva de uma Victoria, o caminho mais rapido e garantido para a mesma. E, então, ellas se entregam á gymnastica, aos sports salutaes e beneficos, que lhes hão de dar a harmonia esthetica das formas [...] Esse, em verdade, é o fim dos concursos de belleza, no Brasil [...] seu triunfo foi de todo justo, e os pelotenses, com sua preferênciã, demonstraram não somente asserto, como um alto senso do que é a belleza. (*ALMANACH DE PELOTAS*, 1931, p.61)

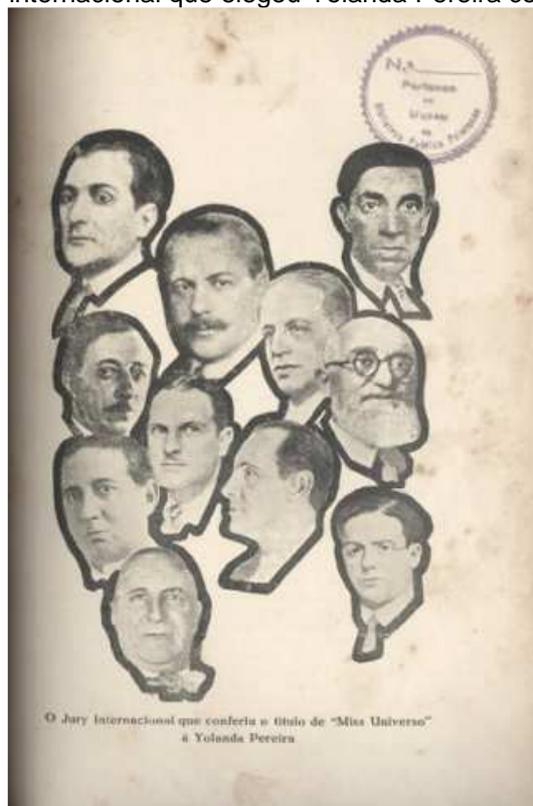
Vê-se, neste trecho, a importância dada à beleza das mulheres e como isso fazia parte dos seus desejos. A citação à prática de esportes até relaciona-se à saúde, no entanto, parece que a ênfase está em conseguir uma forma física de acordo com os padrões vigentes. Nesse sentido, interessante destacar que duas das poucas fotos de grupo somente de mulheres, já neste texto apresentadas, veiculadas nos *Almanachs* e posteriores a esta matéria (nos anos de 1934 e 1935) são, justamente, de mulheres praticando exercícios (vide Figura 175) e dança (vide Figura 176).

Seguindo-se o texto sobre Yolanda Pereira, há referências sobre a sua beleza. Quando eleita no estado, ela é descrita como de radiosa formosura, e destacada pelos seus “dotes plasticos, pela sua graça irradiante, pela sua fina distincção, por todos os encantos que ornã a sua juventude luminosa”,

alavancando as esperanças para a conquista do Miss Brasil, título então conquistado, sendo a justificativa de um dos jurados o fato de ela reunir “mais que qualquer outra, os attributos de plastica – belleza de rosto, graça e brasilidade”.

Quando da sua conquista como Miss Universo, um comentário feito sobre Yolanda no mesmo artigo é que ela teria sido feita para “viver num scenario de Versallhes”. Nesta descrição, soa curioso o fato de ela ter sido considerada como contemplando características de brasilidade, no entanto, encaixa-se perfeitamente num cenário Europeu. Outra questão instigante nesta grande matéria sobre a Miss, é que não há nenhuma imagem sua ilustrando as páginas, havendo, em contraponto, uma página inteira contendo uma montagem de fotografias dos membros do júri internacional que a elegeu Miss Universo, todos homens, conforme Figura 186. Tal aspecto também foi trazido no estudo de Schvambach (2010, p.108-109).

Figura 186 - Juri internacional que elegeu Yolanda Pereira como Miss Universo



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1931, s.p., entre p.72 e p.73. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Assim, mesmo que a reportagem tivesse ênfase em Yolanda Pereira, uma mulher, quem aparece ilustrando a matéria são os homens julgadores de sua beleza. Na edição de 1931, quando foi veiculada a matéria, Yolanda aparece apenas, assim como já exposto, ilustrando o reclame do Xarope Creosotado Composto de Carlos Coelho. Neste reclame há a transcrição de uma carta enviada por ela, agradecendo a sua cura de uma tosse e, em agradecimento, ela envia uma fotografia, a qual estampa a propaganda.

Sobre o espaço dado a sua figura nas edições da década de 1930, tendo em vista a pouca notabilidade dada às mulheres nos *Almanachs*, pensa-se que tal fato é demonstrativo do tipo de mulher valorizada pelo periódico, num cenário em que se considerava, para este gênero, a beleza como obrigação – questão a ser abordada mais adiante.

Percebe-se nesta publicação, segundo os números apresentados acerca das aparições de fotografias, a pouca, para não dizer rara, veiculação de fotografias de mulheres em suas páginas. Pensa-se que a utilização de fotografias, pela sua ligação com a ideia de registro do real – uma imagem técnica obtida por meio de aparato tecnológico extremamente moderno – era reservada para os registros de homens. No entanto, a presença de figuras femininas permeou todas as edições dos *Almanachs*, exemplo disso são as ilustrações decorando os calendários de cada mês, nas páginas introdutórias, apresentadas no tópico 1.3, nas páginas 136 e 137.

Outra maneira de explorar a figura da mulher, também apresentado no tópico 1.3, nas páginas 138 e 139, quando da análise das ilustrações do periódico, foi o uso de ilustrações “gratuitas” de mulheres, em vinhetas; se fala gratuitas no sentido de serem utilizadas como meros elementos decorativos de páginas, junto a conteúdos com os quais não estabeleciam nenhuma relação. No subcapítulo anterior, por exemplo, mencionou-se a utilização destas figuras em matérias abordando as melhorias sanitárias da cidade. Questiona-se se estes usos não se justificam simplesmente porque a figura da mulher seria uma figura “agradável”, como algo belo a ser contemplado, como um quadro com uma paisagem.

Interpreta-se que a utilização de ilustrações, ao invés de fotografias, justifica-se como uma forma de apresentar essa mulher que parece ser

idealizada, coisa que talvez a fotografia, pela sua associação ao registro do real, das coisas tal e qual elas se parecem, não permitiria. Assim, as ilustrações teriam a possibilidade de mascarar esse real, veiculando mulheres tidas como objetos com a obrigação de serem belos e a serem apreciados pelos outros.

Com relação à seriedade e à idoneidade ligada aos homens – e parece que não às mulheres (quando mencionado o fato dos poucos retratos femininos) –, há outro dado curioso. No período, eram inúmeros os reclames contendo textos atestados pelos usuários ou por figuras consideradas como dotadas de grande saber (como no caso do reclame do Xarope Creosotado Composto de Carlos Coelho, o qual contém indicação de Yolanda Pereira). No entanto, também era recorrente a maioria destes anúncios vir acompanhados de textos assinados por homens, mesmo que o medicamento fosse indicado para mulheres ou para crianças, cujos cuidados eram determinados e feitos pelas mães. Isso leva a crer numa palavra das mulheres com valor menor que a dos homens.

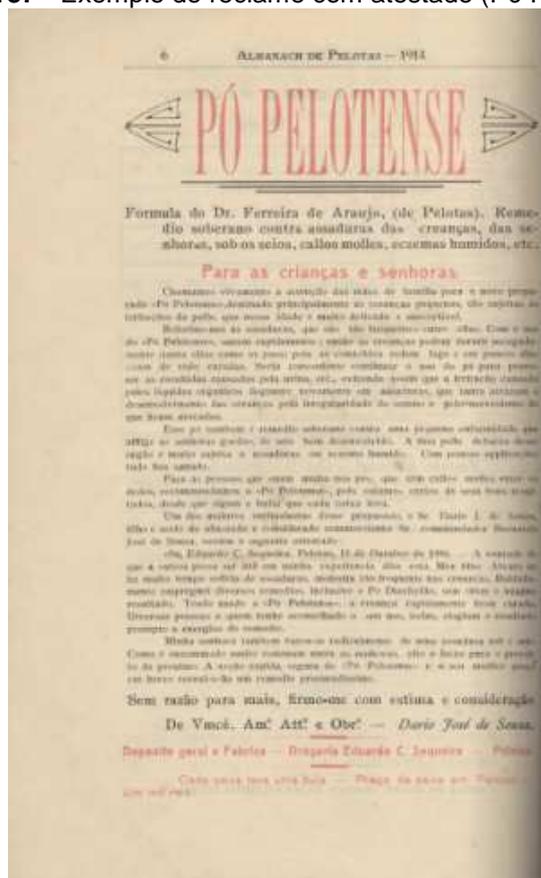
Nas 23 edições dos *Almanachs* foram encontrados 93 anúncios com esta característica de conter textos recomendando um dado produto e/ou certificando a eficácia do mesmo com assinatura de quem escreveu tal atestado. Destes, apenas 15 foram assinados por mulheres e, o mais intrigante, apenas 06 deles contêm a assinatura de uma mulher isoladamente; nos demais 09, ou seja, maioria, a assinatura da mulher aparece associada à assinatura de um homem. Em todos estes 15 reclames constituídos por assinatura de mulher, quem utilizou o produto foi uma mulher ou uma criança e, direcionados ao público feminino, infantil ou ambos os sexos. Não há nenhum exemplo com assinatura de uma mulher atestando a eficácia de um produto que tenha sido usado ou que fosse direcionado para o homem, já o contrário ocorria com frequência, quando normalmente o marido, o “chefe de família” escrevia o texto para ser publicado.

Nos demais casos, dos 93 anúncios, 78 são assinados somente por homens, ou seja, se o homem assinava não havia necessidade da mulher assinar também, pois bastava a voz masculina para atestar a eficiência. Isto faz pensar que nos casos assinados pelas mulheres em conjunto com os homens,

somente a palavra da mulher não traria a confiabilidade necessária. Dos 78 reclames firmados apenas pelos homens, 28 foram usados por mulheres e/ou crianças, 24 por homens, apenas 01 foi usado por ambos e, os demais 25, eram neutros. Foram contabilizadas juntas mulheres e crianças porque os produtos aparecem como sendo consumidos apenas por crianças ou, também, por mulheres; nunca um mesmo produto consumido por uma criança aparece como tendo sido usado também por homem. O outro motivo que levou a esta contagem de forma integrada é devido ao fato das atribuições com os cuidados dos filhos serem estipuladas como prioridade das mães. Logo, perceba-se que 28 reclames com atestados assinados por homens, foram para atestar a eficiência de um produto utilizado por uma mulher ou por uma criança que, praticamente sempre, era ministrado pela mãe. Então, a mãe tinha a obrigação de cuidar, mas tanto no caso das crianças, quanto no caso das próprias mulheres, elas podiam usar o produto e era sobre elas que o mesmo agia, no entanto, a voz confiável para dar o veredicto era do homem. Sobre os direcionamentos, 15 eram para mulheres e/ou crianças, nenhum tinha o direcionamento específico para os homens, 11 direcionavam-se para ambos, e a grande maioria (52), eram de direcionamento neutro. A tabela completa com esta contagem e sistematização encontra-se no Apêndice A.

A seguir, são apresentados exemplos destes reclames cuja indicação de uso fosse para mulheres e/ou crianças, porém, o atestado tenha sido dado por um homem. Estes exemplos foram escolhidos de forma a contemplar o marco temporal mais extenso, um exemplo de 1914 (porque em 1913 não há reclames com a característica dos atestados) e um de 1933 (porque nos dois anos seguintes não há exemplo de atestados assinados por homem tendo o produto sido usado por uma mulher e/ou criança), para demonstrar que essa prática de homens falarem por mulheres permaneceu por praticamente todo o tempo de veiculação dos *Almanachs*. O exemplo da edição de 1914 é do *Pó Pelotense* (Figura 187), e no decorrer do longo texto que ele contém, são trazidas indicações para assaduras de crianças, para “uma pequena enfermidade que afflige as senhoras gordas, de seio bem desenvolvido” e em um pequeno trecho para aquelas pessoas que suam muito os pés, neste caso entende-se que a sugestão se estende para os dois gêneros.

Figura 187 - Exemplo de reclame com atestado (Pó Pelotense)



Fonte: *Almanach de Pelotas* de 1914, p.6. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

No entanto, a ênfase maior é para crianças e mulheres, conforme outro fragmento extraído do final do texto:

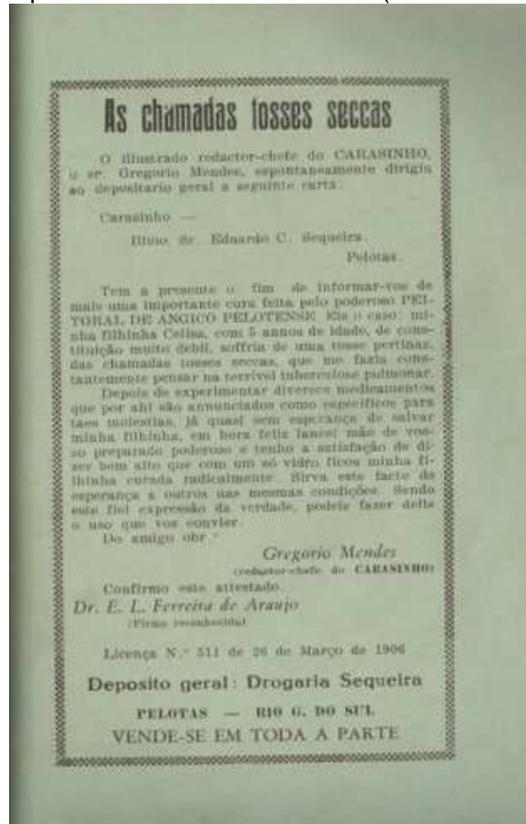
[...] a vontade de que a outros possa ser util em minha experiencia dita esta. **Meu filho** Alvaro de ha muito tempo soffria de assaduras, moléstia tão frequente nas creanças. Baldadamente empreguei diversos remedios, inclusive o Pó Dyachilão, sem obter o mínimo resultado. Tendo usado o “Pó Pelotense”, a creança rapidamente ficou curada. Diversas pessoas a quem tenho aconselhado o seu uso, todas, elogiam o resultado prompto e energico do remedio.

Minha senhora tambem curou-se radicalmente de uma assadura sob o seio. Como é encommo muito commum entre as senhoras, cito o facto para o proveito do proximo. A acção rápida, segura do “Pó Pelotense” e o seu modico preço em breve tornal-o-ão um remedio procuradissimo. Sem razão para mais, firmo-me com estima e consideração De Vmcê. Amº. Attº. e Obrº. – Dario José de Souza. (grifo nosso)

O outro exemplo, do ano de 1933, é do mesmo farmacêutico do Pó Pelotense, Eduardo C. Sequeira, e é referente ao medicamento Peitoral de Angico Pelotense. Nele aparece que o medicamento foi tomado por uma

criança, filha, e o atestado é assinado pelo pai. Mais uma vez a característica do reclame é ser extremamente textual (Figura 188), sendo a ênfase, justamente, no texto de atestado que, assim como no caso acima, relata fatos ocorridos e cura.

Figura 188 - Exemplo de reclame com atestado (Peitoral de Angico Pelotense)



Fonte: *Almanach de Pelotas* de 1933, p.122 e p.123. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Nele encontra-se o seguinte texto:

Ilmo. Sr. Eduardo C. Sequeira. Pelotas.

Tem a presente o fim de informar-vos de mais uma importante cura feita pelo poderoso PEITORAL DE ANGICO PELOTENSE. Eis o caso: **minha filhinha** Celisa, com 5 annos de idade, de constituição muito debil, soffria de uma tosse perinaz, das chamadas tosses seccas, que me fazia constantemente pensar na terrivel tuberculose pulmonar. [...] Depois de experimentar diversos medicamentos que por ahi são annunciados como especificos para taes molestias, já quase sem esperanças de salvar **minha filhinha**, em hora feliz lancei mão de vosso preparado poderoso e tenho a satisfação de dizer bem alto que com um só vidro ficou **minha filhinha** curada radicalmente. Sirva este facto de esperança a outros nas mesmas condições. Sendo este fiel expressão da verdade, podei fazer delle o uso que vos convier. [...] Do amigo obr. Gregorio Mendes (Redactor-chefe do CARASINHO) [...] Confirno este atestado [...] Dr. E. L. Ferreira de Araújo (Firma reconhecida) (grifo nosso)

O fato de o homem da família, o marido, o pai assinar estes atestados de medicamentos usados por mulheres ou pelos seus filhos – mas cuja obrigação maior de cuidar era atribuída à mãe – pode estar ligado a uma questão já abordada neste texto e que mais adiante se aprofunda, que é a relação do homem com o público e da mulher com o privado. Nesta perspectiva, não poderia a mulher expor-se a público através de um texto que seria publicado em um periódico de circulação na cidade. Ao homem caberia este palco, mesmo que fosse para falar de algo muito íntimo e próprio da mulher, seu corpo, como no caso do *Pó Pelotense*. Mesmo sendo essa uma possível justificativa, é inegável que as mulheres pareciam não ter tanta credibilidade quanto os homens, num processo que, então, as silenciava, as invisibilizava.

Para tais situações, há que se ponderar, também, parecer ser o homem o principal gênero ao qual os *Almanachs* se direcionavam, como visto no capítulo 1. Relembra-se que o prefácio de 1913 dirigiu-se explicitamente ao chefe de família e homem de trabalho. Um periódico, então, editado somente por homens, que explicitava o público masculino, contendo, no entanto, discursos demonstrativos do esperado da mulher. A ênfase no público masculino pode ser uma possível tentativa de controle sobre as mulheres. Os editores eram todos homens que, então, escreviam para outros homens? Mas como então explicar a existência de textos voltados para as mulheres? Seria uma forma de ensinar aos homens aquilo que deveria ser ensinado às mulheres? Parece que a resposta não pode ser outra que não a tentativa de controle dos homens sobre as mulheres. Ora, escrito por homens, para homens que, então, intercederiam/intermediariam o ensinamento às mulheres.

A literatura confirma que no século XIX ainda vetava-se o ensinamento da leitura para as mulheres, pois se desejava que elas se mantivessem incultas e, em consequência, inofensivas (DEL PRIORE, 2013, p.18-19, 66). Já no século XX, nas cidades, o acesso das mulheres à informação, ao lazer e ao consumo alargou-se, gerando o temor masculino à possibilidade de emancipação delas (Idem, p.65). Assim, a partir destes dados, e das questões colocadas no parágrafo acima, pode-se supor que os editores, embora se voltassem para os homens, sabiam que as mulheres liam e, logo, faziam uso

da publicação como uma ferramenta pedagógica para incitar comportamentos, ações e hábitos femininos, de forma a manter bem delimitado qual o papel da mulher e qual o papel do homem. Uma maneira, possivelmente, de reforçar a conservação desses papéis face uma proeminente revolução. Acerca desta hipótese atribuída aos objetos desse estudo, Pedro (2009, p.30) em suas investigações, conclui que estes discursos sobre as mulheres, em publicações voltadas aos leitores masculinos, tinham a função de chamar a atenção para a indispensável manutenção das mulheres nos seus “lugares”, garantido, por sua vez, o espaço “conquistado” pelos homens, sem ameaçá-los.

Peres (2002, p.50), por sua vez, compartilha deste mesmo tipo de situação e mesmo tipo de entendimento. Ela diz que a maioria do material consultado por ela, nas fontes primárias, era produzindo por homens, mas, no entanto, a recorrência era de conselhos e recomendações para as mulheres, indicando como elas deveriam ser e agir nas suas funções de mães e esposas, exatamente como no caso dos *Almanachs*, mesmo que a maior parte do trecho temporal deste estudo seja posterior ao da referida autora. Ela prossegue, dizendo que:

[...] o não tratamento de forma direta das questões masculinas, o não explicitamento do quê e como era “ser homem”, já é um indício da hegemonia masculina. O papel dos homens não estava sujeito a debates, já que eles eram a regra, a norma, os ordenadores do mundo social. Havia uma espécie de consenso quanto às atribuições masculinas, sendo que uma delas era justamente estabelecer normas de conduta para as mulheres. Talvez isso explique a raridade desse tipo de notícia com relação aos homens, sendo freqüentes com relação às mulheres. Homens não escreviam claramente recomendações para os seus iguais. O que era “ser homem”, e o seu papel na sociedade, estava dito, subentendido, na própria forma de escrever, de noticiar, e mais, na própria forma de organizar os espaços sociais e as instituições [...].

Retomando o trecho do prefácio de 1913 do *Almanach*, transcrito na página 69 deste trabalho, fundamental comentar sobre o que se encontra grifado: “chefe de *familia* e de homem de trabalho”. Ora, nada mais explícito do que se referir ao homem como indivíduo no comando da família, ao qual, em consequência, se deveria obediência, talvez, inclusive, indicando ser ele aquele que saía para o trabalho remunerado, colocando a mulher em uma situação de necessária dependência financeira. Além disso, está vinculada ao homem a

necessidade do ócio, já que a ele eram dados tantos encargos, vendendo a ideia do trabalho da mulher, no lar, como uma obrigação e um trabalho “menor”, para o qual era dispensável o descanso.

Reiterando a estipulação que estes veículos faziam em torno do papel das mulheres naquele contexto, funcionando, então, como verdadeiros guias para as construções arbitrárias dos papéis dos gêneros feminino e masculino, segue outro exemplo com conselhos para as mulheres, no texto abaixo, “A.B.C. das mães de família”, encontrado no *Almanach* de 1918:

[...] amiga de sua casa, bemquista dos vizinhos, caridosa com os pobres, devota de Deus e da Virgem Santíssima, entendida nas suas obrigações, fiel a seu marido, **geitosa no regimen da casa**, honesta no trato, incasavel no dever, justa nos negócios, leal nas relações, **mansa com os filhos e creados**, nobre nas acções, **obediente a seu marido**, paciente nos trabalhos, querida de todos, sisuda nas palavras, trabalhadora, urbana, vigilante e zelosa. (Extr.) (A.B.C. das mães de família. *ALMANACH DE PELOTAS*, 1918, p. 104, grifo nosso)

Observa-se, na citação acima, uma incitação do local e das funções consideradas apropriadas para as mulheres: confiadas as suas casas e executando e/ou gerenciando os trabalhos do lar. A menção ao trato com os criados indica que o periódico falava para um público burguês, notadamente, para quem a criadagem apresentava-se como o campo sobre o qual a dona de casa teria comando (PERROT, 2012, p. 116). Além disso, está evidente, também, a situação de submissão à qual a mulher estava associada com relação ao seu marido. A questão da dependência financeira, comentada logo acima, também é explicitada neste trecho. No contexto dos *Almanachs de Pelotas*, falando para um público no qual o homem era o responsável por trazer o ordenado para casa (ou ao menos era a perspectiva promovida), caberia à mulher a manutenção do lar, desempenhando as atividades características de boas esposas: as prendas domésticas, como saber cozinhar, por exemplo. Para Del Priore (2013, p.69), estas eram consideradas as competências diferenciais para as esposas exemplares, posto muito desejado no período.

Prioritariamente, a área destinada às mulheres era, então, o interior de seus lares, exercendo tarefas domésticas e cuidando dos filhos e marido, indo ao encontro das reflexões de Rosaldo e Lamphere (1979, p.49), as quais

demonstraram que uma mulher desempenhando o seu papel de esposa e mãe era considerada benigna. Esta situação é o reflexo de tradição já de longa data, na qual os homens eram/são associados à cultura e as mulheres à natureza. Essa edificação, por sua vez, segundo as autoras (Idem, p. 47), erigiu-se a partir da ideia dos homens definidos com base nas experiências (também criadas pelos homens), possibilitando a sua inserção nas instituições sociais elaboradas (como ritos de passagens); já as mulheres têm toda a sua vida e relações estruturadas pautadas no seu ciclo de vida e funções biológicas (sendo a ênfase na reprodução) e, por isso, sempre foram vinculadas à natureza. Desta forma, compreende-se a posição social do gênero masculino como algo conquistado e do gênero feminino algo já inerente ao seu nascimento e à sua condição biológica (Idem, p. 46), ou seja, imutável. Tais ligações impulsionam a outras, como as relações do homem com o público e da mulher com o privado, conforme já evidenciado no texto acima, extraído do *Almanach*.

Dando prosseguimento a esta linha de raciocínio as autoras (Idem, p.45) comentam que os homens, ao alcançarem determinado estágio da vida devem romper laços com o lar, sendo que para as mulheres o esperado era dar continuidade. A vinculação dos gêneros masculino e feminino, com o público e o com o privado, respectivamente, é esclarecedora para a compreensão da pouca conexão das mulheres com o trabalho fora do lar naquele contexto, principalmente através da publicação estudada.

O trabalho mais estipulado, esperado e comum para as mulheres daquele período era as lidas do lar, justamente, no espaço privado. Este tipo de atividade, para Rosaldo e Lamphere, (Idem, p. 40), tem raiz no aspecto biológico e reprodutor das mulheres, pois o nicho de atuação delas era primordialmente este devido ao seu papel de mãe, de ter que gerar e alimentar os filhos. Ainda de acordo com as autoras (Idem, p. 51), os produtos do trabalho feminino costumam destinar-se à família e ao lar. A atribuição das atividades no interior do lar, também se articula à lógica capitalista (RUBIN, 1993, p.2-4), cujo mote é a busca do lucro, da mais-valia, na qual o trabalhador produz um produto cujo valor é maior do que o que ele recebe para produzi-lo. Neste sistema, as mulheres têm a função de oferecer boas condições aos

homens/trabalhadores dos quais a mais-valia é extraída, ofertando-lhes comida e roupas lavadas. Além disso, o trabalho doméstico, não remunerado, permite o incremento ainda maior da mais-valia realizada pelo capitalista. Oferecer condições adequadas de produção ao marido era, então, tarefa da esposa, sendo tal atribuição evidente em alguns textos extraídos dos *Almanachs*, conforme se irá apresentar logo a seguir.

Dentre as atividades domésticas a serem desempenhadas pelas mulheres – ao menos aquelas mulheres para as quais os *Almanachs* pareciam se dirigir, ou seja, mulheres dos setores médios e, inclusive mais abastadas, trazendo em seu bojo um discurso elitista – estavam limpar a casa, cozinhar, cuidar dos filhos e marido, costurar ou gerenciar tais atividades, sendo o mais desejável a mulher executar tais tarefas apenas para si e para os membros da sua família, não sendo bem visto que elas fizessem isso para fora. O “costurar para fora”, por exemplo, não era algo aconselhável (DEL PRIORE, 2013, p.68), pois desempenhar a atividade apenas para saciar as necessidades domésticas permite a manutenção da condição submissa das mulheres ao marido, pois o primeiro caso consistia em uma atividade paga que possibilitaria a sua independência financeira e a sua conseqüente e possível emancipação.

Desta forma, as mulheres eram talhadas a desejarem, desde muito cedo nas suas vidas, a serem esposas e a elas eram incumbidas não somente a obrigação de querer casar, mas, além disso, ocupar o posto de esposa ideal e responsabilizar-se pela sustentação do matrimônio. Segalin (2010b, p.141), a partir de seus objetos de pesquisa, vê o casamento como algo incitado pela sociedade, pois o mesmo era considerado a base da organização social e o responsável por exercer controle e manutenção da submissão das mulheres. Por este motivo, as mulheres que não concretizassem o matrimônio, não eram bem vistas, pois não desempenhavam o papel social esperado delas e atribuído a elas. A estas, as intituladas solteironas, mal amadas, eram atribuídos os seguintes adjetivos considerados os responsáveis por tal situação: velhas (acima dos 30 anos de idade), feias, pobres, carrancudas ou, ainda, covardes (no sentido de não reagirem contra vontade dos pais). Não era, com certeza, para essas mulheres que os *Almanachs* falavam, pois as mulheres, em suas páginas, aparecem representadas como belas, jovens,

sorridentes e, ao que está indicado, integrantes de classes sociais dos setores médios para cima.

Alguns textos dos *Almanachs* tratam dessa obrigação, conforme os textos que seguem. O primeiro deles, publicado no ano de 1916, intitulado “*Maximas de uma Dama*”, além de o título indicar quem deve cumprir determinadas atitudes para conseguir um marido, traz aspectos sobre o matrimônio e o amor (o qual não deve ser manifestado pelo homem). O texto parece indicar a vontade dos homens casarem em qualquer idade, logo, as mulheres que não conseguissem casar seria por não cumprir as máximas indicadas e não se submeter a determinadas coisas, incluindo violência, conforme grifado.

Em que idade os homens preferem casar-se? Em cada periodo dos 20 aos 80 annos, eis, em cada 5 annos, qual o numero de matimonios: dos 20 aos 25 annos, 21 matimonios; dos 25 aos 30 annos, 95 matimonios; dos 30 aos 35 annos, 138; dos 35 aos 40 annos, 147; dos 40 aos 45 annos, 122; dos 45 aos 50 annos, 40; dos 50 aos 55 annos, 43; dos 55 aos 60 annos, 34; dos 60 aos 65 annos, 19; dos 65 aos 70 annos, 5; dos 70 aos 75 annos, 3; dos 75 aos 80 annos... meio matimonio. Isto é uma estatistica norte-americana. Como se vê, é-se forçado a constatar uma certa tardança, que não póde lisongear as moças norte-americanas. E tal estatística permite ainda uma observação profunda: “Os bailes e os Theatros são ambientes hostis á busca de um marido, porque na idade em que mais se dança, menos o homem procura mulher para se casar.” Esta sentença é de miss Elena Toreld, que acaba o seu interessante artigo com as seguintes máximas: [...] (A) Mulher e marido fazem lembrar aquelles dois soldados inimigos que se agarraram mutuamente e cada um se julgava prisioneiro do outro. [...] (B) Só há um meio seguro para deixar a mulher: é ser abandonado por ella. [...] (C) A maior prova que um homem póde dar do seu amor é não manifestar. [...] **(D) Já não é necessario mais bater numa mulher com uma flôr, basta bater-lhe com uma bengala.** [...] (E) Se fores mulher, lembra-te que teu marido tem coração, mas não tem esqueças que tambem possui um estomago. Se tratares bem este, acabarás por conquistar-lhe o coração. [...] (F) Não odeies tua sogra; recorda-te de que teu marido amou-a antes de te amar. [...] (G) Que é o amor?.... O amor é o momento, é a ligeireza, a volubilidade, a incontinençia, o debil fogo que arde para extinguir-se e tornar a reaparecer com o suspiro, o olhar ou o sorriso da primeira mulher que passa. (*Maximas de uma Dama. ALMANACH DE PELOTAS, 1916, p. 84, grifo nosso*)

Já na edição de 1933, há um texto contendo conselhos para as noivas, redigido com base em texto publicado em revista do juiz americano Thomaz F. Graham, o qual ganhou notabilidade pelo grande número de divórcios evitados.

Nota-se aqui que terminar o casamento era algo extremamente desaconselhável. O texto traz o seguinte:

- Não caseis antes de ter bastante idade para saber bem o que fazeis. Em muito casos, mulheres que casam aos dezesseis anos são abandonadas aos dezeseite. [...] - Não caseis com homem que deteste os cães. Esse homem é incapaz de amar quem quer que seja. [...] - Não caseis com um homem pelo facto de elle dansar bem. Os que têm os pés admiraveis não têm nada na cabeça. [...] - Não caseis com homem que não leia a secção desportiva dos jornaes. Rapazes que não se interessam pelos jogos athleticos são incapazes de se interessar por outra coisa que não seja a propria pessoa. E dão pessimos maridos. (Conselhos a's noivas. *ALMANACH DE PELOTAS*, 1933, p.61)

Interessante notar que o texto, aparentemente, coloca grande autonomia para as mulheres no sentido de escolher bem o seu marido, mas não com relação ao questionar casar-se ou não e divorciar-se. No entanto, curioso é que antes de listar esses conselhos, o texto introdutório diz serem eles meramente judiciosos e uma brilhante fantasia. Ou seja, parece que o conselho é dado, mas, no entanto, sua aplicabilidade é ironizada. Cabe ressaltar que as dicas foram extraídas de um texto publicado em um contexto bastante diferente do de Pelotas, Estados Unidos, local precursor nas lutas feministas. Também, interessante notar como os papéis de gênero aparecem evidentes ao falar que os homens devem se interessar por esportes, sendo este interesse usado para simbolizar masculinidade.

Em outro texto, referente à edição do *Almanach de Pelotas* de 1923, intitulado “Os dez mandamentos da mulher casada”, há inúmeros ditames para as conformações/manutenções dos papéis de gênero, conforme segue:

[...] foram feitos por uma senhora americana. 1. Evita a primeira discussão,mas, uma vez iniciada, não desanimes, e fala de maneira que teu marido fique vencido e que assim o sinta. [...] 2. Não te esqueças que casaste com um homem, não com um Deus. Não estranhes, pois, os seus defeitos e as suas imperfeições. [...] 3. Não o aborreças pedindo-lhe dinheiro. Procura não exceder a quota mensal que foi fixada. [...] 4. É possivel que teu marido não tenha coração. Mas em todo caso não terá falta de estomago, mais ou menos são. Farás bem em conserva-lo com boa alimentação. [...] 5. Não pronuncies, nas discussões sempre a ultima palavra. Isso o lisongeará e a ti não prejudicará. [...] 6. Lê nos jornaes mais alguma coisa do que os annuncios matrimoniaes e mortuários, para falares com elle coisas que o possam interessar. [...] 7. Sê sempre delicada com elle; lembra-te de que quando elle era teu noivo, o consideravas

como um ser superior; não o desprezes agora. [...] 8. Deixa-o acreditar muitas vezes que é mais inteligente que tu, isso o lisongeará. [...] 9. Se é inteligente, sê para elle uma amiga; se é tolo procura elevá-lo junto a ti. [...] 10. Respeita os seus Paes, principalmente sua mãe, a qual elle amou antes de ter te amado. (Os dez mandamentos da mulher casada. *ALMANACH DE PELOTAS*, 1923, p.45)

A questão da dependência financeira, já aparente nos exemplos anteriores, também é explicitada acima, restringindo-se à mulher burguesa, cuja habilidade e obrigação era saber administrar a quantia passada a ela pelo esposo (PERROT, 2012). Os papéis firmavam o homem como o detentor do dinheiro, obtido pelo seu trabalho remunerado. As funções úteis destinadas às mulheres se inscreviam como prendas domésticas – como cozinhar e manter o esposo adequadamente alimentado, como descrito em alguns ditames acima – as quais, segundo Del Priore (2013), eram consideradas as competências diferenciais para as esposas exemplares.

Também do ano de 1923 há o conteúdo intitulado “Deveres de esposa”, que diz o seguinte:

[...] na India, a esposa tem os seguintes deveres: [...] I – Não reconhecer na terra outro homem senão o seu esposo. [...] II – Se o marido ri, ella é obrigada a rir; se chora, a chorar tambem. [...] III – Se seu marido se acha ausente, a indiana não se deve alimentar até o seu regresso, salvo com seu consentimento especial. [...] IV – Se o esposo a descompõe, ella tem de lhe agradecer; se lhe bate, beija-lhe a mão, porque é a única culpada da zanga do marido. [...] V – Não pode ser infiel ao marido; se o for, este tem o direito de mata-la da maneira que quizer. (Deveres de esposa. *ALMANACH DE PELOTAS*, 1923, p.225)

Nos dois últimos textos há ditames, normas para mulheres casadas, no entanto, se tratam de dois conteúdos retirados de contextos distintos daquele da circulação dos *Almanachs*, sendo, além disso, dois cenários bastante diversos entre si: Estados Unidos e Índia. Neste caso, pode-se pensar que estes constituíam preceitos ditados, sugeridos universalmente, globalmente, tanto na América quanto na Índia, tanto na América do Norte, quanto bem ao sul da América do Sul, atravessando paralelos e meridianos, questões que podem ter contribuído para a ideia de universalidade da mulher, sem que as mesmas congreguem particularidades culturais e individuais.

Embora com o título “A maxima... dos bem casados”, na mesma linha, há outro texto, de 1928, novamente com ênfase no papel da figura feminina na relação:

Conselhos dados as esposas que querem ser felizes no casamento. [...] 1.º- Nunca comeceis uma questão; mas, suscitando-se alguma dentro do vosso “ménage”, deveis conservar ponderação, calma e mutismo. [...] 2.º- Tende sempre em vista que sois a esposa de um homem, e não de um ser superior. [...] 3.º- Não peças dinheiro a teu esposo a meudas vezes. Trata de pedir-lhe o sufficiente, no principio da semana, de maneira que dure todo esse tempo. [...] 4.º- Se o coração de vosso marido é muito elastico, esquecei um pouco essa leviandade. [...] 5.º- De vez em quando, aconselhae vosso marido em assumptos de pequena importancia. [...] 6.º- Lê os diarios minunciosamente e com attenção. Não leias sómente os acontecimentos da sociedade. Ao teu marido agradaerá commentar comtigo os acontecimentos da politica e da vida diária. [...] 7.º- Insinuae, de vez em quando, ao vosso marido que deve ser attencioso e leal. Mas, ao mesmo tempo, dae-lhe a entender que a mulher é um ser humano e o seu coração tambem póde fraquejar. [...] 8.º- Se o vosso marido é activo e intelligente, portae-vos bem com elle; se é timido e vagaroso, deveis servir-lhe de amiga e conselheira. (A maxima... dos bem casados. *ALMANACH DE PELOTAS*, 1928, p.43)

Já no ano de 1932 há o texto “A boa esposa”, o mais longo encontrado dentre todas as edições dos *Almanachs de Pelotas* e o qual se encontra assinado. Tendo em vista o foco do que se está propondo investigar, optou-se por transcrevê-lo em sua totalidade, pois se considera fundamental para a contextualização.

Si podessemos receber de dez homens – ou de dez mil – respostas á pergunta: - “O que constitue uma boa esposa?”- creio que teriamos uma lista de qualificativos que somente poderiam possuir aquelas mulheres que já receberam as suas coroas de ouro e azas celestiaes! [...]É natural, é bom que um homem tenha ideaes altos para sua companheira diaria; muito mais capaz será de encontrar uma boa esposa. De fato, não podemos enaltecer demais o papel da mulher em relação ao homem. Dela, ele depende, quasi que inteiramente, para o seu bem estar físico - da mãe, durante os primeiros ano de existencia, e da esposa durante o resto da vida. Disse alguém que quando um homem casa entrega aos cuidados de sua mulher o seu estomago, os seus nervos e seu cerebro! Em face, portanto, do que ensinam a fisiologia e a psicologia, quanto á interdependencia do corpo e da mente, ela tem uma responsabilidade bastante grande. [...] A boa esposa, portanto, deve saber velar pela saude do marido. Deixa-lo ir ao trabalho matutino com alimentação inadequada ao serviço que lhe será exigido, ou manda-lo para a cama com o estomago sobrecarregado de comidas pesadas ou quitutes indigestos, ou obriga-lo a acompanha-la a teatros e bailes quando seu corpo reclama repouso e sono - não só constituem uma

grave injustiça a ele como a si mesma, pois assim continuando ela aumenta as probabilidades de se tornar viúva e fazer dos filhos orfãos. [...] É realmente obrigação da esposa saber alimentar racional e cientificamente o seu esposo e filhos; saber administrar o lar de tal modo que seja um lugar de conforto e repouso para corpos cansados e nervosos. Os médicos muita clientela perderiam se as mulheres zelassem com mais inteligência pelo bem estar físico dos seus maridos. Muitas, desejando apresentar na mesa o que é agradável à vista e ao paladar, prejudicam as suas famílias, arruinando sua digestão com alimentos altamente temperados e demasiado ricos. [...] A boa esposa não esperará demais do seu marido. Lembrando-se que casou com um homem e não um anjo, relevará certas faltas, deixando-as passar despercebidas antes do que continuamente discutir e ralhar. Mostrará apreço sincero pelo que ele faz por ela, recebendo seus favores e presentes não como se fossem o cumprimento dum dever, mas como se fossem honras conferidas. [...] Talvez não haja coisa mais importante do que a esposa ser alegre, otimista e inspiradora. Durante a grande guerra, eram enviados, por ambos os lados, os maiores esforços para conservar o que chamavam a “morale” dos seus combatentes. Os chefes bem sabiam que exércitos desanimados e pessimistas não poderiam vencer. Procuravam, portanto, por todos os meios - música, folguedos, jogos atléticos, conferências – injetar nos seus soldados uma “morale” de superioridade, coragem e optimismo. [...] Ora, no lar acontece o mesmo. Os maridos, chefes de família, para vencerem na luta pela vida, carecem de todo apoio, optimismo e encorajamento possível. No entanto, muitas mulheres, pelo seu espirito de desânimo e pessimismo, e pelas dúvidas que atiram contra os maridos, matam ou paralisam-lhes os sentimentos de respeito próprio e fé em si, que os levariam ao sucesso. E depois, criticam-nos, acusando-os de serem fracassados!! Cabe à mulher erguer a “morale” do lar, fazendo-o uma força para a vitória, e não uma causa de derrota. [...] Conta Benjamin Franklin a história de um operário a quem observava diariamente do seu lugar de trabalho. Por mais difícil que fosse a sua tarefa, e por mais impertinente que fosse o capataz, o operário mantinha-se sempre equânime, parecia mesmo irradiar um espírito de alegria. Tão impressionado ficou Franklin com a conduta desse trabalhador, que um dia, chegando-se a ele, perguntou: [...] Diga-me, senhor, qual é o segredo de sua disposição amável? [...] O homem riu. [...] Não é segredo, doutor, respondeu ele. Eu tenho a melhor das esposas. Quando vou ao serviço, ela dá-me, com o beijo de despedida, uma palavra animadora e bondosa; e quando volto para casa, ela me espera com um sorriso e um beijo de boas-vindas. A ceia está sempre pronta; e pela nossa conversa, descubro que durante o dia ela tem feito tantas coisinhas para me agradar, que não tenho coragem de dizer a quem quer que seja uma palavra aspera, ou de dar um só olhar impaciente. [...] Por força, a boa esposa mostrar-se-á interessada naquilo de que o marido gosta. Talvez prefira ficar em casa lendo e bordando a assistir um jogo de foot-ball; mas por amor dele procurará ter algum interesse naquilo que é caro ao seu coração. Acima de tudo, manifestará interesse inteligente quando ele falar sobre os seus negócios. Notas promissórias, duplicatas, hipotecas – é possível que o relatar de tais termos lhe seja enfadonho, mas não mais do que é para o marido a relação das malcriações da empregada e a descrição dos vestidos e dos chás de suas amigas. A esposa que dá atenção diligente aos negócios do marido, que procura compreender os termos que ele usa e que sabe acima de tudo mostrar-se discreta e segurar a língua, poderá qualquer dia ser-lhe um verdadeiro auxílio. Numa eventualidade dum doença

prolongada ou de um deslance fatal, poderá, si o desejar, tomar conta do negocio, sem prejuizo nenhum e sem probabilidade de ser ludibriada por espertalhões. [...] O mais importante de tudo: a boa esposa cercará o marido de carinho e amor; não terá medo de dizer-lhe constantemente que o ama, de prover-lhe as caricias que anela. Costumamos pensar que são as mulheres que mais gostam de ser acariciadas, mas o homem, sem dizel-o tão abertamente, tambem gosta de afago e carinhos. [...] Um dos mais lindos tributos oferecidos á memoria duma esposa, foi prestado pelo finado dr. Alexander Maclaren, da Escossia, numa carta a um seu biografo: “Em 1856 casou-se comigo Marian Maclaren, e até certo triste dia, em dezembro de 1884, Deus permitiu-nos andarmos juntos. Podem outros falar dos atrativos da Marian, de sua belesa, seus dons, sua bondade; a mór parte do que ela foi para mim, ficará para sempre fechado no meu coração. Desejo, porém, que em qualquer noticiario do que sou, ou do que tenho feito, seja dito que o melhor de tudo dela veio, e ainda vem. Juntos, nós liamos e pensavamos; e seu inteletto claro e brilhante iluminava o que era obscuro, regosijando-se na verdade. Juntos trabalhavamos e sustentavamos a lida; e sua coragem e destreza facilitaram o labor, fazendo evoluar as dificuldades. Ella viveu uma vida de nobreza, trabalhos arduos, aspiração, simpatia e esquecimento de si. Era meu guia, meu estimulo, minha recompensa. De todas as influencias humanas que exerceram poder sobre o meu carater e a minha vida, a dela foi a melhor e mais poderosa. Escrever a meu respeito e não falar nela, é apresentar um fragmento.” [...] Ha muito tempo, talvez dez seculos antes de Jesus Cristo, havia um rei chamado Lemuel, que aprendeu dos labios da mãe, os principios que devem reger um bom monarca. [...] Temos um só capitulo nas Sagradas Escrituras pelo qual julgar a mãe de Lemuel (não nos é dado sequer saber o seu nome). Mas basta esse para assinala-la como uma mulher extraordinaria, cujos conselhos (apezar de serem dados ha trinta seculos), qual farol rutilando atravez desse mar de anos, servem para guiar e inspirar as mães e esposas de hoje. [...] Mulheres modernas, usaríamos, quiça, outras palavras e termos; esses em nada modificariam a nobre mensagem de atividade, diligencia, carinho e virtude que ela tão bem exprimiu acerca da mulher. [...] “Palavras do rei Lemuel – a prophacia que lhe ensinou sua mãe... Mulher virtuosa quem a achará? o seu valor muito excede o de rubins. [...] O coração de seu marido está nela confiado, e a ela nenhuma fazenda faltará. [...] Ela lhe fez bem, e não mal, todos os dias da sua vida. [...] Busca lã e linho, e trabalha de boa vontade com as suas mãos. [...] É como o navio mercante; de longe traz o seu pão. [...] Ainda de noite se levanta, e dá mantimento á sua casa, e a tarefa as suas servas. [...] Examina uma herdade e adquire-a; planta uma vinha com o fruto de suas mãos. [...] Cinge os seus lombos de força, e fortalece os seus braços. [...] Prova e vê que é boa a sua mercadoria; e a sua lampada não se apaga de noite. Estende suas mãos ao fuso, e a palma das suas mãos pegam na roca. [...] Abre sua mão ao aflito, e ao necessitado estende as suas mãos. [...] Não temerá por causa da neve, porque toda a sua casa anda forrada de roupa dobrada. [...] Faz panos de linho fino e vende-os, e dá contas aos mercadores. [...] A força e a gloria são os seus vestidos, e ri-se do dia futuro. [...] Abre a sua boca com sabedoria, e a lei da beneficiencia está na sua língua. [...] Olha pelo governo de sua casa, e não come o pão da preguiça. [...] Levantam-se os seus filhos e chamam-na bemaventurada; como tambem o seu marido, que a louva, dizendo: - Muitas filhas obraram virtuosamente mas a tu a todas és superiora. [...] Enganosa é a graça, e vaidade a formosura, mas a mulher que teme ao Senhor essa será louvada. Dae-lhe o fruto de

suas mãos, e louvem-na nas portas as suas obras.” (Proverbios, cap.31). [...] Que esposa, hoje em dia, não se orgulharia de alcançar um tal ideal? (Eula K. Long. A boa esposa. ALMANAQUE DE PELOTAS, 1932, p.97-99)

Este é o único texto que se encontra assinado, dentre os exemplos aqui transcritos, destacando-se que a autoria é feminina. Já no texto “Os dez mandamentos da mulher casada” de 1923, embora não tenha assinatura, há a sugestão de ter sido escrito por uma senhora americana.

É interessante destacar que este texto assinado, tem o nome de Eula Lee Kennedy Long⁸, uma mulher que foi escritora, religiosa e ligada a assuntos que versavam sobre a maternidade. Se por um lado, chama a atenção o fato de os *Almanachs* darem voz a uma mulher – instruída, conformando a atuação feminina fora das paredes do lar, e escrevendo para ser lida – contrariando os ditames impostos e propagados por esta publicação, por outro viés, se ressalta não se tratar de qualquer mulher, mas sim uma mulher cujo pensamento convergia para o tipo feminino que o periódico idealizava e queria disciplinar.

Abrindo-se um parêntese, já que se fala de um texto assinado por uma mulher e tendo em vista que esta investigação intenta observar o espaço ocupado pelas mulheres nos *Almanachs de Pelotas* (como em fotografias e reclames, por exemplo), julgou-se pertinente elencar a quantidade de textos assinados por integrantes do gênero feminino. Nas 23 edições dos *Almanachs*, foram encontrados 37 textos assinados por mulheres, enquanto, por homens, esse número é de 415, ou seja, os textos com assinatura de integrantes do gênero masculino é mais de dez vezes superior ao de integrantes do gênero feminino. Os sem assinatura ou com abreviatura são 53. Tabelas contendo o levantamento destes textos, com títulos, nomes, a que público em termos de

⁸ Nascida em Taubaté, filha de pai americano, um pastor e missionário que era integrante de um grupo que atuou na consolidação do metodismo no Brasil em fins do século XIX. Eula seguiu o caminho trilhado por seu pai tornando-se missionária e educadora, tendo trabalhado no Rio Grande do Sul quando, em 1918, escrevia textos para o jornal “Correio do Povo”, principal periódico da capital gaúcha. Além disto, sabe-se que ela escreveu livros como “Corações felizes”, “Mães de Homens Célebres” e “Conselhos às Mães”. Estes dois últimos contribuíram para que ela, uma brasileira que residia em terras americanas, ganhasse o título de “mãe do ano de 1959”, no estado da Virgínia, nos Estados Unidos. Outro dado importante é que ela, junto com seu marido (também americano e missionário, como seu pai) organizou a primeira comemoração do Dia das Mães no Brasil, em evento no salão social da Associação Cristã de Moços em Porto Alegre, no dia 12 de maio de 1918. (ALMANAQUE URUPÊS, 2013)

gênero se dirigia, localidade de origem do autor e formato do texto (texto ou poesia), encontram-se no Apêndice B.

Considera-se o número de textos assinados por mulheres, nos *Almanachs*, bastante pequeno, agregando fundamento à hipótese de o periódico em questão ter um perfil extremamente masculino e os homens como direcionamento prioritário. A afirmação de ser restrita a participação feminina assinando como autoras, não se sustenta, somente, na comparação com o número de textos assinados por homens. Em investigação voltada para a análise da atuação feminina em textos do Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul (1889-1917) e do Almanaque Popular Brasileiro (1894-1908), Segalin (2013, p.163-176), por exemplo, chegou à seguinte contabilização: 134 e 98 textos assinados por mulheres, respectivamente, em cada um destes almanaques. Em sua pesquisa, a autora considerou grande a participação feminina nos periódicos apreciados, concluindo que estes funcionavam não só como espaços de firmação de condutas de gênero, mas como espaços, também, de disputa de poder. Observa-se, no entanto, que os números aos quais chegou Segalin são muito superiores, mesmo no caso do Almanaque Popular Brasileiro com uma extensão de vida inferior aos *Almanachs de Pelotas*. Além disso, outro aspecto a destacar é o fato de ambas as publicações constituintes do *corpus* de análise da autora circularem em um período que, se não totalmente, majoritariamente, anterior ao qual foi veiculado o objeto investigado no presente texto e, logo, teoricamente deveriam ser mais conservadoras quanto a participação feminina no mundo letrado.

Feito o parêntese, retomam-se os exemplos de textos extraídos dos *Almanachs*, observando-se, ainda, nos textos “Os dez mandamentos da mulher casada”, de 1923, “A maxima... dos bem casados”, de 1928 e “A boa esposa”, de 1932, comparações do homem a Deus, ser superior ou anjo, enaltecendo-o e, embora seja indicado que ele não deva ser considerado nenhuma destas figuras, ao propor-se esta comparação, o aproxima das mesmas. Outro ponto digno de destaque é que o homem que é justaposto às citadas comparações, mas é, na mulher, que são colocadas as atribuições mais diversas e próximas à perfeição.

Tal aspecto, de ligar os homens a Deus, era uma constante e contrasta com a conexão historicamente feita das mulheres com o diabo. Segalin (2010b, p.138-139) traz esta discussão no seu artigo, comentando que tal discurso vem de longa data, sendo o processo de “diabolização” da mulher, no Ocidente, intensificado após o Renascimento e à Reforma, quando a Igreja se sentiu ameaçada. Assim, em torno da mulher se instaurou a ideia de mal e de medo, a cujos encantos os homens não deveriam sucumbir. A elas vinculavam-se características diabólicas, como tagarelice, vaidade, orgulho e tolice.

Outro aspecto a ser enfatizado diz respeito aos títulos dos textos transcritos: “A.B.C. das mães de família” (1918), “Conselhos a’s noivas” (1933), “Os dez mandamentos da mulher casada” (1923), “Deveres de esposa” (1923), “A boa esposa” (1932). Neles fica evidente os ditames voltados diretamente para as mulheres, reforçando a ideia de recair nos ombros da mulher as responsabilidades com a manutenção da família e do casamento. No único texto cujo título remete aos dois partícipes da relação marital “A maxima... dos bem casados” (1928) percebe-se que tal enfoque está presente somente ali, pois ao longo do texto tudo está voltado para os comportamentos a serem empreendidos pela mulher, e não pelo homem. Outro ponto observado nos textos é a exaltação da importância da figura da mulher na vida do homem, no entanto, desde que ela agisse conforme os preceitos que colocavam o homem e os seus interesses como prioritários.

Para não dizer que os ditames direcionavam-se apenas para as mulheres, deve-se considerar alguns poucos casos de textos voltados ao homem, como no artigo, denominado “O marido ideal”, veiculado na edição do ano de 1921 (p.33). Tal texto baseia-se em uma pesquisa feita por uma revista Japonesa, questionando as mulheres sobre os quesitos para o homem ascender a tal posto. Dentre os conselhos ao marido ideal, tem-se que ele não deve se preocupar com a sua aparência, que deve ser viril, não ser mulherengo e nem ter intimidade com amigas da esposa, deixar a administração das despesas domésticas para a mulher e, dentre outras coisas, não entrar nunca na cozinha. Mesmo direcionado aos homens, está aí uma série de atribuições para as mulheres, correlações típicas das questões de gênero. É evidente que os assuntos domésticos são papel feminino, pois a administração das

despesas do lar (veja-se bem, trata-se da administração, apenas, pois era um dinheiro que era angariado por eles, não por elas, logo, ao qual o acesso deveria ser permitido) e a proibição de entrar na cozinha aconteciam para que este nicho permanecesse reinado por elas.

Além disso, percebe-se pelos textos transcritos que, de fato, as mulheres liam, pois, inclusive é sugerido para elas lerem coisas do interesse do seu marido não para suprir necessidades suas, mas para conseguir estabelecer com eles algum tipo de diálogo considerado mais relevante. Tal situação coaduna com a conclusão de Segalin (2013, p.145), sobre as mulheres serem sempre vinculadas aos homens, os quais elas tinham obrigação de servir e alegrar.

Esporte e política são os temas sugeridos como temas masculinos e sobre os quais as mulheres deveriam se informar. Ou seja, os indicados como sendo os interesses de leitura femininos (anúncios matrimoniais e mortuários e acontecimentos da sociedade) eram fúteis e menos importantes. Outro fato instigador é que a mulher até poderia ser culta, mas, no caso de se sobrepor ao marido neste sentido, deveria fazer-se de tola para mantê-lo num degrau acima. Sobre tal constatação, Peres (2002, p.62) relata que a ideia era instruir as mulheres, porém, dentro de certos limites, tornando-as mais educadas do que instruídas. A elas reservava-se apenas o conhecimento de normas e padrões morais aplicados à educação de seus filhos somados a um pouco de conhecimento e informação. Dentro dos projetos positivista e castilhistas, ao homem cabia o sustento financeiro da família e, à mulher, formar moralmente os filhos, aqueles que seriam o futuro do país. De tal ideário, se pode inferir sobre o grau de importância dado à mulher na sociedade e fundamental na formação e manutenção das famílias. “Educando a família, por extensão a mulher educaria a própria sociedade, já que a família era considerada a base e o sustentáculo de toda a ordem social”, ressalta Peres (Idem, p.62). Assim, as mulheres as quais eram esposas e mães passaram a ser vistas como peças civilizadoras importantíssimas (Idem, p.63). Por esta função primordial da mãe de família é que a educação das mulheres foi tema constante de reivindicações dos sindicatos operários, conforme visto no tópico 2.2.

Notou-se, ao longo deste capítulo, em relação ao trecho temporal estudado, o ingresso da mulher no mercado de trabalho, no entanto, tendo em vista os ideais positivistas orientadores da sociedade daquele período e contexto, tal constatação tinha de ser represada, de forma que era inculcado a este discurso, o caráter negativo do trabalho feminino, já que este poderia desviá-la de suas funções de boa esposa e de boa mãe. Com vistas a assegurar o controle sobre as mulheres, o Positivismo promulgou a ideia delas serem menos inteligentes e dotadas de menos raciocínio em relação aos homens, porém, era destacada a sua superioridade no que dizia respeito aos sentimentos (SEGALIN, 2010a, p.3). Nada mais esclarecedor, então, que os *Almanachs* proferissem discursos orientando as mulheres, mesmo mais expertas e inteligentes do que o marido, camuflarem tal qualidade.

Além da educação dos filhos, o cuidado com a família (filhos e esposos), conforme já mencionado, torna-se ainda mais evidente em alguns anúncios de medicamentos, os quais contêm textos denunciando o quanto era da mãe que se esperavam os cuidados com as doenças e o gerenciamento do uso dos produtos. Exemplo disso é o reclame do Pó Pelotense (produto já apresentado neste subcapítulo), o qual contém a seguinte chamada: “Mães Martyrisadas com Assaduras dos Filhos”, presente nas edições de 1914, 1915, 1916, 1917, 1918, 1919, 1920, 1921, 1922, 1927, 1928, 1929, 1930, 1931, 1932, 1933 e 1934.

Figura 189 – Reclame Pó Pelotense



Fonte: *Almanach de Pelotas* de 1934, p.42. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*.

Neste anúncio extremamente textual, após a chamada “Mães Martyrisadas com Assaduras dos Filhos”, segue o texto:

O Dr. Taciano Siqueira, ilustre medico do RIO GRANDE, onde possui enorme clientela, assim expõe sua criteriosa opinião sobre o PÓ PELOTENSE [...] Sr. Dr. Ferreira de Araújo. Rio Grande. [...]Cansado estava de ler attestados do vosso preparado PÓ PELOTENSE, sem jámais pensar em tornar publico os optimos resultados colhidos em minha clinica particular, quando me indagavam dos efeitos terapêuticos dessa formula, aconselhando-a a principio para satisfazer a vontade dos que desejavam uzal-a. Não costumo receitar preparações de composição ignorada por mim. Grande foi por isso minha surpresa com os maravilhosos successos obtidos em creanças assadas nas partes humidas e atacadas de eczema luetico. Não vos peço, como de praxe, fazer o uso que vos conviér e, sim, exijo a publicação do attestado que óra faço, afim de scientificar não só os profissionaes como tambem as mães martyrisadas com as assaduras de seus filhos na 1.^a e 2.^a infancia e com as erupções de pelle nos heredo-syphiliticos. [...] Do colega Dr. Taciano Siqueira N.º 54 de Fevereiro de 1918.

É instigante destacar aqui que do texto foi retirado o trecho “mães martirizadas com as assaduras de seus filhos” e transformado em chamada. Fica claro que quem se preocupava com os problemas dos filhos era a mulher, a mãe, mas, no entanto, o atestado da eficiência do produto não é assinado por uma mãe agoniada, e sim, por um homem, médico, conforme discussão já colocada neste tópico quando da menção aos anúncios contendo certificações de eficácia. Aqui não se quer dizer que a palavra de um médico não seja importante, mas dar destaque à profissão de medicina desempenhada por um homem, cuja voz teria mais peso do que a voz daquela que aparece destacada no texto e que seria a mais afetada com tal situação e quem teria acompanhado o caso mais de perto.

Outro aspecto interessante de se destacar neste momento, embora coubesse às mulheres cuidar dos filhos e esposo, seja educando, provendo alimento, lavando roupas, asseando a casa, ministrando medicamentos, Peres (2002, p.64-65) enfatiza que, por outro lado, as mulheres eram “guardadas” pelo homem, pois ela, ser frágil, sozinha, seria incapaz de se defender de determinados perigos, por isso em dados horários ela não poderia andar desacompanhada. Comprovando tal limitação, a autora traz um recado publicado pela revista Ilustração Pelotense de 1918 que diz o seguinte:

[...] não há inconveniente algum em que uma senhorinha saia só pela manhã a fazer compras. À tarde também não há inconveniente, mas deve ter-se em consideração que de tarde há mais agrupamento e movimento. A essa hora é, pois, preferível não sair só.

Percebe-se que o texto sequer cogita a possibilidade de mulheres andarem desacompanhadas à noite, sendo este relato suficiente para a compreensão do porquê de as mulheres, nas fotografias apresentadas neste capítulo, em situações públicas, aparecerem quase sempre “escortadas” por homens.

As atribuições destes diferentes tipos de papéis para homens e para mulheres listados aqui, conforme mencionado, se deram em um período em que praticamente não se questionavam estas funções arbitrárias e as rígidas regras impostas e tinham um papel normatizador. Bourdieu (2014, p. 32-33) pensa nestas atribuições a partir do corpo, o qual, para ele, é definido

socialmente, através de uma construção arbitrária baseada na anatomia biológica, diferenciada e hierarquizada por meio dos gêneros, numa construção do corpo que acontece a partir da prática. O autor comenta que o problema não reside no fato de o homem ser constituído por um falo e a mulher por uma vagina, mas sim no fato de serem percebidos através de uma visão androcêntrica, cuja visão de mundo atribui poder ao homem e ao seu órgão sexual. Para Bourdieu (2014, p.9,18) o princípio androcêntrico se refere a uma sociedade organizada de cima para baixo, alicerçada na dominação masculina. O autor parece impulsionar o seu pensamento acerca do gênero motivado pelo corpo visto como palco de operação dos discursos construídos socialmente e arbitrariamente, de forma a repercutir nos papéis, também arbitrários, estipulados às mulheres e aos homens.

Neste sentido, interessante trazer a ideia de Butler (1999, p.153), de que as diferenças sexuais são, além de materiais, marcadas e formadas por práticas discursivas, sendo o sexo algo normativo, o que, segundo ela, enquadra-se no que Foucault chamou de “ideal regulatório”. Desta forma, o sexo é, além de uma norma, uma prática que regula e constrói os corpos que governa, de forma a exercer poder produtivo, sendo o sexo, então, “um ideal regulatório cuja materialização é imposta: esta materialização ocorre (ou deixa de ocorrer) através de certas práticas altamente reguladas. Em outras palavras, o ‘sexo’ é um constructo ideal forçosamente materializado através do tempo” (Idem, p.153-154). Ora, parece que, justamente, os *Almanachs* e seus reclames eram ferramentas didáticas, em prol destas práticas regulatórias, cuja promoção dos discursos de gênero materializavam algo que se temia deixar de ocorrer.

Sabe-se que o discurso social construído em torno das mulheres, como anjos tutelares, era um interesse pregado pela moral positivista de August Comte, fortemente presente no Rio Grande do Sul no início do século XX, contexto temporal deste estudo, numa vertente conhecida como Castilhismo, como abordado anteriormente no capítulo 1 (SEGALIN, 2010a, p. 2-3). Tal situação tinha por finalidade manter distintos papéis sociais para homens e mulheres e assim conservar a “ordem” da sociedade. Conforme mencionado no referido capítulo, o pensamento positivista, alicerçado nos ideais de progresso

e ciência, aproximou os conteúdos dos almanaques dos conteúdos das enciclopédias, com vistas a promulgar e democratizar o conhecimento, informações e modelos de moralidade e comportamento, visando igualar as diferentes classes sociais e culturais.

Sobre os objetos do estudo e a pertinência do que neles está sendo investigado (tentativa de imposição de comportamentos e posturas, os quais se auxiliam na construção de identidades de gênero), pode-se considerar serem operantes de um exercício de anamnese (expressão de origem platônica e utilizada por Bourdieu), apoiados em inconscientes coletivos e individuais, impondo “a todos os agentes, homens ou mulheres, seu sistema de pressupostos imperativos” (BOURDIEU, 2014, p.70). Compreende-se que os *Almanachs* e seus reclames faziam isto: se apropriavam de um conhecimento/sistema hegemônico pautado na dominação masculina e impunham esses pressupostos aos leitores. É sugestivo compreender o quanto estes elementos devem ter sido eficazes na promoção e reforço das identidades de gênero na Pelotas da primeira metade dos 1900, especialmente para as classes as quais se dirigiam.

A partir desta égide, podem-se incluir os objetos de análise deste trabalho como atuantes dentro da noção de performatividade de gênero de Butler (1999, p. 154), definida como conjunto de atos e práticas reiterativas, cuja repetição do discurso acaba por construir exatamente aquilo que está sendo falado/feito. Os *Almanachs* parecem ter construído os seus discursos com intuito de se tornarem ferramentas pedagógicas de continuamente lembrar os papéis de homens e mulheres naquele momento em que as binariedades e essencialismos eram pauta constante. Cabe destacar que a ideia de performatividade é usada por Butler para justificar o trabalho das normas regulatórias do sexo para materializar os corpos, construir os gêneros edificando a diferença sexual em uma compulsão consolidadora da heteronormatividade, de forma a justificar uma coerência entre um dado sexo e um dado gênero, coisas extremamente plausíveis nos *Almanachs* e seus reclames. Pode-se pensar que o conceito da autora, a partir da mesma prática reiterativa de discursos, permitiria, também, que a heteronormatividade seja desfeita, mas, no entanto, não se trata dos discursos veiculados pelos objetos

deste estudo. É nesta reflexão que ela traz a ideia de corpos que pesam (ou corpos que importam) como aqueles constituintes do sistema heterossexual, enquanto aqueles que não se enquadram nesta matriz cultural são considerados seres abjetos. Assim, os *Almanachs* têm representados em suas páginas, apenas estes corpos que importam, ou seja, aqueles em que o sexo masculino ligava-se ao homem e o sexo feminino à mulher, sendo tais gêneros estipulados e promulgados de forma totalmente essencialista e binária, conforme mencionado.

No caso do contexto estudado, o trabalho performativo atuou através da promoção da função social do gênero feminino, no século XX, como rainha do lar, provavelmente motivada pelos temores da parcela mais conservadora da sociedade com relação às intensas transformações (a partir, principalmente do final do século XIX) ocorrendo no então contexto moderno. Segundo Maluf e Mott (1998, p. 369-373), estas mudanças experimentadas eram alarmantes, logo, não foram poupados esforços para que a ordem familiar fosse mantida, sendo a família considerada a única instituição capaz de frear tais transformações. E na mulher era depositada a confiança e a obrigação de manutenção desta instituição (conforme, inclusive, pode ser comprovada pelos textos veiculados pelos *Almanachs* que foram apresentados neste subcapítulo), por isso, segundo as autoras, foi grande a difusão do comportamento feminino considerado ideal, no interior dos recônditos do lar, de forma a limitar seus anseios e aspirações. As atividades das mulheres dentro de suas casas eram enfatizadas “por parte dos meios médicos, educativos e da imprensa na formulação de uma série de propostas que visavam educar a mulher para o seu papel de guardiã do lar e da família” (D’Incao, 2004, p.230), exatamente como se está analisando nesta pesquisa. Se ao homem cabia o sustento financeiro da família, da mulher se esperava o sustento moral. Não surpreende que os reclames (alguns já apresentados e outros cujas análises detalhadas têm ênfase no capítulo 4) se utilizarem de representações endossando este discurso, pois a educação através de imagens, no sul do Brasil, foi uma prática recorrente a partir de meados do século XIX na formação das elites que compunham as cidades (PEDRO, 2004, P.281).

Desta forma, os discursos presentes nos anúncios dos *Almanachs* são representativos daquilo que se esperava das mulheres daquele contexto, ao mesmo tempo auxiliando na construção deste papel, ou mesmo reforçando estas atribuições, pensamento que corrobora com o acima mencionado com base em Maluf e Mott (1998).

Estas representações, então, emergem imbricadas na sociedade ou na rede – termo usado por Elias (1994, p.30) na tentativa de englobar a relação entre indivíduo e sociedade na sua completude – que, para o referido autor (Idem, p.13, 38), existe independentemente das intenções, pretensões e planejamentos de seus sujeitos, ou seja, como dotada de um “poder superior”, com força própria e inata, impelindo os sujeitos a determinadas ações. E esta força inata, no caso desta pesquisa – as relações de gênero – pauta-se através da já comentada visão androcêntrica (BOURDIEU, 2014, p.9, 18), na qual a força masculina é vista como neutra, natural, dispensando justificações. Neste ponto, é fundamental ressaltar que gênero e poder andam juntos, pois as relações de gênero são nada menos do que relações e disputas de poder, acrescentado, ainda, que para Scott (1995, p. 86 e p.88), justamente, o gênero é uma maneira de dar significado às relações de poder. O que leva alguém a obedecer ao outro é tema central de discussão em Foucault (2008, p.412), quem conclui que, nas sociedades, há formação espontânea de poder, talvez, inclusive, impulsionado por esta força maior atuando na e pela rede. Ainda sobre esta temática, Scott (1995, p.88-89) diz que

[...] estabelecidos como um conjunto objetivo de referências, os conceitos de gênero estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social. Na medida em que essas referências estabelecem distribuições de poder (um controle ou um acesso diferencial aos recursos materiais e simbólicos), o gênero torna-se implicado na concepção e na construção do próprio poder. [...] O gênero, então, fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana. Quando os/as historiadores/as buscam encontrar as maneiras pelas quais o conceito de gênero legitima e constrói as relações sociais, eles/elas começam a compreender a natureza recíproca do gênero e da sociedade e as formas particulares e contextualmente específicas pelas quais a política constrói o gênero e o gênero constrói a política.

A visão androcêntrica de Bourdieu (Idem, p. 45 e p. 74) se estabelece com auxílio de uma adesão dóxica das mulheres, através da propagação inconsciente desta visão também por elas, tornando-as reféns do que ele nomina como violência simbólica. Assim, as diferenças de gênero existem e se mantêm por aceitação de ambas as partes: dominantes e dominados (Idem, p. 79). Esta situação de conformidade e de convivência demonstra, em se pensando nas relações entre os gêneros, o que pondera Foucault (2008, p.407) sobre o fato de o vínculo social se formar espontaneamente e ser permanente e indispensável. No entanto, além das adesões de homens e mulheres, Bourdieu (Idem, p. 47) ainda afirma a dominação masculina ser um produto histórico, fruto de um trabalho incessante de reprodução que tem como agentes não só os homens, mas também as instituições, a família, a Igreja, a Escola e o Estado. Novamente, impossível não se pensar nos *Almanachs* e em todo o seu conteúdo como ferramentas nesse processo de repetição contínua das normatizações de gênero, de atribuições de poder e, neste sentido, numa ideia de construcionismo social. Importante mencionar que, segundo Butler (1999, p.159), o sujeito, submetido e subjetivado pelo gênero não segue intencionalmente este processo de generificação, mas sim emerge no interior das relações de gênero e como matriz dessas relações. Assim, para a autora, o construcionismo não quer dizer que o sujeito seja inerte e que não tenha agência, e por isso sugere questionar as condições nas quais ele emergiu e atua. Ainda pelas palavras da autora (Idem, p. 160-161):

[...] a "atividade" dessa generificação não pode, estritamente falando, ser um ato ou uma expressão humana, uma apropriação intencional, e não é, certamente, uma questão de se vestir uma máscara; trata-se da matriz através da qual toda intenção torna-se inicialmente possível, sua condição cultural possibilitadora. Nesse sentido, a matriz das relações de gênero é anterior à emergência do "humano". Consideremos a interpelação médica que, apesar da emergência recente das ecografias, transforma uma criança, de um ser "neutro" em um "ele ou em uma "ela": nessa nomeação, a garota torna-se uma garota, ela é trazida para o domínio da linguagem e do parentesco através da interpelação do gênero. Mas esse tornar-se garota da garota não termina ali; pelo contrário, essa interpelação fundante é reiterada por várias autoridades, e ao longo de vários intervalos de tempo, para reforçar ou contestar esse efeito naturalizado. A nomeação é, ao mesmo tempo, o estabelecimento de uma fronteira e também a inculcação repetida de uma norma.

Pondera-se, neste momento, que reflexões pós-modernas defendem a não universalização das categorias mulher e homem, dentro das quais cada um pode ser muitos e, todos diferentes, considerando que se muda ao longo do tempo, de acordo com as experiências adquiridas. No entanto, tal reflexão é bastante distante do que se acreditava naquele momento de veiculação dos *Almanachs* quando homens e mulheres tinham papéis extremamente demarcados de acordo com o seu gênero. Neste sentido, entende-se os discursos veiculados ao longo dos *Almanachs de Pelotas* com um papel ainda mais decisivo nas construções das identidades daquele período, compreendidas como unárias e fixas. Estas manifestações visuais, escritas e iconográficas, carregadas de simbologia, tanto espelham o contexto, quanto ajudam enormemente na sua construção. É exatamente nesta teia que o gênero como categoria de análise se insere, tendo em vista estar ele sempre atrelado ao contexto temporal e espacial, refletindo ideologias, identidades e políticas de representação, como parte constituinte de todo um processo de construção social e cultural. (FUNCK, 1994, p. 20-21; FUNCK, 2007, p. 183-184)

Pensando o gênero, e os discursos que o promovem, como fatores preponderantes nas construções das identidades, é que se adentra nesta discussão, com base em Hall (1999, p. 23-32). Segundo o autor, ao longo dos tempos, estas construções tiveram diferentes pilares. Num primeiro momento os sujeitos viam-se como seres individuais e soberanos, – ideia edificada com base nos reflexos racionalistas dos séculos XVII e XVIII que pode explicar certas coisas antes atribuídas a Deus, conferindo maior poder ao homem. A partir da instauração dos estados modernos há uma transformação que fez emergir uma concepção mais social do sujeito o qual passa a ser visto como engendrado dentro das grandes estruturas de sustento da sociedade moderna. Esta compreensão de identidade construída através da interação com o meio social fez parte da primeira metade do século XX, no mesmo período no qual surge um cenário mais perturbador do sujeito e de sua identidade em função de movimentos intelectuais e estéticos ligados ao surgimento do Modernismo. Neste momento o indivíduo passa a ser visto como anônimo, isolado e alienado dentro dos grandes agrupamentos em formação.

Conforme visto no capítulo 1, é justamente neste cenário industrial e urbanizado, que houve a promoção de intensas modificações nas formas de vida e nas relações entre os sujeitos. A migração das sociedades, inicialmente tribais (composta de grupos sociais pequenos), para outros modelos de sociedade (como a agrária e a urbana) enfraqueceu ou rompeu aqueles laços tradicionais com os grupos sociais próximos como família e vizinhos. Em tal processo, os meios de comunicação se desenvolveram em compasso com o desenvolvimento e o crescimento das cidades e assumiram o papel de estabelecer laços entre os sujeitos e esta complexa sociedade em desenvolvimento. Assim, comprova-se a forte relação instituída entre o indivíduo deste novo cenário e os meios de comunicação, pois estes passam a ser os grandes formadores do seu comportamento. É exatamente sobre isso que aqui se está propondo discutir: os *Almanachs de Pelotas* e seus reclames como promotores de discursos acerca das identidades de gênero na Pelotas do início do século XX. E sobre as identidades dos sujeitos em geral, pensa-se que o gênero é possivelmente o mais fundamental elemento constitutivo das mesmas, sendo gênero, para Franchetto et al. (1981, p.16), relacionado “à construção social do sexo, ou seja, aos papéis e valores que o constituem em dado momento histórico, em uma sociedade particular, englobando o sexo biológico”.

Para Butler (1999, p.156), a formação de um sujeito demanda uma identificação com o que ela chama de fantasma normativo do sexo, sendo este visto como algo materializado, ligado a regulação de práticas identificatórias, onde a negação do sexo, não é uma opção aceita. Assim, ela compreende que

[...] o ‘sexo’ é, pois, não simplesmente aquilo que alguém tem ou uma descrição estática daquilo que alguém é: ele é uma das normas pelas quais ‘alguém’ simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural. (Idem, p.154-155).

A reflexão que aqui reside é a de que se gênero é um discurso arbitrário pautado no sexo biológico e se o próprio sexo é uma materialização arbitrária, reforça-se, ainda mais, tratem-se de situações conformando sujeitos sem

nenhuma analogia entre a forma (material, o corpo) e significado (no sentido daquilo que lhe atribui para constituir-se como tal).

Com estes pressupostos, compreendem-se os objetos deste estudo como verdadeiros promotores de discursos, do estabelecimento de papéis arbitrários que são frutos culturais e cuja manutenção depende que tais modelos de conduta sejam a todo tempo lembrados e relembrados. É nesta manutenção dos papéis de gênero que se enxerga a função destes veículos comunicativos e que se entende como um princípio constitutivo, se movente por um lado, impregnado no tempo, afirmando-se em presença reiterativa:

[...] o gênero é constituído normativamente por meio de discursos e práticas reguladoras que inscrevem o sexo nos corpos. Tais discursos e práticas servem como referência para o estabelecimento de “códigos específicos de coerência cultural” que naturalizam os limites impostos para mulheres e homens. Uma vez que a subjetividade de gênero não é ontológica, mas, isto sim, uma construção mediante normalizações, os padrões impostos pela heterossexualidade compulsória – que implicam na diferença binária entre os sexos – necessitam de repetição contínua para afirmarem-se como hegemônicos. (Santos; Pedro, 2011, p. 168)

Reitera-se novamente que os objetos deste estudo circularam em um momento, precisamente, da experimentação mais profunda da migração de uma sociedade mais rural para uma sociedade mais urbanizada. Lembra-se que os termos que foram utilizados neste trabalho, no capítulo 1, definem sociedade tribal, sociedade agrária e sociedade urbana, sendo que Pelotas passou a migrar de uma sociedade para outra a partir da urbanização impulsionada pelas riquezas acumuladas pela atividade saladeril. Os charqueadores, detentores de grandes quantias de capital, começaram a construir as suas residências (verdadeiras mansões) no cenário urbano. Momento de muitas mudanças, momento de muitas incertezas. Situação na qual, por coincidência, ou por consequência, segundo Hall (1999, p.23-32) as identidades passam a ser compreendidas como construídas através da interação com o meio social. Logo, reforçar os papéis, extremamente demarcados e diferenciados para homens e para mulheres, seria uma tentativa de frear as mudanças indesejáveis ou, tendo em vista justamente o contexto, seria uma característica da própria modernidade, quando, de acordo com Bauman buscou-se fixar as identidades no passado (TILLEY, 2006, p.10).

Tal situação é, também, um reflexo de uma sociedade funcionando através de uma teia de funções interdependentes entre os sujeitos que, segundo Elias (1994, p.23), “são funções que uma pessoa exerce para outras”, em que “cada pessoa singular esta realmente presa; está presa por viver em permanente dependência funcional de outras”, sendo exatamente essa rede de dependência de funções que se pode chamar de sociedade. Esta singularidade tão demarcada entre as identidades de gênero são reflexo, também dentro da compreensão do autor (Idem, p.27), de individualidades só possíveis dentro de um grupo, ou seja, se não houver relação com outras pessoas, não há como ser diferente. Além disto, o autor é adepto de uma concepção dinâmica na qual os mundos externos e internos entrelaçam-se, de forma que o indivíduo se constrói na relação com os outros e, logo, com a sociedade (Idem, p.34-35). Tal concepção do autor é bastante pertinente para este estudo que compreende que os gêneros se edificam relacionadamente. Só se entende o ser a mulher a partir da compreensão do que é ser homem, e vice-versa.

Esta mescla entre querer ser diferente, mas, ao mesmo tempo, ser dependente dos diferentes pode ser considerada como oriunda do fenômeno reticular (Idem, p.29), no qual as pessoas mudam, se moldam, continuamente, umas em relação às outras e mutuamente. A partir desta perspectiva, era de suma importância que estas formas de comunicação – como os objetos que pautam esta investigação – deixassem claras as diferentes funções e identidades de homens e mulheres, para cada um assumir o seu papel sem se sobrepor ao papel do outro, porém, de forma dependente um do outro. Ou seja, o homem podia sair de casa para trabalhar porque a mulher ficava cuidando dos afazeres domésticos e dos filhos, situação frequentemente ilustrada nos anúncios integrantes do *corpus* de análise.

A partir do exposto, interessante retomar a ideia de Scott (1995, p.86), de gênero compreendido a partir das relações sociais articuladas com base na percepção das diferenças sexuais, buscando-se entender, justamente como se processam, como se edificam essas relações. Assim, ela pondera, com base em Rosaldo, ser o lugar da mulher na sociedade não definido pelo que ela faz, mas pelo significado das coisas que faz adquirindo na interação social. Sua reflexão aproxima-se, então, do pensamento de Elias, colocado no parágrafo

acima, o qual mescla os aspectos internos e externos na construção dos sujeitos, pois segundo ela, “para buscar o significado, precisamos lidar com o sujeito individual, bem como com a organização social, e articular a natureza de suas interrelações, pois ambos são cruciais para compreender como funciona o gênero, como ocorre a mudança”.

O tema identidade aparece nas reflexões de Bourdieu (2014, p.38-39, 71), sendo que, para ele, as identidades se inscrevem nos corpos femininos e masculinos, em que a linguagem corporal funciona como código de conduta de gênero (por exemplo, a honra do homem expressa através de postura ereta e, submissão da mulher, ao inclinar-se, curvar-se), através do adestramento dos corpos. O corpo é, também, palco de expressão estética de identidade, através do uso de vestimentas, cortes de cabelo, penteados. Para o autor (Idem, p.33-34), a composição destas identidades distintivas, atribuídas pela arbitrariedade cultural, é fruto de um trabalho coletivo incessante, criando “*habitus* claramente diferenciados segundo o princípio de divisão dominante e capazes de perceber o mundo segundo este princípio”. Ratifica-se, mais uma vez, que no caso de gênero, as possibilidades oferecidas de identidade são unas: ou se é homem, ou se é mulher. Ressalta-se o verbo “oferecer”, porque se entende que, ao menos nesta égide, aquilo que se pode ser é ofertado pela rede, na qual há a oferta, mas há, também, a compra. São as adesões por parte dos diferentes sujeitos, como já comentado neste tópico, muitas vezes inconscientes.

A construção social dos corpos se dá em duas vias, tanto através do olhar/percepção próprio sobre si mesmo, quanto do olhar/percepção do outro. No caso da identidade feminina, uma coisa importante a ser destacada é a experiência das mulheres pautada no corpo-para-o-outro, ou seja, as mulheres são vistas como objetos simbólicos, objetos a serem olhados pelos outros, objetos bonitos, disponíveis. As mulheres colocadas em constante dependência dos outros/homens/dominantes, até mesmo para construir sua identidade, por sua vez, imbuída de dominação; assim, dominadas por sua dominação, segundo termo de Marx (Idem, p.79-83). Ser mulher é ser percebido pelo olhar masculino ou por um olhar doutrinado pelas categorias masculinas (Idem, p.118). Essa questão do corpo-para-o-outro, da mulher como objeto disponível e a ser contemplado pode ser facilmente aplicado ao

caso da participação das mulheres nos cabarés, nos palcos exibindo seus corpos em performances, sendo consumidas pelos olhares masculinos; elas presas, eles predadores, a lembrar do sugestivo nome do cabaré de Porto Alegre, “Clube de Caçadores”, abordado no tópico 2.2. Tal ideário talvez ajude a explicar a existência de inúmeros reclames nos *Almanachs* (cujo público-alvo declarado era os homens) com a representação gráfica de mulheres narrando, explícita ou implicitamente, os seus papéis e funções naquela sociedade; papéis estes, conforme se vem tratando, extremamente essencializados e que posicionavam as mulheres na esfera privada e no interior do lar.

Ser bela e arrumar-se impecavelmente (trajes, cabelos, maquiagem), ou seja, questões relacionadas à boa aparência, devido às questões mencionadas acima, era um dos requisitos para a mulher que queria ser uma esposa ideal, sendo que naquele período, talvez este fosse o principal auspício promulgado e, também, desejado pelas mulheres e, se assim não fosse, elas não viam muitos meios para um caminho diverso. Segundo Del Priore (2013, p.69), boa aparência e beleza eram tidas, inclusive, como obrigações femininas. Interessante destacar que, justamente, uma mulher com notabilidade no *Almanach de Pelotas*, a teve, provavelmente, por relacionar-se à beleza, o caso da Yolanda Pereira, eleita Miss Universo.

A questão da beleza permite trazer a tona outro aspecto relativo às normatizações de gênero, a saúde, sendo aquela, uma exteriorização do bom estado desta. Em Lima (2010, p.161-162) e Lima e Michelon (2009, p.64), observa-se o ideal de beleza ligado a uma aparência saudável, representadas em reclames (como os que nesta pesquisa configuram objeto de estudo) através da pele lisa e uniforme, bem como lábios e bochechas vermelhos e rosados. A pele era um atributo de beleza que deveria ser muito cuidado, pois de acordo com Machado (2007, p. s/n), naquele período, nada enfeava mais as mulheres do que uma pele de cor pálida, com cravos, espinhas e outras erupções. Tal ênfase já apareceu no exemplar de anúncio da loja “A Torre Eiffel” (Figura 160), o qual destaca que o estabelecimento sempre possui determinada marca de célebres cosméticos que atuam no embelezamento da pele, considerado dos maiores predicados da beleza da mulher. Esta aparência exterior, corada, tinha por finalidade principal indicar um corpo com boa

circulação sanguínea e com um sistema reprodutivo em bom funcionamento, destacando, desta forma um dos principais papéis de gênero atribuídos as mulheres, a de ser predestinada a procriar, ou seja, ser mãe. Útero e ovários eram a grande ênfase do corpo feminino, não somente por ser algumas das coisas que fisiologicamente o diferenciava do corpo masculino, mas porque seriam os responsáveis não só pela saúde, mas, também, pela felicidade da mulher.

Por outro lado, Witzel (2014, p.535), ao analisar anúncios publicitários do início do século XX, conclui que estes órgãos, ao invés de felicidade, são narrativamente associados aos incômodos e fragilidades femininas. Útero e ovários, segundo ela, são os responsáveis por subjetivar as mulheres como resultado de seu sistema reprodutivo, limitando-as, apenas, a sua “inerente” capacidade procriadora. Ainda, em suas palavras, as mulheres eram consideradas “incapazes de raciocínios longos, abstrações e atividade intelectual, sua constituição física, aliada à sensibilidade emocional, transformava as mulheres em sujeitos aptos apenas para a procriação e a criação dos filhos”. Inclusive, a histeria, doença considerada feminina, tem o nome originado da palavra de origem grega *hystera*, cujo significado é útero. Diversas mulheres diagnosticadas com este “mal”, eram internadas em asilos ou manicômios.

Além da beleza, um parágrafo da página anterior menciona a questão do bem vestir, aspecto também já destacado na representação de mulheres em reclames dos *Almanachs de Pelotas*, conforme ilustrado em alguns exemplos do presente capítulo de tese. Com relação a isto, tinha-se um traje belo e adequado ligado à ascensão financeira, sendo a conquista de uma boa posição econômica, de acordo com Machado (2007, s.p.), dependente, justamente, de um corpo saudável. Outro ponto é o bem vestir espelhando-se nas tendências europeias, principalmente francesas (tal caso já foi citado com relação à cidade de Pelotas, no tópico 2.1, inclusive com a informação do estabelecimento de modistas vindas da França na cidade, no contexto temporal de análise), configurando outro braço que traduzia os auspícios pela modernidade, já que a inspiração era advinda de um país moderno e civilizado. Embora não fosse o caso de Pelotas, cuja posição geográfica contém baixas temperaturas, os

elegantes trajes de frio utilizados no continente europeu eram copiados mesmo em localidades bastante quentes, como o Rio de Janeiro, por exemplo.

Assim, a partir do exposto neste capítulo, compreende-se que os *Almanachs* e em específico os seus reclames (objeto mais direto da pesquisa que está sendo realizada), integram a máquina simbólica da ordem social (BOURDIEU, 2014, p.18) e ratificam a dominação masculina sobre a qual esta se fundamenta, ao veicularem discursos de gênero que promovem papéis extremamente delimitados. De acordo com o autor e com base nesta linha de pensamento, também se pode ponderar que os objetos de análise têm grande eficiência simbólica e funcionam como ritos de instituição, os quais

[...] se inscrevem na série de operações de **diferenciação** visando a destacar em cada agente, homem ou mulher, os signos exteriores mais imediatamente conformes à definição social de sua **distinção** sexual, ou a estimular as práticas que convêm a seu sexo, proibindo ou desencorajando as condutas impróprias, sobretudo na relação com o outro sexo. (BOURDIEU, 2014, p.35, grifo do autor)

No capítulo seguinte adentra-se, em específico, no caso dos reclames, trilhando a sua gênese, justificando a sua pertinência enquanto objetos de análise (focando na associação deles com estipulações de gênero) e apresentando os exemplares dos *Almanachs de Pelotas*, além de observar questões relativas aos seus aspectos gráficos e de diagramação, bem como de tipologia de produtos e serviços anunciados. Num segundo momento são apresentadas a metodologia e sistematização dos reclames em categorias criadas tendo como diretriz as relações que podem ser estabelecidas entre aspectos gráficos e aspectos de gênero.